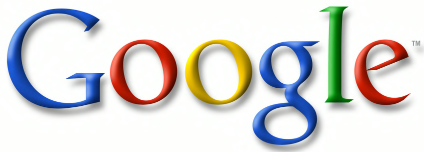
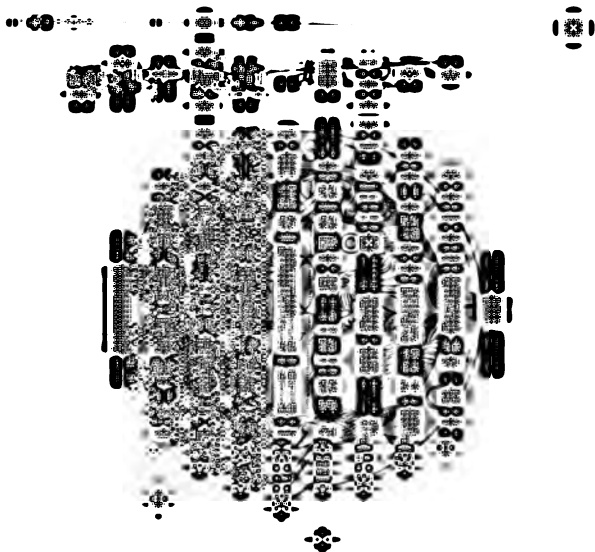








JOANNEIDA,
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
POEMA EPICO.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

JOANNEIDA,

OU

A LIBERDADE

DE PORTUGAL

DEFENDIDA

PELO

SENHOR REY D. JOAÕ I.

POEMA EPICO

OFFERECIDO

AO SERENISSIMO SENHOR

D. JOZE'

PRINCIPE DO BRAZIL

POR

JOZE' CORREA

DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO

MOÇO FIDALGO DA CAZA DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA.



COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade,

Anno de M. DCC.LXXXII.

Com licença da Real Meza Censoria.



DEDICATORIA.

SERENISSIMO SENHOR.

SE eu tenho a honra de illuſtrar a frente do meu Poema com o reſpeitavel nome de V. A.,

naõ he ſómente a impulſos da minha vaidoſa gloria; mas tambem a beneficio da generoſa benignidade de V. A. Eu o faço porque V. A. ſe dignou de o permittir aſſim; mas nem V. A. deveria eſcuzar-ſe de conceder-me eſta graça, nem eu poderia impedir-me de pertendella, ſendo o aſſumpto da minha Epopéa a Liberdade de Portugal, e o Heróe della o Senhor Rey D. Joaõ I. glorioſiſſimo Progenitor de V. A.

A clara fama deſte grande Defenſor da Patria intereſſa muito particularmente a V. A., pois que da immortalidade dello procede

huma

huma grande parte do mageſtoſo eſplendor, que adorna a Real Peſſoa de V. A., e que V. A. deve recolher o fructo principal dos illuſtres trabalhos daquelle Auguſto Principe, que ſe propoz por fim da ſua grande, e admiravel acçaõ, a conſervaçaõ da Corôa, e a independencia do Trono Portuguez; qualidade, ſem a qual, eſte naõ ſeria já mais digno de receber em ſi a V. A.; e eu, que tive a ouſadia de cantar eſta grande acçaõ, ſeria indigno athé de intentar a emprêza, ſe tiveſſe taõ baixo eſpirito, que podeſſe eſcolher, para authorizalla,

algum

algum Mecenas, em quem naõ circulasse o mesmo sangue do meu Herôe.

A paixaõ pelas virtudes heroicas, e o zelo da gloria nacional foraõ quem unicamente me animáraõ a este empenho; e os sentimentos, que partem destes principios, naõ se desmentem já mais com huma lizonja vil, ou hum sacrificio indecente. Eu offereço a V. A. o que lhe pertense, e que só pode pertencer particularmente a V. A., que são as glorias da sua propria Caza: se ellas perdem alguma cousa em serem cantadas por mim, he só por falta

de talentos, e naõ de desejos.

Eu os tive sempre de servir aos meus Soberanos, e á minha Patria; e se os fructos naõ corresponderaõ ás diligencias, seria falta de fortuna, ou talvez culpa da minha inutilidade; mas ainda convencido desta, eu pertendo mostrar a fidelidade do meu zelo neste pequeno tributo, que rendo á Patria, e dedico a V. A.; de quem (segundo o estylo das dedicatorias) eu devêra agora referir as excelsas virtudes; mas deixo de o fazer pelo receyo de naõ poder accommodar taõ grande assumpto em taõ pequena obra,

e

e pela esperança de poder ainda hum dia cantallas mais dignamente. Em tanto guarde Deos a Real Pessoa de V. A. por muitos, e felicissimos annos. Coimbra 30 de Julho de 1781.

Jozé Correa de Mello e Britto d'Alvim Pinto.

ADVERTENCIA.

EU naõ pertendo escrever hum Prologo para desculpar os defeitos do meu Poema, e menos ainda para fazer ostentaçaõ das regras, e dos exemplos, que segui na composiçaõ delle: os doutos sabem bellamente estes exemplos, e estas regras, e pela liçaõ do Poema he, que haõ de julgar se eu os observei, ou naõ; e os que os ignoraõ, naõ entenderiaõ o que lhes dissesse sobre o uso delles.

O meu intento he sómente dar huma satisfaçaõ ao publico de me haver occupado em fazer versos. Tal he a fatalidade dos tempos, que he preciso desculpar em hum, aquellas mesmas acçoens, que em outro serviraõ para adquirir muita gloria.

O nome de Poeta, que fez immortal a fama dos Homeros, e dos Virgilios, faz hoje vergonha a engenhos de bem inferior ordem. Coroavam-se algum dia os Petrarcas no Capitolio; falta hoje pouco para serem apedrejados nas ruas os que se applicaõ á Poesia.

Naõ sei se he desgraça da mesma arte, que tem cahido em descredito, ou se he castigo

ſtigo do abuſo, que della fazem alguns dos ſeus Profeſſores. He certo, que muitos ſe ſervem della para fins inſignificantes, e talvez nocivos; mas iſto prova ſómente a corrupçaõ dos homens.

O ladraõ, e o Viajante ſe coſtumaõ ſervir das meſmas armas; mas eſte leva nellas o ſeu ſoccorro, e aquelle os inſtrumentos para os ſeus inſultos. O ſucco da meſma flor, que faz o mel tirado pela abelha, he veneno extrahido pela aranha.

Aſſim os dons das Muſas, que pódem ſer inuteis, e talves perniciofos, diſpenſados a genios leves, e coraçoens corrompidos, que ſe aproveitem delles para liſonjear a ocioſidade, ou para adular o vicio, ſeraõ ſempre intereſſantes, e proveitoſos cada vez, que ſe unirem a hum eſpirito ſolido, e hum coraçaõ honrado, que os applique ao ſeu verdadeiro deſtino, que he celebrar a virtude, immortaliſar as acçoens illuſtres, miniſtrar exemplos aos Principes, e documentos aos Póvos.

Os ſabios conhecem perfeitamente eſta differença entre Poetas, e Verſejadores; mas os ſabios ſaõ o numero menor dos homens, e o reſto delles preſiſte em conſiderar indiſtinctamente a Poeſia, como huma occu-



mo outras esperanças, que naõ pareciaõ entaõ mal fundadas.

A minha primeira vocaçaõ para o serviço militar durava toda via; e sabendo que deviaõ formar-se algumas Companhias de Cavallaria para servir no Algarve, aprompdadas á custa dos proprios Capitaens, me offereci dos primeiros, e nem assim fui despachado, promettendo-se-me com tudo outra Companhia para huma das Provincias do Norte deste Reyno, graça porque cheguei a beijar a maõ ao Senhor Rey D. Jozé, que Deos haja, e que da mesma sorte naõ teve effeito, assim como tambem o naõ teve outro offerecimento, que fiz a S. Magestade pelo mesmo apontado Ministro de ir servir em qualidade de voluntario na guerra, que naquelle tempo ardia na Alemanha, e para que nada mais pedia, que huma carta de recommendaçaõ de S. Magestade.

Em fim no movimento da guerra de 1761 eu trabalhei por ser empregado, e me offereci a fornecer duas Companhias de Cavallaria, huma para mim, e outra para meu Irmaõ, que servia Cadete, e nem entaõ fui attendido, sendo obrigado a ceder da Companhia, com que pertendia servir, para que se verificasse á de meu Irmaõ.

Reti-

Retirei me a huma quinta, naõ sei se cançado, se desgostoso de pertençoens; mas o meu genio inimigo do ocio, pedia alguma occupaçaõ para as muitas horas, que me sobejavaõ naquella especie de solidaõ. Os livros me offereciaõ a mais prompta, e a mais agradavel, supposto o habito de ler, em que me achava desde os mais tenros annos; mas eu queria sómente ler para entreter-me. Li de novo os Poetas, que já tinha lido, e li todos os de que tive alguma noticia.

A doçura das Musas me interessou outra vez no seu culto, que nunca tinha de todo abandonado, e eu naõ podia impedir-me de fazer alguns versos; mas desejei, que o assumpto delles podesse ser serio.

Procurei na historia de Portugal huma acçaõ digna da Epopèa, e tal me pareceo a do Senhor Rey D. Joaõ I. Trabalhei por ...ta-la, e quiz o meu zêlo tirar da minha mesma ociosidade algum fructo, de que podesse offerecer hum pequeno tributo á fama da minha Patria. Conheço, que vale pouco o que lhe dou; mas talvez vale menos ainda o que ella me tem dado, senaõ metermos em conta o premio dos trabalhos dos meus antepassados.

De qualquer sórte eu me lisonjearei sem-

sempre muito de a servir, e terei huma grande satisfaçaõ se o meu tal, qual trabalho merecer o agrado dos meus Compatriotas, desenganados de que naõ foi culpa minha, o que póde parecer-lhes ociosidade.

JOAN-

JOANNEIDA,

OU

A LIBERDADE;

CANTO I.

ARGUMENTO.

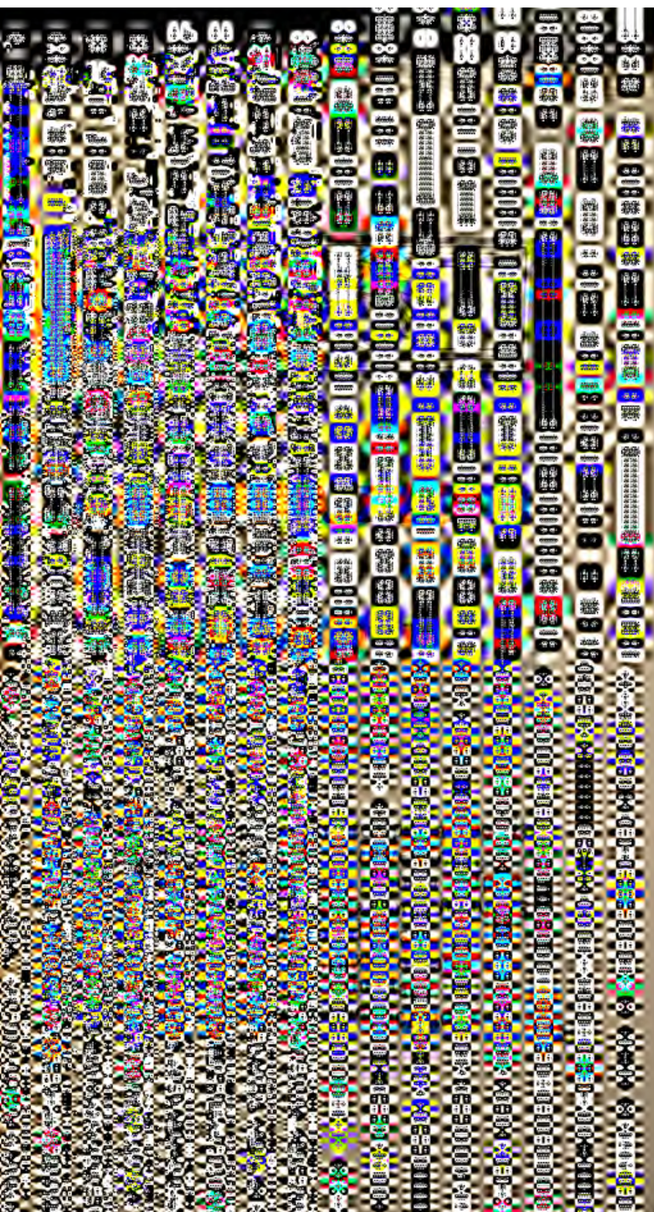


ROPOEM-SE cantar a Liberdade de Portugal, e a gloriosa acçaõ do Senhor Rey Dom João I. Invoca-se a protecçaõ da Mãy de Deos, e se implora a benignidade do Augustissimo Principe do Brazil. Expoem-se o estado em que se via o reyno pelo falecimento do Senhor Rey D. Fernando; duvidas sobre a

successaõ; scisma do governo; desordens do povo, e insolencias de Castella. Da-se conta do cerco de Lisboa, achando-se o Heróe dentro da cidade: acçoens valorozas do mesmo Heróe, e de outros cavalleiros. Entra no Tejo a armada Castelhana; accrescenta-se o risco, e afflição dos sitiados; assusta-se o povo, e toda a cidade teme as consequencias de hum bloqueio completo por mar, e por terra. O Heróe anima a todos, e chama os principaes dos sitiados a conselho; mas nada se resolve. Em tanto no celeste congresso, o Genio tutelar de Portugal implora a misericordia do supremo Deos, que benignamente o attende, lhe segura as felicidades dos Portuguezes, lhe declara os futuros successos, e lhe ordena, que desça á terra, que anime o Heróe, e lhe vaticine algumas das glorias dos que devem ser seus descendentes; mas tudo debaixo de tal disfarce, que naõ seja conhecido o nuncio celeste, e que o seu vaticinio possa merecer huma confiança pia; mas naõ huma certeza infallivel, que tiraria o merecimento ao valor do Heróe. Disfarça-se o Genio na figura de Fr. Joaõ das Barrocas Ermitaõ conhecido, e respeitado pela sua virtude. Descreve-se o Ermitaõ; retira-se com elle o Heróe particularmente, e lhe pede rogue a Deos

pelo

pelo reyno, no grave perigo, em que se acha. O disfarçado Genio lhe inspira huma grande confiança, lembrando-lhe as promessas de Deos feitas ao primeiro Rey de Portugal, lhe dá esperanças do bom successo daquella empreza, e de vir elle mesmo a ser Rey com feliz descendencia, que lhe declara, fallando em profecia de todos os Reys de Portugal, depois do Heróe athé o Senhor Rey D. Jozé I. Animado o Heróe com este vaticinio se despede do Genio, acode á muralha, donde vé vir fugindo alguns dos seus obrigados da multidaõ dos Castelhanos. Sahe a soccorre-los, executa varias acçoens valorosas, restabelece o valor na sua gente, e prosegue a defender a cidade com maior constancia.



II.

Do conſtante Varaõ, que á Luſa terra,
Deu a maõ liberal do Ceo clemente
Para ſeu Defenſor na dura guerra,
Para Pay, no cuidado providente;
O caſo canto, ſe he que o peito encerra,
Nos impulſos do genio impaciente,
Taõ grande força, taõ brilhante alento,
Que ſe atreva a cumprir taõ alto intento.

III.

Sacroſanta Maria, Virgem pura,
Cofre da graça, fonte da ſciencia,
Em cujas perfeiçoens, na ſumma altura;
Parece ſe empenhou a Omnipotencia;
Vós Senhora, de quem a mais ſegura
Protecçaõ goza a Luſa independencia,
Dai com voſſo favor ao meu engenho
Auxilio, para taõ ſublime empenho.

IV.

Vós me inſpirai as cauſas ſoberanas
De taõ grandes ſucceſſos, taõ famoſos;
Com que o valor das armas Luſitanas
Logrou da liberdade os fins ditoſos:
Declarai-me os motivos das tiranas
Revoluçoens, dos odios furioſos;
E fazei, que nas vozes do meu pletro,
Se eternize a virtude em doce metro.

E

V.

E vós, Principe Augusto, em quem confia
O seu mais firme amparo a Lusa gloria,
Com quem nossa fé pura hoje alivia
Dos passados Monarcas a memoria:
Vós, de quem Portugal espera hum dia,
Nome mais claro, fama mais notoria,
Dignai-vos de me ouvir benigno, em quanto
Naõ dais materia a mais sublime canto.

VI.

Gemia Portugal em desventura,
Sem governo, e sem Rey: *Morto Fernando*
Naõ *deixára* no reyno a sorte dura
Successor verdadeiro ao regio mando:
O zelo, a ambiçaõ, odio, e ternura
Se andavaõ mutuamente embaraçando,
E entre as vozes da honra, e da cobiça
Se perdia igualmente a da justiça.

VII.

Cada qual ser juiz da regia herança
Presumia atrevido, e sem respeito,
E frustrada das leys a segurança,
A propria inclinaçaõ era o direito:
Huns move do interesse a vil lembrança,
Outros do patrio amor o doce effeito,
E na triste disputa, o povo insano
Formava a confusaõ, o horror, o damno.

A vin-

VIII.

A vingança, a cobiça, o desacato
Discorriaõ sem freio livremente;
Igualmente sentia o fero trato
A vida do culpado, e do innocente:
Tudo devasta o horrido apparato
Da furia nacional indignamente;
O sacerdote, as virgens, os altares
Nada escapa das iras populares.

IX.

Por outra parte as armas Castelhanas
Na raiva ardente da vingança accesas
Abrazaõ todo o reyno em deshumanas
Impiedades, insultos, e cruezas,
Tiram-se as vidas com acçoens tiranas;
Sacrificam-se as honras ás torpezas,
E athé os simulacros mais sagrados
Saõ com desprezo infame injuriados.

X.

Crescia a confusaõ, crescia o susto
No scisma do governo desgraçado;
Aquelle aprova, o que este chama injusto;
O que este segue, o outro chama errado.
Todos tem o seu voto por mais justo,
E sendo o reyno em sangue já banhado,
Ninguem sabe de certo em tal perigo,
Quem seja o proprio Rey, quem o inimigo.

Joaõ

XI.

Joaõ, de Portugal Defensor forte
Por emprego, por honra, e por affecto,
A quem os riscos da inconstante sorte
Já mais mudar podéraõ de projecto;
Entre tanta ruina, e tanta morte,
Impávido sustem, com firme aspecto,
Nos hombros da constante heroicidade,
As reliquias da antiga liberdade.

XII.

Qual o bravo leaõ, que vê cercados
Os outeiros de armados caçadores,
Os ouvidos feridos, e atroados
De alaridos, ruidos, e clamores:
A pesar dos insultos declarados,
A pesar das imagens dos horrores,
Descobre a frente altiva, e sem receio
Já mais altera o placido passeio.

XIII.

Tal o varaõ constante os horrorosos
Ameaços, e riscos observando,
No poder dos contrarios orgulhosos,
E desordem do povo miserando,
A pesar dos perigos espantosos,
A pesar do trabalho mais infando,
Já mais altera o firme pensamento
De sustentar do trono o luzimento.

Via

XX.

De diversas insignias adornados
Diversos estandartes se divizaõ,
Quaes ferozes leoens mostraõ pintados,
Quaes dourados castellos simbolizaõ.
Alli vaõ huns de cruzes matizados,
Outros, que de roélas se matizaõ,
E entre tantas divisas Castelhanas,
Vaõ tambem tremulando as Lusitanas.

XXI.

Tambem as nobres Quinas Portuguezas
Se vem luzir no campo dos contrarios,
Que do scisma fatal as incertezas
Fazem na mesma gente effeitos varios.
Oh dor! oh pasmo! oh feras naturezas!
Que nos riscos da patria necessarios
Sejaõ seus mesmos filhos inimigos,
Instrumento cruel dos seus castigos.

XXII.

Mas já com furia horrivel vem marchando
Do campo Castelhano huma partida,
Na arrogancia das vozes publicando
A soberba, que ao genio traz unida;
A's portas se encaminha, que tomando
A fama de Agostinho esclarecida,
Do seu nome conservaõ na memoria
Segura protecçaõ, defensa, e gloria.

Des-

XXIII.

Deſtas portas os Caſtros têm a guarda,
Dos grandes Vaſconcellos aſſiſtidos,
A cada qual parece já que tarda
A furia dos contrarios atrevidos:
E porque talvez vem, que os acobarda
O reſpeito dos muros defendidos,
Delles ſe apartaõ com galhardo alento
A domar-lhe no campo o atrevimento.

XXIV.

Já das lanças crueis as haſtas leves
Saltando pelos ares vaõ rugindo,
Das eſpadas os golpes ſaõ taõ breves,
Que huns dos outros parecem vir partindo.
Quaes no frio Janeiro as brancas neves
Em continuo chuveiro eſtaõ cahindo,
Taes das Luſas eſpadas fulminantes
Chover parecem golpes inceſſantes.

XXV.

Cobre-ſe a terra de cortadas peças
De eſcudos, elmos, peitos, e lorigas,
Nas carnes deſarmadas, mais impreſſas
Se vem da ira as barbaras fadigas;
Das hervas mais creſcidas, mais eſpeſſas
Inunda o ſangue as folhas, e as eſpigas;
Armas, plumas, cavallos, cavalleiros
Todos ſaõ na ruina companheiros.

Cede

XXVI.

Cede a turba Hiberina á furia ardente
Dos Portuguezes valorosos braços,
Abatida a arrogancia torpemente,
Vai mudando em lamento os ameaços:
Alguns da vida os fios tristemente
Cortados perdem nos primeiros passos;
Os que podem fugir, já sem concerto
Procuraõ salvaçaõ no campo aberto.

XXVII.

Cada qual do caminho se aproveita,
Que prompto lhe ministra o medo triste;
Ninguem dos capitaens a vóz respeita,
Nos mesmos capitaens o susto insiste:
He geral a desordem da desfeita,
Arelhano sómente ainda resiste;
Mas se evita a vergonha da fugida,
A liberdade chora alli perdida.

XXVIII.

Era Arelhano illustre cavalleiro,
Nas tropas Hespanhollas respeitado,
Arrogante de genio, mas guerreiro,
Nas palestras de Marte exercitado;
Valente se mostrára no primeiro
Impulso do combate arrebatado,
Mas Diogo, que Esteves se appellida,
Lhe fez render as armas pela vida.

Reco-

XXIX.

Recolhem-se á cidade os valorosos
Defensores das portas, sem ruina;
Mas da parte do mar, com horrorosos
Alaridos, a gente se amotina;
Lançaõ todos os olhos cuidadosos
A' corrente do Tejo cristalina,
E de inimigas velas vem coberto
O rio todo com cruel concerto.

XXX.

Qual na brava silveira entrincheirado
O matador de Adonis destemido,
Que de caens, e monteiros vê cercado
Todo o espaço do monte conhecido;
Dos clamores das gentes alterado,
Dos ladros dos sabujos confundido,
Em roda observa todo o abrigo occulto;
E em toda a parte nota o mesmo insulto.

XXXI.

Taes os valentes Lusos entre os muros
Cercados do poder de toda Hespanha,
Notando estaõ com olhos mais seguros
O tumulto fatal da gente estranha;
Ouvem do tambor rouco os écos duros,
Que o clamor das trombetas acompanha,
Acodem á muralha, e em toda a parte
Vem presente o furor do irado Marte.

Por

XXXII.

Por mar, por terra as armas Castelhanas
Ameaçaõ ruinas, e castigos,
O povo se horroriza das tiranas
Repetidas imagens dos perigos:
Já naõ temem sómente as deshumanas
Consequencias dos golpes inimigos;
As ideas da fome, e da miseria
Lhe daõ para o temor maior materia.

XXXIII.

Naõ era ainda a falta de alimentos
Sensivel neste tempo, porque havia
Na cidade bastantes mantimentos
Para a gente cercada; mas fazia
Despertar taõ funestos pensamentos
O bloqueio completo, em que se via
Por mar, e terra a gente miseravel
Rodeada de força insuperavel.

XXXIV.

Anima o Heróe o povo, e com cuidado,
A conselho convoca os companheiros,
A quem expoem, com gesto socegado,
Toda a força dos riscos verdadeiros:
Pondera na cidade o triste estado,
De hum longo cerco os damnos mostra inteiros,
E pede a todos, que com zelo puro,
Discorraõ no remedio mais seguro.

Cada

XXXV.

Cada qual no remedio discorria,
Segundo o proprio genio lhe inspirava;
Hum soccorros estranhos pertendia,
Outro concertos vaons premeditava:
Algum, que do furor só se regia,
Huma acçaõ decisiva aconselhava,
E perdidas as horas na disputa,
Se dissolve a assemblea irresoluta.

XXXVI.

Em tanto, lá no Olympo luminoso,
Onde quiz a suprema Omnipotencia
Edificar hum trono magestoso,
Posto que immensa seja por essencia;
Onde assistem, com culto obsequioso,
Os ministros da summa Providencia,
Promptos para cumprir a toda a hora,
As ordens do Senhor, que o mundo adora.

XXXVII.

Este Senhor Supremo, Omnipotente,
Grande Deos, Infinito, Inexplicavel,
Terrivel, Forte, Sabio, providente,
Bom, Benigno, Fiel, Piedoso, Amavel,
A cujo summo arbitrio está presente
Quanto alcança do tempo o curso instavel,
Desde o solio luzente os olhos puros
Inclinou de Lisboa aos tristes muros.

XXXVIII.

Vio-os todos cercados de inimigos,
Que a ſua perdiçaõ ſoberbos juraõ;
Vio por dentro miſerias, e perigos,
Que a ruina fatal mais lhe aſſeguraõ:
Conhecia a juſtiça dos caſtigos,
Que as feas culpas da naçaõ apuraõ;
Mas movido da dor de tantos damnos,
Já compaſſivo olhava os Luſitanos.

XXXIX.

O Genio tutelar da Luſa terra,
Que vio propicio ao rogo o Deos piedoſo;
Animado do zêlo, que ſe encerra
No ſacro miniſterio cuidadoſo,
Depois que o ſanto ſuſto em fim deſterra,
Que lhe motiva o Numen mageſtoſo,
Deſta ſorte lhe falla reverente
Poſtrado aos pés do trono refulgente.

XL.

Eterno Deos, a cujo acêno treme
O ceo, a terra, o mar, e o meſmo inferno;
Cujo ſagrado nome adora, e teme
Todo o Orbe em reſpeito ſempiterno,
Bem vês, Senhor, o como afflicto geme
O povo, que entregaſte ao meu governo,
Se he teu goſto tal vez, que ſe deſtrua,
O teu juſto deſignio ſe conclua;

Mas

XLI.

Mas se acaso, Senhor, os seus peccados
Naõ tem frustrado as altas esperanças,
Que na ordem dos seus illustres fados
Lhe prescreveste de immortaes bonanças;
Se acaso neste povo executados
Haõ de ser com ditosas seguranças
Os prodigios illustres, que em Ourique
Asseguraste ao successor de Henrique?

XLII.

Se haõ de ser deste sangue descendente
Os que o teu santo nome respeitavel
Haõ de levar a climas differentes
Com zêlo do teu culto incomparavel,
Se os paizes occultos ás mais gentes
Haõ de calcar com fama inimitavel,
Para serem ditosos instrumentos
Dos teus pios, e justos documentos?

XLIII.

Se ha de ser este reyno o teu Imperio,
Separado do resto das Hespanhas,
E por prova da fé deste misterio
Lhe fizeste obrar tantas façanhas?
Se o pezo sacudir do jugo Hiberio
Lhe ordenaste na face das campanhas,
Como agora, Senhor, em tanto damno
Lhe falta o teu soccorro soberano?

XLIV.

Ah! naõ permitta a tua providencia
Deixar tantos prodigios mal logrados:
Se tu es immutavel por essencia,
Naõ podem teus designios ser mudados.
Promessas saõ da tua omnipotencia
Desta gente os progressos sublimados,
Ampare já, Senhor, teu braço forte
Os que destinas a taõ alta sorte.

XLV.

Ouvio o Pay Supremo o rogo attento
Do sacro Paraninfo cuidadoso,
E com vulto sereno, que o tormento
Do mesmo abismo convertera em gozo,
Enchendo os Ceos de novo luzimento
Na alegria do gesto magestoso
Lhe responde benigno, e socegado
Com patentes sinaes de novo agrado.

XLVI.

Naõ temas, naõ dos teus a sorte dura;
Provas saõ do valor essas fadigas,
Com que a Lusa naçaõ a gloria apura
Da fama illustre das acçoens antigas,
Os mimosos indultos da ventura
Naõ lhe offendem as armas inimigas;
Immutaveis estaõ ao reyno unidos
Os fados, que lhe foraõ promettidos.

E

XLVII.

E porque melhor vejas se propicio
Attendo aos teus amados Lusitanos,
Vê, lhe diz, esse livro, onde o exercicio
Lerás das gentes dos vindouros annos;
Nisto lhe abre, com alto beneficio,
O livro sacrosanto dos arcanos,
Onde em letras de luz se vem impressos
Dos incertos futuros os successos.

XLVIII.

Vê, diz, e agora parte diligente
A esforçar o Varaõ, que o povo alenta;
Dissipa-lhe o cuidado, e cautamente
Da victoria a esperança lhe accrescenta,
Dos futuros successos juntamente
Hum breve vaticinio lhe apresenta;
Mas de sorte, que possa esta esperança
Dar-lhe alentos, naõ dar-lhe segurança.

XLIX.

Que se o valor humano for seguro
Do contingente risco dos successos,
Na ditosa certeza do futuro,
Pouco podem valer os seus progressos.
Anime o Defensor o peito puro,
Os favores do Ceo conheça expressos;
Mas o nuncio celeste naõ conheça,
Porque se alente, e naõ se desvaneça.

Disse,

L.

Diſſe, e ſem mais demora o Genio parte,
E com vôo feliz á terra deſce,
Que do eſtrondo fatal do irado Marte,
Parece, que ſe abála, ou que eſtremece;
Alli melhor Protheu, com melhor arte,
Mudada a fórma, as luzes eſcurece,
E em obſervancia da divina norma
No vulto de Barrocas ſe transforma.

LI.

Era Barrocas hum varaõ famoſo
Em Virtudes, no reino conhecido,
Que habitando de hum ermo o mais fragoſo,
Era na corte com aſſombro ouvido.
Poucas vezes largava o ſitio umbroſo,
Onde paſſava os annos eſcondido;
E ſe vinha á cidade, era conſtante
Ser para avizo a todos importante.

LII.

De hum groſſo, e roto manto mal talhado
Os penitentes membros abrigava,
Da barba intonſa o pelo dilatado
Ametade dos peitos lhe bordava:
Curvado o corpo, o roſto deſcarnado
De veneraveis cans a fronte ornava;
Hum bordaõ, humas contas, hum livrinho
Era todo o ſeu movel, todo o alinho.

Eſta

LIII.

Esta mesma figura o Genio adopta
O mesmo tom de voz, o mesmo estilo,
O mesmo inculto adorno alli se nota,
Ninguem póde do proprio distinguillo:
Concorre o povo em confuzaõ devota
A ver Barrocas, a tratallo, e ouvillo,
E entre applauso, esperanças, e embaraço
O levaõ de Joaõ ao alto paço.

LIV.

Era pio o Heroe: recebe affavel
Nos braços o fingido Anacoreta,
E humilhado á virtude respeitavel
Lhe beija a pobre manga da roupeta;
Mas depois que no agrado incomparavel
A publica attençaõ julgou completa,
O conduz com suave, e breve giro
Ao mais occulto, interior retiro.

LV.

Alli com pia fé do peito afflicto
Lhe communica todos os cuidados,
Em que fluctua o coraçaõ invicto,
Na funesta oppressaõ dos sitiados
Supplica-lhe, que alcance do infinito
Poder de Deos com rogos porfiados
Soccorro a tantos damnos; se saõ certas
As promessas a Affonso descubertas.

LVI.

As promeſſas de Deos ſaõ infalliveis,
Lhe diz o ſacro Genio disfarçado;
Mas na esfera confuſa dos poſſiveis
Nada alcança o juizo limitado;
Talvez nos mais funeſtos, mais horriveis
Succeſſos, que lamenta o noſſo enfado,
Fabrica a maõ de Deos Omnipotente
A gloria mais feliz, mais permanente.

LVII.

Naõ te aſſuſtem os feros ameaços
Da guerra dura, da miſeria triſte;
No deſprezo dos grandes embaraços
O valor verdadeiro ſó conſiſte:
A palavra de Deos te anima os paſſos;
No teu projecto firmemente inſiſte,
E verás o rigor mudado em gloria,
Premiado o trabalho na victoria.

LVIII.

Verás o meſmo Rey, que agora a lança
Brandindo eſtá feroz para a conquiſta,
Buſcar do proprio ſolio a ſegurança
Nos meſmos laços da aliança miſta:
Duas irmans, que da paterna herança
O cuidado trará de Heſpanha á viſta,
Verás huma da tua eſcolha abono,
Outra firmeza do contrario trono,

Famo-

LIX.

Famosa descendencia te assegura
Este illustre Hymeneu, que o Ceo prepara;
Se naõ he illusaõ da idéa escura
O que julgo favor da luz mais clara;
Europa toda vejo, com fé pura,
O joelho dobrar á prole chara;
Mas deixando os estranhos principados,
Dos Lusos só direi os mais chegados.

LX.

Hum constante Duarte o Ceo destina
A succeder no trono restaurado,
Que com raras virtudes illumina
A breve afflicta esfera do reinado;
Frustrar-lhe alguns projectos determina
Talvez a força do immutavel fado;
Mas por premio das grandes qualidades,
Lhe dará fama illustre nas idades.

LXI.

Nem menos conhecidos nas historias
Seraõ dos quatro irmaons os nomes claros;
Pedro, Joaõ, e Henrique nas memorias
Dos successos de Marte mais preclaros,
Fernando, se naõ já nestas victorias,
Nos triunfos da fé naõ menos raros;
Pois das breves caducas esperanças
Ha de formar eternas seguranças.

Acaba-

LXVIII.

Mas naõ ferá fó de ouro a copia rara,
O mais illuftre dom da maõ fuprema
Nas prendas dos vaffallos lhe prepara
A fumma providencia a gloria extrema;
Heróes de toda a claffe a Lifia clara
Entaõ produzirá, que em nobre emblema
As virtudes dos Gregos, e Romanos
Haõ de moftrar nos peitos Lufitanos.

LXIX.

Outro novo Jafon, outros famofos
Argonautas efpera aquella idade,
Outros Manlios naõ menos gloriofos;
Fabricios, Scipioens de mais bondade;
Nem fómente nas armas preciofos
Eftes tempos feraõ, na fuavidade
Hum Homero teraõ, que cante a brados
As armas, e os varoens affignalados.

LXX.

Outro Joaõ do reino a redea dura
Regerá felizmente, e no cuidado
Do culto pio, da fciencia pura
Será com jufta caufa acreditado;
Protegendo das letras a cultura,
Naõ vivirá das armas defcuidado;
E por feus capitaens fará patente
O feu nome na Afia, e Libia ardente.

Efte

LXXI.

Eſte verá do filho as eſperanças
Em flor cortadas; mas o neto egregio
O trono ha de occupar, e as confianças
Da Liſia animará no vulto regio;
Se a virtude podeſſe as ſeguranças
Aos ſeus alumnos dar por privilegio,
Sebaſtiaõ, no templo da memoria
Lograria de todos a victoria.

LXXII.

Mas nem ſempre a fortuna favorece
As illuſtres virtudes, nos caſtigos
Talvez a maõ de Deos ſe reconhece
Opprimir mais pezada os mais amigos;
Naõ porque menos juſta nunca ceſſe
De premiar os bons; mas nos perigos
Purifica, talvez com mais cuidado,
Os que deſtina a mais brilhante eſtado.

LXXIII.

Aqui hum pouco o Genio ſuſpendido
A narraçaõ cortou, e hum breve eſpaço
Os olhos para o ceo havendo erguido
Parecia ſentir forte embaraço;
Joaõ lhe inſta com rogo repetido,
Que dos preſagios naõ altere o paſſo;
Porque o peito conſtante tem diſpoſto
A ſoffrer igualmente a pena, e o goſto.

Naõ

LXXIV.

Naõ intentes, o Genio entaõ responde,
Ouvir dos teus a mais fatal ruina,
Que em distancia confusa o tempo esconde
A' justa dor, que o sangue te destina;
Mas se o valor no peito corresponde
A' constancia, que o gesto te domina,
Ouve, e verás com quanta congruencia
Observa o tempo as leys da Providencia.

LXXV.

Decimo sexto Rey da Lusa terra
Sebastiaõ será; na fatal conta
Quanto funesto risco o fado encerra,
De Ourique o vaticinio claro aponta,
A Libia ardente vejo em triste guerra,
A' Lisia preparar eterna afronta,
E a próle Regia alli attenuada,
A palavra de Deos executada.

LXXVI.

Perde-se hum grande Rey, e quasi extincta
Do grande Affonso a Lusa descendencia,
Mais a magoa da perda se requinta
No imminente receio da violencia,
E bem que o sacro emprego mal consinta,
Que Henrique próle espere com decencia,
No trono fará ver equivocada
A purpura real com a sagrada.

Este

LXXVII.

Eſte ſerá da Luſa varonia
A ultima reliquia, e brevemente
Na triſte ſervidaõ da tirania
Gemerá Portugal afflictamente:
Doze luſtros ſuppreſſa a Monarchia
O jugo ſoffrerá da Hiberia gente,
E ſobre os altos peitos Luſitanos
Reinaráõ tres Filippes Caſtelhanos.

LXXVIII.

Mas o tempo virá, que ſatisfeita
A juſtiça Divina, o alto indulto
Da primeira promeſſa a Affonſo feita
Cumprido moſtrará com firme vulto;
Os olhos outra vez na prole eleita
Porá o Deos ſupremo, e o regio culto
Reſtituido á Luſitana gente
Será com fama eterna illuſtremente.

LXXIX.

Outro Joaõ da Luſa liberdade
Reſtaurador ſerá, que de Bragança
No ſangue illuſtre a regia Mageſtade
Conſervará de Affonſo ſem mudança;
Eſte do trono a antiga dignidade
Renovará com rara confiança,
E ſerá o ſeu nome reſpeitoſo
Conhecido no mundo por ditoſo.

Affon-

LXXX.

Affonſo, e Pedro ſucceſſivamente
O trono occuparáõ, ambos famoſos,
Hum nas victorias da Hiberina gente,
Outro nos dons da paz ſempre formoſos;
Felices ambos, ſe a diſcordia ardente
Lhe naõ manchar os peitos generoſos;
Porém ſempre felices no deſtino
De confundir a furia do Hiberino.

LXXXI.

Outra vez de Joaõ o nome egregio
O ſolio adornará de illuſtre gloria,
Que nas prendas reaes, no vulto regio
Será eterno emprego da memoria;
Eſte o Ceo com diſtincto privilegio,
Guarda para eſplendor da Luſa hiſtoria,
E no ſeu tempo, as artes, e ſciencias
Animará, com altas influencias.

LXXXII.

Os aureos fructos de huma paz formoſa
Encheráõ de abundahcia aquella idade,
E á ſombra da opulencia deleitoſa
A induſtria creſcerá com liberdade;
Cultivada a fereza bellicoſa
Nos dictames civis da humanidade,
Fará luzir na gente Luſitana
O valor, e a policia da Romana.

Famo-

LXXXIII.

Famosos Templos, nobres edificios,
Equipagens pomposas, moveis raros
Seraõ naquelles seculos propicios
Do gosto da Naçaõ effeitos claros:
Das campinas os mesmos frontespicios
Menos rudes seraõ; pois nos preclaros
Cuidados da feliz agricultura
Trocaraõ os espinhos em verdura.

LXXXIV.

No mesmo tempo a sabia providencia
Do grande Rey, no culto da justiça,
No respeito das leys, na reverencia
Dos sagrados mysterios mais submissa,
Nos premios da virtude, e da sciencia;
Nos castigos da fraude, e da cobiça
Mais illustre fará, mais preciosa
Aquella idade sempre venturosa.

LXXXV.

Nem das armas a fama esclarecida
Desprezada será do Rey potente,
A soberba Othomana confundida
Verá o mar Egeo por sua gente:
Corfû vingada, Italia soccorrida
Seraõ padroens da gloria permanente;
Que logrará o nome respeitavel,
Ou na paz, ou na guerra, sempre amavel.

LXXXVI.

Jozé do Patrio Trono o augusto assento
Illustrará de novos esplendores,
Fabricando no Regio pensamento,
Para o Luso governo, as leys melhores,
A Policia civil, o Regimento
Das gentes militares, os maiores
Projectos do Commercio, e da Cultura
Seraõ do seu cuidado empreza pura.

LXXXVII.

Novas fabricas, novos exercicios
Da nacional industria aquella idade
Logrará nos augustos beneficios
Da Regia providente authoridade;
Da lan, da seda os varios artificios,
Dos bornidos metaes a claridade,
Do barro, e da madeira os nobres usos
Seraõ vulgares nos dominios Lusos.

LXXXVIII.

Famosas, opulentas companhias
Pela maõ do governo reguladas
Mostraraõ do commercio as primazias
Dos seculos antigos ignoradas,
Do ocio, e da avareza as vans porfias
Seraõ a fim mais util destinadas;
E sacudindo jugos encobertos
Provaraõ do negocio os lucros certos.

Neste

LXXXIX.

Neſte tempo outra vez a paz ſerena
Perturbada ſerá na Luſa terra,
E mudado o exercicio, o Ceo ordena,
Que ſe deixe a lavoura pela guerra,
O deſuſo fará mais grave a pena,
Que na furia inimiga o ſuſto encerra;
Mas ſerá breve o termo do caſtigo
Conhecido ſómente no perigo.

XC.

Extincta a guerra, novas providencias
Dará Jozé á patria ſegurança,
Prevenindo o rigor das contingencias
Deſde o ſeyo ſuave da bonança:
Rico Erario com promptas diligencias
Formará contra os riſcos da mudança,
E nas praças, nas armas, e na gente
A força augmentará o Rey prudente.

XCI.

O Ceo lhe nega o goſto appetecido
De próle varonil, mas bem ſegura
A memoria do tronco eſclarecido
Na Filha illuſtre, e pio Irmaõ ſe apura:
Neſte Conſorcio felizmente unido
O ſangue Portuguez em liga pura
Novas luzes prepara ao trono regio
Nos primores do fruto mais egregio.

XCII.

Larga materia resta á Lusa gloria
Nos successos futuros; mas bastante
Tens ouvido de mim para a victoria
De hum timido receio vacilante:
Anîma o peito, e guarda na memoria
Do certo vaticinio a luz brilhante,
E na fé de taõ altas esperanças
Naõ te acobarde o susto das mudanças.

XCIII.

Deos te destina para o trono Luso,
Por altas permissoens da Providencia;
O juizo dos homens he confuso
Para ver as razoens da Omnipotencia.
Naõ te creias injustamente intruso
Na distincçaõ da Regia preminencia;
Deos he Senhor dos Reynos; repartillos
Elle só póde, póde dividillos.

XCIV.

Do grande Affonso nóta o caso raro,
Exemplo encontrarás desta verdade,
O Ceptro lhe negava o mundo avaro,
Deos lho deu com suprema authoridade:
Filhos tinha Saul, em quem bem claro
Era o direito á Regia Dignidade;
Mas na mente Divina era primeiro
David estranho, que Joseth herdeiro.

Quan-

XCV.

Quando a ordem dos Ceos se naõ conhece,
Faz a justiça humana regra certa,
A quem deve ceder todo o interesse,
Com submissaõ fiel, e descoberta,
Que se esta ley geral se prevertesse,
Teriaõ as traiçoens a porta aberta;
Mas quando Deos declara o seu intento,
Ha de ser cego o nosso rendimento.

XCVI.

Elle te fará ver distinctamente
Do seu dezignio as puras influencias,
Naõ só no ardor da Lusitana gente,
Mas em prodigios de altas evidencias;
Antes que o Reyno, em fórma competente,
Te offereça do Solio as preminencias,
Acclamado serás Rey Lusitano
Pela voz da innocencia em culto ufano.

XCVII.

Entaõ o Luso Ceptro sem receio
Acceitar poderás: agora aprende
A saber merecello; pois por meio
Dos trabalhos a gloria se pertende.
Disse, e deixando o Heróe de assombros cheio
Das cousas, que ainda bem naõ comprehende,
Delle se aparta, dando-lhe a certeza
De encommendar a Deos aquella empreza.

Ani-

XCVIII.

Animado ficou de hum novo alento
O valoroso Heróe; no seu semblante,
Se diviza com claro luzimento
De huma firme constancia a luz brilhante;
Infunde o seu aspecto atrevimento
No peito mais mortal, mais vacilante,
E dos olhos parece, que fulmina
Ardentes raios de huma luz Divina.

XCIX.

Neste estado apparece aos companheiros,
Com elles corre sobre os altos muros,
Influindo nos animos guerreiros
Novo espirito, alentos mais seguros.
Fugindo vinhaõ varios cavalleiros
Do Castelhano ferro aos golpes duros;
Mas do claro Varaõ basta a prezença
Para animar os Lusos á defença.

C.

Elle accode com prompta providencia
A suspender as furias inimigas,
E renova com brava diligencia
A perdida constancia das amigas:
Elle inspira nos seus a competencia,
Desprezando trabalhos, e fadigas;
Elle busca os contrarios mais famosos,
Que intimîda com golpes furiosos.

A's

CI.

A's ſuas maõs perdeu a triſte vida
O valente Pantoja, o bom Guevára,
Com Lozada arrogante; e mal ferida
A cabeça, de hum golpe, naõ repara
Em fugir Eſpinoza; nem duvída
Guſmaõ fazer o meſmo, a quem tocára
Igual ſorte no damno, recebendo
No belicozo braço hum golpe horrendo.

CII.

Aſſim cheio de gloria, e de eſperança
Se recolhe á cidade, aſſim alenta
Dos cercados varoens a confiança,
Do conſternado povo a dor violenta;
Aſſim guarda com firme ſegurança
Os confiados muros, onde oſtenta
Cada dia com zêlo duplicado
Mais valor, mais prudencia, e mais cuidado.

FIM DO CANTO I.

A LIBERDADE

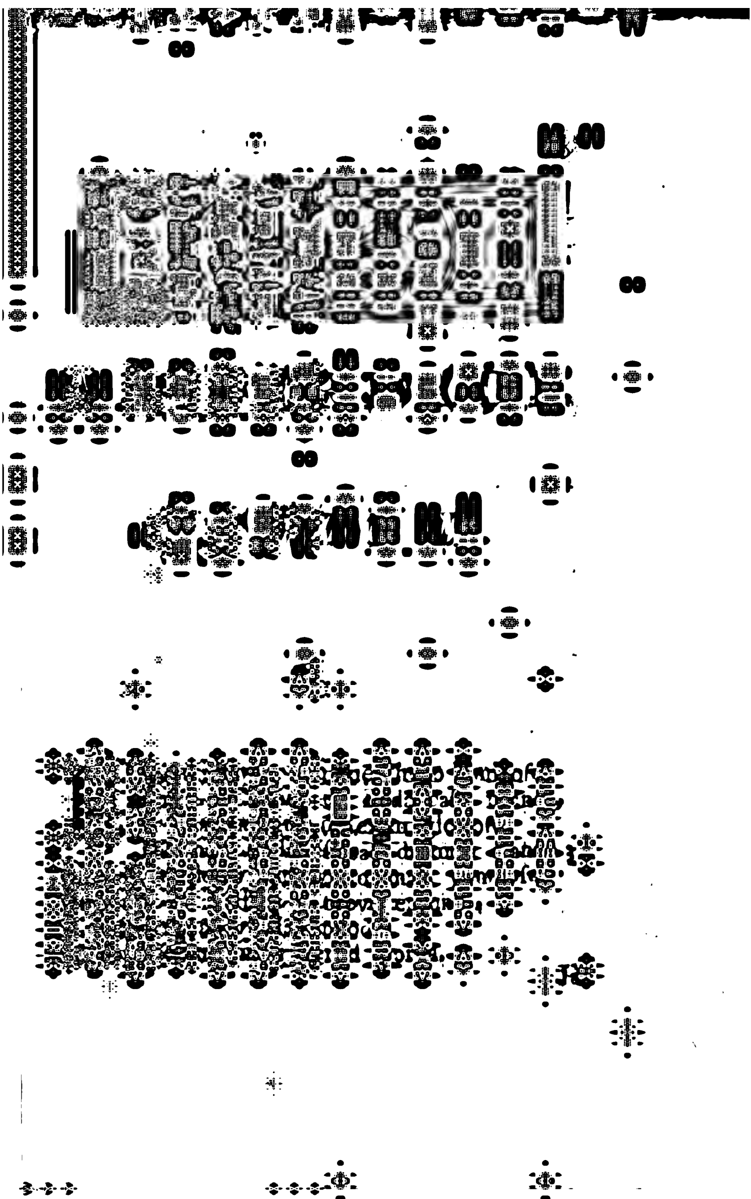
CANTO II.

ARGUMENTO.



EPOIS de tres mezes de cerco, sem que os sitiados desmaiassem do primeiro ardor, principiavaõ os Capitaens Castelhanos a cançar-se desta guerra; e o mesmo Rey desgostozo do pequeno progresso das suas armas, da notoria aversaõ dos Portuguezes, da inconstancia da Rainha sua Sogra, e de alguns acontecimentos, que a vulgar credulidade julgava presagios funestos, e assustado das brilhantes acçoens do Defensor de Portugal, principiava a affroixar nas suas iras, e já cogitava de algumas propostas suaves para se tratar a paz; quando no Inferno o Principe das Trevas indignado contra os Portuguezes por antigos aggravos, e receozo das promessas feitas ao Senhor Rey D. Affonso Henriques, pertende

de fazer continuar a guerra, e arruinar o Trono de Portugal. Prática de Luzbel aos génios infernaes; duvidas de Asmodeo ao projecto de favorecer aos Castelhanos, sendo Christaons, resposta de Luzbel. Vaõ com effeito as Furias infernaes fazer todo o mal possivel aos Portuguezes, e huma dellas em sonhos, incita o Rey Castelhano a proseguir a guerra com maior fervor. Chama o Rey a Conselho de Guerra, expondo o sonho; pareceres do Conde de Barcellos, e de outros Capitaens, voto de Vallasco; rezoluçaõ do Rey. Ataca-se huma partida de Portuguezes, que se acha fóra da Cidade, que cede com effeito ao maior numero, e se retira aos muros; mas o Defensor os obriga a voltar aos inimigos, que se lizonjeavaõ de tomar a Cidade. Atêa-se novamente a contenda, que dura todo o dia, e a noite aparta, e naõ decide a disputa.



II.

Já tres vezes a filha de Latona
Mostrado tinha á terra o vulto inteiro;
E outras tantas do ardor, que a luz lhe abona,
Occultára o reflexo lisonjeiro,
Depois que a furia horrivel de Belona
Intimava á Cidade o som guerreiro,
Sem que no espaço de taõ largos dias
Desmaiassem as Lusas ousadias.

III.

Rebatidos das forças Lusitanas;
E da sórte contraria fatigados,
Os capitaens das armas Castelhanas
Os peitos já mostravaõ quebrantados;
Do mesmo Rey as iras inhumanas,
Os primeiros impulsos, e cuidados
De vingança, mais brandos pareciaõ,
Ou nas sombras do susto se escondiaõ.

IV.

Elle via dos Lusos a firmeza
Cada vez mais constante, o zêlo puro
Da liberdade, e gloria Portugueza
Cada dia mais vivo, e mais seguro;
Elle via o valór, e fortaleza,
A prudente conduta, e braço duro
Do grande Defensor acreditar-se
Nos successos, crescer, e confirmar-se.

O

V.

O desprezo da morte, que ostentava
Nas continuas sortidas, que fazia
O Valoroso Heróe, a furia brava
Dos seus golpes, o susto, que infundia
O seu nome, o respeito, que lograva
No povo Portuguez, tudo abatia
O primeiro fervor do Rey tirano,
Que já temia o ferro Lusitano.

VI.

A deserçaõ, que via tristemente
Grassar no seu partido, o desamparo
De muitos, de quem foi primeiramente
Acompanhado no projecto avaro,
Das Provincias o estillo inconsequente
A fatal aversaõ, ou odio claro
Da Naçaõ nos temores mal segura
Tudo suas idéas desfigura.

VII.

A mesma sogra, a mesma, que fizera
Tantas queixas da gente Lusitana,
Que incitára, apressára, e promovera
Os progressos da tropa Castelhana,
A mesma, que aruina pertendera
Do Defensor, que a culpa mais tirana
Lhe imputava, e pedia o seu castigo,
O tratava de injusto, e de inimigo.

VIII.

Eſta meſma, depois arrependida
Do primeiro projecto, e deſgoſtoſa
Da conduta do genro, ou diſſuadida
Da juſtiça da filha duvidoſa,
Com patentes inſultos offendida
De hum deſterro, e prizaõ injurioſa,
A liberdade patria deſejava,
E já do Defenſor o nome honrava.

IX.

O Ceo meſmo, parece que empenhado
Em favor dos altivos penſamentos
Da gente Portugueza, o Rey turbado
Com preſagios aſſuſta, com portentos:
No conceito do povo alvoroçado
Tem mais lugar aquelles ſentimentos;
Mas no peito de hum Rey talvez aſſiſte
Hum coraçaõ vulgar, hum genio triſte.

X.

He fama nas memorias conſervada
Dos antigos annaes, com fé conſtante,
Da tradiçaõ das gentes abonada,
Entre os ecos do tempo mais diſtante,
Que intentando na fórma praticada
Pelos Luſos, em caſo ſimilhante,
Acclamar-ſe a Raynha de Caſtella,
Com publico pregaõ, por mais cautella.

No

XI.

No tempo, em que o ministro a passo brando
Por entre o povo vario se encaminha,
E grita alegremente a voz soltando,
Portugal, Portugal pela Raynha,
Huma tenra menina, levantando
A cabeça no berço alli visinha,
Portugal, Portugal, diz duas vezes,
Pelo Rey D. Joaõ dos Portuguezes.

XII.

E sendo em varias villas, e cidades,
Que o dominio de Hespanha consentiaõ;
Praticadas iguaes formalidades
Pelos que seu direito defendiaõ,
A pesar das crueis severidades,
Que os mais vivos temores infundiaõ
Huma velha caduca, hum pegureiro
Bastava a sublevar hum povo inteiro.

XIII.

Mas sobre tudo o caso mais notavel
Do fanatico povo no conceito,
De vaons presagios sempre insaciavel;
A cegas illusoens sempre sujeito,
Foi hum successo nada reparavel,
De causas naturaes notorio effeito,
A quem deu só do tempo a circunstancia
Apparente figura de importancia.

Man-

XIV.

Mandára confundir o Rey tirano
Na bandeira real, por mais cautella;
As insignias do trono Lusitano
Entre as armas antigas de Castella,
De hum, e de outro brazaõ o pezo ufano
A Mendôça confia, e se desvella
Em fazer com formal solemnidade
Ostentaçaõ da nova dignidade.

XV.

Mas apenas Mendôça rodeado
De Hespanhóes, e de alguns dos Portuguezes;
Sobre hum bruto soberbo, que gerado
Foi no centro dos campos Cordovezes,
Principia a marchar acompanhado
De lisonjas festivas, e cortezes,
Quando hum triste accidente desconcerta
Da ceremonia a pompa descoberta.

XVI.

Hum turbilhaõ de vento impetuoso
Com subito furor se precipita
Sobre o grave congresso numeroso,
Onde as forças tiranas exercita;
Todo o concurso, o vento furioso
Descompoem, desconcerta, impelle, e agita;
Mas na regia bandeira tremolante
Fez impulso maior, mais fulminante.

O

XVII.

O brazaõ Portuguez, ou mal ſeguro
No lugar deſtinado, ou combatido
Dos Miniſtros crueis de Eólo eſcuro,
Com impulſo mais forte, ou repetido,
Agitado o pendaõ de hum golpe duro,
Foi das armas de Heſpanha dividido,
Deixando na bandeira o lugar vago,
Sem que em ſi recebeſſe algum eſtrago.

XVIII.

E proſeguindo as féras influencias
Da deſordem fatal deſte accidente,
Apeſar das mais promptas providencias,
Do zêlo mais fiel, mais competente,
Apeſar do trabalho, e diligencias
De Mendôça já triſte, e deſcontente,
O ſeu meſmo cavallo desbocado
Fugio, correo, cahio precipitado.

XIX.

Deſtes, e de outros caſos ſimilhantes
No conceito do vulgo portentoſos,
E no enleio dos peitos vacillantes
Sempre nocivos, ſempre perigoſos,
Combatidos do Rey os arrogantes
Projectados intentos orgulhoſos
Já naõ moſtravaõ tanta confiança,
Já deſcobriaõ menos ſegurança.

XX.

Pelo contrario o coraçaõ robuſto
Do claro Defenſor inalteravel,
Em quem naõ tem poder fadiga, ou ſuſto,
Inflamado de zêlo incomparavel,
Nas promeſſas ſeguro do Céo juſto,
Cada vez com firmeza mais notavel,
Mais conſtante, mais forte ſe oſtentava,
E dos Luſos os peitos animava.

XXI.

Cada dia no campo dos contrarios
Mil eſtragos fazia, mil caſtigos,
Sendo ſeus golpes ſempre extraordinarios
O mais vivo terror dos inimigos,
O meſmo Rey tirano inſultos varios,
Varios ſuſtos ſoffreo, varios perigos,
E na ſua preſença o Varaõ forte
Muitos ſeus entregou á fera morte.

XXII.

A ſeus olhos perdeo a doce vida
Griſalva, com Giron, a quem levára
A's maons do Defenſor a fé devida,
Que em defenſa do Rey os empenhára;
Porque vendo no eſtrago enfurecida
Do potente Varaõ a dextra clara,
Por ſalvar o Monarcha recebêraõ
Duros golpes, que as frentes lhes fendêraõ.

Neſ-

XXIII.

Neſte eſtado das armas Caſtelhanas
Os primeiros furores moderados,
Já da prudencia idêas mais humanas
Occupavaõ do Principe os cuidados;
Quando lá nas cavernas mais tiranas
Da esfera opaca em termos indignados,
O Monarcha das ſombras furioſo
Amotinava o reyno tenebroſo.

XXIV.

Ouvido havia, que do fado eterno
Deſtinada ſe achava a Luſa gente,
Para vencer as ſugeſtoens do Inferno,
No coraçaõ da meſma Libia ardente,
Que extenderia o zêlo ſempiterno
A's mais remotas partes do Oriente,
E que em todos os climas o ſeu braço
Cortaria do Abiſmo o torpe laço.

XXV.

Temendo taes ſucceſſos, e lembrado
Das antigas injurias, que ſoffrêra,
Quando o filho de Henrique aquelle eſtado
Com celeſtes brazoens ennobrecêra,
E dedicando a Chriſto altar ſagrado,
As aras de Mafôma eſcurecêra,
Com voz horrenda as margens do Cocîto
Abalava nos eccos deſte grito.

XXVI.

He possivel, dizia, que taõ pouco
Zéle a Curia Tartarea o seu dominio,
Que no letargo de hum descanço louco
Veja crescer dos Lusos o designio?
Ignora, repetia o brado rouco,
Ignora por ventura o Vaticinio,
Que promette ao valor destes mortaes
A ruina dos cultos infernaes?

XXVII.

Quando espera evitar o triste damno,
Que ameaça do Abismo a Monarchia,
Se na torpe illusaõ de hum cego engano
Despresa agora aquella profecia;
Quer ver primeiro o braço Lusitano
Profanar o Alcoraõ, a idolatria,
Vencer os Mouros, dominar as gentes,
E fazer do Evangelho as leys patentes?

XXVIII.

Quer ver primeiro as Quinas Portuguezas
Tremolar sobre as costas Mauritanas,
Render do Malabar as fortalezas,
Opprimir as Potencias Indianas?
Espera ver primeiro as estranhezas
Do mundo occulto, expostas ás tiranas
Conquistas destes feros inimigos,
A quem domar naõ pódem os perigos?

Se

XXIX.

Se tanto efpera a torpe paciencia
Dos genios infernaes, em que affegura
A efperança do Abifmo á prefiftencia
Do dominio, que affecta a fombra efcura?
Se naõ póde na mefma decadencia
Contraftar o valor da Lifia dura,
Como efpera depois em outro eftado
Impedir-lhe os progreffos do feu fado?

XXX.

Mas que digo naõ póde? Naõ faõ eftes
Aquelles mefmos genios orgulhofos,
Que a pefar dos Efpiritos celeftes,
Perturbáraõ os reynos luminofos?
Naõ fois vós proprios, os que já quizeftes
Ao mefmo Deos, com zêlos furiofos,
Difputar igualdades na grandeza,
No poder, no valôr, na fortaleza?

XXXI.

Pois como agora foffrereis, que ufanas
Dos miferos mortaes as oufadias
Tanto crefçaõ, que em maquinas infanas
Ameacem do Averno as regalias?
Cedereis vós ás pertençoens humanas?
Vós, que ás mefmas celeftes Jerarquias
Rezififtes com furias arrogantes,
Quanto mais infelices, mais conftantes?

Ah!

XXXII.

Ah! naõ ſe perca aquelle nobre alento,
Que nos fez emprender acçoens taõ raras;
Se o fado ordena o noſſo abatimento,
O noſſo ardor lhe fruſtre as leys avaras:
Naõ julgue dos mortaes o penſamento
Indignas do ſeu culto as noſſas aras,
Vendo a noſſa arrogancia aſſim ſujeita
Dos impios fados á medida eſtreita.

XXXIII.

Se o deſtino fatal dos Luſitanos
Ameaça do Abiſmo a decadencia,
Na ſabia prevençaõ dos triſtes damnos
Conſiſte a melhor parte da prudencia:
Diſſipem-ſe preſagios taõ tiranos,
Em quanto ſuſto ſaõ, naõ evidencia,
Que depois de ſentir o golpe duro,
Tarde vém o remedio, e mal ſeguro.

XXXIV.

Os Luſitanos hoje reduzidos
Eſtaõ á mais fatal calamidade,
Sem governo, ſem Rey, já deſunidos
No ponto eſſencial da auctoridade,
Alguns, que mais conſtantes, e atrevidos
Intentaõ ſuſtentar a liberdade,
Em Lisboa cercados mal reſiſtem
Aos Hiberinos, que no cerco inſiſtem.

Agora

XXXV.

Agora, mais que nunca, a nossa furia
Tem lugar de opprimir estes mortaes,
No seu funesto estrago a nossa injuria
Recompense as vinganças mais fataes;
Evite o zêlo da Tartaria Curia
O motivo dos sustos infernaes,
E vingando passadas insolencias,
Acautele do fado as contingencias.

XXXVI.

Anime o nosso ardor as mal seguras
Confianças das Tropas Hibernas,
Facilite-lhe os meyos das mais duras
Emprezas, das acçoens mais peregrinas;
Ministre-lhe as idêas das escuras
Traiçoens para instrumento das ruinas,
E ou por força das armas, ou do engano
Se lhe sujeite o Ceptro Lusitano.

XXXVII.

Em quanto assim fallava o furioso
Imperador das sombras indigestas,
Hum confuso ruido pavoroso,
Que assustava as abobedas funestas,
Alterava o congresso tenebroso
Com torpe som, com inflexoens molestas,
Athé que socegada a triste sala,
Se levanta Asmodeu, e assim lhe falla.

Naõ

XXXVIII.

Naõ cuides naõ, Luzbel, que só tu zelas
As altivas emprezas deste Estado,
Ou que só tu no risco te desvelas,
Que lhe ameaça a ley do duro fado:
Iguaes saõ em nós todos as cautelas,
Igual he o interesse do cuidado;
E se póde no empenho haver excesso,
Em mim tem mais lugar neste congresso.

XXXIX.

Eu fui por maõ suprema largos annos
Ligado sobre as terras do Oriente,
E na lembrança dos passados damnos
Cresce o motivo do temor presente:
Eu sei quanto devemos os tyranos
Vaticinios temer da Lusa gente;
Mas o susto cruel, que me consome,
Naõ vem do seu valor, ou do seu nome.

XL.

Dos auxilios do Céo, que lhe assegura
A Ley, que seguem com zeloso rito,
Temo os effeitos, cuja força dura
Mal póde contrastar todo o Cocîto:
A razaõ de Christaõs he quem apura
Todo o odio fatal, com que me irrito;
E de todo o Christaõ da mesma sórte,
Desejo a perdiçaõ, o damno, a morte.

Se

XLI.

Se o Trono Lusitano conquistado
Fosse por gente de diversa seita,
Seria todo o Abismo interessado
Em ver a Lisia a outra ley sujeita;
Mas sendo o Rey de Hespanha entronisado
Igualmente christaõ, de que aproveita
Esta mudança, se do mesmo modo
Há de ficar christaõ o reyno todo.

XLII.

Que razaõ de interesse, ou de esperança
Nos póde unir ás gentes Hiberinas?
Temos mais certa a sua confiança?
Saõ menos parciaes das leys Divinas?
Taõ depressa te fogem da lembrança
Os passados estragos, e ruinas?
Acaso os Hespanhoes no teu conceito
Menos christaons agora se tem feito?

XLIII.

Eu, responde Luzbel, eu aborreço
Igualmente Hespanhóes, e Lusitanos;
Mas estes temo mais, porque conheço
Que nos podem causar maiores damnos:
Elles saõ abonados, com excesso,
Pelo Chefe dos Numes soberanos;
Elles tem a promessa das emprezas,
Que assustaõ deste Abismo as fortaleazs.

Este

Qua

XLVII.

Quaes na Praça fechada os valorosos
Soldados do presidio, a quem desperta
O rumor dos tambores clamorosos,
Dos inimigos na noticia certa,
A's armas correm todos cuidadosos,
Cada qual já na maõ o ferro aperta,
E cada qual pertende ser primeiro
Nas nobres provas do valôr guerreiro.

XLVIII.

Taes os genios do Abismo enfurecidos
Do Principe infernal pelos clamores,
Correndo vaõ em chusma confundidos,
Toda a funesta estancia dos horrores;
Atróaõ todo o Averno com bramîdos,
Com desordens, ruîdos, e terrores,
Athé que franqueada a porta escura,
Sobre a terra se avança a tropa impura.

XLIX.

Agora ó Muza, tu, a quem presente
O grande caso foi, conta o progresso
Daquella expediçaõ, mostra patente
Toda a serie fatal deste successo,
Declara dos mortaes, e juntamente
Dos immortaes furores o processo;
Porque entre nós apenas das victorias
Existem mal distinctas as memorias.

Era

XLIV.

Efte rifco funefto he que pertendo
Evitar na ruina, que preparo
Ao Lufo Imperio, com que fique fendo
Fruftrada a intençaõ do fado avaro;
Pois fe os Lufos Monarchas do tremendo
Vaticinio, inftrumento haõ de fer claro,
Extincta a Monarchîa Lufitana
Inutil fica a predicçaõ tirana.

XLV.

Ide, O'! meus companheiros, igualmente
Companheiros na pena, e nos projectos,
Ide, e neffes mortaes, tiranamente
Fulminai os eftragos mais completos;
Parte anîme o valôr da Hiberia gente,
Parte defuna os Lufos nos affectos;
E na civîl difcordia, e guerra dura
Padeça a Lifia perdiçaõ fegura.

XLVI.

Diffe, e naõ bem de todo articuladas
Eftas vozes feriaõ, quando em furia
As potencias do Averno amotinadas
Se atropelavaõ na Tartaria Curia;
De maligno furor arrebatadas
Qualquer demora julgaõ grave injuria,
E cada qual nas moftras da fereza
Parece fer auctor da trifte empreza.

Quae

XLVII.

Quaes na Praça fechada os valorosos
Soldados do presidio, a quem desperta
O rumor dos tambores clamorosos,
Dos inimigos na noticia certa,
A's armas correm todos cuidadosos,
Cada qual já na maõ o ferro aperta,
E cada qual pertende ser primeiro
Nas nobres provas do valôr guerreiro.

XLVIII.

Taes os genios do Abismo enfurecidos
Do Principe infernal pelos clamores,
Correndo vaõ em chusma confundidos,
Toda a funesta estancia dos horrores;
Atrôaõ todo o Averno com bramîdos,
Com desordens, ruîdos, e terrores,
Athé que franqueada a porta escura,
Sobre a terra se avança a tropa impura.

XLIX.

Agora ó Muza, tu, a quem presente
O grande caso foi, conta o progresso
Daquella expediçaõ, mostra patente
Toda a serie fatal deste successo,
Declara dos mortaes, e juntamente
Dos immortaes furores o processo;
Porque entre nós apenas das victorias
Existem mal distinctas as memorias.

Era

L.

Era o meio da noite; a sombra espessa
Cobría toda a face do Emisferio,
E Morfêo nas lisonjas, que professa
Dilatava na terra o doce Imperio;
Dormia o Rey Hiberio; mas impressa
Na triste idêa a dor do vituperio
Das suas armas; nem no mesmo somno
Podia ter de algum socego abono.

LI.

Mil confusas imagens fatigavaõ
Do bellicoso Rey a fantasia,
E com vans illusoens lhe motivavaõ
Ora torpe pavôr, ora ousadia;
Mas quando mais frequentes se mostravaõ,
Os varios sonhos na mortal porfia,
Huma das Furias do tirano Averno
Se lhe apresenta ao sentido interno.

LII.

Do vulto se reveste de Fernando,
Defunto Rey da Lusitana terra,
Nas razoens da alliança auctorizando
O falso zêlo, que o portento encerra,
E com gesto feroz, como accusando
Os frouxos passos da cançada guerra,
Com a maõ lhe estremece o corpo todo,
E lhe falla depois por este modo.

Desper-

LIII.

Deſperta, deſcuidado Rey, deſperta
Do letargo fatal, que te ſepulta,
Naõ queiras de huma injuria deſcoberta
Soffrer a mancha, que o teu ſuſto avulta;
Senhor es de eſte Eſtado; a pena certa
Naõ dilates ao reyno, que te inſulta;
Córte hum golpe valente os feros laços,
Que a teu direito ſervem de embaraços.

LIV.

Acordou de pavor eſtremecido
O enganado Rey; mas brevemente,
Julgando-ſe do Céo favorecido,
O ſuſto troca em preſumpçaõ valente:
Da cama ſalta, e logo enfurecido
As armas buſca, corre diligente
A chamar os ſoldados, e no aſpecto
Traz impreſſo o furor da infame Alecto.

LV.

Em tanto das eſtrellas ſe apagava
A ſintilante luz, e no Oriente
Já da Aurora o fulgor annunciava
A chegada do Sol reſplandecente:
A conſelho de guerra ſe tocava
Na regia tenda, aonde promptamente
O Rey o caſo expoem, e furioſo
Jura ſeguir o aviſo rigoroſo.

A

LVI.

A voz de Rey nos Capitaens accende
O bellicoſo ardor, e nos ſoldados
A noticia, que a todos já ſe extende
Do portento fatal os faz ouſados;
Cada qual inſtrumento ſer pertende
Do ſupremo deſtino, e em taes cuidados
Creſce de ſórte o cégo fanatiſmo,
Que bem abona as intençoens do Abiſmo.

LVII.

E naõ ſó na vulgar credulidade
Reina a ſuperſtiçaõ, já na grandeza
Se deviſa a peſar da auctoridade
A propenſaõ da fragil natureza;
Mil ſenhores, da ſórte a variedade
Já deſpreſaõ do ſonho na firmeza,
E tal há, que na fé daquelle aviſo
Qualquer demora julga prejuizo.

LVIII.

Hum deſtes he o Conde de Barcellos
Illuſtre Cavalleiro Luſitano,
A quem de hum falſo zêlo, vaons deſvelos
Tinhaõ levado ao campo Caſtelhano:
Era Irmaõ da Raynha, e parallelos
Fazendo do dever, com torpe engano,
Antepoz dos parentes a amizade
A' patria natural fidelidade.

Eſte

LIX.

Este pois, dos direitos de Castella
Acerrimo fauctor, agora entende
Abonada dos Céos a causa della
Nos avisos, que o sonho dar pertende;
E tanto neste empenho se desvela
A favor do seu voto, que defende
Ser delicto de grave qualidade,
Dilatar o castigo da cidade.

LX.

Outros muitos aquelle empenho duro
Abonavaõ do Conde, ou porque fosse
Igual nelles o mesmo engano escuro,
Ou por effeito da lisonja doce;
Mas, ou fosse sincero, ou menos puro;
O voto destes faz, que tanto engrosse
Aquella opiniaõ, que no conselho,
Só se atreve a impugna-la hum sabio velho.

LXI.

Valasco, o velho illustre se appellida,
Que o contrario sentir defende ousado;
Porque prefere a gloria esclarecida
A qualquer pensamento interessado,
E vendo no conselho introduzida
A fatal illusaõ, e confirmado
O engano do Rey pelos Ministros,
Com pareceres leves, ou sinistros.

Largan-

LXII.

Largando o nobre aſſento, que lograva
No militar congreſſo, a beneficio
Dos illuſtres empregos, que occupava,
Ou da paz, ou da guerra no exercicio;
De joelhos ao Rey ſe apreſentava,
E moſtrando de dôr naõ leve indicio,
Principia a dizer-lhe deſta ſórte
Com animo fiel, conſtante, e forte.

LXIII.

Antes, Senhor, que a nobre liberdade
Da minha fé te offenda, aqui proſtrado
A teus pés, da fatal temeridade
Eu meſmo a pena eſpero, e peço ouſado;
Mas nunca o Ceo permitta, que a verdade
Diſſimule o meu peito, ou que enganado
De huma liſonja vil, queira ſervir-te
Pelos meios indignos de illudir-te.

LIV.

Os ſonhos, meu Monarcha, naõ ſaõ mais,
Que huma breve illuſaõ da fantaſia,
Que crê ſentir preſentes, e reaes
Chimeras, que ella meſma inventa, e cria
E ſe houve alguns, que os termos naturaes
Excederaõ, talvez já mais ſeria
Sem miſterio maior, e naõ devemos
Crer deſta claſſe, quantos ſonhos temos.

Mas

LXV.

Mas ainda que julguemos o teu sonho
D'outra esfera, Senhor, dos ordinarios;
Nem por isso os effeitos lhe supponho
Infalliveis, ou menos temerarios;
Pois do Céo igualmente, e do medonho
Centro dos fingimentos vaons, e varios
Po... ser triste engano, ou santo aviso
Em favor nosso, ou nosso prejuizo.

LXVI.

Quem sabe se a suprema Providencia
Abona a nossa causa com tal zêlo,
Que devámos á sua Omnipotencia
Hum taõ distincto, e singular desvelo;
Ou se irritada a sua paciencia
Do nosso orgulho vaõ, para abatelo
Permitta, que com falsas illusoens
Se confundaõ as nossas ambiçoens.

LXVII.

Ninguem, Senhor, com certa segurança
Póde affirmar a causa deste effeito,
E nesta confusaõ, qual esperança
Póde tirar de hum sonho o teu conceito?
Crê-me, meu Rey, a céga confiança
Naõ he valor; que o nobre ardor do peito
Naõ procede de hum erro temerario,
Mas de hum constante esforço extraordinario.

LXVIII.

Sobre os firmes principios da prudencia
Haõ de fundar-se as nobres ousadias,
E nos eccos da propria consciencia
Se há de escutar a voz das profecias;
Se aquella nos clamores da innocencia
Abona a causa das promessas pias,
Podemos justamente acredita-las,
Animar-nos com ellas, espera-las.

LXIX.

Mas se acaso, Senhor, nossos projectos
Naõ tem por base a força da justiça,
Se saõ nascidos de mortaes affectos
D'ambiçaõ, d'interesse, ou de cobiça;
Devem nossos discursos circunspectos
Mais temer, que esperar, com fé submissa;
Que o Céo he sempre justo, e naõ premeia
Com seguranças injustiça feia.

LXX.

Naõ duvido, Senhor, que justamente
Pertendes o dominio deste Estado;
O direito do sangue claramente
Socega nesta parte o meu cuidado:
Estes meios porém, de que impaciente
Se serve o teu valor precipitado,
Naõ sei se saõ da mesma sórte puros,
Inculpaveis, decentes, e seguros.

Tu

LXXI.

Tu bem ſabes, Senhor, e muitas vezes
Eu to tenho lembrado, que juraſte
De naõ entrar nos Reynos Portuguezes
Com maõ armada, como agora entraſte;
E por mais, que a liſonja nos cortezes
Applauſos, encareça o bem, que obraſte,
Temo, Senhor, que o Ceo mal ſatisfeito,
Naõ ſiga das liſonjas o conceito.

LXXII.

Mas ſeja como for, em toda a guerra
He ſempre incerto o fim, e ſó ſeguro
O trabalho, a deſpeza, e quanto encerra
O triſte nome de perigo duro;
E ſendo facil, ſe a razaõ naõ erra,
Evitar tanto mal, e com mais puro
Arbitrio, conſeguir o teu intento,
Creio, que deves pondera-lo attento.

LXXIII.

Os Portuguezes mais apaixonados,
Pelos foros da patria liberdade,
Naõ diſputaõ, Senhor, os bemfundados
Direitos, que te aſſiſtem na verdade;
Duvidaõ ſó, na fé dos ſeus tractados,
Conferir-te a ſuprema auctoridade;
Porque julgaõ naõ ſer completo ainda
O tempo, e condiçoens da tua vinda.

 Ani-

LXXIV.

Anima o povo neftes fentimentos
O Graõ Meftre de Aviz, que fe appellida
Defenfor da Naçaõ, e penfamentos
Tem certamente de ambiçaõ crefcida,
Mas a mefma ambiçaõ, que os feus intentos
Encaminha á grandeza appetecida,
Póde fervir, fe acafo a lifonjeas,
De meio facil para o fim, que idêas.

LXXV.

Comette-lhe, Senhor, benignamente
O governo da Lufa Monarchia,
Com condiçaõ, que em fórma competente
Te jure o Reyno a fé, que te devia;
Pois fatisfeita affim completamente
A queixa da Naçaõ, fem mais porfia,
Elle póde ficar grande na terra,
Tu Senhor della fem rumor de guerra.

LXXVI.

Mais quizera dizer o velho illuftre;
Mas naõ lho foffre o Rey enfurecido,
Que julga tal arbitrio fer desluftre
Do decóro do Solio efclarecido:
Calar o manda, e porque naõ fe fruftre
Dos outros Capitaens o ardor luzido,
O confelho defpede, ao campo paffa,
Iras fulmína, eftragos ameaça.

Haviaõ

LXXVII.

Haviaõ neste tempo os sitiados
Lançado da Cidade huma partida
De poucos Cavalleiros, mas usados
A desprezar a morte embravecida;
E sendo pelo Rey examinados
Do alto, que Olivete se appellîda,
A elles grita, a elles, que traidores
Se atrevem deste modo a seus Senhores.

LXXVIII.

Qual na dura montanha o vigilante
Pastor, que avista os lobos furiosos,
Grita, corre, e se vê no mesmo instante
Seguido dos rafeiros cuidadosos:
Tal no campo Hiberino, ao arrogante
Brado do Rey acodem valorosos
Os Principes, os Grandes, os Privados,
Os Capitaens, os Guardas, os Soldados.

LXXIX.

Valasco aquî primeiro se apresenta
Ao lado do seu Rey com brîo forte,
E no semblante alegre representa
Dominar o rigor da dura sorte;
Elle anîma os soldados, elle alenta
Os Capitaens a desprezar a morte;
Porque tém, ou no campo, ou no conselho
Valor de moço, discriçaõ de velho.

LXXX.

O Conde de Barcellos acompanha
Valaſco no valor, ſenaõ nó acerto,
E quer moſtrar agora na campanha
Abonado o ſeu voto por experto:
Outros muitos Varoens da clara Heſpanha
Promptos ſe oſtentaõ já no campo aberto;
E cada qual na gloria deſte dia
Pertende diſputar a primazía.

LXXXI.

Em tanto o campo todo viſitava
Occulta a Furia do funeſto Averno,
E nos peitos vulgares inſpirava
Crueis impulſos de rancôr eterno;
Mas vendo, que a marchar já ſe tocava,
Tomando de hum Trombeta o vulto externo;
Ella faz o final, e o ſom tirano
O Luſo aſſuſta, anîma o Caſtelhano.

LXXXII.

Difunde-ſe o furor do genio impuro
Por todo o arraial alvoraçado,
Deſce o Rey furioſo o monte duro,
Corre ao combate intrepido o ſoldado;
Naõ menos, que eſcalar o Luzo muro
Promette cada qual com voto irado,
E já ſobre os deſpójos da Cidade
Se liſonjêa a militar vaidade.

Denſa

LXXXIII.

Denſa nuvem de pó caliginoſo
Precede á marcha da ſoberba tropa ;
Dos gritos o ruido pavoroſo
O monte atroa , na Cidade topa ;
Alterna o ſom das armas bellicoſo
O eſtrepito do bruto , que galopa ,
E correſponde em competencia horrenda
O ſom mais fero a viſta mais tremenda.

LXXXIV.

Firme eſperava tantos ameaços
A pequena partida Luſitana ,
Que rompendo do muro os embaraços ,
Inſultava a braveza Caſtelhana;
Mas bem , que a força dos robuſtos braços
Algum tempo dilata a furia inſana ;
Em fim a multidaõ impetuoſa
Atropella a conſtancia vigoroſa.

LXXXV.

Cede o Luſo valor ao peſo horrendo
De tantas armas , tantos inimigos ,
E já com triſte aſſombro vai perdendo
O nobre orgulho dos trofeos antigos :
Inſta o Rey furioſo , encarecendo
Ora premios aos ſeus , ora caſtigos ;
E nos exemplos de hum ardor bem raro
Lhe dá o documento mais preclaro.

LXXXVI.

A presença do Rey faz mais ufana
A gente militar, a quem no peito
Da trombeta infernal a voz tirana
Augmenta do furor o cego effeito;
Já naõ resiste a gente Lusitana,
Já perde de invencivel o conceito,
Já desampara o campo, já se abriga
A' sombra forte da muralha amiga.

LXXXVII.

Já sôaõ pelo exercito arrogante
Mil alegres clamores de victoria;
Valasco ousado clama *avante avante*;
Que he nossa a Praça, nossa toda a gloria;
Avante, avante, clama triunfante
O Conde de Barcellos, *que a notoria*
Assistencia dos Céos já me franqueia
A propria casa, que julguei alheia.

LXXXVIII.

Em tanto de huma torre da Cidade
Observava Joaõ todo o conflicto,
E na fé da constante heroicidade
Enchia de esperança o peito invicto;
Mas vendo já com tanta claridade
Dos Lusitanos o desmayo afflicto,
Da torre desce, corre a soccorrelos
Taõ ousado, que a Marte dera zelos.

Chega

LXXXIX.

Chega ás portas, aonde a vergonhosa
Desordem vê dos seus mais descoberta,
Buscando cada qual com pavorosa
Fugida salvaçaõ na porta aberta:
Em vaõ quer animalos; na medrosa
Confusaõ a ouvir ninguem acerta,
Nada vale o exemplo, nada as vozes,
Cada vez vem fugindo mais velozes.

XC.

Em generosas iras abrasado
O coraçaõ do Heróe chamas exala,
Parece cada acçaõ hum rayo irado,
Cada voz hum trovaõ, que horrendo estala.
Elle só resistir pertende ousado
A'quella multidaõ, que a terra abala;
Mas com tal desacordo os seus fugiaõ,
Que as mesmas largas portas impediaõ.

XCI.

Promessas, ameaços, e castigos
Inutil tudo he, de balde grita,
De balde os brios lhes recorda antigos;
De balde contra o seu temor se irrita.
Quer sahir, mas o zêlo dos amigos
Os ardentes projectos lhe limita,
Mostrando, que naõ póde expôr ousado
Huma vida, de quem depende o Estado.

Suspen-

XCII.

Suſpendeo-ſe; mas vendo, que preſiſte
A deſordem fatal na Luſa gente,
De quem todo o cuidado ſó conſiſte
No refugio das portas indecente;
Com ſemblante feróz, com geſto triſte,
Repellindo os primeiros vivamente,
Vós ſereis bons, lhe grita ſem vontade,
Que o meſmo riſco vos dará bondade.

XCIII.

Iſto dizendo com feróz ſemblante,
A' dura porta applica a maõ robuſta;
Que com ruido horrendo, e diſſonante;
Ao coſtumado fecho em fim ſe ajuſta:
Tremeo parte do muro vacillante
Ao impulſo fatal da dextra auguſta,
E ficáraõ no campo os Luſitanos
Contra todo o poder dos Caſtelhanos.

XCIV.

He talvez nos extremos do perigo
Algum ſoccorro a falta de eſperança;
Menos temem os Luſos o inimigo,
Fruſtrada da muralha a ſegurança:
Já reveſtidos do valor antigo,
Aguardaõ vigoroſos ſem mudança,
Dos Heſpanhoes as forças formidaveis;
Que antes tinhaõ julgado incontraſtaveis.

Perei-

XCV.

Pereira, que a partida governava;
Cavalleiro de espirito arrogante
A quem contra vontade atropellava
A confusaõ da turba vacillante,
Vendo agora, que a gente se mostrava
Já menos pavorosa, ou mais constante,
Volta, volta, lhe grita com voz solta,
E sobre os Hespanhoes ousado volta.

XCVI.

Recobraõ neste tempo os Lusitanos
O Marcial alento já perdido,
Ferozes tornaõ sobre os Castelhanos
A deshonra a vingar de haver fugido;
Mas naõ menos ardentes os Hispanos
Seguros já na fé de haver vencido,
Instaõ com furia, ferem com violencia,
Julgando que obraõ já sem resistencia.

XCVII.

Vinha na frente do esquadraõ contrario
De Santiago o Mestre esclarecido,
Cavalleiro gentil, mas temerario,
De forças naõ vulgares presumido:
Gritando vinha com desprezo vario
Injurias mil; mas quando mais subido
Na vangloria se mostra, entaõ Pereira
De hum golpe o fez rodar pela ladeira.

Em

XCVIII.

Em defenſa do Meſtre hum Cavalleiro
Da meſma inſignia corre valoroſo ;
Mas foi-lhe ſó na ſorte companheiro
Ferido de outro golpe furioſo ;
Segundo vai , e vai tambem terceiro
Accreſcentar o caſo laſtimoſo ,
Que Pereira feroz naõ ſe dilata ,
Cada golpe , que dá , ou rende , ou mata.

XCIX.

Nem menos cobiçoſos de vingança
Se moſtraõ varios outros Portuguezes ;
Alli corre Pavêdo ſem tardança ,
Martins alli ſe illuſtra muitas vezes :
Rompendo Almeida vai com ſegurança
Cabeças , peitos , murrioens , e arnezes ;
Mas ſaõ tantos no campo os Caſtelhanos ,
Que naõ ſentem da falta os graves damnos.

C.

Atêa-ſe outra vez a chama viva
Do fogo Marcial naquelle inſtante ;
Qual das cinzas renaſce mais activa
A faiſca talvez pouco importante :
Anîma ao Luſo a raiva vingativa ;
O poder ao Heſpanhol faz arrogante ;
E cada qual ardendo em ira pura ,
Ou vencer , ou morrer alli procura.

Contar

CI.

Contar daquelle dia os casos varios,
Os encontros crueis, os golpes fortes,
Os estragos fataes, os temerarios
Excessos da vingança, as duras mortes,
Os effeitos da raiva extraordinarios
Executados por diversas sortes,
Só tu Musa, que tudo tens presente,
Poderias fazelo dignamente.

CII.

Tocava o Sol já quasi desmayado
Os liquidos cristaes de Thetis fria;
E das sombras do monte levantado
A visinha campanha se cobria;
Acabava-se o termo assignalado
Ao brilhante esplendor do claro dia;
E durava no campo infatigavel
A furia de matar insaciavel.

CIII.

Naõ cançaõ de ferir os fortes braços,
Naõ cessaõ de irritar-se os odios duros;
A féra raiva alenta os membros lassos,
Sustenta a ira os peitos mal seguros:
Cada vez da porfia os tristes laços
Nos bravos coraçoens se vém mais puros;
E só a noite escura, que os divide,
Aparta, e naõ decide a dura lide.

CIV.

A noite escura em fim, o termo assigna
Da contenda fatal, e porfiada,
Sem que alguma das partes seja digna
De cantar a victoria desejada:
Providencia da sorte foi benigna,
Faltar a luz, que a ser mais dilatada,
Faltariaõ talvez nos dois partidos
Quem fossem vencedores, quem vencidos.

FIM DO CANTO II.

A LIBERDADE.

CANTO III.

ARGUMENTO.



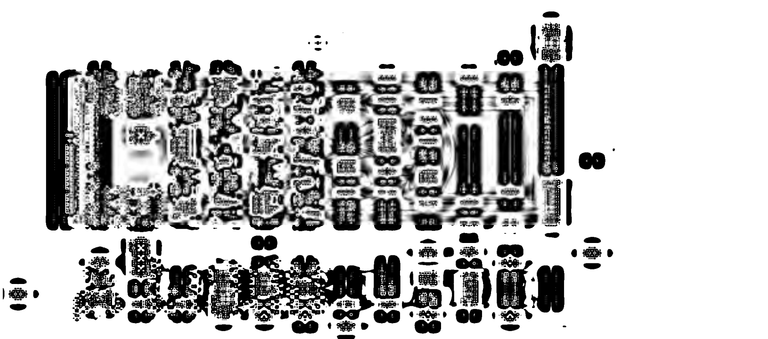
ETIRADOS do campo os combatentes, procuraõ algum descanço no socego do somno; mas o Heróe, a quem inquietaõ mais vivos desvellos, occupa a noite nos cuidados da defensaõ do Reyno, e sobre este ponto confere largamente com Monferro Cavalleiro Inglez, de quem faz muita confidencia; e depois de tratarem ambos do soccorro, que esperavaõ de Inglaterra, e de outras disposiçoens militares, se divertiaõ em tratar de outras noticias curiosas, e por esta occasiaõ pede Monferro ao Defensor, que lhe dê alguma idea da Historia de Portugal. Conta o Heróe os principios da povoaçaõ deste paiz, e as diver-

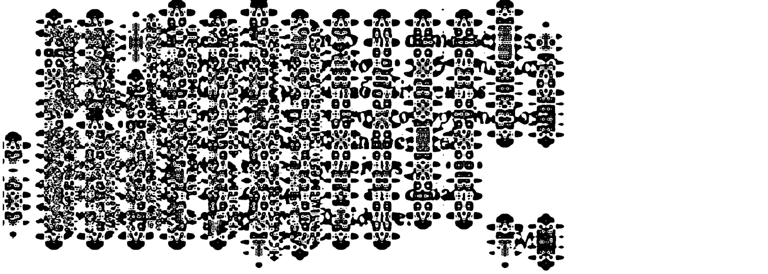
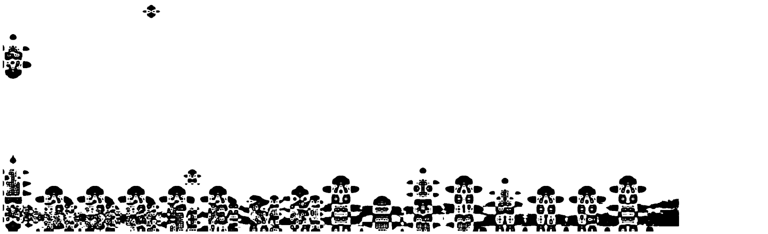
sas

sas gentes, que a elle vieraõ, ou commerciar, ou conquistar: falla dos Fenicios, dos Carthaginezes, e dos Romanos, e na guerra destes refere a gloria de Viriato, e de outros varoens Lusitanos: falla tambem de algumas Heroînas Portuguezas, e conta o tragico successo da infeliz Osmia. Prosegue a historia de Portugal athé o tempo de Augusto, e depois deste, havendo pouca materia para os fastos militares, falla o Heróe da mudança da Religiaõ. Conta a introducçaõ do Christianismo, a constancia de alguns Martyres Portuguezes desde Neró athé Constantino, e a pureza do culto athé Honorio. Refere a invasaõ dos Barbaros no tempo deste Imperador. Falla dos Hunos; dos Silingos, dos Suevos e dos Godos, que ultimamente se fizeraõ Senhores das Hespanhas. Trata dos amores de ElRey D. Rodrigo com Florinda filha do Conde Juliaõ; das injurias feitas a esta Dama por aquelle Principe, da entrada deste na famosa Torre de Tolledo, e da tradiçaõ dos portentos, que alli vio. Relata a perfida vingança do Conde, e a introducçaõ dos Mouros na Hespanha, batalha de Guadalete, perda de ElRey D. Rodrigo, e total ruina do Imperio dos Godos.

A





II.

Mas o grande Joaõ, que o nobre peito
Com mais altos cuidados occupava,
E dos riſcos da patria no conceito,
Entre mil penſamentos fluctuava,
Naõ ſentia do ſômno o brando effeito,
Nem ſeu ſuave alivio aproveitava,
Antes nas horas, em que os mais dormiaõ,
Mais agudos deſvelos o feriaõ.

III.

Mandára no principio deſta guerra,
Por cautella maior, mais ſegurança,
Revalidar no reyno de Inglaterra
A nobre fé da antiga confiança;
Mas poſtoque alcançou naquella terra
Renovar huma ſólida aliança,
Naõ tinha produzido eſte Tractado
O ſoccorro de gentes deſejado.

IV.

Apenas alguns poucos Cavalleiros
Paſſado tinhaõ deſta parte os mares,
Em qualidade mais de aventureiros,
Do que em fórma de tropas regulares;
Mas deſtes meſmos poucos companheiros
Lograva diſtincçoens particulares,
Hum delles, que Monferro ſe appellida
Cavalleiro de fama eſclarecida.

Com

V.

Com este largamente conferido
Tinha Joaõ da noite a melhor parte;
Ora sobre o soccorro appetecido,
Ora sobre questoens do irado Marte;
E depois quasi já de haver medido
O termo, com que a noite se reparte;
Por divertir occupaçoens taõ serias
Tratavaõ variamente outras materias.

VI.

Dos Imperios do mundo mais florentes;
Das acçoens mais illustres dos passados;
Dos varios usos das Naçoens presentes,
Estranhas leys, costumes encontrados,
Do traje, e lingua de diversas gentes;
Dos modos de viver mais apartados,
E de outras cousas taes, de que a noticia
Serve aos ouvidos cultos de delicia.

VII.

Era experto Monferro, e viajára
Largos paizes desde a tenra idade,
Onde varios estilos observára,
Ouvîra relaçoens da antiguidade;
E depois que de algumas informára
Ao nobre Defensor com claridade,
Eu desejo, lhe diz, se vos naõ pesa,
Que me informeis da Historia Portugueza.

VIII.

Mas quizera, ſe o tempo o permittiſſe;
Os principios ſaber da gente Luſa;
Qual antiga Naçaõ a produziſſe,
Se he propria do paiz, ſe foi intruſa,
Se na ſórte das armas foi felice,
Que Reys tem tido, os Capitaens, que accuſa;
Os grandes caſos, e as facçoens de eſpanto,
Se póde em breve hiſtoria caber tanto.

IX.

Eu contarei, o Defenſor reſponde,
De tudo brevemente alguma parte,
Bem que a minha inſtrucçaõ naõ correſponde
Aos deſejos, que tenho de agradar-te:
Muita luz das hiſtorias ſe me eſconde,
Pois mais, que ás Muſas, ſervi ſempre a Marte,
Mas do pouco, que ſei como ſoldado,
Te farei hum compendio abreviado.

X.

Os principios de todos os Eſtados
Saõ cobertos de fabulas groſſeiras,
Que a diſtancia dos annos dilatados
Desfigura as noticias verdadeiras;
Taes ſaõ no meu conceito os celebrados
Principios deſte Reyno, em que as primeiras
Illuſoens dos antigos confundíraõ
Os ſucceſſos, com ſonhos, que fingíraõ.

Anti-

XI.

Antiga tradiçaõ nos affegura,
Que Tubal, de Noé notorio neto
Deu á noffa Naçaõ origem pura,
De quem guarda Setuval o epitéto;
Mas nos longes do tempo he taõ efcura
Aquella fama, que ainda o mefmo affecto
Da gloria nacional naõ fei fe obriga
A defender noticia taõ antiga.

XII.

Da mefma fórte deixo na incerteza
Da fé devida, alguns Heróes famofos,
De quem fe diz, que a terra Portugueza
Foi theatro de empenhos gloriofos;
Taes faõ os Geryoens, tal julgo a empreza
Dos Ofiris, dos Hercules zelofos,
Por mais, que fe acreditem na porfia
Dos Ozorios, da Torre, e da Geria.

XIII.

Nem mais abono dos primeiros annos
Os Monarchas merecem nacionaes,
Os Iberos, os Brigos, os Hifpanos,
Os Tagos, os Sicoros, e outros taes;
Mas aquellas verdades, ou enganos
A toda a Hefpanha vem a fer geraes;
E o tempo breve apenas me confente
As memorias contar da minha gente.

Em

XIV.

Em Luſo, ou Liſias filho, ou companheiro
Do fabuloſo Deos da antiga Niza,
Pertendem mil memorias, que o primeiro
Nome dos Luſos claro ſe diviza:
Conſtante tradiçaõ no Reyno inteiro
Deſta noticia a fama immortaliza;
Mas com tudo naõ ſei ſe eſte conceito
He ſó da analogîa hum puro effeito.

XV.

Foi grande a confuſaõ daquella idade,
Saõ poucos, ou nenhuns os monumentos,
Em que poſſaõ firmar-ſe da verdade
Seguramente os nobres fundamentos;
E quanto mais remota antiguidade,
Nos convida com raros documentos,
Tanto mais duvidoſa ſe deſcobre
Da primitiva gente a origem nobre.

XVI.

O que tenho por certo he que os Fenicios,
Povos bem conhecidos nas hiſtorias,
Buſcando do commercio os beneficios,
Eſtas praias fizeraõ mais notorias;
Nellas gentes, coſtumes, e edificios
Deixáraõ por Padroens de eternas glorias,
E do fructo talvez, que alli acháraõ
O nome da Provincia fabricáraõ.

Eſtes

XVII.

Estes das letras sabios inventores,
E naõ menos nas armas instruidos,
Foraõ talvez os nobres precursores
Dos Lusitanos Capitaens luzidos;
Mas sendo nos projectos domadores
Pelas Punicas gentes succedidos,
Estas foraõ, depois, com proprio damno,
Quem fez mais claro o nome Lusitano.

XVIII.

Porque depois de haver, por varias vezes,
Provado com seu risco, o braço forte,
O peito firme, os brios Portuguezes,
As duras armas, o valente córte,
Souberaõ conseguir com seus cortezes
Tratamentos, ganhalos de tal sórte,
Que nas guerras fataes, que entaõ tratáraõ
Sempre os Lusos fieis os ajudáraõ.

XIX.

Já nas terras visinhas de Carthago;
Já na fertil Trinacria, e na ruina
Dos vassallos de Venus, cujo estrago
Horror da falsa Deusa se imagina;
Já nos riscos do mar incerto, e vago,
Que frequentava a gente peregrina,
Foraõ sempre os pendoens Carthaginezes
Sustentados dos braços Portuguezes.

Mas

XX.

Mas onde com mais risco, e maior gloria
Se fez illustre o povo Lusitano
Foi na guerra cruel, com que a memoria
Lhe eterniza a lembrança do Romano,
Dessa gente feliz na larga historia,
Se repete com dor do proprio damno,
Desde a Punica guerra athé Augusto,
O nome Portuguez com pasmo, e susto.

XXI.

Pelos mesmos contrarios confessada
Nos Romanos annaes se vê patente
A destreza fatal da Lusa espada,
O generoso ardor da nossa gente;
Alli da mesma inveja acreditada
A fama Portugueza illustremente,
Se publica nos Templos, nas offertas
Naõ menos, que em ruinas descobertas.

XXII.

Alli tremula maõ involuntaria
De Jaspe naõ, porém de proprio susto
Deixou formada a estatua extraordinaria
Do Luso Viriato Heróe augusto;
A mesma infamia da traiçaõ contraria
A grandeza lhe avulta ao nobre busto,
Cuja base se adorna com Popillio,
Unimano, Pompeo, Plaucio, e Servillio.

De

XXIII.

De outros muitos Varoens daquella idade,
Que a soberba abatéraõ dos Romanos,
Se eterniza a memoria na igualdade,
Dos respeitos da patria soberanos;
Ella se honra da nobre dignidade,
Que deu aos Cesaroens, aos Apimanos,
E pois o bastaõ Luso o fez notorio,
Ella se honra da gloria de Sertorio.

XXIV.

Mas naõ só dos Varoens na fama clara
Se honra a Lusa provincia bellicosa,
No sexo de belleza lhe prepara
Novas glorias a estrella venturosa;
Naõ foi huma só vez, que a sórte rara
Fez a graça das Damas animosa;
Mas pois muitos o tempo naõ consente,
Dois casos destes contarei sómente.

XXV.

No tempo, que o segundo Viriato,
Nome sempre fatal aos inimigos,
Por castigar de Galba o infame trato,
Se vingava de Roma nos amigos;
E augmentando com bellico apparato
A nobre gloria dos tropheos antigos,
Derrotado o Pretor da Lusa terra,
Levava ás outras o furor da guerra.

Os

XXVI.

Os. Romanos, que fempre procuravaõ
A vingança dos damnos padecidos,
E no fufto fómente disfarçavaõ
Os impulfos dos odios concebidos;
Infultados os póvos, que fe achavaõ
Na aufencia do Varaõ mal defendidos,
Devaftando no campo os dons de Ceres,
Levaraõ varios homens, e mulheres.

XXVII.

O medo fez guardar com mais cuidado
Os homens fortes em prifoens feguras,
Fiando o debil fexo delicado
Do fimples laço de humas cordas duras:
Affim da noite o efpaço dilatado
Paffáraõ todos entre magoas puras,
Tendo as Damas com tudo alli difpoftas
As maons ligadas fobre as tenras coftas.

XXVIII.

Huma noite, que o vinho, e a confiança
De haver fahido os termos Lufitanos,
Com brando fomno, e torpe fegurança
Todo o campo occupava dos Romanos,
As maltratadas Damas, que a lembrança
Defpertava cruel de tantos damnos,
E volvendo na idêa mil projectos,
Formavaõ mil arbitrios incompletos.

Ven-

XXIX.

Vendo a fraca prisaõ, que as maons mimosas
Mais opprime na dor, que na firmeza,
E sómente nas voltas cautellosas
Se assegura da força, e da destreza;
Resolvêraõ com furias generosas
Cortar daquellas cordas a dureza
Com as armas nativas, que do agrado
Costumaõ ser indicio, e naõ do enfado.

XXX.

De huma só na prisaõ as mais ensayaõ
Da boca bella os claros instrumentos,
Resiste o laço vil, mas naõ desmayaõ
Das Matronas os nobres pensamentos;
Repete-se a porfia athé que cayaõ
Reduzidos a aresta os ligamentos;
Perde os laços aquella, e já liberta,
Por sua maõ as outras desaperta.

XXXI.

Passaõ logo taõ fortes, como bellas
A's prisoens dos maridos, e parentes,
E taõ ditosas saõ, que os sentinellas
Achaõ todos dispersos, e dormentes:
Alegres entre excessos, e cautellas
Soltando vaõ dos ferros as correntes,
E ao mesmo tempo as armas dos Romanos
Entregando nas maons dos Lusitanos.

Del-

XXXII.

Dellas munidos os varoens robuſtos
Sobre os contrarios correm furioſos,
Que do torpe deſcuido os premios juſtos
No proprio ferro provaõ temeroſos:
A morte, a confuſaõ, o horror, os ſuſtos
Fructo ſaõ dos deſpreſos orgulhoſos;
Morrem huns, fogem outros; outros gritaõ;
Mas todos no pavôr ſe precipitaõ.

XXXIII.

Creſce o ſuſto Romano no recato
Da ignorada interpreza das captivas,
Pois julgaõ ſobre ſi de Viriato
Toda a força das armas vingativas:
Confirma aquella idêa o eſtrondo ingrato
Das Luſitanas vozes offenſivas,
Que ſoltaõ neſte tempo os Portuguezes
Em gritos repetidos muitas vezes.

XXXIV.

Da noite as ſombras o terror lhe augmentaõ;
Mas nem a luz do dia os deſengana,
Que as Damas arrogantes repreſentaõ
Hum bom corpo de gente Luſitana.
Com bellicoſo adorno alli ſe oſtentaõ
De duro ferro armadas á Romana,
E ficaõ neſte eſtado em modos varios
Duas vezes temiveis aos contrarios.

Del-

XXXV.

Delles os mais por força do destino
Acabárao a vida ás maons dos Lusos;
Foge o resto com cégo desatino,
Naõ menos derrotados, que confusos;
Deixando o campo cheio de ouro fino,
De despojos soberbos, e profusos,
De que adornada a gente Portugueza
Os trophéos fabricou daquella empreza.

XXXVI.

Ella foi propriamente hum raro effeito
Do nobre arrojo das valentes Damas,
A quem da liberdade o amor perfeito
Enchia o coraçaõ de illustres chamas:
Ella póde, se a caso o meu conceito
Se atreve a comparar antigas famas,
Eternizar-lhe a gloria de Heroînas,
Mais do que ás Gregas, mais do que ás Latinas.

XXXVII.

Mas naõ só na ambiçaõ da liberdade
Se illustrárao as Damas Lusitanas,
Que se negaõ ás Clelias igualdade,
Naõ invejaõ Lucrecias ás Romanas:
De Osmia a triste tragedia em qualidade
Similhante á de Roma, e nas tiranas
Circunstancias maior abona o excesso,
Que faz áquelle caso este successo.

XXXVIII.

Era Osmia da Lusa gentileza
Maravilha fatal, prodigio raro,
Em quem se unia aos dotes da belleza
O dom sublime de hum engenho claro;
E apurando as lisonjas da riqueza
Nos esmaltes do sangue mais preclaro
Tinha sido ditoso precipicio
De mil almas em doce sacrificio.

XXXIX.

Hum nobre Luso em fim, ou mais ditoso,
Ou mais digno talvez, que os mais amantes;
Soube alcançar o termo glorioso
Dos votos da Naçaõ mais relevantes:
A maõ de Osmia, com gosto ambicioso
Entre applausos lograva triunfantes,
Quando hum dia os Romanos de repente
Hum, e outro captivaõ tristemente.

XL.

Teve por sórte a Dama malograda
Ficar presa de hum nobre Cavalleiro;
Que notando a belleza delicada,
Ficou della naõ menos prisioneiro:
Osmia arrasta as cadêas indignada,
Elle tem por suave o captiveiro;
Mas naõ he mais feliz neste combate,
Que nos ferros de amor naõ há resgate.

Lar-

XLI.

Largo tempo abrasado em chama nobre
Geme o peito Romano mudamente;
Perde o susto depois, depois descobre
Os effeitos de amor já livremente:
Naõ lhe fica fineza, que naõ obre,
Projecto algum naõ há, que naõ intente;
Porém de Osmia o decóro he taõ perfeito
Que athé no vencedor impôem respeito.

XLII.

O mais difficil bem mais se appetece,
Irrita-se a paixaõ na resistencia,
Já do antigo respeito amor se esquece,
Já despreza os clamores da decencia,
De Osmia o recato nos excessos cresce;
Mas he do vencedor tanta a impaciencia,
Que houve de ter por fim ao seu dominio
A sorte de Lucrecia com Tarquinio.

XLIII.

Sentio a nobre Dama a sua injuria,
Quanto deve sentir hum peito honrado;
Ver-se victima torpe da luxuria
A's maõs de hum cégo ardor sacrificado:
De huma justa vingança a nobre furia
Lhe occupa o coraçaõ desesperado;
Mas naõ quer, que se arrisque, na incerteza
De hum golpe intempestivo, a nobre empresa.

Com

XLIV.

Com cautella disfarça a dor activa;
Que o peito lhe devóra em magoa pura;
Finge agora a paixaõ já menos viva,
Inculca a condiçaõ já menos dura;
Já parece aos suspiros compassiva,
Já da voz naõ se assusta da ternura;
E tanto encobre em fim o seu projecto;
Que a mesma indignaçaõ parece affecto.

XLV.

De apparencias taõ doces enganado
Se applaude o vencedor do seu successo;
Acreditando o vaõ prazer de amado,
Como effeito feliz do ousado excesso;
Julga de Osmia o rigor em fim domado;
Já naõ teme das iras o progresso;
Já seguro de amor lhe facilita
Mil meios a vingança, que medita.

XLVI.

Aos doces mimos de Morfèo rendido
Huma noite se achava o cégo amante;
Mitigando nas tregoas do sentido
Os desvelos do affecto vigilante;
Quando de Osmia o furor mal reprimido
Nos mentidos disfarces do semblante,
Rompendo da cautella o fero engano,
Lhe destina o castigo mais tirano.

A

XLVII.

A' garganta infeliz, que o sómno opprîme;
Do proprio ferro o fio agudo applica;
Assusta a falta de uso a maõ sublime;
Mas da injuria a lembrança a fortifica:
Levanta em fim a espada, o golpe imprime
No atrevido offensor, que á fé dedîca,
E com forças, que a gloria lhe prepára,
A cabeça do corpo lhe separa.

XLVIII.

Com ella em huma maõ, em outra a espada;
Fumante ainda da cruenta empreza,
Busca o *Esposo* infeliz, a quem prostrada,
Quer declarar o caso com pureza:
Principîa; porém a voz gelada
De horror lhe fica na garganta preza;
Que naõ acha o pudor palavras dignas
Para expôr circunstancias taõ malignas.

XLIX.

Disse o que póde; diz o mais o pranto;
Mas naõ perde no pranto o nobre alento;
Que se o pejo lhe causa á voz espanto,
Naõ lhe impede o valôr ao pensamento:
Quebrada a fé do laço sacrosanto,
Naõ se emenda o desar no sentimento;
Osmia sabe, que a morte só dezata
Os grilhoens de huma infamia; ella se mata.

L.

Tal foi de Osmia a tragedia, e taõ valente
He na Lusa Naçaõ o amor da gloria,
Que naõ teme da morte a horrenda frente,
Por fazer a virtude mais nótoria.
Mil provas deste affecto illustremente
Ministra ao pensamento a antiga historia;
Mas naõ sofre do tempo a brevidade
Casos narrar de igual heroicidade.

LI.

A's noticias geraes do Estado todo
Voltarei outra vez, bem que de Augusto
Athé a introducçaõ do Imperio Godo
Pouco assumpto deixou o tempo injusto;
Mas se a fama nos rouba deste modo
Das nobres glorias do valór robusto;
Outras glorias naõ menos singulares
Nos prepára a mudança dos Altares.

LII.

Chegára em fim o tempo venturoso
Nos sacrosantos Livros indicado;
A' esperança dos justos precioso,
E dos Santos Profetas suspirado,
Em que á terra abatido o Deos piedoso
Devia ser o Mundo resgatado;
E já desde os confins da Palestina
Se espalhava ás Naçoens a luz Divina.

Mas

LIII.

Mas nas trevas da céga idolatria,
Que as Provincias Romanas occupava,
Mal distincto o fulgor da fé luzîa
Entre os erros grosseiros, que encontrava;
Já por largo paiz se difundia,
Mas toda-via o rito se occultava;
Porque as aras das falsas Divindades
Se armavaõ do poder das Magestades.

LIV.

Portugal, cuja sorte em tudo rara,
He ser nos sacros cultos extremoso,
E com puros affectos adoptára
Da Ley nova o fervor religioso,
No zêlo santo da Doutrina clara
Se mostrava ás mais gentes vantajoso;
E por esta razaõ com mais porfia
Era objecto da cega tyranîa.

LV.

Bebido tinha nas mais puras fontes
Os Dogmas principaes da Christandade,
Quando apenas da Igreja os Orisontes
Se illustravaõ dos rayos da verdade:
Quem trouxe a Ley da Graça aos Lusos montes
Naõ he facil dizer com claridade;
Pois he na tradiçaõ problema vago
Ser Saõ Pedro, Saõ Paulo, ou Santiago.

LVI.

Mas, ou todos, ou hum foi certamente
Do Collegio de Christo respeitavel
O Mestre, ou Mestres, que entre a Lusa gente
Ensináraõ seu Santo nome amavel;
E com fructo taõ prompto, e taõ patente,
Que abrasado de hum zêlo incomparavel,
Já no tempo de Nero, com fé pia,
Por Christo o Luso sangue se vertia.

LVII.

Mil palmas de martyrio a Lusa terra
Produzio felizmente aquelles annos,
Cuja fama immortal a historia encerra
Para eterna vergonha dos Tyranos.
Naquella dos Christaons primeira guerra;
Indelevel injuria dos Romanos,
Se distinguem os nomes de Cicîlio,
Pedro, Eufrazio, Torcato, e de Basilio.

LVIII.

Nem menos entre os Lusos preciosa
A lembrança de Mancio se conserva;
Mancio, cuja doutrina fez ditosa
A Cidade, que honrou a antiga Cerva:
Allî patente á inveja escrupulosa
A columna fatal inda se observa,
Onde Mancio com sangue rubricára
A verdade do Dogma, que ensinára.

LIX.

O mesmo nobre empenho representa
Celerina Matrona Lusitana,
Secundino, Donato, e mais de oitenta
Companheiros, Victor, e mais Susana;
O mesmo as nove Irmans, de quem se ostenta
Braga patria feliz, bem que tyrana,
Donde fugindo todas se assegura
Serem victimas santas da fé pura.

LX.

Por ella illustremente em tempos varios;
Outros muitos Varoens, muitas Donzellas
Dos despójos da vida voluntarios
Adornáraõ na *Lisia* as almas bellas;
A Historia secular, os Breviarios,
Os Altares, os Templos, as Capellas
Abonaõ, sem cessar em toda a idade
A constancia da Lusa Christandade.

LXI.

Empreza digna de mais alto canto
Seria repetir distinctamente
As acçoens, que o fervor de hum zêlo santo
Fez obrár ao valor da Lusa gente:
A' mesma voz da fama assombro, e espanto
Póde ser este assumpto eternamente,
E da mesma materia a dignidade
Me nega de a tratar a liberdade.

He

LXII.

Hé notoria no Mundo a tyrania,
Que os primeiros tres feculos da Igreja
Maquinou aos Chriftaons a idolatrîa,
A avareza, a ambiçaõ, o odio, a inveja:
Ella foi taõ geral, tanta a porfia
Dos martyrios, que a furia vil manêja,
Que naõ teve a virtude outro deftino
Defde Nero cruel a Conftantino.

LXIII.

Efte grande Monarcha, a quem propicio
Por alta permiffaõ da Providencia,
O Ceo guardava o fummo beneficio,
De apurar dos altares a decencia;
Auctorizando o Santo Sacrificio,
Com jufta Ley, com pura reverencia
Sufpendeo dos martyrios a torrente,
Rendendo a Chrifto o culto competente.

LXIV.

Elle foi geralmente praticado
Nas Provincias de Roma tributarias,
E nos Lufos limites celebrado
Com finezas de zêlo extraordinarias;
E bem que alguma vez foffe infamado
Algum particular de acçoens contrarias,
Foi fempre em Portugal pura, e conftante
A Ley da graça o culto dominante.

Nem

LXV.

Nem dos meſmos Monarchas a cegueira
Pôde apagar a fé da Luſa gente,
Por mais, que a Ley deſprezem verdadeira
Juliano, Conſtancio, e mais Valente;
Sempre firme a Naçaõ contra a groſſeira
Idolatria, contra a vil ſemente
Das hereſias, foi do zêlo empório
Do grande Conſtantino athé Honorio.

LXVI.

No tempo deſte froxo, e mal fervido
Imperador por ſorte, ou por enganos,
Sendo o Imperio Romano acomettido
Pelas armas dos Godos, dos Alanos,
Suevos, e Selingos, e partido
Em retalhos por maõs deſtes tyranos,
Foi a Luſa Provincia mal guardada,
Deſtas barbaras gentes aſſolada.

LXVII.

Os Suevos, e Alânos vencedores
Dos Romanos nas terras Portuguezas,
Foraõ logo entre ſi competidores
No dominio das Luſas fortalezas:
Daquî novas queſtoens, novos horrores,
Novas perſeguiçoens, novas cruezas
Vem á Religiaõ, ao Eſtado, á gente,
A' honra, e á vida miſeravelmente.

LXVIII.

O theatro da guerra he quem padece
Sempre o damno maior da mesma guerra;
Ou só nelle deveras se conhece
Todo o mal, que este açoute em si encerra;
E bem, que o uso deste horror podesse
Menos susto causar na Lusa terra,
Era agora taõ forte este castigo,
Que faria esquecer qualquer antigo.

LXIX.

Pois sendo nestes Gétas conhecida,
Tyrana a condiçaõ, céga a braveza,
Grosseira a criaçaõ, barbara a vida,
Natural o rigor, propria a fereza,
No nome de inimigo enfurecida
A dura propensaõ da natureza,
Pareciaõ mais feras indomaveis,
Do que homens racionaes, e sociaveis.

LXX.

Hydropica ambiçaõ de sangue humano
Era affecto vulgar na fera gente,
Sendo objecto igualmente ao golpe insano
O varaõ forte, e o timido innocente;
Tudo assóla indistincto o ardor tyrano;
Mas de tantos estragos na torrente
Fazia mais horror a barbarîa
Dos costumes, que a mesma tyranîa.

A

LXXI.

A policia Romana introduzida
Nos estilos, nos moveis, no sustento;
Foi na Lusa Naçaõ substituida
De hum barbaro, feroz procedimento;
Desterrado o bom gosto, a luz perdida
Das sciencias, das artes, do ornamento,
Destruia igualmente a furia bruta
O Palacio, o Jardim, a fonte, a gruta.

LXXII.

O respeito dos Templos profanado,
Os sagrados Ministros perseguidos,
O santo Dogma de erros maculado,
Os Divinos Misterios confundidos,
O moral das acçoens prevaricado,
Os principios geraes desconhecidos,
Nenhuma applicaçaõ, nenhum estudo,
Tudo em fim era horror, desgraça tudo.

LXXIII.

Resplandiano fôra o Rey primeiro,
Que os Alanos guiára á terra Lusa,
De quem Atáces foi filho, ou herdeiro
No governo cruel da gente intrusa:
Era Atáces mancebo, era guerreiro
De esfera naõ vulgar, bem que confusa,
Por falta de instrucçaõ; mas valoroso
Incançavel, robusto, e ambicioso.

Este

LXXIV.

Eſte depois de haver com maõ peſada
Domado Portuguezes, e Romanos
Na Provincia, que fora em ſorte dada
A's tiranas emprezas dos Alanos,
Movîdo de ambiçaõ deſordenada
De eſtender os limites ſoberanos,
Contra os meſmos Suevos ſeus amigos
Convertia das armas os caſtigos.

LXXV.

Com preſteza fatal, com maõ potente
Sobre a antiga Collimbria em fim diſpára
Toda a furia da raiva impaciente,
Que a guerra ordena, que o rigor prepara;
Arrazada a Cidade inteiramente,
Réſta apenas do nome a fama rara;
Mas taõ pouco diſtincta, que ſó deixa
Ver, que fora Collimbria, onde he Condeixa.

LXXVI.

Das cinzas quentes deſte eſtrago duro
Nova Fenis Coimbra ſe levanta,
Onde o barbaro Rey para o futuro
Por padraõ da victoria os ſeus tranſplanta;
Mas no meſmo eſplendor do novo muro
Segundo Pharaó ao mundo eſpanta,
Atáces fero, que a penſoens vulgares
Sujeitava os Miniſtros dos altares.

Alî

LXXVII.

Alli se via com assombro, e susto,
Entre a plebe grosseira equivocado,
O Sacerdote santo, o Bispo justo,
Aos mais duros serviços condemnado:
A gróssa barra, o alviaõ robusto,
A paviόla, o cesto, e o mal lavrado
Braço do cabrestante era o exercicio
Da maõ usada ao Santo Sacrificio.

LXXVIII.

Em quanto desta sorte entre insolencias,
Crescia de Coimbra o muro altivo,
Ignalmente manchado de indecencias,
Que illustrado de adorno defensivo,
Os Suevos movidos das violencias,
A que as tropas de Atáces daõ motivo,
Desde as praias do Lima vem correndo
A castigar estrago taõ horrendo.

LXXIX.

Mas temendo igualmente os dois partidos
O successo fatal de huma batalha,
Ou de antigos affectos commovidos,
Que a politica voz astúta espalha,
Dos impulsos das iras esquecidos;
Cada qual pela doce paz trabalha,
E terminaõ-se os tristes embaraços
No fim ditoso de suaves laços.

Do

LXXX.

Do Rey Suevo Hermenerico a filha
Cindafunda, Princeza refpeitavel,
Em quem no fummo grão fe oftenta, e brilha
A virtude, e belleza incomparavel,
Foi de Atáces o premio, a que fe humilha
Tanto a fua foberba incontraftavel,
Que trocada a braveza em rendimento,
Fez de hum barbaro amor hum culto attento.

LXXXI

Da força illuftre defte affecto claro
Tira a nova Coimbra o timbre augufto;
Que Atáces lhe entregou no objecto charo
Reprefentado em marmore robufto,
Allî dura, apefar do tempo avaro,
Da famofa Princeza, o nobre bufto
Entre huma ferpe, e hum leaõ metido;
Que infignias faõ do Pay, e do Marido.

LXXXII.

Pouco tempo durou da paz ferena
O dezejado fructo entre os Alanos;
Que huma liga fatal o odio ordena
Entre Vandalos, Godos, e Romanos;
Eftas Naçoens, a quem caufara pena
Ver unidos os Reys dos Lufitanos,
Dos progreffos de Atáces temerofas
Em feu damno conjuraõ furiofas.

Jun-

LXXXIII.

Junto a Merida, entaõ Côrte luzida;
De que hoje resta apenas a memoria,
A confusos vestigios reduzida
A soberba fatal da antiga gloria,
Acaba em fim de Ataces a temida
Ambiçaõ, com desgraça taõ notoria;
Que perdida a batalha inteiramente,
Perde Estados, e vida juntamente.

LXXXIV.

Allî extincta a gloria dos Alanos,
Dos Suevos renasce a Monarchîa,
Cujo termo em dominios soberanos
Pouco ávante do Douro se estendia;
Mas vendo agora os póvos Lusitanos
Sem governo formal, sem Rey, sem guia;
Com industrias de agrados, e amizades,
Se faziaõ senhores das cidades.

LXXXV.

Brevemente com mutuas alianças
Suevo, e Luso sangue se mistura;
Firmando o parentesco as seguranças
Da mais bella uniaõ, da fé mais pura;
E crescem tanto as nobres confianças
Nos penhores fieis, que se figura
Huma naçaõ sómente, o povo vario,
Que tantas vezes fora já contrario.

LXXXVI.

Largo tempo logrou Hermenerico
O domínio geral da Lusa terra,
De quém foi successor, no Trono rico
Rechilla, Rey feliz em paz, e guerra;
Deste o filho Rechiario, e Theodorico
Rey dos Godos de lá da Alpina serra,
Sendo em laços estreitos aliados,
Se fizeraõ contrarios declarados.

LXXXVII.

Porque Sendo o Rey Godo, dos Romanos
Aliado fiel, constante amigo,
De quem agora o Rey dos Lusitanos
Se mostrava implacavel inimigo,
Pertendendo evitar da guerra os damnos,
De que conhece bem todo o perigo,
A Rechiario, com prudente intento
Quiz desviar daquelle pensamento.

LXXXVIII.

Mas este, que aspirava ao Trono augusto
De toda Hespanha, e julga ser inveja
A causa principal daquelle susto,
Que naõ crê, que de amor sincero seja,
Lhe responde soberbo, altivo, injusto,
Que os proprios riscos mais attento veja;
Porque a guerra, que Hespanha agora sente,
Lhe irá fazer em França brevemente.

LXXXIX.

Passa o Godo indignado da resposta
Da grande serra as duras eminencias,
Onde a triste Pyrene a vida exposta
Vio dos brutos ás feras inclemencias;
E achando Hespanha ainda mal disposta,
Vaõ cedendo ao furor as rezistencias,
Athé que em fim, vencido Rechiario
Deixa a vida nas maons de seu contrario.

XC.

Com elle espira o sangue respeitavel
Dos Monarchas Suevos taõ temidos,
Abatendo-se o Ceptro inestimavel
A' sugeiçaõ dos Godos atrevidos;
E bem que largos annos perduravel
Fosse o nome de Rey entre os vencidos,
Eraõ Reys dependentes, de algum modo,
Do dominio geral do Imperio Godo.

XCI.

Athé que em fim no tempo em que reynava
Leovigildo cruel, e ambicioso,
Cujo genio feroz naõ respeitava
Nem justiça, nem termo generoso;
Taõ tirano por fim, que executava
No proprio filho o odio furioso,
Perdido totalmente o nome Regio,
Ficou simples Provincia o Reino egregio.

Co-

XCII.

Como tal confundida entre os eftados
Da vafta altiva Goda Monarchia,
Seguio a Lufa gente os varios fados,
Que a forte áquelle Imperio repartia;
Athé que em fim os vicios defcarados,
Com que o Trono Real fe invilecia
Defafiando os Céos para o caftigo,
O confeguîraõ no infeliz Rodrigo.

XCIII.

Efte infaufto Monarcha, a quem guardava
O deftino fatal para efcarmento
Das defordens, que o Reino lamentava
De hum dominio cruel, torpe, e violento;
Completando a medida, que efperava
Da Juftiça Divina o fofrimento,
Foi o ultimo Rey da gente Goda
Ruina univerfal de Hefpanha toda.

XCIV.

Era Rodrigo illuftre defcendente
Do fangue Godo mais efclarecido;
Antes de Rey, affavel, bom, valente;
Depois froxo, foberbo, e defabrido;
No governo do Reyno negligente,
Em paffatempos vaons fó divertido,
Ao Conde Juliaõ com liberdade
Confiava o poder da Mageftade.

Ti-

XCV.

Tinha o Conde huma filha, a quem dotára
De huma gentil figura a natureza,
Que brilhava à pesar da sorte avara,
Entre aceyos, agrados, e viveza,
Maravilha da Corte, inveja rara
Do juizo, da graça, e da belleza;
Era Florinda, em fim de todo modo
O prodigio maior do Imperio Godo.

XCVI.

Vio Rodrigo este assombro, e namorado;
Que era divida amor a tal aspecto,
Lhe tributa nas aras do cuidado,
Continuas oblaçoens de puro affecto;
Mas sendo o culto ardente desprezado,
Da altiva indignaçaõ do doce objecto;
Lhe consagra com voto mais rendido
Fé de Esposo, palavra de Marido.

XCVII.

Já propicia Florinda ao rogo amante
Acceitava benigna em cultos varios,
Os obsequios do Principe arrogante,
E os parabens dos Povos tributarios;
Quando a sorte invejosa, ou vacillante
Por costume, nos bens extraordinarios;
Fez conduzir á Corte de Rodrigo
Egilona, de amor novo perigo.

XCVIII.

Era estranha Egilona, e mal tratada
No mar de huma tormenta furiosa,
Tinha sido das ondas arrojada
Sobre as costas de Hespanha bellicosa;
E sendo logo ao Rey apresentada,
Bem que adora a Florinda por formosa,
Foi a nova belleza mais bem quista,
Senaõ já por maior, por menos vista.

XCIX.

Perde Florinda em fim por hum acaso
A maõ do Rey, e o Trono promettido,
Que Egilona só deve ao triste caso
De hum naufragio nas ondas padecido;
Foi aquelle navio o triste vaso
De Pandóra, na Hespanha introduzido,
Donde foraõ sahindo os males todos
Para estrago geral dos nobres Godos.

C.

Porque a bella Florinda injuriada,
Descompostos do Conde os pensamentos,
Nem podem supportar a dor pesada,
Nem querem sujeitar-se a sofrimentos;
Florinda altiva, ou menos disfarçada,
Naõ dissimula os tristes sentimentos;
Mas o Conde de enganos mestre antigo
Jura a perda do Rey com rosto amigo.

Era

CI.

Era o Conde Politico famoso,
Nas intrigas das Cortes instruido;
Vingativo por genio, e ambicioso,
Mas por arte agradavel, e sofrido;
Sem fé, sem probidade, impetuoso,
Nas paixoens, nos projectos desmedido;
Implacavel nas iras, avarento,
Suspeitoso, cruel, sanguinolento.

CII.

Era do Rey valído, e de maneira,
Que eclipsada do affecto a Magestade;
Passava o valimento a ser cegueira,
Passava a sujeiçaõ a humanidade;
Pois abusando o Conde da ligeira
Inclínaçaõ do Rey á ociosidade,
Deixando-lhe sómente o nome Regio;
Lhe usurpáva o poder, e o privilegio.

CIII.

Os beneficios, as mercês, as graças
Pelo arbitrio do Conde se faziaõ,
Os castigos, as penas, as desgraças
Do seu gosto sómente dependiaõ;
O governo das Armas, e das Praças
Pelo seu parecer se commettiaõ;
E finalmente o Rey do seu cuidado
Fiava a direcçaõ de todo o Estado.

CIV.

Deste mesmo favor, desta privança
Faz o perfido Conde injusto meyo,
Para lograr mais promptos da vingança
Os fins, que occulta no mentido seyo;
Porque enchendo de vil desconfiança
O animo Real com torpe, e feyo
Fingimento de zêlo, o precipita
Na ruina fatal, que premedita.

CV.

Faz-lhe crer, que os vassallos respeitosos
Lhe saõ pouco fieis, e mal sofridos,
E que os Povos ferozes, e orgulhosos
Podem ser facilmente commovidos:
Que he preciso evitar com cuidadosos
Artificios perigos taõ subidos;
E que o meyo melhor para evita-los,
He desarmar Cidades, e vassallos.

CVI.

Persuade-se o Rey do triste engano,
Porque crê cegamente o falso amigo,
E manda desarmar em proprio damno,
Todo o Reyno, sobpena de castigo:
Depoem a gente Goda o ferro ufano,
Das praças se arruina o muro antigo,
E fica o Estado exposto ao risco duro,
Quando o Rey se imagina mais seguro.

Funda-

CVII.

Fundamentado assim o vil projecto,
Se offerece a Rodrigo o Conde astuto
Como effeito fiel de hum puro affecto,
A conseguir dos Mouros maior fructo;
Porque sabendo, que o primeiro objecto
Dos cuidados do Rey saõ Sisebuto,
E Evan seu irmaõ refugiados
Entre os Mouros, e delles estimados.

CVIII.

Lhe aconselha, que mande huma embaixada
A' Corte Mauritana, e que faria
Elle perfido Conde esta jornada,
Que de outro Embaixador pouco confia;
E pondo em praxe a idêa refinada,
Parte o traidor infame á Barbaria,
Mais que a tratar dos fins, que astuto affecta,
A dispor a vingança, que projecta.

CIX.

Entre tanto Rodrigo ambicioso
Dos thesouros, que a fama publicava,
Encerrar de huma Torre o vaõ famoso
Que occulto ha muitos annos se guardava,
Onde o susto do povo temeroso
Mil prestigios de encanto imaginava,
E de largas idades se dizia
Ser funesto presagio se se abria.

Despre-

CX.

Desprefando rumores populares,
Que imagina illusoens do vulgo inculto;
E que na fé de idêas regulares
Fazem sempre pequeno, ou nenhum vulto;
Quebranta os varios ferros tutellares,
Que saõ das portas, mais que guarda, insulto
Em rasaõ dos horrores, que authorisaõ
Nesse mesmo recato, que eternisaõ.

CXI.

Examina da Torre o centro escuro;
Mas nella naõ vê mais, que hum cófre breve,
Que guardado com fecho bem seguro,
Tosco á vista parece, ao tacto leve;
Excita o novo objecto ardor mais puro,
Que a romper o mysterio em fim se atreve;
Mas patente o motivo do segredo,
Quanto fora alvorôço, he susto, e medo.

CXII.

Porque dentro do cófre está dobrado
Sómente hum triste véo, que apenas toca,
Quando hum corpo de tropas vê pintado,
Que no traje com Mouros se equivoca;
A postura a fereza, e gesto irado
Tudo á guerra parece, que provoca;
Mas o risco mais claro annunciava
Hum letreiro, que assim se decifrava.

No,

CXIII.

No momento fatal, que for aberta
Desta Torre vedada a porta inculta,
E por maons imprudentes descoberta
For a pintura, que este cófre occulta,
A conquista de Hespanha inteira, e certa
A' gente aqui notada se faculta;
Tema qualquer, que o véo tocar ousado,
Que nelle está seu risco retratado.

CXIV.

Assustado Rodrigo, e vacilante
Treme de horror á vista do portento,
E nas palidas cores do semblante
Mal disfarça o pavor do pensamento;
Mas na fé dos prodigios inconstante,
No silencio sepulta o sentimento;
E sahindo das portas mal seguras,
As carrega de novas fechaduras.

CXV.

Crê, que basta a cautela do segredo
A frustrar os horrores do ameaço;
E com rogos, promessas, susto, e medo
Assegura das vozes o embaraço;
Mas naõ póde evitar o cego enredo
O decreto cruel do fado escaço,
Que o Trono augusto em fim se precipita
Desde o tempo, que a Torre se visita.

Tal

CXVI.

Tal he a tradiçaõ de Hespanha inteira
Nos mais serios escriptos abonada,
Se huma noticia tal por verdadeira
Póde ser de algum modo auctorisada;
Livre á luz da rasaõ fique a carreira
Nos exames de fé taõ dilatada,
Que eu seguindo da historia o cégo instincto;
Vou contando o que li, naõ o que finto.

CXVII.

Entre tanto na Corte de Rodrigo,
Com emprego de Dama da Raynha,
Assistia Florinda, em quem o antigo
Amor do Rey fataes raizes tinha;
E mal firme a rasaõ contra o perigo,
Das subtis impressoens da luz visinha;
Novamente inflamado o Regio peito,
Da mais céga paixaõ padece o effeito.

CXVIII.

Arde Rodrigo em chamas indecentes
Mais activas talvez, por mais impuras,
Que he costume de affectos imprudentes
Por culpaveis mostrar forças mais duras;
Saõ agora mais bellas, mais valentes
Da deixada Florinda as graças puras;
E exaltada nas aras do desejo,
Quanto fôra despreso, he já cortejo.

Tem

CXIX.

Tem por graves os laços preciosos ,
Que dos proprios affectos fabricára ,
E suspira com votos vergonhosos
Pelas mesmas cadêas , que quebrára ;
Contemplada com olhos cubiçosos
Aquella luz , que ha pouco reprovára ;
Céga agora o discurso , abrasa a idêa ,
Sem mais outra rasaõ , que ser alhêa.

CXX.

Mas conserva Florinda na memoria
Viva a dor do desprezo intoleravel ;
E naõ lhe sofre o amor da propria gloria ,
Ser de Rodrigo ás ancias favoravel ;
Nas vinganças de offensa taõ notoria
Passa a ser o rigor ira implacavel ,
E quanto mais amante o Rey parece ,
Tanto mais de Florinda o desdem cresce.

CXXI.

Assistencias , obsequios , gentilezas ,
Lisonjas , attençoens , mimos , agrados ,
Desvelos , votos , cultos , e finezas ,
Rogos , suspiros , ancias , e cuidados ,
Tudo emprega Rodrigo com destrezas
De amante experto em riscos namorados ;
Mas a tudo resiste a Dama altiva
Naquelle tempo mais que Dafne esquiva.

Cresce

CXXII.

Crefce a céga paixaõ na refiftencia,
Effeito natural do amor tirano,
Que imitando dos rayos a violencia,
Nas durezas fe emprega mais ufano:
Fruftrada na brandura a diligencia,
Da força fe aproveita o Rey infano;
E qual outro Tarquinio furiofo,
Perde o Ceptro com crime vergonhofo.

CXXIII.

Porque a nova Lucrecia injuriada,
Naõ menos, que a Romana, mal fofrida,
Nem medita vingança mais calada,
Nem quer fatisfaçaõ menos luzida.
Ao Pay intîma em carta abreviada
A noticia da afronta padecida,
E lhe pede com rogo impaciente
O caftigo de acçaõ taõ infolente.

CXXIV.

Recebe o Conde a carta, e vêm voando
Defde a Africa adufta athé Tolledo,
Onde efpera de cafo taõ nefando
Informar-fe melhor, com mais fegredo;
E difcurfos malignos atalhando
Com finas illufoens de aftuto enredo,
Publîca concluida a diligencia,
Que fazia precifa a fua aufencia.

Ao

CXXV.

Ao mesmo Rey engana desta sorte,
A quem rende por zêlo a brevidade,
E occultando no peito a pena forte,
Affecta a mais feliz tranquilidade;
Mas depois, que da Filha, e da Consorte
Se informa bem da triste novidade,
Largando a rédea toda á ira céga,
Ao mais duro furor em fim se entrega.

CXXVI.

Pequeno sacrificio lhe parece
A vingança cruel, que premedita;
E na sua soberba naõ conhece
Limites a ambiçaõ, que o peito incita;
Na céga idêa mil projectos tece,
Em mil furias de horror se precipita;
E jura, que Florinda em dôr tamanha
Outra Helena ha de ser da triste Hespanha.

CXXVII.

Dissimula, com tudo, cauteloso
A dôr feroz, que o peito lhe devora;
E nos cultos do Rey mais cuidadoso,
Ou mais attento se desvela agora;
Athé que conseguido o fim damnoso
Da torpe adulaçaõ, que a honra ignora,
Passa segunda vez de Africa os mares,
Governador das Praças Militares.

Como

CXXVIII.

Como penhor fiel da fé devida,
Deixa o perfido Conde com cautela;
A pesar da saudade enternecida,
No serviço do Paço a Filha bella;
Mas seguido da Esposa mal sofrida,
Que naõ menos nas iras se desvela,
Parte emfim a buscar com triste engano
A vingança no ferro Mauritano.

CXXIX.

Facilita-lhe a fera visinhança
Os duros meyos da traiçaõ, que intenta,
E de Muça, na antiga confiança,
Os mais certos soccorros fundamenta:
Deste fia o segredo da vingança,
Os aggravos do Rey lhe representa,
E lhe jura com torpe rebeldia,
Sujeitar-lhe de Hespanha a Monarchia.

CXXX.

Era Muça dos Mouros Cõmandante,
Naõ menos que valente, industrioso,
Nos combates intrepido, arrogante,
Nos contratos prudente, e cauteloso,
E nos riscos presentes vacilante,
A' proposta se affecta duvidoso;
Mas o Conde com fortes argumentos
Lhe desvanece os dubios pensamentos.

Faz-

CXXXI.

Faz-lhe ver com rasoens bem ponderadas,
E por desgraça certas, e patentes,
Que haõ de ser facilmente executadas
As empresas, que nota de imprudentes;
Que as Cidades estaõ desmanteladas,
Os soldados sem armas competentes,
Desgostosa a Naçaõ, queixosa a Corte,
Malquisto o Rey, e máo de toda a sorte.

CXXXII.

Que no Reyno tem grande quantidade
De parentes, amigos, e vassallos
Que estaõ promptos a toda a novidade
Com soldados, com armas, e cavallos;
Que os portos tem seguros na amisade
De sujeitos dispostos a entrega-los;
E que qualquer projecto bem medido
Lograria o successo pertendido.

CXXXIII.

Persuadido em fim o Mouro astuto
Destas rasoens, e de outras similhantes,
De que vê claramente o nobre fructo,
Que podem dar empresas taõ brilhantes,
Lhe promette animoso, e resoluto
Ministrar-lhe soccorros abundantes,
Com que possa naõ só vingar aggravos,
Mas claramente fulminar estragos.

Certo

CXXXIV.

Certo já do foccorro defejado,
Paffa o Conde com torpe providencia
A difpor a perfidia do Tractado,
Dos amigos na céga complacencia;
Mas na mefma cegueira acautelado,
Naõ fe efquece da propria dependencia;
E dos rifcos da Filha receofo,
A faz fahir do Paço ruinofo.

CXXXV.

Finge, que a Mãy ferida mortalmente
De agudo mal, com trifte fantafia,
Quer ao menos na morte ter prefente
Da chara Filha a doce companhia;
E com cores de empenho taõ decente,
Avivadas da luz de que feria
Pouca a demora, em fim do Rey confegue;
Que a formofa Florinda fe lhe entregue.

CXXXVI.

Livre já de attençoens, de fufto ifento
O perfido, traidor, infame Conde
Tira a mafcara vil do fingimento,
Com que as torpes acçoens ao Mundo efconde;
E defcoberto o feyo penfamento,
Que taõ mal a feu fangue correfponde,
Sobre a Patria de Mouros rodeado
Apparece inimigo declarado.

Mortes,

CXXXVII.

Mortes, roubos, estragos, e insolencias
Vai o monstro feroz executando,
Primeiro, que do Rey as negligencias
Acreditem delicto taõ nefando:
Parecem-lhe illusoens as evidencias
De crime taõ atroz, taõ execrándo;
E quando em fim conhece a vil mudança,
He mais tempo de dor, que de vingança.

CXXXVIII.

Porque os Mouros depois de haver corrido
Grande parte de Hespanha sem disputa,
E por varias Provincias commettido
Mil insultos crueis com furia bruta;
Satisfeitos do fructo conseguido,
Para os portos do mar com marcha astuta,
De luzidos despojos carregados
Já voltavaõ com passos apressados.

CXXXIX.

Quando Rodrigo ainda mal desperto
Do letargo fatal em que vivia,
A taõ barbara afronta, e mal taõ certo
Froxamente o reparo prevenia:
Hum debil, mal armado, e nada experto
Exercito lhe oppoem, em quem se via
Mais que a força do Rey auctorisada,
A miseria do Reyno retratada.

Pois

CXL.

Pois ſendo breve o numero da gente,
Era menos, que a gente, o provimento;
Faltando á triſte Tropa juntamente
Armas, ordem, veſtido, e mantimento:
Eraõ pedras da rua indignamente,
As vergonhoſas forças do armamento;
E ſimilhante em tudo era a ruina
No veſtido, na paga, e diſciplina.

CXLI.

E ſendo ſem trabalho deſtruida
Pelas armas do Conde aquella gente,
E na ſua ruina confundida
Toda a força de hum Reyno taõ potente;
Deixando toda a Heſpanha eſtremecida;
Se recolhe o traidor impunemente,
Sem que achaſſe na Goda negligencia
Senaõ caſtigo, ao menos reſiſtencia.

CXLII.

Animados os féros Africanos
Do primeiro ſucceſſo, e cubiçoſos
De mais altas empreſas, que os tiranos
Exercicios de roubos vergonhoſos,
A' Libia voltaõ de maiores damnos
A prevenir os meyos orgulhoſos,
E deſſipada a idêa do perigo,
He já nobre alvoroço o ſuſto antigo.

CXLIII.

Já de Muça prudente a vasta idéa
Nos cuidados do Conde naõ descança;
Já da cega ambiçaõ a paixaõ feya,
Mais projectos lhe inspira, que vingança;
Já da gloria immortal se lisonjeia
De huma nobre conquista, e na esperança
De huma nova fortuna alvoroçados,
Todos os Mouros querem ser soldados.

CXLIV.

Entretanto Rodrigo estremecido
Dos tristes éccos do primeiro susto,
E dos gritos dos povos commovido
A buscar providencia ao damno injusto,
Já da cega torpeza arrependido,
Com que havia manchado o Trono augusto;
Se dispunha com passos diligentes
A precaver os riscos emminentes.

CXLV.

Gente manda alistar, tomar cavallos;
Reparar fortalezas, e muralhas,
Levantar esquadroens, e doutrina-los
Na sciencia terrivel das batalhas;
Ferros manda fundir, e prepara-los
Nos ardentes ensayos das fornalhas,
Forjar Lanças, Espadas, Capacetes,
Arnezes, Sayas, Grevas Braceletes.

I Capi-

CXLVI.

Capitaens manda vir a toda a pressa
Dos presidios da Gallia bellicosa,
Chama á Nobresa, os povos interessa
Na defesa da Patria gloriosa;
Conselheiros concova, o risco expressa;
Dinheiros pede em copia numerosa,
E por todos os modos se prepara
Contra o golpe cruel da sorte avara.

CXLVII.

Igual no reyno todo a providencia
Se manifesta em nobres exercicios;
Que se fôra contagio a negligencia,
Saõ agora geraes os bons officios;
Qual da guerra se instrue na sciencia,
Qual das Praças se applica aos beneficios;
Qual acode á muralha, qual á mina,
Qual a outros empregos se destina.

CXLVIII.

Mas em quanto nos nobres apparatos
De huma guerra futura, mas distante,
Se occupava dos Godos mais cordatos
Toda a força do zêlo vigilante,
Pelas Portas Herculeas os ornatos
Vem surgindo da Lua fulminante,
Com que o torpe Mafoma faz famosas
As bandeiras de Agar sempre horrorosas.

Vinte

CXLIX.

Vinte vezes dez mil peoens armados,
Com mil vezes quarenta cavalleiros
Foraõ logo nas Prayas vomitados
Do vasto seyo dos Baixeis guerreiros;
Do famoso Tarif allì guiados,
Que já fora Mandante dos primeiros,
E do perfido Conde, a quem se unîa
Nova copia de infames cada dia.

CL.

Junto ao Calpe famoso, antiga méta
Dos triunfos illustres do Thebano,
Que a tradiçaõ dos Gregos indiscreta
Aquî suppôz ao mar dar passo ufano,
Se alója o Mouro adusto em paz quieta,
Sem que alguem se lhe opponha a tanto damno
Porque o triste Rodrigo naõ pensava,
Que taõ prompta a perfidia o procurava.

CLI.

Mas já certo do proximo perigo
Parte em fim de Toledo, e vai buscando
De Guadalête o campo, onde o inimigo
Vinha as torpes bandeiras tremulando:
Allì disposto o Ceo para o castigo
Do cégo Rey, do povo miserando
Tinha o triste theatro, e allì se assenta
Hum, e outro arraial com ancia attenta.

CLII.

Dois dias se observáraõ mutuamente
Os dois campos oppostos; mas chegada
Era a hora fatal, que a Goda gente
Devia ser dos fados castigada:
Investiraõ-se em fim tyranamente
Huns, e outros, e foi taõ porfiada
A raiva dura, que a questaõ guerreira
Durou huma semana toda inteira.

CLIII.

Mas inclinou-se em fim ao Mouro adusto
Da brilhante victoria o vulto altivo,
E no campo Christaõ o triste susto
Foi descobrindo o gesto pensativo
Céde á força do fado o brio augusto
Dos nobres Godos, céde o genio esquivo;
O valôr, a constancia, e finalmente
Céde tudo a favor da bruta gente.

CLIV.

Rodrigo foge, o Reyno se sugeita
Ao barbaro poder; e nas Hespanhas
Inunda de Mafoma a torpe ceita
As Cidades, as Villas, as Campanhas:
Assim acaba a gloria mais perfeita
Das humanas grandezas, e façanhas;
Hum só golpe bastou para castigo
Da soberba do reyno, e de Rodrigo.

Elle

CLV.

Elle ſoube emendar a triſte ſorte;
Buſcando na deſgraça a penitencia,
E na antiga Vizeu com ſanta morte
Pôz fim ditoſo á larga paciencia;
Mas o Eſtado infeliz do golpe forte
Reſtaurar-ſe naõ póde, e na indecencia
De hum captiveiro infame envolto todo,
Para ſempre perdêo o nome Godo.

FIM DO CANTO III.

A LIBERDADE.

CANTO IV.

ARGUMENTO.

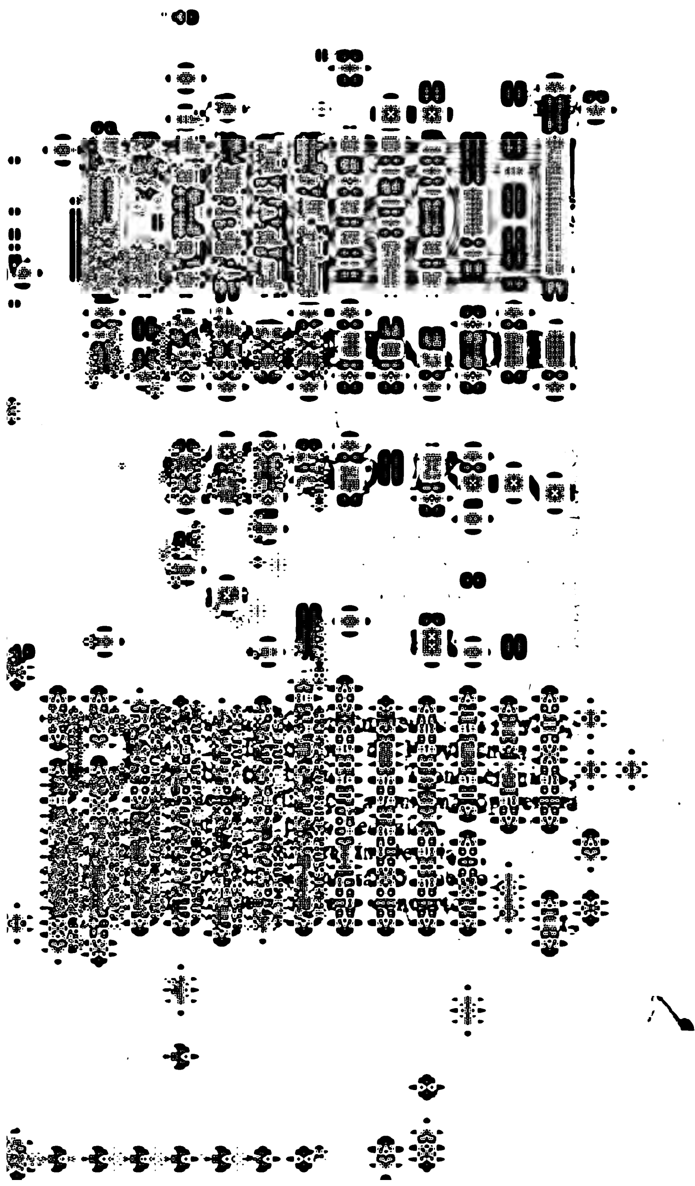


ESTRUIDO o Imperio dos Godos, se retîraõ muitos destes pelo mar a Paizes desconhecidos, e outros se embrenhaõ pelas montanhas mais asperas, athé, que juntos bastantes nas serras das Asturias, elegem por Principe a D. Pelayo, que ganhando algumas terras aos Mouros, se acclama Rey de Leaõ. Os seus Successores continuaõ a conquistar, e ElRey D. Fernando o Grande, Senhor já de tres Estados, os reparte por tres filhos, e faz D. Garcia Rey dos Portuguezes, a quem succede D. Affonso conhecido por Imperador. No tempo deste vem servir ás Hespanhas varios Principes, e entre estes o Grande Henrique de Borgonha, a quem o Rey dá huma filha em cazamento, e em dote as terras conquistadas em Portugal,

e as

e as que podesse conquistar. Succede-lhe seu filho o Senhor Rey D. Affonso I, a quem Christo Senhor Nosso apparece, e dá a investidura do Reyno de Portugal. Prosegue-se a historia dos Reys athé o Senhor D. Fernando. Casa este Princepe com a Senhora D. Leonor, que pertende arruinar os Principes da Caza Real. Tragico successo da Senhora D. Maria Telles. Cazamento da Princeza, filha do Senhor Rey D. Fernando. Morte deste Princepe, e origem da guerra. Pertende auzentar-se o Heroe, e o povo de Lisboa o embaraça, pedindo o seu amparo, e nomeando-o Defensor do Reyno. Entra em Portugal ElRey de Castella, a quem a Raynha pertende entregar o governo, e elle a manda prender em hum Convento. Atêa-se a guerra, e se fórma o cerco de Lisboa, que o Defensor pessoalmente sustenta, e manda Nuno Alvares Pereira defender as Provincias.

A



II.

Alguns a trifte vida confiando
Ao arbitrio das ondas inconftantes;
Quaes de Troya no cafo miferando
Os amigos de Eneas trepidantes,
Por incognitos mares navegando,
A paizes paffárаõ taõ diftantes,
Que naõ póde athé agora com certeza
Saber-fe o certo fim daquella empreza.

III.

Outros na mefma patria defterrados
Pelos montes, e penhas cavernofas
Do barbaro furor refugiados,
Se occultavaõ nas brenhas horrorofas;
Athé que fendo muitos congregados
Das Afturias nas ferras pavorofas,
Foi D. Pelayo delles efcolhido
Para cabeça fer defte partido.

IV.

Era Pelayo Principe valente
Refpeitado na Corte em tempo antigo;
Do Regio fangue claro defcendente,
Primo, e fobrinho do infeliz Rodrigo;
Era bravo na guerra, era prudente
No confelho, conftante no perigo,
Popular, liberal, benigno, e jufto,
Activo, fobrio, agil, e robufto.

Efte

V.

Este foi o Noé do povo Godo,
Na ruina geral daquella gente,
A quem o Céo benigno deste modo
Patriarcha fez deste continente:
Delle procede o Regio sangue todo,
Que restaurou de Hespanha a perda ingente;
E nelle mesmo teve logo effeito
Da reivendicaçaõ o saõ direito.

VI.

Porque ganhando aos Mouros muitas terras,
E chegando a formar hum novo Estado,
Já deixado o pavor das toscas serras,
Póde ser de Leaõ Rey acclamado;
E com largos trabalhos, duras guerras,
Grande perigo, e tempo dilatado,
Foi libertando de oppressaõ tamanha
Huma breve porçaõ da antiga Hespanha.

VII.

Da mesma sorte os Reys seus successores,
Qual mais, qual menos foraõ recobrando
Da escravidaõ dos barbaros horrores
As provincias, e povo miserando;
Athé que entre mais altos esplendores
De hum treplicado Ceptro, o Graõ Fernando,
Entre os filhos partindo a Monarchia;
Fez Rey da Lusa gente a D. Garcia.

Viveo

VIII.

Viveo pouco Garcia, e ſuccedido
Foi de Affonſo Monarcha valoroſo,
Em quem ſegunda vez ſe vio unido
Dos tres Ceptros o peſo glorioſo:
Eſte foi nas Heſpanhas conhecido
Por alto Imperador, Rey poderoſo
E de varias Naçoens Principes varios
A ſervi-lo paſſáraõ voluntarios.

IX.

Entre os mais conhecidos nas hiſtorias;
Henrique, o Grande Henrique he celebrado;
Cuja fama adornou de immortaes glorias
A fundaçaõ do Portuguez Eſtado:
Eſte fez noſſas armas mais notorias,
Noſſo nome maior, mais levantado,
E foi em fim o tronco da grandeza
Da Regia, Auguſta Caſa Portugueza.

X.

Era Henrique do ſangue deſcendente
Dos Reys de França por direita linha,
Digno fructo do ramo floreſcente,
Que o nobre Eſtado de Borgonha tinha;
Era moço gentil, era valente,
E a ſeus altos projectos naõ convinha
O lugar, que lhe dera a ſorte avara
De filho quarto na familia clara.

A fama

XI.

À fama illuſtre das acçoens brilhantes,
Com que a guerra de Heſpanha ennobrecia,
Athé meſmo nas Cortes mais diſtantes,
De outros Principes taes a valentia,
Lhe incitou os deſejos arrogantes
A vir provar com elles a ouſadia;
E deixando da patria o doce agrado,
A's Heſpanhas paſſou a ſer ſoldado.

XII.

Aqui ſervio por dilatados annos,
Em diverſos empregos ſempre honroſos,
Sendo dos Mouros infaliveis damnos
Todos os ſeus progreſſos bellicoſos;
Athé que em fim logrando mais uſanos
Galardoens dos trabalhos glorioſos,
Teve a filha de Affonſo por conſorte,
Por dote Portugal, o mais por ſorte.

XIII.

Porque a parte maior do Eſtado auguſto,
Que o Rey por eſte ajuſte lhe cedia,
Na dura eſcravidaõ do Mouro aduſto,
Em torpes ferros infeliz gemia;
E a naõ ſer providencia do Céo juſto,
A fundaçaõ da Luſa Monarchia,
Podéra, mais que a graça ſer perigo
Hum dote nos dominios do inimigo.

XIV.

Mas Henrique, que os riscos estimava;
Com que os grandes Heróes se fazem claros;
E no dote cedido contemplava
Insentivos de gloria mais preclaros,
Novas expediçoens já meditava
Do Sagrado Hymeneu entre os preparos;
E passando das nupcias ás victorias,
Fez as suas conquistas mais notorias.

XV.

Desde o Porto, cabeça entaõ do Estado;
A que dera felíz novo appellido,
Ennobrecendo em Portugal mudado
De Lusitania o nome esclarecido,
Sahio Henrique a demandar ousado
Os direitos do dote promettido;
E foi taõ venturoso na disputa,
Que ganhou grande parte á gente bruta.

XVI.

Toda a fertil Provincia, que se estende
Por entre o Douro, e Minho, e grande parte
Da Beira, e Traz os montes, já se rende
A's armas duras deste novo Marte:
Já do Tejo o poder lhe naõ suspende
Os triunfos, que a sorte lhe reparte,
E Lisboa com Cintra já domadas
As portas lhe tributaõ franqueadas.

Outras

XVII.

Outras muitas Cidades, e lugares
Foraõ do ſeu valor troféo preclaro,
Em que a fama das honras militares
Se conſerva a peſar do tempo avaro;
E ſem contar acçoens particulares,
Que deve Portugal ao ſeu amparo,
Só das grandes, que a hiſtoria lhe repete
Chega o numero illuſtre a dezeſete.

XVIII.

Mas naõ ſó das Heſpanhas no deſtricto,
Entre os barbaros Mouros orgulhoſos
Foi temido de Henrique o braço invicto,
Sua eſpada, ſeus golpes furioſos;
Pois da ſanta Cidade no conflicto
Vio Siaõ ſeus alentos generoſos,
Aſſiſtindo naquella illuſtre empreza
Com ſoccorro de gente Portugueza.

XIX.

Digno filho de Henrique, e mais ouſado
Affonſo lhe ſuccede, a beneficio
De cujas altas prendas empenhado
Se moſtrou claramente o Céo propicio;
Pois naõ ſó das victorias no cuidado;
Mas dos meſmos milagres no exercicio
Se vio a maõ de Deos diſtincta, e clara
Fabricar deſte Heróe a gloria rara.

He

XX.

He tradiçaõ geral, fama constante
Abonada de antigos monumentos,
Que nascera imperfeito o tenro Infante
Frustrados dos dois pés os movimentos;
E que o zêlo de hum Ayo vigilante
Para romper os duros ligamentos,
Conseguira da summa Omnipotencia
Hum prodigio de publica evidencia.

XXI.

Mas onde se mostrou mais claramente
Da protecçaõ Divina o summo amparo,
Foi no campo de Ourique onde patente
Se fez o mesmo Deos por modo raro:
Era Affonso da terra entaõ Regente,
Que fora dada em dote ao Pay preclaro;
E se dizia Principe, ou Infante
Daquelle Estado ainda vacilante.

XXII.

Tinha sido mil vezes insultado
Do visinho poder do Mouro adusto,
E tinha com fortuna libertado
Diversos povos do dominio injusto;
Mas achava-se agora ameaçado
De novos riscos de mais alto susto;
Porque em seu damno sinco Reys unidos
Se armáraõ contra os Lusos atrevidos.

Todos

XXIII.

Todos juntos em corpo poderoso
Se ostentavaõ de Ourique na campina;
Projectando com animo orgulhoso
Ao nome Portuguez total ruina;
E mais tyrano o genio furioso
Nas ventagens, que o numero lhe ensina;
Com soberbos, e barbaros clamores
Inculcavaõ o gosto entre os horrores.

XXIV.

Era taõ grande a copia dos contrarios,
Que athé nos mesmos peitos mais valentes,
Bem usados a casos temerarios
Faziaõ susto riscos taõ patentes;
Toda a gente de Affonso em modos varios,
Se achava consternada, e nos presentes
Effeitos do pavor, e da tristeza,
Se contava perdida aquella empreza.

XXV.

A vil murmuraçaõ principiava
A dominar nos peitos alterados;
E do torpe veneno, que exalava
Crescia o triste horror entre os soldados:
Por céga obstinaçaõ se reputava
O querer combater; pois bem contados
Os inimigos, eraõ tantas vezes
Cem Mouros, quantas huma os Portuguezes.

XXVI.

Mas Affonſo, que as nobres confianças
Demais altos principios deduzia,
E tinha poſto as ſuas eſperanças
Naquelle cujo culto defendia,
Firmando na fé pura as ſeguranças
Do terrivel empenho, em que ſe via;
Com devoto fervor, com zêlo raro
Se animava dos Céos no certo amparo.

XXVII.

Huma noite já quando a luz ſerena,
Das brilhantes eſtrellas declinava,
E na doce inacçaõ, que o ſomno ordena;
Grande parte da gente deſcançava;
Fatigado tambem da larga pena
Affonſo a ſocegar principiava;
Quando a rogos de hum velho venerando
Foi deſpertado do ſocêgo brando.

XXVIII.

Oʼ tu, lhe diz o velho, a quem deſtina
O Céo Supremo a nobres exercicios,
Mortal feliz, em quem a maõ Divina
Quer derramar immenſos beneficios,
Naõ temas, naõ eſtragos, ou ruina,
Naõ te aſſuſtem do riſco vaons indicios,
Que nos olhos de Deos Omnipotente
He grato o teu empenho, he innocente.

Vence-

XXIX.

Vencerás certamente, e sempre honrado
O teu nome será na larga historia;
Pois se mostra o Senhor interessado
Na feliz duração da tua gloria;
Elle tem sobre ti determinado,
E sobre a tua próle mais notoria
Pôr os olhos da sua compaixaõ
Athé *decima sexta* geraçaõ.

XXX.

Atenuada entaõ a próle augusta
Será, por altos fins da Providencia;
Mas nessa mesma atenuada ajusta
Feliz Epoca a Summa Omnipotencia;
E porque a multidaõ da gente adusta
Naõ turbe do teu zêlo a diligencia,
O mesmo Deos pertende confortar-te;
E com altos favores animar-te.

XXXI.

Elle manda, que estejas prevenido
Para sahir do Campo áquella hora;
Que no meu Oratorio for ouvido
O som da campa, que precede á Aurora:
Disse o santo Varaõ, e despedido
De Affonso, parte, que submisso adora
A bondade ineffavel, que lhe ordena
Taõ grande alivio em taõ grande pena.

XXXII.

Já da noite sombria o manto escuro
Menos denso cobria os altos montes,
E da luzida estrella o fulgor puro
Já mais claros fazia os Horizontes;
Porém inda nas sombras mal seguro
Naõ soltava Titaõ da luz as fontes,
Quando Affonso do termo assignalado
Pela voz do metàl foi avisado.

XXXIII.

De zêlo santo, de valor brilhante
Inflamado o Heróe parte ancioso;
Mas do proprio arrayal pouco distante
O suspende hum signal prodigioso:
Da parte Oriental naquelle instante
Descer observa hum rayo luminoso;
E pondo nelle os olhos com receyo,
Vê, que huma grande Cruz lhe occupa o meyo.

XXXIV.

Repara mais attento, e claramente
Na mesma Cruz, que tinha divisado,
O Salvador do Mundo vê pendente,
De Celestes Ministros rodeado;
Prostra-se Affonso humilde, e reverente
Na presença do Deos humanisado,
E adorando submisso a Divindade,
Lhe falla em fim com esta liberdade.

XXXV.

Que fim, Senhor, que causa vos obriga
A prodigio taõ grande em meu proveito?
Por ventura quereis da fé antiga
Accrescentar em mim o puro effeito?
Em mim, Senhor? A quem no seyo abriga
A vossa Igreja, a que nasci sujeito?
Apparecei, Senhor, aos infieis,
Que naõ sabem quem sois, quanto podeis.

XXXVI.

Naõ presumas, responde o Deos piedoso,
Que augmentar tua fé foi meu cuidado;
Confortar-te no caso duvidoso,
He effeito feliz do meu agrado:
Confia, Affonso, em mim, serás ditoso,
Naõ só neste combate receado;
Mas em quantas batalhas, e perigos
Te moverem da Cruz os inimigos.

XXXVII.

Acharás tua gente alegre, e forte
Para a guerra presente, e persuadido
Serás della a provar do risco a sorte,
Com titulo de Rey sempre applaudido;
Naõ duvides toma-lo, e naõ te importe
Qualquer receyo vaõ, mal entendido,
Que eu sou só quem os Reynos edifica,
Quem os abate, quem os multiplica.

Eu

XXXVIII.

Eu quero em ti, e tua deſcendencia
Para mim conſtruir hum novo Imperio,
Donde ſeja o meu Nome com decencia
Levado á gente eſtranha em culto ſerio;
E porque ſe conſerve na evidencia
O principio feliz deſte myſterio
Tomarás por inſignia o preço unido,
Com que eu comprei o Mundo, e fui vendido.

XXXIX.

Diſſe, e dos olhos do Varaõ ditoſo
Deſapparece qual brilhante rayo,
Que nas noites do Eſtio caloroſo
Por entre as nuvens faz da luz enſayo:
Rende as graças Affonſo fervoroſo,
E já ſeguro do mortal deſmayo
Da ſua gente, volta para a tenda
A diſpôr os preparos da contenda.

XL.

Vinha a nitida Aurora afugentando
As eſtrellas da viſta dos mortaes,
De purpureos reflexos matizando
Perſpectivas brilhantes de criſtaes,
Quando a gente de Affonſo deſpertando
Animada de alentos Marciaes,
A' barraca do Rey corre atrevida
A pedir-lhe a batalha antes temida.

Mas

XLI.

Mas primeiro, lhe diz, que os ferros duros
Nessa turba infiel hoje empreguemos,
Todos juntos, Senhor, com votos puros
Huma graça de vós só pertendemos;
Que permittais, que em vosso amor seguros
Por nosso Rey, aqui vos acclamemos,
E que adornado deste nome agora
Nos leveis ao combate sem demóra.

XLII.

Respeita Affonso a Summa Divindade
Nos effeitos da sua providencia,
E se rende submisso á dignidade,
Que recebe da maõ da Omnipotencia;
Rey se deixa chamár, e na igualdade
Das vozes da geral benevolencia,
Outra vez reconhece a maõ Divina,
Que taõ altos favores lhe destina.

XLIII.

Tal foi do nosso Reyno a investidura,
Tal o primeiro Rey, que em fim guiado
Pela maõ do Senhor, com fé segura,
Sobre os contrarios corre confiado;
E bem, que a multidaõ da gente impura
Algum tempo resiste; em fim frustrado
Do poder Mauritano o torpe excesso,
Servio só para gloria do successo.

Igual-

XLIV.

Igualmente de gloria revestidas
As armas deste Rey por largos annos;
Foraõ sempre com palmas repetidas
Terror geral dos feros Mauritanos;
Naõ podem ser a conta reduzidas
As batalhas, que deu; mas sem enganos
Se sabe, que saõ tantas as victorias,
Quantas suas emprezas bem notorias.

XLV.

Lisboa, Santarem, Palmella, Almada,
Elvas, Evora, Béja com Trancoso,
Mafra, Cintra, e Alenquer da sua espada
Saõ pequeno troféo defectuoso;
Pois nos longes da fama já gastada
Das injurias do tempo ambicioso,
Inda o vulto lhe adorna em nóbres vistas
Mais copioso esmalte de conquistas.

XLVI.

Mas naõ só das conquistas no processo
Se fez do grande Affonso a fama clara;
Pois de santas virtudes no progresso
Outra gloria alcançou, naõ menos rara;
Do seu zêlo piedoso o nobre excesso
Conservado a pesar da sorte avára,
Entre outras fundaçoens fazem patente
Santa Cruz, Alcobaça, e Sam Vicente.

Alli

XLVII.

Alli o tempo todo, que restava
Dos cuidados do Reyno indispensaveis;
O devoto Varaõ com Deos gastava
Em desvelos de obsequio insaciaveis:
Alli com zêlo santo se empregava
Em actos de humildade incomparaveis;
Observando com pia reverencia
O mais puro rigor da penitencia.

XLVIII.

Assim ditosamente repartida
Em cuidados de gloria, e de piedade
Por todo o modo foi de Affonso a vida
Hum modelo feliz de Heroicidade:
Foi sua morte á vida parecida;
E passando a gozar da eternidade,
Em Coimbra seu corpo existe inteiro
De Santa Cruz guardado no Mosteiro.

XLIX.

Sancho filho de Affonso, ao Pay succede
Naõ sómente no Trono, mas na gloria;
Pois a sorte benigna lhe concede
Multiplicadas palmas de victoria;
Mas o lustre maior de que procede
Ser eterno dos nossos na memoria,
Foi o zêlo feliz do seu governo
Nas providencias do reparo interno.

Os

L.

Os desertos incultos fabricados,
Povoadas as Villas destruidas,
Outros povos de novo edificados,
As antigas Cidades guarnecidas,
Os cultores dos campos animados,
As fadigas humildes protegidas
Saõ eternos padroens, em que sustenta
As memorias de Sancho a fama attenta.

LI.

De Sancho successor, e filho augusto
Foi Affonso segundo, a cuja espada
A soberba cruel do Mouro adusto
Cedeo, mais de huma vez, desanimada:
Permanente, a pesar do tempo injusto,
Vive a sua memoria eternizada,
Com abono immortal de illustres provas
Em Alcacere, em Moura, e Torres novas.

LII.

Pela falta de Affonso, o Trono altivo
Outro Sancho occupou, Principe brando,
A quem o povo indocil, sem motivo,
Substituio o Irmaõ no Regio mando;
Mas foi feliz o crime, se nocivo
Naõ fosse á honra exemplo taõ nefando,
Pois de Affonso terceiro o nome egregio
Foi adorno immortal do Solio Regio.

LIII.

Este foi o primeiro, em cuja frente
Se vio com largas palmas adornado,
Duplicado Diadema permanente,
De Castellos, e Quinas matizado,
Unindo a Portugal constantemente
Dos Algarves o Reyno conquistado;
Elle em fim conseguio nas suas terras
Render os Mouros, acabar as guerras.

LIV.

Succedeo-lhe Diniz Principe egregio
De relevantes prendas assistido,
Em cujas maons florente o Ceptro Regio
Brotou mil fructos de valor subido;
Logrou de Ray da patria o privilegio
Por diversos motivos conseguido;
Pois foi ao mesmo tempo recto, affavel,
Liberal, cuidadoso, e respeitavel.

LV.

Das sciencias, das leys, da agricultura
Zelozo Protector, Mestre elegante,
Elle fez succeder á guerra dura
Da policia civil a luz brilhante;
Elle mesmo das Musas a doçura
Accommodou á lingoa dissonante,
E foi Auctor da Rima Portugueza,
Que praticou com graça, e com destreza.

Affonso

LVI.

Affonſo quarto, de Diniz herdeiro
Foi no Trono Real, por ſua morte,
Conhecido por bravo, e juſticeiro,
Porém de animo illuſtre, e peito forte:
Eſte, ſendo do Genro companheiro
Contra o Mouro poder, com alta ſorte,
Nas memoraveis margens do Saládo
Deixou ſeu claro nome eternizado.

LVII.

Fora ſempre feliz a ſua gloria
Na lembrança de acçaõ taõ bem lograda,
Senaõ manchaſſe as palmas da victoria
Com ſevero rigor na paz dourada;
Mas desluſtra-lhe os cultos da memoria
O triſte horror da furia envenenada,
Com que fez da belleza, e da innocencia
Eſcandaloſo objecto da violencia.

LVIII.

Era naquelle tempo eſmalte claro
Dos adornos da Corte Portugueza,
Ignez, a bella Ignez, prodigio raro
De virtudes, de prendas, e belleza,
Que ajuſtando, a peſar do fado avaro,
As graças da figura ás da viveza,
Do Succeſſor do Reyno glorioſo
Era doce priſaõ, laço goſtoſo.

Mas

LIX.

Mas o Pay, que ſevero, e recatado
Taõ ſuaves cadêas abomina,
De conſelhos perverſos incitado,
Em quem a torpe inveja ſó domina;
Por caſtigo do Filho namorado,
Tirar Ignez do Mundo determina;
E pelas meſmas maons da inveja infame
Faz, que o ſangue innocente ſe derrame.

LX.

Enganou-ſe porém no ſeu conceito
Dos Miniſtros crueis a confiança;
Pois do Principe illuſtre o claro peito
Naõ ſofre injuria tanta ſem vingança,
Antes mais irritado o duro effeito
Dos repetidos golpes da lembrança,
Sobre o Trono ſubindo, brevemente
Lhe fez ſentir a pena competente.

LXI.

Eſte foi o famoſo Pedro auguſto,
Rey naõ menos activo, do que amante,
Obſervador das leys, ſevero, e juſto;
Mas de graças naõ menos abundante;
Foi dos vicios terror, dos crimes ſuſto;
Mas da virtude amparo taõ conſtante,
Que chamava perdido aquelle dia,
Em que alguma mercê naõ diſpendia.

Deſta

LXII.

Deſte o ſer recebi, deſte a memoria
Em meus cultos ſerá ſempre applaudida;
E da luz immortal da ſua gloria
Será ſombra fiel a minha vida;
Naõ ſerá, ſe eu puder, a ſua hiſtoria
Pela minha fraqueza deſmentida;
Mas eu que digo! Sabe Deos ſe a ſorte
Me permitte imitar Varaõ taõ forte.

LXIII.

Succedeo-lhe Fernando no governo,
Principe bom, mas leve, e deſcuidado;
De preſença gentil, de peito terno,
Mas inconſtante, e mal aconſelhado;
Appetitoſo do dominio externo,
Nunca contente do ſeu proprio eſtado,
Liberal ſem medida, impetuoſo
Nas paixoens, nos projectos orgulhoſo.

LXIV.

Perdõe a natureza, ſe offendidos
Os reſpeitos de Irmaõ, culpo a Fernando;
Mas dos ſeus deſconcertos ſaõ naſcidos
Os eſtragos do Reyno miſerando;
Elles foraõ no tempo já ſentidos
Daquelle triſte Rey; porém cobrando
Novas forças o mal, por ſua morte,
Na céga confuſaõ ſe fez mais forte.

Tinha

LXV.

Tinha ſido Fernando deſpoſado
Já com duas Princezas ſem effeito ;
Fruſtrando ſempre a fé do nó ſagrado
A leveza fatal do ſeu conceito ;
Quando de hum torpe amor deſordenado,
Sem defenſa rendido o brando peito,
Uſurpou para Eſpoſa, indignamente,
A legitima Eſpoſa de hum parente.

LXVI.

Daqui teve principio a deſventura,
Daqui toda a deſordem foi naſcida ;
Que ſempre foi penſaõ da formoſura
Ser de eſtragos fataes cauſa luzida ;
Porque a nova Raynha, em quem ſe apura
O rigor da perfidia mais creſcida ;
Receando do fado as contingencias,
Quiz fazer das ruinas providencias.

LXVII.

Pareceo-lhe, que os grandes orgulhoſos
Moſtravaõ pouco goſto em ſeus cortejos,
E que os filhos de Pedro perigoſos
Podiaõ ſer, talvez, a ſeus deſejos ;
E cogitando meyos horroroſos,
Para perder qualquer, mais que ſobejos,
Pelo Infante Diniz principiando
A ruina do Irmaõ foi meditando.

LXVIII.

Merece a compaixaõ defte fucceffo
Mais diftincta attençaõ na fua hiftoria;
E por iffo talvez no feu progreffo
Darei mais largas vélas á memoria;
Mas naõ recêes, naõ, que algum exceffo
Desfigure tragedia taõ notoria;
Porque as côres fómente da verdade
A faraõ laftimofa a toda a idade.

LXIX.

Tinha fido Diniz já defterrado,
Por difputar obfequios á Raynha;
E daquelle fucceffo horrorizado
Aprendido a teme-la o Reyno tinha:
De todos o feu culto era obfervado,
Talvez mais, do que a todos nos convinha;
Mas Joaõ de Diniz Irmaõ inteiro,
Era neftes obfequios o primeiro.

LXX.

Affectava a Raynha aftutamente,
Eftimar rendimentos taõ brilhantes;
E no perfido vulto indignamente
Lhe moftrava os agrados mais conftantes;
Mas tendo projectado, infamemente,
A precifa ruina dos Infantes,
Abufando da mefma complacencia,
Fez fervir para eftrago a confidencia.

Era

LXXI.

Era Irmã da Raynha outra belleza
De naõ menos agrado, e mais candura;
A cujas prendas, com gentil fineza,
Votava o claro Infante a fé mais pura;
E julgando com triste subtileza
Tirar do amor os meyos da ventura,
Lhe déra as maons de Esposo na esperança
De alcançar da Raynha a confiança.

LXXII.

Mas aquella, que os laços mais sagrados
Da fé, da natureza, e da amizade
Reputava sómente vaons cuidados
De huma timida, vil simplicidade,
Abusando dos mesmos predicados,
Em que a ley da affeiçaõ funda a verdade;
Da ruina da Irmã com torpe objecto
Fez a baze cruel do seu projecto.

LXXIII.

Pois mostrando estimar do nobre Infante
Agora mais que nunca as claras prendas;
E cobrindo do zêlo mais brilhante
As idêas do odio mais horrendas,
De pranto vil o perfido semblante
Banhado todo, em vozes estupendas,
Lhe verte em fim hum dia nos ouvidos
O veneno cruel destes gemidos.

LXXIV.

Ah! quanto, Illuſtre Infante, ah! quanto cuſta
Ser fiel na amizade; e quem podera,
Sem faltar ao dever da fé mais juſta,
Disfarçar da verdade a voz ſevera:
Eu temo parecer ao Mundo injuſta;
Mas eu ſou voſſa amiga, eu ſou ſincera,
E naõ devo por ſuſto, ou por engano,
Occultar-vos mais tempo hum deſengano.

LXXV.

Minha Irmã naõ conhece a honra illuſtre,
Que de ſer voſſa Eſpoſa lhe reſulta,
E com termo infiel, com vil desluſtre,
Da fé ſagrada as ſantas leys inſulta;
O Mundo falla, temo, que ſe fruſtre
Algum disfarce, com que o crime occulta;
E naõ quero, que poſſa parecer-vos,
Que eu concorro tambem para offender-vos.

LXXVI.

Bem ſei, que neſte aviſo, inſulto ingrata
As leys mais puras do amor fraterno;
Mas a taõ grande exceſſo me arrebata
A triſte força de hum horror interno;
Pois ſe a pena do crime ſe dilata,
Se fará no rumor da fama eterno;
E ficará das gentes na memoria,
Manchada a voſſa honra, e a minha gloria.

Eu

LXXVII.

Eu ſinto a voſſa dôr; mas talvez ſeja
Providencia do Céo eſta deſgraça,
De cuja execuçaõ preciſa eſteja
Dependente do Reyno a ſorte eſcaça;
Pois talvez a peſar da torpe inveja,
A Portugueza gloria aſſim renaſça
Do ſeu proprio eſplendor, que amortecido
Se via quaſi a cinzas reduzido.

LXXVIII.

Vós ſabeis, que eu naõ tenho de Fernando
Mais do que huma ſó Filha, a quem deſtina
O cuidado do Rey o Regio mando,
No conſenſo do povo, que domina;
E que dentro da Patria naõ achando
Caſamento decente, determina
Dar-lhe hum Principe eſtranho por Eſpoſo;
Projecto a Portugal ſempre odioſo.

LXXIX.

Mas pois agora a ſorte vos faculta
Os meyos de romper o laço indigno,
Que os empenhos ſómente difficulta,
De que o voſſo valôr vos faz taõ digno;
Quebrada a vil priſaõ, que vos inſulta,
A' Princeza aſpirai; que o Rey benigno
Nada deſeja tanto, e deſte modo
Ficará ſatisfeito o Reyno todo.

LXXX.

Disse, e cada palavra acompanhada
De huma enchente de perolas fingidas;
Parecia por força articulada
Dos impulsos das magoas mais sentidas;
E com tantos suspiros abonada
A torpeza das culpas repetidas
Era capaz de obrar o seu effeito
No mais prudente, mais discreto peito.

LXXXI.

Ouvia o triste Infante, entre cuidados,
A cruel relaçaõ da sua afronta,
E naõ menos os meyos indicados
A subir sobre o Trono em paz mais prompta;
Mas recordava os nobres predicados
Da chara Esposa, cuja fama aponta
Tantas provas de amor, de honra, e verdade,
Que mal póde suppór-lhe falsidade.

LXXXII.

Da dôr, e da ambiçaõ o cégo effeito
Lhe inspirava projectos horrorosos;
Mas naõ menos a fé no terno peito
Lhe ministrava impulsos generosos;
Ora triunfa amor no seu conceito,
Ora a força dos eccos aleivosos;
Mas em fim póde mais, do que a virtude,
A vingança, e ambiçaõ, que o peito illude.

Preci-

LXXXIII.

Precipitado, cégo, e sem reparo
Parte logo a Coimbra o triste Infante;
Onde a scena fatal o fado avaro
Para a tragedia armava mais tocante;
Alli da fé mais pura, e exemplo raro;
Entre applausos do povo circunstante
Existia a bellissima Maria,
Em virtudes mais clara cada dia.

LXXXIV.

Alli do charo Esposo o nome amado,
Sem cessar, repetia ardentemente,
E com doces memorias o cuidado
Divertia da ausencia, honestamente;
Alli o tempo em obras occupado
De virtudes Reaes, de amor decente,
Os momentos, que a Deos naõ consagrava;
Nas lembranças do Esposo os empregava.

LXXXV.

Huma noite, que a força da ternura
Mais cruel lhe fazia a larga ausencia,
Ou do risco imminente a sombra escura
Lhe inspirava presagios de violencia,
Ferido o coraçaõ de dor mais pura,
Por occultar estragos da impaciencia,
Do leito a solidaõ buscou mais cedo,
Para poder chorar com mais segredo.

LXXXVI.

Alli só dos seus males affiftida,
Dos seus sustos, das suas saudades,
E de occultos horrores commovida,
Que lhe arguiaõ tristes novidades,
Soltando a redea toda á dor crescida,
Para dar-se da queixa ás liberdades,
Estas vozes dirige magoada,
De hum retrato do Esposo á vista amada.

LXXXVII.

He possivel talvez, querido Esposo,
Que te esqueças de mim! Tu que fazias
As delicias do tempo mais gostoso,
Das doces horas só, que me assistias!
He possivel, que seja mais forçoso,
No teu peito fiel, por tantos dias,
Hum pequeno negocio, que te prende
Do que a nobre paixaõ, que em ti se accende.

LXXXVIII.

He possivel, que a força da fineza,
Que tanto póde em mim, tanto me obriga,
Obre em ti com taõ pouca fortaleza,
Que arrancar-te da Côrte naõ consiga?
Acaso vive em ti menos accesa
A chama nobre da paixaõ antiga?
Ou te parece em fim menos decente
A prisaõ, que beijavas reverente?

Eu

LXXXIX.

Eu naõ mereço menos por ser tua;
Antes prézo taõ alta qualidade,
Que a ventura feliz me perpetúa
De gozar teu amor com liberdade;
Pois como póde ser; que em ti destrúa
O nó da fé os laços da vontade?
E se alhêa podia merecer-te,
Como por tua poderei perder-te?

XC.

Eu sou a mesma sempre, o mesmo peito;
O mesmo coraçaõ, o mesmo gosto
Acharás sempre em mim, preciso effeito
De hum dever por affecto, e fé imposto;
Pois se em mim vive eterno amor perfeito;
Como posso suppôr em ti desgosto?
Mas ah! que póde ser, que o mesmo tracto
Com excessos de amor te faça ingrato.

CXI.

Ingrato disse; e foi a vez primeira,
Que lhe deu este nome; mas o Fado
A fez por mal de todos verdadeira,
Na prompta execuçaõ do golpe irado;
Pois a penas o som da voz ligeira
Ferira brandamente o ár delgado,
Quando á porta se mostra do aposento,
Do cégo Infante o vulto turculento.

En-

CXII.

Entre susto, e prazer sobresaltada,
Querido Esposo, diz; mas naõ prosegue;
Porque logo nas vozes atalhada,
Se vio ás maons crueis da raiva entregue;
De dois barbaros golpes traspassada,
Nem poder ser ouvida em fim consegue,
E cahindo do leito esmorecida,
De hum suspiro exalou a triste vida.

CXIII.

Foi geral desta morte o sentimento,
Geral o triste horror do golpe indigno,
Geral a indignaçaõ contra o violento
Vil proceder do Principe maligno;
Mas aquelle, que o cégo pensamento
Occupava no credito benigno,
Que esperava lograr por esta empreza,
No sublime Consorcio da Princeza,

CXIV.

Despresando com barbara ousadia
Os clamores da propria consciencia,
Outra vez para a Côrte os passos guia
A tractar deste empenho a consequencia;
Mas onde em fim julgava, que acharia
Auxilio certo, encontra a rezistencia;
Porque a Raynha em lagrimas banhada,
Se affectava do caso exasperada.

Co-

XCV.

Conheceo porém tarde o torpe engano,
O desgraçado Infante, e perseguido
Pela mesma, que origem foi do damno;
Obrigado a fugir, se vio perdido;
Pois entrando no Reyno Castelhano,
Alli entre prisoens geme opprimido,
Com que o Rey inimigo em proprio abono
Lhe impede os passos para o patrio Trono.

XCVI.

Mas em tanto, que errante, e fugitivo
Entre sustos, pagava o triste Infante
O castigo do erro vingativo,
E da céga ambiçaõ pena bastante;
A Raynha tomando por motivo
Interesses do Trono vacilante,
Com ElRey de Castella em firme laço
A Princeza ajuntou, sem embaraço.

CXVII.

Era o fim principal do seu projecto
Fazer o seu poder mais respeitado,
Pela morte do Rey, de cujo affecto
Bem via ser sómente derivado;
Mas cobrindo com termo circunspecto
Os seus intentos de razoens de Estado;
Dispoz em fim a fórma deste ajuste,
De sórte, que a Naçaõ se naõ assuste.

Ajustou-

XCVIII.

Ajuſtou-ſe, que o dote da Princeza
Seria agora o meſmo, em que já fôra
Abonada outra Infanta Portugueza,
Que tambem de Caſtella foi Senhora;
Que lograria as terras, e riqueza
Da Raynha de Heſpanha anteceſſora,
E que faltando filhos a Fernando,
Herdaſſe em Portugal o Regio mando.

XCIX.

Porém, que em todo caſo, ſeparado
Eſte Reyno ſeria, e dividido
Do dominio Heſpanhol, auctorizado
Por proprio Rey, ſó nelle obedecido;
Que eſte ſeria o fructo ſazonado
Deſte novo Conſorcio produzido;
E que os filhos naſcidos da Princeza
Se criaſſem na Côrte Portugueza.

C.

Que faltando Fernando antes, que o neto
Por ſi reger podeſſe a Luſa gente,
O governo do Reyno então completo
Gozaria a Raynha livremente;
E que em falta daquella, o ſeu diſcreto
Arbitrio poderia finalmente
Nomear nacionaes Governadores,
Dos Tractados fieis executores.

Que

CI.

Que os empregos Civis, e Militares
Dos Nacionaes sómente verdadeiros
Seriaõ pertençoens particulares,
Com perpetua exclusaõ dos Estrangeiros;
E que na privaçaõ destes lugares,
Se reputassem sempre forasteiros
Os mesmos Portuguezes, que a Castella
Serviraõ contra a Patria em damno della.

CII.

Que os foros, isençoens, e liberdades,
Ou por leys, ou costume auctorizadas;
Seriaõ sem mudança, ou novidades,
Em toda sua força conservadas,
Que os privilegios, terras, e Cidades,
Que algum Rey Portuguez tivesse dadas,
Igualmente seriaõ permanentes
Na Raynha, e Vassallos dependentes.

CIII.

Estes foraõ, se bem recordo agora,
Os principaes artigos de hum Tractado,
Que os Reys ambos juráraõ sem demora,
Sobre o Corpo de Christo consagrado;
Mas que foi apesar da fé, que implora,
Por Castella taõ mal executado,
Que das suas crueis faltas perjuras
Procedem todas nossas desventuras.

Pois

CIV.

Pois apenas da Parca o golpe avaro
De Fernando cortou o triſte alento,
Quando a cega ambiçaõ por modo claro;
O véo raſgou do torpe fingimento;
E quebrantadas, com deſprezo raro,
As leys da honra, e a fé do juramento,
Servio ſó de pretexto á tyrania
O mais ſagrado laço da harmonia.

CV.

Ficára, pela falta de Fernando,
Confórme do Tractado a providencia,
A Raynha Viuva governando
O Reyno, com total independencia;
E dos meſmos contractos obſervando
As condiçoens tocantes á Regencia,
Eſperava, que o Céo lhe concedeſſe
Hum neto, a quem o Reyno obedeceſſe.

CVI.

Mas o Rey de Caſtella, em cujo peito,
Para ſua ruina, e noſſos damnos,
Fazia da ambiçaõ o cégo effeito
Revolver penſamentos mais tyranos,
Accuſando por falta de reſpeito,
Eſta juſta iſençaõ dos Luſitanos,
Com as armas na maõ, na Luſa terra
Se oſtentou promptamente, em tom de guerra.

Aſſuſ-

CVII.

Assustou justamente este projecto
Huma Naçaõ, que adora a liberdade;
E da mesma Raynha o terno affecto
Se horrorisou daquella novidade;
Acodio-se á defensa, e foi completo
O geral alvoroço em toda a idade,
Homens, mulheres, velhos, e meninos
Todos buscaõ das armas os destinos.

CVIII.

Eu fui naquella empreza nomeado
Para guardar algumas das Fronteiras;
E com ordens precisas obrigado
A rebater as armas estrangeiras;
E assim outros tambem, a que o cuidado
Da Raynha deu mostras verdadeiras,
De querer defender a todo o custo,
O paiz natural, de hum jugo injusto.

CIX.

Mas durou pouco tempo a chama pura
Do patrio amor, no peito da Raynha,
Em quem vivia sempre mal segura
A firmeza da fé, que lhe convinha;
Porque logo o rigor da sórte dura,
Que a nossa divisaõ jurado tinha,
Lhe ministrou motivos de pesares
Nascidos de razoens particulares.

CX.

Delles queixosa ; com tyrano intento ;
De vingar-se sómente dezejosa,
Sacrificando tudo ao sentimento,
Se retirou da Côrte ; desgostosa ;
E seguida de hum grande ajuntamento
De parentes, e gente officiosa,
Se passou de Alenquer á Fortaleza,
Praça sua, se bem que Portugueza.

CXI.

Allî crescendo mais a força activa
Da dura raiva, em odio dos culpados
Na sua indignaçaõ sempre mais viva ;
A pesar dos perdoens solicitados,
Confundindo na furia vingativa
Todo o resto dos Lusos desgraçados ;
Ella mesma incitava o Genro injusto
A tomar Portugal a todo o custo.

CXII.

Mas naõ fora precisa aquella instancia ;
Supposto que gostosa, ao Rey tyrano,
Que a pesar já da mesma repugnancia,
Entrára pela Beira, em nosso damno :
Cresceo com tudo agora de arrogancia
Mayor ardor no peito Castelhano,
E passando da Beira á Estremadura,
Da Sogra a companhia em fim procura.

Eu

CXIII.

Eu entaõ, ſobre quem mais claramente
Fulminava a Raynha os ſeus enfados,
E que já do ſeu odio antigamente,
Tinha provado effeitos porfiados,
Aconſelhado de hum temor prudente
A precaver ſucceſſos mais peſados,
Deixar determinava a patria terra,
E paſſar ao ſerviço de Inglaterra.

CXIV.

Mas apenas no povo de Lisboa
Se ouvio algum rumor do meu intento,
Quando a parte mayor da gente boa
Se me ajuntou á porta do apozento;
E com vozes, que a dor ſómente entoa
Nos impulſos de hum vivo ſentimento,
Me pediaõ, que houveſſe de leva-los,
Ou naõ quizeſſe aſſim deſampara-los.

CXV.

Commoveo-me, confeſſo, aquelle aſpecto,
Commoveo-me a ternura deſta gente;
E ſuppoſto que firme em meu projecto,
Me ſentia abalar, internamente,
Concorria da Patria o proprio affecto
A fazer eſte empenho mais valente;
Mas a força do riſco, em que me via,
Mudar de opiniaõ já naõ ſoffria.

CXVI.

Desci a consola-los magoado
De naõ poder ser mais agradecido;
Nos effeitos supprindo de hum agrado
As faltas do remedio appetecido;
Mas dos braços de todos rodeado;
A penas fui por elles recebido;
Me vi mais opprimido da ternura
Entre lagrimas, rogos, e brandura.

CXVII.

Fiz-lhe ver do meu risco a contingencia;
O poder da Raynha, e Rey contrario,
A mal fundada dor da minha ausencia,
Os perigos de hum caso temerario,
De huma guerra civil a consequencia,
A inconstancia do vulgo sempre vario;
Mas a tudo sómente era reposta,
Que em mim toda a esperança estava posta.

CXVIII.

Crescia o meu pesar; mas naõ podia
Convencer-se a razaõ do sentimento;
Porque a toda a ternura resistia
Do meu risco o fatal conhecimento;
Porém quando mais firme parecia
Na prompta execuçaõ do meu intento;
Entaõ Goes Cavalleiro illustre, e forte
Principia a fallar-me desta sórte.

Se

CXIX.

Se naõ basta, Senhor, o desamparo
Deste povo infeliz, que afflicto chora;
A mover vosso espirito preclaro
A' nobre compaixaõ, que vos implora;
Se he inutil o rogo, e sem reparo
Deixais huma Naçaõ, que vos adora
Ao menos permitti, que o nosso affecto
Pondere sem paixaõ vosso projecto.

CXX.

Supponhamos talvez, que de Inglaterra
No serviço fazeis grandes progressos,
E que a sórte felîz em paz, e guerra
Vos concede os mais prosperos successos:
Porventura esperais naquella terra,
Depois de mil fadigas, mil excessos,
Alcançar algum premio mais formoso,
Do que hoje recusais escrupuloso?

CXXI.

Quando sereis Senhor de huma Cidade
Porquem deva Lisboa ser trocada?
Ou donde encontrareis mais lealdade
Do que por vós agora he desprezada?
Pois se aqui tendes certa a dignidade,
O poder, e grandeza desejada;
Porque razaõ deveis deixar agora
O que haveis de estimar em outra hora?

CXXII.

E se a gloria sómente he quem vos chama
A's illustres fadigas de Mavorte,
E de hum nome immortal a nobre fama
Vos convida a buscar mais alta sórte,
Onde póde da guerra a clara chama
Luzir mais gloriosa, arder mais forte,
Do que nas dissençoens, com que hoje assusta
Ao valor Portuguez a sórte injusta.

CXXIII.

Pois se a favor da patria liberdade,
Da ternura, e da fé da propria gente,
Podeis benigno, em nossa utilidade
Ostentar o valor taõ dignamente,
Que razaõ, que receyo, ou que impiedade
Vos separa de nós tyranamente?
Ah! Senhor, se saõ fortes vossos sustos,
Naõ saõ nossos receyos menos justos.

CXXIV.

Nós todos estimamos nossas vidas;
Mas estimamos mais a Patria amada;
Por cuja liberdade bem perdidas
Seraõ, se assim o quer a sorte irada;
E se em nós taes finezas saõ devidas,
De vós mais alta empreza era esperada,
Pois nós somos patricios simplesmente,
Vós Principe, e patricio juntamente.

Nós

CXXV.

Nôs devemos ſervir; a vós toçava
Suſtentar os direitos deſte Eſtado,
Que dos voſſos alentos confiava
A direcçaõ de empenho taõ honrado:
Em vós da Regia prole contemplava
Hum reſto precioſo, em quem guardado
Julgava ter o reyno, em toda a idade,
Hum ſeguro penhor da liberdade.

CXXVI.

Nós naõ tememos os crueis effeitos
Dos Caſtelhanos feros ameaços,
Naõ nos turba o receyo os nobres peitos,
Nem nos prende o temor os fortes braços;
O que faz vacillar noſſos conceitos,
O motivo dos noſſos embaraços,
A falta he ſó de hum Principe benigno,
Que dos noſſos reſpeitos ſeja digno.

CXXVII.

O voſſo auguſto Irmaõ, a quem devido
Eſte reyno ſeria, ſem diſputa,
Entre indignas priſoens geme opprimido
Da tyrana ambiçaõ cautela aſtuta,
E na falta do Principe impedido,
Eſperava eſta gente reſoluta
Achar em vós hum Defenſor valente,
Que amparaſſe a Naçaõ illuſtremente.

CXXVIII.

Naõ malogreis, Senhor, noſſa eſperança;
Nem recuſeis taõ nobre qualidade,
Que a peſar da ambiçaõ, e da vingança,
Vos fará immortal em toda a idade;
Fiai de nós a voſſa ſegurança,
Patrocinai a noſſa liberdade;
E nos riſcos da Patria naõ ſe creia,
Que buſcais por temor a terra alheia.

CXXIX.

Se o Principe quebrar os duros laços,
Voſſa gloria ſerá ſalvar-lhe o Trono;
Pois ſereis a peſar dos embaraços,
Da Patria Defenſor, do Rey Patrono;
E ſe o fado cruel lhe impede os paſſos,
Trabalhareis, Senhor, em noſſo abono:
E de qualquer maneira a fé devida
Achareis ſempre em nós por toda a vida.

CXXX.

Ponderai bem agora a differença
De ſervir em paiz deſconhecido,
Ou de ſervir da Patria na defenſa,
Dos voſſos nacionaes obedecido:
Lá ſerá ſempre incerta a recompenſa,
Aqui tendes o premio conſeguido
No reſpeito de todos, na ternura,
Na conſtante amizade, na fé pura.

Nós

CXXXI.

Nós todos vos amamos, nós naõ temos
Interesses dos vossos separados;
Pois os mesmos estragos, que tememos,
Saõ por vosso respeito originados.
Por vós, Senhor, por vosso amor nos vemos
A taõ duros empenhos obrigados,
Agora vêde bem se em taes perigos
Nos deixareis nas maons dos inimigos

CXXXII.

Naõ disse mais; porém o triste aspecto,
Os soluços de todos, a ternura
De algumas expressoens do fino affecto,
E mil outros signaes da fè mais pura
Fizeraõ tal mudança em meu projecto,
Que vencida a prudencia da brandura,
Lhe respondi por fim, que eu me rendia
A seus rogos, e nelles consentia.

CXXXIII.

Convocou-se a Nobreza, os Magistrados,
O Clero, e todo o Povo da Cidade,
Porque fossem por todos approvados
Pensamentos daquella qualidade,
E por votos geraes auctorisados
Os projectos da nossa liberdade,
Defensor deste Reyno me acclamaraõ,
E servir-me fieis todos juraraõ.

En-

CXXXIV.

Entre tanto a Raynha, em quem ardía
Da vingança cruel o fogo activo,
E na vinda do Genro presumia
Satisfazer o genio vingativo;
Passando a Santarem, dalli fazia
Avultar das discordias o motivo,
E com vivas instancias apressava
As armas Castelhanas, que implorava.

CXXXV.

Chegou em fim o Rey, foi recebido
Com lagrimas crueis, queixas tyranas,
E com rogos infames impellido
A's vinganças mais duras, mais insanas,
Mas aquelle, que tinha no sentido
Mais altivas emprezas, mais ufanas,
Conhecendo da Sogra a crueldade,
A converteo em propria utilidade.

CXXXVI.

Fez-lhe crer, que seria necessario
Transferir-lhe os direitos da Regencia,
Para mais livremente o povo vario
Reprimir no castigo da insolencia;
E querendo por modo extraordinario
Tirar toda a razaõ de competencia,
Apenas conseguio o seu intento,
A prendeo na clausura de hum convento.

Fez-

CXXXVII.

Fez-se logo sentir por toda a parte
O ruido das armas estrangeiras,
E deposto o rebuço, o duro Marte
Se desatou nas iras mais grosseiras:
Por todo o Portugal o Rey reparte
Soldados, armas, capitaens, bandeiras;
Mas a força maior da sua armada
Sobre a triste Lisboa foi mandada.

CXXXVIII.

Era grande o poder, e se augmentava
Das nossas mesmas cegas competencias;
Pois parte da Naçaõ facilitava
Dos contrarios as duras insolencias;
Entre irmaons, pays, e filhos se ostentava
A discordia com varias apparencias,
Se hum a Patria constante defendia,
Outro a torpe ambiçaõ favorecia.

CXXXIX.

Huma Praça seguia o meu partido,
Outra as portas abria ao Rey tyrano,
Aquî era o meu nome obedecido,
Acolá se acclamava o Castelhano,
Hum lugar resistia, outro opprimido
Lamentava da guerra o triste damno;
E cada qual pedia instantemente
Assistencia maior de armas, e gente.

Eu

CXL.

Eu naõ podia em tantos embaraços,
A todos assistir, era forçoso
Servir-me do valôr de alheios braços:
No soccorro do Reyno lastimoso;
Prendia-me a razaõ com fortes laços
De Lisbôa no risco pavoroso;
E naõ era prudencia em tanto aperto,
Confiar o poder a peito incerto.

CXLI.

Só Nuno, o grande Nuno, em meu conceito
Era capaz de tanto: o seu cuidado,
A fé nobre, o valôr daquelle peito
Era no Reyno todo acreditado;
Deste fiz eleiçaõ, do seu respeito
O soccorro fiei de todo o Estado,
E partidas as forças da Corôa,
Elle anima as Provincias, eu Lisbôa.

CXLII.

Nuno tem derrotado em campo aberto
Os inimigos por diversas vezes,
E de louros, e palmas já coberto,
Faz respeitar os brios Portuguezes;
Eu tenho sustentado em duro aperto
Hum assedio cruel de quatro mezes;
E naõ creio ter tido maior damno,
Do que tem recebido o Rey tyrano,

Se

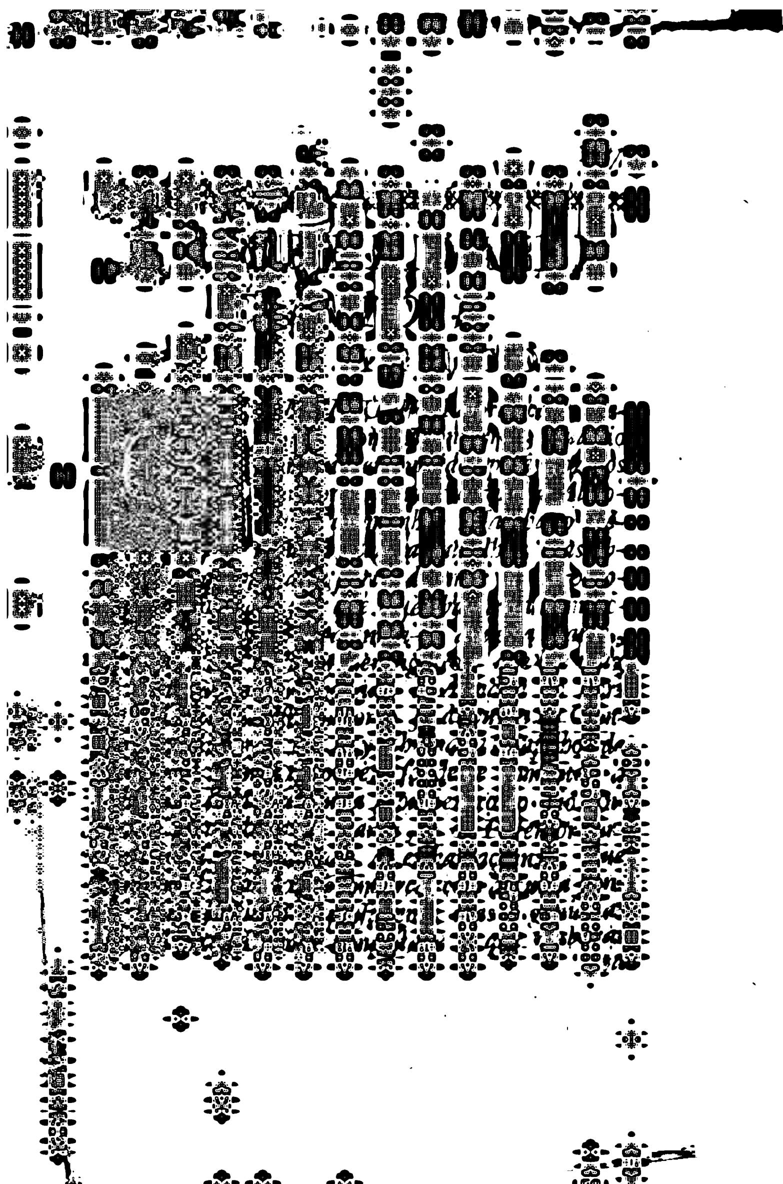
CXLIII.

Se o Ceo irado a gloria Portugueza
Eſcurecer de todo determina,
Mal póde dos mortaes a fortaleza
Impedir dos ſeus golpes a ruina;
Mas ſe noſſa razaõ, noſſa firmeza
Merece a protecçaõ da maõ Divina,
Naõ ſerá deſta vez o Luſo Trôno
Profanado dos pés de intruſo dôno.

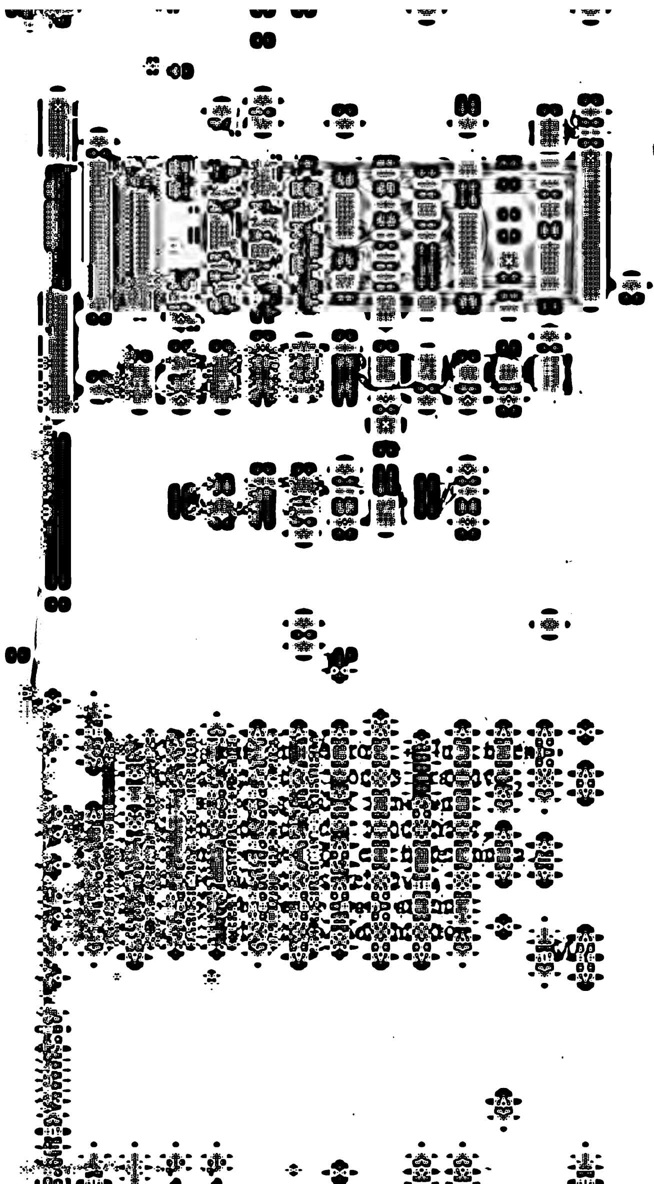
CXLIV.

Se o charo Irmaõ os ferros aleivoſos
Quebrar podér em noſſo beneficio,
O Ceptro empunhará, ſeraõ ditoſos
Os projectados fins do meu officio;
E ſe a força dos fados rigoroſos
Naõ conſente ſucceſſo taõ propicio,
Defendida a Naçaõ, livre Lisbôa,
Diſporáõ do governo, e da Corôa.

FIM DO CANTO IV.



ta as embarcaçoens do Defensor, e leva algumas da Armada do Porto ás maõs dos inimigos, e arruinaria tudo, se o Genio Tutellàs dos Portuguezes naõ viesse affugentar a Furia, e socegar os ventos. Com este auxilio se salva facilmente a Armada, a excepçaõ de tres Náus; das quaes o Rey manda, que lhe levem hum dos prisioneiros de mais conta, e foi Vasco Leitaõ. Reprehençaõ do Rey a Vasco, e respòsta deste. Indigna-se mais vivamente o Rey, e se pertende aproveitar athé dos meyos mais infames. Traiçaõ de D. Pedro de Castro, e máo successo della. Novo projecto do Genio infernal, que se disfarça na figura de hum Engenheiro, que estava preso na Cidade, e suppondo-se fugido, vai dar alguns avisos ao Rey, e pôem a Cidade no mais rigoroso bloquêio, a que se segue a mais cruel fome. Providencias tomadas sobre este ponto, e inutilidade dellas: desmayo do povo, desesperaçaõ da Tropa, e afflicçaõ do Defensor. Chama este a Conselho de Guerra, e propôem morrer com as armas na maõ em defensa da liberdade; mas o Genio Tutellar de Portugal se queixa ao Deos Supremo, das insolencias das Furias infernaes, e impiedade dos Castelhanos, e Deos os manda ferir com peste, pelo que se levanta o cerco.



II.

Mas do rouco tambor o forte brado
Fez suspender a doce conferencia,
E dos riscos presentes o cuidado
Os chamava a mais dura deligencia:
O trabalho das armas costumado,
O desvélo da nobre resistencia,
Succedeo ás noticias, ás historias
Dos Lusos fastos, das antigas glorias.

III.

Para a forte muralha encaminhava
O Defensor illustre os nobres passos,
E com altas ídéas se occupava
No remedio de tantos embaraços:
Quando vio, que do mar desembacarva
Da Gente militar quasi nos braços
Hum Varaõ, a que o povo recebia
Com signaes excessivos de alegria.

IV.

Quem seja naõ conhece; porque a gente
Lhe impede a vista no concurso vario,
Adianta-se a ver, mas brevemente
Se lhe permitte o gosto necessario;
Porque o Varaõ rompendo deligente
O tumulto do povo extraordinario,
A seus pés se apresenta, e desta sorte
Principia a fallar-lhe attento, e forte.

Eu

V.

Eu, Senhor, ſou do Porto: aquella terra,
Naõ menos, que Lisbôa, vos eſtima,
E nos caſos preſentes deſta guerra
Naõ menor ambiçaõ ſeu povo anîma;
Igual amor da patria em nós ſe encerra,
Igualmente o ſeu riſco nos laſtîma,
E da vil ſervidaõ o penſamento
Naõ nos faz menos dôr, menos tormento.

VI.

Ruy Pereira, Senhor, por ordem voſſa
Nos convidou á honra deſta empreza,
Em que unir-ſe a Naçaõ quanto mais poſſa
Deve a favor da gloria Portugueza:
Se vós ſois Defenſor, a cauſa he noſſa,
E ſervir-vos naõ he grande fineza;
Mas, ou grande, ou pequena, he ſem diſputa,
Voluntaria, ſincera, e reſoluta.

VII.

Os Navios, os bens, as proprias vidas
E quanto he noſſo, em fim tudo diſpoſto
Á ſervir-vos eſtá: de vós regidas
Noſſas forças ſeraõ com muito goſto;
Já na bôca do Tejo prevenidas
Trinta vélas eſtaõ, em cujo poſto
Voſſas ordens eſperaõ dezejoſas
De ſervir-vos fieis, e valoroſas.

VIII.

E Pereyra sabendo, que eu devia
Ter a honra, Senhor, de protestar-vos
A fé da minha patria, e pertendia
Este pequeno obsequio anticipar-vos,
Confiando de mim, que eu poderia
Tambem dos seus projectos informar-vos;
Consentio, que tomasse a liberdade
De introduzir-me occulto na Cidade.

IX.

Hontem quando da noite a sombra escura
Mais densa as apparencias occultava,
E dos varios objectos a figura
Mais facilmente a vista equivocava,
Sacrificando a vida mal segura
A's instancias da fé, que me animava,
Atravessei sem susto dos perigos
Por entre as mesmas Náus dos inimigos.

X.

E frustrando cautelas, e cuidados
Dos contrarios, que o rio tem coberto;
Ora com largos giros simulados,
Ora occulto nas sombras de mais perto,
Huns deixando na vista equivocados,
Outros no som da voz mal descoberto,
Pude em fim, sem ser delles conhecido,
Tocar da praya o termo apetecido.

XI.

Mas pois a ſorte amiga me concede
Chegar aos voſſos pés, Principe auguſto;
E taõ ditoſamente emfim ſuccede
Ao perigo o prazer, a gloria ao ſuſto,
Dos negocios, que trago o peſo pede,
Que prompto vos informe; aſſim he juſto;
Que em lugar mais occulto, e ſocegado
Poſſa, Senhor, de vós ſer eſcutado.

XII.

Approva o Defenſor o ſabio intento
Do fiel menſageiro, a quem benigno
Agradece taõ nobre atrevimento,
De hum peito Portuguez projecto digno;
E por fruſtrar qualquer vil penſamento
De algum eſpia, algum traidor maligno,
O retira comſigo para o Paço,
Onde ſós ſe entretém ſem embaraço.

XIII.

Mas em tánto no campo Caſtelhano,
Onde a fama mais livre diſcorria,
Porque o poder do Principe tyrano
A maiores diſtancias ſe eſtendia,
Já do novo ſoccorro Luſitano
A noticia patente ſe fazia,
E com todo o cuidado ſe tractava
De embaraçar-lhe os fins, que projectava.

XIV.

Que se deve atacar a Armada Lusa;
Antes que toque o pôrto da Cidade,
He geral parecer, que naõ recusa
Official de alguma auctoridade;
Mas se ha de ser no mar, ou quando inclusa
Já no rio se vir, a variedade
Faz dos votos, que em varia competencia,
Interpretaõ das armas a sciencia.

XV.

Huns dizem, que será mais vantajoso
Pelejar no mar largo; porque sendo
O poder Hespanhol mais copioso
Mais espaço de frente fica tendo;
E que dentro do rio embaraçoso,
Deste excesso valer-se naõ podendo,
Perde o corpo da Armada Castelhana
A vantagem, que faz á Lusitana.

XVI.

Outros dizem, que estando guarnecidas
As fronteiras do rio de hum dos lados
Pelas Tropas de Hespanha, e defendidas
De outra parte com Praças, e Soldados,
Podem melhor ás Náus ser soccorridas
Em quaesquer lances mal affortunados,
Combatendo no rio, e desta sorte
Este lugar abonaõ por mais forte.

Foi

XVII.

Foi o voto primeiro do Almirante ;
E varios Capitaens do seu partido ,
A quem de Marte o espirito arrogante
Incitava a combate mais luzido ;
Mas o voto segundo mais constante
Acceitaçaõ logrou , e foi seguido
Pelo Rey , que julgou razaõ prudente
O poder soccorrer a sua gente.

XVIII.

Deraõ-se as ordens , apromptou-se a Armada,
Escolheo-se o lugar mais adequado ,
Para , se acaso fosse derrotada ,
Ter lugar o soccorro meditado :
A tudo assiste o Rey com desvelada ,
Com prudente attençaõ , e no cuidado
Das sabias prevençoens , que assim repete ,
Huma certa victoria se promette.

XIX.

Mas naõ menos na gente Portugueza
Mostrava a prevençaõ os seus effeitos ,
Dispondo-se a favor da mesma empreza
Por sua parte os meyos mais perfeitos ;
Ajudada do estudo a natureza
Ministrava de todos nos conceitos ,
Para salvar as vidas opprimidas ,
As mais seguras , mais fieis medidas.

XX.

Resolveo-se, que a Armada Lusitana
Entrasse sem demora, e que evitasse
Quanto possivel fosse á Castelhana,
Por mais que esta a combate a provocasse;
E que sendo atacada a Capitana,
Ou qualquer outra Náu, naõ perturbasse
Este accidente a ordem das mais vélas,
Inda mesmo no risco de perde-las.

XXI.

Que trabalhasse a toda a diligencia
Por conseguir do pórto a liberdade;
Porque nelle acharia providencia
De soccorro de toda a qualidade;
E que augmentada a força na assistencia
Dos Navios, e gente da Cidade,
Provassem todos juntos os perigos,
Voltando sobre as Náus dos inimigos.

XXII.

Com este aviso parte o mensageiro
Outra vez para a Armada, e nos cuidados
Se occupa o Defensor de dar inteiro
Cumprimento aos preparos meditados;
Elle quer ser nos riscos o primeiro;
Elle intenta os trabalhos mais pesados,
E faz com seu exemplo toda a gente
Zelosa, firme, forte, e diligente.

Ar-

XXIII.

Armaõ-se as Náus, que havia, armaõ-se as fustas;
As mesmas barcas se dispôem á guerra,
Fazem-se promptas, fracas, ou robustas
Quantas embarcaçoens o pórto encerra;
Geme o Téjo debaixo das adustas
Maons dos duros remeiros, treme a terra
Com o peso das armas, e soldados,
Que concorrem á praya alvoroçados.

XXIV.

Todos desejaõ ter parte na gloria;
De abater os orgulhos inimigos,
E quando seja incerta huma victoria;
Todos querem ter parte nos perigos:
O mesmo Defensor, bem que a notoria
Afflicçaõ da Cidade, e dos amigos
O pertenda impedir, em fim se embarca
Desprezando o rigor da dura Parca.

XXV.

Mas o Genio tyrano, que domina
As trevas do Cocîto, e que aborrece
A Lusa gente, irado determîna
Impedir-lhe o successo, que appetece;
Sobre a face do Tejo crystalina
Rodeado de horrores apparece,
As agoas turba, offusca a luz serena,
Commove os ares, tudo desordena.

XXVI.

Vinha surgindo a Armada auxiliadora
Já no meyo do rio, e alvoroçados
Com a luz da esperança enganadora
Se apartavaõ da praya os sitiados;
Quando o Genio cruel, a quem devora
Hum desejo immortal de ver frustrados
Tantos preparos, com impulso horrendo
Agîta os ventos sobre o mar tremendo.

XXVII.

Pela bôca da barra os precipîta
Sobre as miseras Náus, em quem perverte
A ordem necessaria, e facilita
O combate ás contrarias; depois vérte
Toda a força das furias, que vomîta
Sobre as Náus da Cidade, Armada inerte
Na sciencia dos ventos, quanto forte
Em desprezar o risco, o ferro, a morte.

XXVIII.

De balde a força dos robustos braços
Quer luctar contra o vento, o remo duro
Cede á força das ondas; já pedaços
He o páu, que foi mastro; hum Palinuro
O leme naõ regêra; os fortes laços
Das cordas quebraõ; foge mal seguro
Cada vaso, seguindo cégamente
O destino das agoas inclemente.

Hum

XXIX.

Hum volta sobre a praya, outro apartado
A corrente do Tejo vai rompendo,
Tal se encontra na aréa já varado,
Tal vai de Santarém as torres vendo;
A Náu grande, em que entaõ era embarçado
O Defensor, suster-se naõ podendo,
Sobre a terra varou; mas felizmente
Salvou-se o Defensor, salvou-se a gente.

XXX.

Em tanto a Capitania a quem regia
Ruy Pereyra, Varaõ de grande alento,
Que por mais volumosa, mais soffria
Os estragos crueis do fero vento;
Desordenado o rumo, que seguia
Impellida do Genio turbulento,
Entre as Náus inimigas foi levada,
E logo por tres dellas afferrada,

XXXI.

Naõ desmaya Pereyra, e largo espaço
Com forças desiguaes firme resiste;
Mas cança de ferir o forte braço,
Bem que o valôr constante naõ desiste;
Cançado morre de matar: escaço
Foi com este Varaõ o fado triste,
Que se as forças no corpo iguaes lhe dera
A's do valôr, taõ cêdo naõ morrêra.

Rea-

XXXII.

Rende-se a Nau, e tem igual sucesso
Outras duas da Armada Lusitana,
A quem da tempestade o raro excesso
Levou ás maons da gente Castelhana:
Continuava a Furia o seu progresso,
E seria a derrota mais tyrana,
Se o Genio Tutelar da Lusa terra
Naõ fizesse cessar taõ torpe guerra.

XXXIII.

Mas vendo o Sacro Genio do brilhante
Assento crystalino, que occupava
No luminoso Olympo, a Armada errante,
O mar turbado, o rio, que voltava
Outra vez para traz, que fulminante
A torpe Furia as Náus precipitava
Na mais triste ruina, e que nos ventos
Inspirava a seu gosto os movimentos.

XXXIV.

Com mais rapido vôo, do que o rayo
A nuvem rasga, sobre o Tejo desce,
E fazendo de luz alegre ensayo,
Sobre os hombros dos ventos apparece:
Quanto nestes foi ira, he já desmayo,
Cessa o furor, que as aguas intumece,
Desapparece a Furia com presteza,
Que a sombra foge á luz por natureza.

Tudo

XXXV.

Tudo muda de face; a Armada Lusa
Segue alegre o seu rumo, a dos contrarios
Já naõ ousa segui-la, era confusa
Inda entaõ a victoria, e casos varios
Se viaõ nas tres Náus, que a fama accusa;
Largo tempo de empenhos temerarios;
Mas renderaõ-se em fim, já quando a Armada
Se achava toda livre, e retirada.

XXXVI.

Manda o Rey Castelhano, que escolhido
Entre os presos das Náus, algum soldado
De maior distincçaõ fosse trazido
Logo á sua presença, e executado
O mandato Real, foi conduzido
Para ser do Monarcha examinado,
Vasco, Leitaõ, em quem a fama pinta
O valor, e nobreza mais distincta.

XXXVII.

Estava-lhe fazendo attentamente
O Rey varias perguntas; quando passa
Por accaso a Raynha, e ousadamente
Vasco de lhe fallar pertende a graça:
A seus pés chega, e logo reverente
A maõ lhe beija, que a fortuna escaça
Naõ tem poder para fazer grosseiro
Hum bem criado, e nobre Cavalleiro.

Mas

XXXVIII.

Mas indignou-se o Rey deste cortejo,
Que devêra louvar; porque imagina,
Que este obsequio naõ nasce do desejo;
Mas do susto sómente da ruina:
Vós sois, lhe diz, indigno, aquelle bêjo
He hum bêijo de Judas, que me enclina
A cortar-vos os beiços, com que ousado
Profanais o decoro mais sagrado.

XXXIX.

Fingis dar á Raynha os justos cultos,
Que lhe deveis por vossa Soberana,
E naõ tendes vergonha dos insultos,
Com que a vossa cegueira a fé profana;
Seguis armado as vozes dos tumultos,
E julgais, que hum cortejo nos engana;
Hum Vassallo, que offende a lealdade,
Insulta quando incensa a Magestade.

XL.

Naõ he isso, responde o Varaõ forte,
O que entre nós se entende: a fé sagrada
Nos liga firmemente; e sempre a morte
Accesa encontra em nós a chama honrada:
A Raynha devemos destá sorte
Respeitar por quem he, que a Lusa espada
Naõ offende as Senhoras; mas attenta
Os direitos da patria só sustenta.

XLI.

Vós, Senhor, vos privaſtes do direito
De dominar nos Luſos, quebrantando,
Os ſolemnes Tractados, ſem reſpeito
A' voſſa meſma fé, precipitando
O tempo eſtipulado; e no conceito
De huma facil conquiſta, atropelando
Com as armas na maõ, como inimigo,
Os privilegios de hum paiz amigo.

XLII.

Vós nos fazeis a guerra, nós ſómente
Defendemos a propria liberdade
A voſſa pertençaó faz innocente
A noſſa natural fidelidade;
Em nós eſta conſtancia propriamente
Naõ he orgulho, he ſó neceſſidade
De defender a patria, que opprimida
Se vê de armas eſtranhas invadida.

XLIII.

Se o ſer fiel á patria, ſer conſtante
Na fé dos juramentos he delicto?
Réo ſou, Senhor, de crime taõ brilhante,
Nem deſculpar-me delle ſolicito;
Mas ſe he virtude a fé, ſe o ſer amante
Da patria naõ he culpa, e niſto imitto
Os Varoens mais illuſtres, certamente
Vós meſmo me honrareis por innocente.

Ouvia

XLIV.

Ouvía o Rey com gesto furioso
As vozes de Leitaõ ; mas naõ podia
Desmentir o caracter luminoso
Da verdade , que nellas conhecia :
A Valasco procura impetuoso ,
O que destes discursos entendia ;
Aquillo mesmo , diz o nobre velho ,
Vos temos nós exposto no Conselho.

XLV.

Na verdade , Senhor , os Portuguezes
Tem alguma desculpa : os seus Tractados ,
Como dito vos tenho muitas vezes ,
Foraõ por nós sem causa quebrantados :
Vós tendes Conselheiros mais cortezes ,
Que abonaõ esta acçaõ : esses letrados
Responderáõ , Senhor , com mais clareza
A's instancias da gente Portugueza.

XLVI.

Indignou-se o Monarcha da resposta ,
Como já do discurso se indignára ;
Porque a verdade livremente exposta ,
Offende do respeito a ley avara :
Naõ se convence já , só se desgosta
Da força da razaõ , que desprezára ;
Silencio impôem ás vozes de Valasco ,
E manda retirar o nobre Vasco.

Em

XLVII.

Em prisoens rigorosas determina,
Que preso fique, e firmemente jura
Abater da Cidade na ruina
A soberba fatal da Naçaõ dura;
Mais apertado sitio lhe destina,
Novas tropas convoca, a força apura
De todo o seu poder, e nas violencias
Se vale athé das mesmas indecencias.

XLVIII.

Com promessas intenta lisongeiras
Comprar a fé de alguns dos sitiados,
Em quem do brio as chamas verdadeiras
Os fulgores mostravaõ mais cançados:
Tal julgou, a pesar de acçoens guerreiras,
A Dom Pedro de Castro, e praticados
Os infames ajustes da maldade,
Se pacteou a entrega da Cidade.

XLIX.

Commandava Dom Pedro por desgraça
Huma parte dos muros, e podia
Com qualquer illusaõ, com qualquer traça,
A perfidia cumprir, que promettia;
Nada os torpes intentos embaraça,
Ajustou-se o lugar, a hora, o dia,
Disposeraõ-se os meyos necessarios,
Que nunca faltaõ meyos a falsarios.

Assen-

L.

Assentou-se, que a noite gloriosa
Do faustissimo dia, que nos cultos
Se illustra da Assumpçaõ prodigiosa,
Da que de Mãy, e Virgem gosa indultos;
Fosse o termo perfixo á cavillosa
Execuçaõ de intentos taõ occultos,
E que o sitio seria adonde accesa
Fosse huma luz farol da torpe empreza.

LI.

Que munidos de escadas os soldados
Viessem demandar os tristes muros,
Com preciso silencio, que escalados
Facilmente seriaõ; pois seguros
Lhos teria Dom Pedro desarmados,
Ou postada nos sitios mais escuros
Alguma gente sua, que instruída
Estaria do caso, e prevenida.

LII.

Era complice em crime taõ nefando
Joaõ Lourenço da Cunha, que já fôra
Da Raynha viuva de Fernando
Algum dia Marido, e que a traidora
Acçaõ sentio taõ pouco, que adornando
Da mesma injuria a frente soffredora,
Era a pesar da solida nobreza,
Escandalo da gloria Portugueza.

Este

LIII.

Este deu a Ruy Freire algum indicio
Das traiçoens maquinadas, e seria
Providencia talvez do Ceo propicio,
Para frustrar a infame aleivosia:
Porque o claro Varaõ, que o torpe vicio
Da perfidia aborrece, e que devia
Ao nobre Defensor antigo affecto,
Lhe foi logo dar parte do projecto.

LIV.

Tinha sido por Cunha revelado
O dia, o sitio, e senha da interpresa,
E no tempo prescripto examinado,
Se achou deserto o muro, a luz accesa;
Acautelou-se logo com cuidado
O lugar suspeitoso, e sendo presa
A gente de Dom Pedro sem ruido,
Foi o mesmo Dom Pedro surprendido.

LV.

Chega a gente de Hespanha confiada
Nas traidoras promessas, esperando
A muralha encontrar desoccupada,
Ou guarnecida de hum presidio brando;
O sitio busca, e quando mal guiada
Da falsa luz o muro vai tocando,
Os Lusos ferros vê descer brilhantes
Sobre as tristes cabeças vacilantes.

Huma

LVI.

Huma chuva de tiros de arremeço,
Hum diluvio de ferro furioso
Foi da torpe perfidia o justo preço,
Foi o fructo do engano vergonhoso,
As escadas serviraõ de tropeço,
De embaraço os petrechos; lastimoso
Escarmento de idêas fementidas,
Que quasi sempre saõ mal succedidas.

LVII.

Sentio o Rey contrario vivamente
Aquelle máo successo, e mais irado;
Na conquista se obstina impaciente
De hum valor taõ activo, e porfiado;
Mas naõ menos a raiva infaustamente
Incita o Genio horrivel, que frustrado
Tinha visto o desvelo, com que os ventos
Convocára a favor dos seus intentos.

LVIII.

Mil idêas na mente revolvia
De vingança cruel, estragos varios,
Varios modos de guerra discorria,
Para perder os Lusos temerarios;
Abater-lhe os alentos naõ podia,
Que saõ dotes do fado extraordinarios;
Mas por meyo de astucias meditava
Maquinar-lhe a ruina; que intentava.

Dás

LIX.

Das cavernas funeftas, em que habita,
Trifte esfera de anguftias, e de horrores;
Sáhe a Furia cruel, e fe habilita
Para foffrer do Sol os refplendores,
As negras azas ferozmente agita
Por entre nuvens de infernaes vapores;
Sobre os ares fe eleva, e de mais perto
Obferva da Cidade o trifte aperto.

LX.

Vio os duros eftragos, que foffria
O miferavel povo; mas que oufado,
Os rigores da morte preferia
A' vil efcravidaõ, vio, que abrafado
De hum generofo ardor, naõ defiftia
Da conftancia primeira, e que indignado
Das mefmas vexaçoens, fó receava
A fome, que a fentir principiava.

LXI.

Vio quanto aquelle fufto era prudente
Na falta já fenfivel de alimentos;
Pois a pefar de hum zêlo providente,
Eraõ quafi no fim os mantimentos,
Conheçeo, que feria brevemente
A ruina geral, fe os provimentos
Naõ entraffem de fóra, e defte avifo;
Que fe aproveite o Rey julga precifo.

O De

LXII.

De humano vulto finge as apparencias,
A voz, e o gesto imita de Artimáde,
E mentindo suppostas negligencias,
Se publica fugido da Cidade:
Era Artimáde hum velho, que as sciencias
Cultivava com rara habilidade,
E que seguindo o Rey, como Engenheiro,
Fora feito dos Lusos prisioneiro.

LXIII.

Como tal foi no campo recebido;
Festejado por todos, e levado
A' presença do Rey, que prevenido
Fora logo do caso inopinado;
Delle pertende o Rey ser instruido
Com clareza maior, e perguntado
Em diversas materias, tudo explica
Com rasoens, que a prudencia justifica.

LXIV.

Mas notando, que o genio vingativo
Do Rey feroz mais ira respirava,
Que maduro conselho; e que por vivo,
Das cautelas talvez se descuidava;
Do seu zêlo tomando por motivo
A noticia completa, que affectava
Do estado da Cidade, astuto pede
Licença de fallar, que o Rey concede.

Logo

LXV.

Logo o perfido gesto accommodando
As cautelosas vozes, que medita,
Assim vai o veneno derramando
Nos ouvidos, que o Rey lhe facilita:
Vós, Senhor, bem sabeis, que o genio brando
O meu vicio naõ he, nem me habilita
Para conselhos froxos; mas a gloria
He quasi sempre o fructo da victoria.

LXVI.

O valor he louvavel; mas prudente
Deve ser o valor; que de outra sorte
Naõ he virtude, he vicio, que desmente
O caracter feliz do Varaõ forte:
Desprezar pela gloria illustremente
A despeza, o trabalho, o risco, a morte,
He empenho de Heróes; mas sem proveito,
Naõ merece a braveza tal conceito.

LXVII.

Vós, Senhor, abrasado em chama pura
De bellicoso ardor, contra a Cidade
Fulminais ha seis mezes guerra dura
Com trabalhos de toda a qualidade:
Mas taõ poucas vantagens nos procura
Esta nossa porfia, que a verdade
Nos obriga a dizer, que os Portuguezes
Nada tem afroxado em tantos mezes.

O 2 He

LXVIII.

He grande a guarniçaõ, naõ desfalece
Na repetida furia dos assaltos,
Nem a morte de poucos enfraquece
A multidaõ, que borda os muros altos:
Se a Cidade algum damno assim padece;
Todo o damno consiste em sobresaltos,
E naõ póde render-se desta sorte
Huma Naçaõ feroz, hum povo forte.

LXIX.

Mas póde ser, Senhor, que se consiga
Aquelle mesmo fim bem facilmente,
Sem desconto de risco, ou de fadiga
A favor de outro meyo mais prudente;
Neste assedio sómente se prosiga
Com precisa exacçaõ, e brevemente
Se verá quanto mais, que a guerra dura;
He funesta á Cidade a fome pura.

LXX.

Eu, Senhor, a pesar do triste estado
De captivo, e de preso, em que gemia;
Tenho bem fixamente calculado
O poder de hum paiz, que descobria;
Sei, que he grande o presidio, que animado
A morrer pela patria parecia;
Mas sei tambem, que a falta de alimentos
Lhe assusta fortemente os pensamentos.

Elles

LXXI.

Elles tem varias vezes conseguido,
Com injuria das armas de Castella;
Provimento de fóra, introduzido
Pelo Tejo, de noite, com cautela;
Mas se o nosso cuidado prevenido
Em guardar este passo se desvela,
Precisamente a fome na Cidade
Se ha de sentir com muita brevidade.

LXXII.

Eu sei, que jà com menos abundancia
Se reparte o preciso mantimento,
Que o governo com cauta vigilancia
Faz dispender do povo no sustento:
Sei que apenas com grande repugnancia;
Se concede bem pouco; em que argumento
Huma falta geral, ou já presente,
Ou que está pelo menos imminente.

LXXIII.

Ella será de todo inevitavel,
Se o soccorro, Senhor, se lhe embaraça;
Diligencia a meu ver taõ praticavel,
Que de possivel a ser facil passa;
Este arbitrio se observe, e responsavel
Eu serei da fortuna, ou da desgraça
Desta empreza; porém com tal contracto;
Que ha de ser o cuidado o mais exacto.

Disse

LXXIV.

Disse, e logo de todos approvado
Foi o seu parecer, logo applaudido
Pelo mesmo Monarcha interessado
Na esperança, que havia concebido;
Logo manda, que seja executado
O projecto fatal, logo escolhido
Para ser director daquella empreza
Foi o perfido author desta destreza.

LXXV.

Elle as guardas dispoem, elle vigia
Sobre a sua exacçaõ, elle acautela
Os passos todos, elle desconfia
De qualquer movimento, elle atropela
As diligencias todas, que podia
Intentar o presidio, e se desvela
Tanto neste cuidado, que frustrada
Lhe faz toda a esperança imaginada.

LXXVI.

Assim se vio logrado brevemente
O tyrano projecto, e na Cidade
Se fez logo sentir amargamente
Da triste fome a torpe atrocidade:
A mesma copia da cercada gente
Apressava a geral calamidade,
E foi precisa a dura providencia
De recusar de alguma a subsistencia.

Expul-

LXXVII.

Expulſou-ſe dos muros com effeito ;
Alguma gente inutil , foi forçoſo
Matar as beſtas , e tirar proveito
Das ſuas carnes , fez-ſe induſtrioſo
Paõ de varias materias , em defeito
Do paõ commum , e nada fructuoſo
Póde ſer muito tempo ; porque a fome
Tudo devora em fim , tudo conſome.

LXXVIII.

Já ſem rebuço , a pálida indigencia
Se deſcobre patente ; já ſe eſcuta,
A peſar dos esforços da paciencia ,
O clamor da miſeria ; já reputa
Impoſſivel o povo a providencia ,
E do meſmo governo a mente aſtuta ,
Já naõ póde occultar , por mais que faça ;
Os horroroſos golpes da deſgraça,

LXXIX.

Viaõ-ſe os innocentes deſmayados ,
Entre os braços das Mãys inutilmente
Inda preſos aos peitos já privados
Do ſuco natural conveniente ;
Viaõ-ſe os triſtes velhos encoſtados
Nas paredes das caſas froxamente
Reſpirar , ſem mover-ſe intropecidos
Da fraqueza , a que eſtavaõ reduzidos.

Viaõ-

LXXX.

Viaõ-se já prostrados, macilentos;
E sem forças os mesmos mais robustos,
A quem da morte os tristes pensamentos
Já mais no coraçaõ causaraõ sustos;
E supposto, que os nobres soffrimentos,
A pesar dos estragos mais injustos,
Os fizessem constantes, bem se via
Já no rosto de todos a agonia.

LXXXI.

Convoca o Defensor os mais prezados,
Mais illustres varoens, de quem confia
Os segredos mais puros, mais guardados,
Em obsequio da fé que lhes devia;
E mandando, que todos socegados,
Attençaõ lhe prestassem, pois queria
Ouvir depois a todos, desta sorte
Principia a fallar o Varaõ forte:

LXXXII.

Vós, Senhores, sabeis o triste aperto,
Em que todos nos vemos, a pobreza,
Em que geme a Cidade, o desconcerto,
Em que o povo fluctúa, na incerteza
Do sustento preciso, o pouco acerto
Dos arbitrios fundados na destreza
De occultas diligencias, nem preciso
Vos he nesta materia mais aviso.

LXXXIII.

Se algum de vós, em tanta desventura
Algum meyo discorre praticavel,
Com que possa a Cidade mal segura
Por mais tempo fazer-se defensavel,
Cada qual, a favor da chama pura,
Que em nós accende o zêlo mais louvavel,
O seu voto declare, e se prosiga
Nos nobres meyos da constancia antiga.

LXXXIV.

Mas se em tanta desgraça já naõ resta
Esperança de algum soccorro humano,
E na luz da razaõ se manifesta
Inevitavel o presente damno,
Menos triste será, menos funesta
Nos apertos de hum risco taõ tyrano,
Huma morte por armas gloriosa,
Do que em froxa inacçaõ injuriosa.

LXXXV.

Antes que a torpe fome inteiramente
Nos precipite em languidos desmayos,
E se faça a ruina mais patente
Da fraquêza nos ultimos ensayos,
Procuremos ao menos dignamente
Vender as vidas, e nos claros rayos
Da gloriosa chama das vinganças
Abrazemos as nossas esperanças.

Hum

LXXXVI.

Hum ſó recurſo tem os deſgraçados
Nos extremos maiores, que conſiſte
Em poder, de huma vez, deſeſperados
Arriſcar ſem reparo a vida triſte,
E ſe o rigor cruel dos duros fados,
A que poder humano naõ reſiſte,
Preciſa faz a perda da Cidade,
Perca-ſe a vida com a liberdade.

LXXXVII.

Decida de huma vez o ferro agudo
A diſputa cruel, dicte a fortuna
A ſentença fatal, perca-ſe tudo,
Ou tudo ſe reſtaure; huma opportuna
Temeridade he gloria; o nobre eſtudo
De hum arrôjo feliz foi a columna,
Com que Ceſar ſuſteve diligente
O ſeu poder já quaſi decadente.

LXXXVIII.

Provemos o que póde a força dura
Da deſeſperaçaõ; rompa-ſe o laço
De huma triſte cautela mal ſegura,
Que já agora ſó ſerve de embaraço;
Ou vencer, ou morrer com gloria pura
Seja em fim permittido ao Luſo braço;
Com as armas na maõ ſe acabe a guerra,
Ou ſe morra, ou ſe ſalve a patria terra.

Eſte

LXXXIX.

Este o meu parecer; agora diga
Cada qual o que o zêlo fervoroso
Lhe dictar a favor da gloria antiga
Do nome Portuguez sempre famoso;
Que, ou na guarda dos muros se prosiga,
Ou se approve projecto mais lustroso,
Eu serei o primeiro em qualquer parte,
Que a frente insulte do soberbo Marte.

XC.

Disse, e todo o congresso alvoroçado
Applaudio o seu voto; e resolvido
Foi por todos, que fosse executado
Sem demora projecto taõ luzido;
Mas havendo depois bem ponderado
O podêr dos contrarios taõ crescido,
Houve quem discorreo ser opportuno
Dar aviso do caso ao grande Nuno.

XCI.

Era Nuno da gente Portugueza
Esperança segunda, e guarnecia
De Alemtejo a Provincia onde a dureza
De seus golpes Hespanha já temia;
E podendo-se achar na dura empreza
Assistido das armas, que regia,
Na diversaõ das forças Castelhanas
Faria grande amparo ás Lusitanas.

Logo

XCII.

Logo toda a Aſſemblêa acordemente
Eſte arbitrio adoptou com tanto exceſſo;
Que já delle reputa dependente
Do primeiro projecto o bom ſucceſſo;
Mas notando, que o tempo competente
A demora do aviſo em ſeu progreſſo
A Cidade arriſcava á contingencia
De faltar-lhe de todo a ſubſiſtencia;

XCIII.

Segunda vez ſe ordena, que expulſada
Foſſe logo dos muros opprimidos
Toda a gente de inutil accuſada,
Ou menos propria a riſcos taõ ſubidos;
Mas apenas das portas ſeparada
Era a triſte porçaõ dos expellidos,
Quando ſe vio gemer em duros laços
Entregue á furia de inimigos braços.

XCIV.

Naõ fez grande impreſſaõ eſte accidente
No conſtante preſidio; porque a ſorte
Dos primeiros expulſos lhe deſmente
Todo o riſco, que aſſuſta o peito forte:
Tinha ſido levada aquella gente
Entre ameaços de priſaõ, ou morte
A' preſença do Rey, mas deſpedida
Foi toda livre, toda ſoccorrida.

Igual

XCV.

Igual ſucceſſo agora ſe eſperava;
Porém naõ foi aſſim, porque Artimade,
Ou o genio feroz, que ſe occultava
No ſeu perfido vulto, a liberdade
Affectando do zêlo, que inculcava
No commettido aſſedio da Cidade,
Dos expulſos ſe entrega, e lhe deſtina
A mais infame, mais cruel ruina.

XCVI.

Manda, que foſſem todos açoutados
Defronte das muralhas, que o ſuſtento
Defendido lhe foſſe, e que levados
Junto das portas neſte abatimento,
Alli foſſem com guardas obſervados,
Athé, que a duraçaõ de hum tal tormento
Os podeſſe extinguir, ou conſeguiſſe,
Que a Cidade outra vez os conſentiſſe.

XCVII.

Naõ póde mais ſoffrer o Genio claro,
Que a guarda tem da gente Portugueza,
E prompto implora o Sacroſanto amparo
Do Soberano Auctor da Natureza:
Supremo Deos, lhe diz, principio raro
Dos entes todos, immortal grandeza,
A quem o Céo ſe proſtra, a terra adora,
Reſpeita o mar, e quem nas trevas mora.

Por

XCVIII.

Por ti, Senhor, me foi em sórte dada
A protecçaõ da Lusa Monarchia,
Por ti a sirvo, por ti mesmo amada
He de mim esta gente: a vil porfia
De huma guerra cruel, e dilatada
A tem quasi perdida; mas soffria
Este golpe o meu zêlo, porque os damnos
De huma guerra saõ sórte dos humanos.

XCIX.

Porém, que as Furias do soberbo Inferno
Façaõ guerra tambem á Lusa gente,
He insulto, Senhor, que hum Deos Eterno
Deve vingar com braço Omnipotente:
Como póde, Senhor, o peito terno
De hum Deos benigno, recto, e providente
Consentir tal excesso? Acaso a terra
Em si males bastantes naõ encerra?

C.

He preciso, que os Genios infernaes
Se armem contra Lisboa? O duro effeito
Da ambiçaõ, e vingança entre os mortaes
Necessita de auxilio? O fero peito
De hum Rey tyrano os meyos naturaes
Ignora do rigor? Hum tal conceito
Só o póde formar o Genio escuro,
Que o campo infesta com influxo impuro.

A

CI.

A ti, Senhor, pertence a providencia
Deste caso fatal: os teus projectos
Naõ se pódem mudar, que a Omnipotencia
Naõ varîa já mais os seus decretos:
Por ti firmada foi a subsistencia
Do Trono Portuguez; os indiscretos
Empenhos, que se oppoem á tua mente
Devem ser castigados duramente.

CII.

Ouvio o grande Deos o rogo puro
Com benigna attençaõ, e socegado
Lhe responde: Naõ póde o Genio escuro
Alterar o destino; he bem frustrado
O seu desvelo, o seu trabalho duro
Contra as leys immortaes do claro fado;
Mas a sua soberba, e falsidade
Provaráõ do castigo a gravidade.

CIII.

Tu lhe vai intimar da minha parte,
Que o campo largue, e no fatal momento
Nova porçaõ de penas lhe reparte,
Com que pague taõ louco atrevimento,
E pois que as iras do cruento Marte
Adoptáraõ taõ perfido instrumento;
Provaráõ igualmente os Castelhanos
De huma tal companhia os justos damnos.

Isto

CIV.

Isto dizendo, sem demora chama
Hum dos Genios, a quem foi dado em sórte
O fazer mal á terra, e que derrama
Sobre os mortaes a dor, a peste, a morte;
Vai, lhe diz, sobre o campo; alli te inflámá
De terrivel furor, de impulso forte
Os teus golpes dispára sobre as tendas,
Só do Rey a pessoa naõ offendas.

CV.

Vôaõ ambos os Genios promptamente
A cumprir seu destino, hum executa
Sobre a Furia a sentença, outro inclemente
Sobre as tendas inclina a resoluta
Pesada maõ, que os golpes tristemente
Multiplica no campo sem disputa,
Sendo de golpes taes rara a ferida,
Que naõ custe a Castella alguma vida.

CVI.

Fez-se logo no campo formidavel
Da dura peste o rapido progresso;
Pois sem descanço a Parca inexoravel
Se vê cortar das vidas o processo:
Nem sómente no vulgo miseravel
O contagio se observa, igual successo
Tem os mais pobres, mais desamparados;
Que os mais servidos, e mais bem tractados.

Já

CVII.

Já o grande Toledo, o bravo Lara;
O nobre Sandoval, o bom Sarmento,
O Famoso Thoar a vida clara
Tem rendido, nem póde o forte alento
De Valasco evitar a sórte avara,
Nem Samora Varaõ de alto talento,
A quem fez Alverneda companhîa
Com Benavides, Roxas, e Mexia.

CVIII.

Já vinte vezes cem bravos soldados
Eraõ mortos no campo, e cada Aurora
Mais duzentos mostrava separados
Do commercio dos vivos, já devóra
O funesto pavor os mais ousados;
Já toda a tropa desmayada chora
O seu triste destino; mas no peito
Do Rey tyrano nada faz effeito.

CIX.

Conselhos, rogos, lagrimas, gemidos,
Inutil tudo he, elle se obstina
Cada vez mais, nem quer prestar ouvidos
A's lamentaveis vozes da ruina:
Nada lhe afroxa os odios concebidos;
Porque a torpe ambiçaõ, que lhe domina
O coraçaõ, os meyos lhe embaraça
De conhecer o peso da desgraça.

P Mas

CX.

Mas o braço potente, que opprimia
A soberba Hespanhola, e naõ cessava
De tirar sobre as tendas, cada dia
Os seus golpes fataes multiplicava;
E fazendo mais certa pontaria
Sobre a tenda Real, onde se achava
A formosa Raynha, a fere attento
De hum golpe naõ mortal, porém violento.

CXI.

Este tiro levou a liberdade
A' famosa Lisboa; porque o susto
Póde em fim dominar a crueldade
No coraçaõ feróz do Rey injusto:
Retirar-se resolve da Cidade
No silencio da noite: o muro augusto
Prova o doce socego, e o campo nobre
Livre, a luz matutina em fim descobre.

FIM DO CANTO V.



A LIBERDADE

CANTO VI.

ARGUMENTO.



EVANTADO o cerco de Lisboa, o povo alvoroçado, com a liberdade, sahe ao campo a ver, e notar o sitio, em que estiveraõ os inimigos: mas no rio se conservava a Armada de Castella, e alli se ouvem tocar trombetas, que obrigaõ o Defensor, e os Soldados a concorrer à praya, donde observaõ, que o ruido vem todo de hum pequeno batel, que vem passando pelo meyo da Armada Castelhana, conduzindo muito pouca gente, e no meyo della hum Cavalleiro armado todo, e a cara coberta com a viseira do Elmo. Chega em fim à praya este Cavalleiro, que se reconhece ser o grande Nuno Alvares Pereyra, que vai cortejar o Defensor, e dar-lhe parte das suas expediçoens. Conta-lhe como passan-

do ao Alemtejo, ajuntára hum pequeno Exercito para soccorrer Fronteira; susto dos Soldados, pratica de Nuno; victoria dos Atoleiros, e soccorro de Fronteira. Parte Nuno a dar graças a Deos ao Templo de Assumar, que acha profanado pelos Castelhanos, que nelle haviaõ feito Cavalhariça, e o faz limpar. Passa a Evora, livra Alvaro Gonçalves da maõ dos Castelhanos, e sabendo da Armada, que se aparelha no Porto, parte àquella Cidade para embarcar-se nella; mas chegando a Coimbra, sabe ser já partida, e que arribára a Buarcos, onde pertende hir embarcar; mas o General da Armada o naõ espera. Volta para o Alemtejo, e no caminho toma hum grande comboy de Castella. Chegado ao Alemtejo recupera a Praça de Monsaras. e desbarata Castanheda, General Castelhano, e depois deste, a outro chamado Sarmento. Marcha sobre Palmella, e toma esta Praça, onde recebe o aviso do aperto da Cidade, e da resoluçaõ do Defensor, de atacar os Castelhanos no campo; mas quando se prepara a passar, recebe a noticia de ser levantado o Cerco, e se mette com pouca gente em hum batel para passar a Lisboa de madrugada; mas amanhecendo lhe no meyo da armada Castelhana, manda tocar as trombetas, o que mette em confusaõ os Castelhanos, e Nuno chega felizmente à praya.





II.

Abrem-se as portas, corre alvoroçada
A gente Lusa, a ver desempedido
O patrio campo, a terra aliviada
Do peso duro do arrayal temido:
Qual de ver as trincheiras mais se agrada;
Qual das tendas o sitio aborrecido;
E cada qual recorda em cada passo
Hum passado perigo, hum embaraço.

III.

Aqui, dizia algum, me vi hũm dia
Cahido neste fosso, alli cercado
De Castelhanos, outro respondia,
Me vi quasi perdido; alli deixado
Fui por morto, contente repetia
Algum já livre, e saõ, e do passado
Perigo na lembrança mais gostosa
Se faz a liberdade, que se gosa.

IV.

Presistia, com tudo, inda o bloqueio
Pela parte do mar, porque occupava
Do crystalino Téjo o aureo seyo
A Castelhana Armada, em quem durava
A constancia primeira, sem receyo
Dos perigos, que a terra ameaçava,
Insistindo no damno da Cidade
Com insultos de toda a qualidade.

Ouvem-

V.

Ouvem-se neste tempo os eccos duros
Das trombetas soar naquella parte,
Alvoroçam-se os Lusos mal seguros,
Novo risco suppoem do fero Marte;
Fecham-se as portas, outra vez dos muros,
Pelo recinto a gente se reparte;
Mas para a praya vêm chegar sómente
Hum pequeno batel com pouca gente.

VI.

Hum Varaõ Magestoso se descobre
A bordo do batel, a quem parece,
Que os outros obedecem; porém cobre
De huma viseira o rosto, e naõ conhece
Alguem quem elle seja: hum talhe nobre
O distingue sómente, e lhe merece
As attençoens dos Lusos, que pasmados
Pela borda da praya estaõ postados.

VII.

Já chega junto á terra, he Nuno, grita
O grande Defensor, he Nuno, he Nuno,
Nem podia ser outro; o affecto incita
O Varaõ a mostrar-se: o grande alumno
Apparece de Marte, e precipita
O corpo do batel taõ opportuno,
Que saltou justamente, onde se achava
O Defensor, que os braços lhe alargava.

VIII.

Bem vê Nuno qual honra lhe destina
Do Principe benigno o claro peito;
Porém cumprir primeiro determina
Os sagrados devêres do respeito;
Para beijar-lhe a maõ attento inclina
Sobre a terra o joelho, mas já feito
Era o laço feliz, com que a bondade
Do Defensor lhe impede a liberdade.

IX.

Que pertendes, lhe diz internecido
O Principe modesto? Hum Varaõ forte
De taes palmas, e louros revestido
Se abate assim vendido desta sorte?
A mim, que nestes muros recolhido
Naõ tenho obrado acçaõ, que á Patria importe?
Esperavas que fosse taõ ingrato,
Que te soffresse taõ humilde trato.

X.

Naõ, meu Principe, naõ, torna gostoso
O grande Nuno, em vòs naõ ha defeito;
Nem o póde em mim ser o decoroso
Empenho dos meus cultos: o respeito
Naõ me impede a ternura; o fervoroso
Ardor de vos servir, faz no meu peito
Disputar-se com digna competencia
A fé, o amor, o zêlo, a reverencia.

Vós

XI.

Vós deveis permittir, que eu satisfaça
Hum taõ justo dever: do Luso Estado
Vós sois hoje a cabeça, e na desgraça
Em que o Reyno se vê despedaçado
Por hum scisma infeliz, quem se embaraça
Nos tributos da fé, mal declarado
Deixa o seu sentimento, e naõ consente
O meu zêlo desar taõ indecente.

XII.

Disse, e quasi a pesar do generoso
Modesto Defensor, a maõ augusta
Reverente lhe beija; logo airoso
Se levanta da terra, e dando a justa
Attençaõ aos amigos, vai gostoso
O terror dissipar, que o povo assusta;
Fazendo ver a todos, que o rebate
Incitava a prazer, naõ a combate.

XIII.

Volta depois já livre de embaraços
A' presença do Principe, que aperta
Outra vez o Varaõ nos fortes braços,
Com ternura mayor, mais descoberta;
Mas depois que a soltar os doces laços
O claro Defensor emfim acerta;
Informar-se pertende dos progressos
Das suas armas, e dos seus successos.

Vós

XIV.

Vós ſabeis, lhe diz Nuno, que obrigado
De hum zêlo puro, de hum deſvelo ardente
Pela gloria da Patria, acompanhado
Mais de inſtrucçoens, e de ordens, que de gente,
Partî deſta Cidade encarregado
De animar com ſoccorro diligente
A Provincia, que fazem taõ uſana
As correntes do Téjo, e Guadiana.

XV.

Fui pois, Senhor, daqui para a Cidade,
Que algum dia Sertorio fez famoſa,
Allî fiz ajuntar com brevidade
Alguma gente armada, e valoroſa;
E confirmado o povo na vontade
De dar a vida pela fé glorioſa,
Marchei para Eſtremôz, onde eſperava
Alguma gente mais, que allî chamava.

XVI.

Foi pouca, a que chegou, porque o receyo
Do poder inimigo já viſinho,
Tinha por toda a parte o povo cheyo
De horror, e confuſaõ; nem já caminho
Havia algum ſeguro, pois no ſeyo
Da Provincia, com torpe deſalinho,
Perturbava à perfidia petulante
Dos fieis nacionaes a fé conſtante.

Alî

XVII.

Allî tive noticia, que do Crato
Catraleucas Cidade de algum dia,
Praça agora de Hespanha, por contracto
Contra a fé, que á Naçaõ guardar devia;
Se avançava com bellico apparato
Muita gente inimiga, que entendia
Empregar-se no cerco de Fronteira
Villa nossa fiel, e verdadeira.

XVIII.

Assentei de impedir-lhe aquella empreza;
Bem que falto de forças competentes;
Mas o zêlo da gloria Portugueza
Me inspirava projectos taõ valentes:
Chamei a minha gente, e com pureza
Lhe expuz os meus intentos; fiz patentes
As razoens deste empenho, e dos motivos,
Que deviaõ fazer-nos mais activos.

XIX.

Representei-lhe as vidas, as fazendas
Expostas ao furor dos inimigos,
As consortes, os filhos, as vivendas,
A ruina do ferro, e dos castigos,
A patria liberdade, entre as horrendas
Sombras da escravidaõ, os bons amigos
De contrarios cercados; porém nada
Pôde animar a Trópa desmayada.

Hum

XX.

Hum silencio sombrio, hum pavôr triste
Todo o Campo occupava, e sem effeito
Me cansava em move-lo: elle presiste
Largo tempo calado, e emfim desfeito
Da vergonha o reparo, em que consiste
Toda aquella inacçaõ, o seu conceito
Cada qual deixa ver, e claramente
Se escusa de seguir-me a mais da gente.

XXI.

Eu notando, que o amor, que o zêlo puro
Da patria liberdade naõ bastava,
Que era inutil o rogo, e mal seguro
O respeito; que o susto atropellava
Os deveres mais santos, que era duro
Forçar tantas vontades; mas que eu dava
Hum terrivel exemplo, se cedia
Do primeiro projecto, que emprendia;

XXII.

Vendo, acaso, hum regato, que bem perto
De nós guiava a placida corrente,
E traçava em redor do Campo aberto,
Huma linha de prata transparente,
Cortando do discurso o fio incerto,
Passei ao lado opposto, e tendo em frente
A desmayada Trópa, desta sorte
Lhe fallei resoluto ao ferro, e á morte.

Eu

XXIII.

Eu naõ pertendo ser acompanhado
Por coraçoens forçados, esta empreza
He só digna de quem vive inflamado
De hum nobre ardôr de gloria Portugueza:
Quem naõ sente este impulso, ou penetrado
Se vê de hum pavôr torpe, a fortaleza
Naõ perturbe dos mais; póde ausentar-se,
Vá bem longe de nós acautelar-se.

XXIV.

Mas se alguns Portuguezes verdadeiros,
Que eu sei, aqui os ha, querem ter parte
Na gloria desta acçaõ, e companheiros
Querem ser no valôr, que o claro Marte
Me inspira neste instante, dos primeiros
Se affastem logo, cada qual se aparte;
Passe p regato, quem seguir-me intenta,
Fique, quem de ficar mais se contenta.

XXV.

Maravilhoso effeito da vergonha!
Que mais do que o valôr, mais do que o zêlo,
Póde ás vezes nos homens! sem que eu ponha
Mais diligencia alguma por movê-lo,
O Campo passa inteiro; que eu disponha
Quer já do seu destino, e com desvelo,
Cada qual se adianta a persuadir-me
Do dezejo, que inculca de seguir-me.

Dei

XXVI.

Dei a todos mil graças, mil louvores
Por taõ briosa acçaõ; mas brevemente
Querendo aproveitar os seus ardores,
Fiz pôr o Campo em marcha diligente:
Jà soavaõ trombetas, e tambores
Na estrada de Fronteira, já contente
A gente parecia, e desejosa
De aventurar a sorte duvidosa.

XXVII.

Quando ao longe se mostra hum Cavalleiro;
Que a toda a rédea para nós corria,
E na pressa, e no traje hum mensageiro,
Ou Correio de Campo parecia;
Chegou em fim a nós, e verdadeiro
Postilhaõ disse ser, e que trazia
Para mim hum recado; eu me adianto;
Mas o vê-lo me faz horror, e espanto.

XXVIII.

De meu Irmaõ D. Pedro era hum criado;
Com que vergonha, com que raiva o digo!
De meu Irmaõ, que cégo, e mal guiado
Vinha mandando as armas do inimigo:
Por ordem sua vinha encarregado
De encarecer-me a força do perigo,
A que expôr-me queria, e se podesse
De tentar-me por parte do interesse.

Naõ

XXIX.

Naõ acabei de ouvir huma Embaixada
Taõ infame, taõ vil, taõ indecente,
Que igualmente offendia a fé sagrada,
Que insultava o valôr do peito ardente;
Cortei-lhe o fio, e mal dissimulada
A colera, na voz impaciente,
O Mensageiro envio da proposta
Com esta breve, e solida resposta.

XXX.

Dizei a meu Irmaõ, que eu naõ pertendo
Seguir seus pareceres, nem preciso
Das suas compaixoens; que desattendo
O seu torpe conselho, e seu aviso;
Que cuide mais em si, porque eu entendo
Fazer-lhe ver bem cedo o prejuiso
Da sua opiniaõ; e vós agora
Correi, porque eu vos sigo sem demora.

XXXI.

Assim o fiz; mas sendo o meu recado
Dos contrarios no Campo recebido,
Pelos Chéfes das Trópas ponderado,
E com votos diversos discutido,
Bem que fosse de muitos reputado
Hum ameaço vaõ, mal entendido,
Assentou-se por fim, que eu poderia
Sustentar a promessa, que fazia.

E

XXXII.

E julgando precifo anticipar-fe
A ganhar hum terreno, onde mais certa
A vantagem podeffe affegurar-fe
Do numero mayor, que defcoberta
No feu partido eftava, e dilatar-fe
Em Campina mais rafa, mais aberta
Abandonando o fitio, que formavaõ,
Contra nós igualmente fe avançavaõ.

XXXIII.

Duas milhas, ou menos de diftancia
De Fronteira fe achava a minha gente,
E com moftras de zêlo, e de conftancia
Mais oufada marchava, mais contente,
Quando a bellica rouca confonancia
Das trombetas contrarias fe preffente,
Acompanhada do tumulto vago,
Com que Marte annuncia o fero eftrago.

XXXIV.

Fiz alto, dei as ordens neceffarias
Para a proxima acçaõ, e furiofa
Se feguio promptamente; porque as varias
Soberbas gentes, que na portentofa
Multidaõ confiadas, as contrarias
Bandeiras vem feguindo, a valorofa
Condiçaõ de taõ poucos naõ temendo,
Sobre nós fem demora vem correndo.

No

XXXV.

No Campo, que ſe diz dos Atoleiros
Se trava em fim a bellica diſputa,
Gonçalves de Sevilha entre os primeiros
Mil eſtragos nos noſſos executa;
Eu o vî, de tres golpes, tres guerreiros
Derribar com acçaõ taõ reſoluta,
Que me póde fazer a maõ peſada
Se naõ invéja, emulaçaõ honrada.

XXXVI.

Puz-me diante delle ouſadamente
A pé, como me achava, e logo a lança
Contra mim fulminando impaciente
Atropellar-me intenta ſem tardança,
Mas, bem que foi o golpe taõ valente,
Que a ferir-me no peito o ferro alcança;
A reſpoſta foi tal, que lança, e braço
lhe foi cahir dallî naõ curto eſpaço.

XXXVII.

Alvoroçou-ſe toda a gente Luſa
Com a viſta do golpe venturoſo,
Já naõ teme a vantagem, nem recuſa
Qualquer lance por forte, ou perigoſo;
Qual buſca o mayor riſco entre a confuſa
Competencia dos golpes, qual raivoſo
Pelos ferros ſe mete, e finalmente
Cada qual vence, ou morre illuſtremente.

XXXVIII.

Mas naõ menos nos peitos dos contrarios
Ardem chamas vorazes de vingança,
Obrando cada qual excessos varios;
Produzidos da raiva, e da esperança;
A vantagem lhe inspira os ordinarios
Esforços naturaes da confiança;
E desprezando as nossas ousadias,
Opprimi-las esperaõ nas porfias.

XXXIX.

Indecisa a Victoria largo espaço
Hum, e outro partido attenta olhava;
Já benigna ao valôr do Luso braço,
Já propicia ao poder, que respeitava;
Quando vendo durar este embaraço,
O Gram Mestre gentil de Calatrava,
Com impulso feroz, e destemido
A quiz fazer entrar no seu partido.

LX.

Qual o bravo Leaõ, que encarniçado
O rebanho das rezes vai rompendo,
Deixando alli hum touro esquartejado,
Outro acolá nas guardas desfazendo,
Confunde, assusta, precipita o gado
No pavor mais funesto, mais horrendo,
E mais inda que o damno, faz sensivel
A desordem mais triste, mais terrivel.

Tal

XLI.

Tal o forte guerreiro enfurecido
Pelos nossos Soldados vai entrando
Hum deixando de hum golpe mal ferido,
Outro de hum duro encontro atropellando,
Revolve tudo, tudo confundido
Precipita no horror, que vai causando,
E cobrindo de horror a Trópa triste,
Tudo lhe foge, nada lhe resiste.

XLII.

De sangue, e pó coberto, insaciavel
De feridas, e mortes, cobiçoso
De vingança, e de gloria, impenetravel
A golpes ordinarios, só gostoso
De encontrar resistencia mais notavel,
O Campo corre todo, e furioso
Por toda a parte a plebe atropellando,
Os Capitaens mais fortes vai buscando.

XLIII.

Encontrou-se comigo, ó foi no acerto
Mais ditosa, que a sua, a minha sorte;
Que eu hum golpe tirei só deste aperto,
Elle tirou naõ menos do que a morte:
Seguio-se a ella triste desconcerto
Nos inimigos todos, que taõ forte
He hum golpe tal vez, se acaso tópa
A cabeça do Chefe de huma Trópa.

XLIV.

Havia mais alguns nas Castelhanas
De notorio valôr, mas neste dia
Naõ podéraõ das armas Lusitanas
Embaraçar a nobre valentia;
Empenhada a fortuna, as mais ufanas,
Mais patentes vantagens nos confia;
Tudo céde, declara-se a victoria,
Dando novos treféos á Lusa gloria.

XLV.

Della foi prompto fructo a liberdade
Da Praça de Fronteira, e mais formoso
A conquista de Arronches, e a humildade
De Alegréte, que rende obsequioso
As portas, sem disputa, e na lealdade
Se confirma do zêlo generoso,
Que o nacional affecto lhe dictava,
E que a força violenta embaraçava.

XLVI.

Chegava o dia grande, o fausto dia
Ao mais alto Mysterio consagrado,
Em que o Filho de Deos, e de Maria,
Querendo ser por nós sacrificado,
O proprio Corpo, e Sangue convertia
Em suave manjar santificado,
Para alentar os coraçoens mais puros
Pela serie dos seculos futuros.

E

XLVII.

E Defpertando taõ feliz memoria
O Catholico zêlo em noffos peitos,
Conhecendo bem claro, que a victoria
Fóra favor do Ceo, que os feus effeitos
Eraõ do mefmo Ceo graça notoria;
Para render-lhe os mais fieis refpeitos,
Bufcando da piedade o norte jufto,
Marchámos de Affumar ao Templo augufto.

XLVIII.

Mas qual horror á vifta nós prepara
Aquelle lugar fanto, confagrado
A' Raynha dos Ceos, à Mãy preclara
Do mefmo Deos! O Templo profanado
Achamos dos cavallos: Quem penfára
Hum taõ barbaro exceffo! allî formado
Tinha fido o quartel daquelles brutos,
Pelos noffos contrarios diffolutos.

XLIX.

De immundicias coberto o pavimento
Eftava ainda todo: Enternecidos
O varremos; porém com penfamento
De expiar algum dia enfurecidos
Com o fangue dos réos, taõ torpe intento;
E limpo em fim o Templo, entre gemidos,
Allî rendemos reverentemente
Noffas graças ao Deos Omnipotente.

Voltei

L.

Voltei logo a Eſtremôz, e deſta Praça
A' famoſa Cidade de Sertorio,
Onde o nobre motivo da deſgraça
Do bom fiel Gonçalves foi notorio;
Livra-lo projectei por força, ou traça,
Da priſaõ vil; mas era peremptorio
O termo do remedio; porque della
O queriaõ paſſar para Caſtella.

LI.

Mandei alguns Soldados eſcolhidos,
Com ordem de eſpiar o dia, e hora
Da mudança do preſo, que eſcondidos
Nos pinhaes, que a campina tem bem fóra
Já de Villa Viçoſa, e prevenîdos
Para todo o ſucceſſo, ſem demóra
Podeſſem ſurprender os eſperados
Conductores do preſo deſcuidados.

LII.

E taõ ditoſa foi, tam bem lograda
A penſada interpreza, que ſuppoſto
Huma eſcolta bem grande, e bem armada
Foſſe em guarda do preſo; a penas poſto
Foi no ſitio preciſo da emboſcada,
Quando os noſſos moſtrando o féro roſto,
Das maons lho tiraõ, tudo desbarataõ,
Ferem huns, prendem outros, outros mataõ.

Em

LIII.

Em tanto tive aviso dos preparos,
Que no Porto fazia o zêlo nobre
Daquelle povo, e dos Varoens preclaros,
Em que a fé nacional mais se descobre,
Soube como applicando esforços raros,
A que ajuda com gosto o rico, e o pobre,
Huma Armada formavaõ destinada
Ao soccorro da Côrte bloqueada.

LIV.

E desejando ter alguma parte
Na honra, e lustre desta nobre empreza,
A que incîta igualmente o ardor de Marte,
E o desvelo da gloria Portugueza;
Só com duzentas lanças, que reparte
O meu empenho a penas da pobreza
De hum taõ pequeno Campo, fui marchando
As correntes do Douro procurando.

LV.

Mas a penas pizava as graciosas
Celebradas ribeiras do Mondego,
Avançando com marchas trabalhosas
Toda aquella distancia sem socego,
A penas entre idéas gloriosas
Da risonha Coimbra á vista chegó;
Quando certa noticia me foi dada
De ter levado ferro toda a Armada.

Senti

LVI.

Sentí muito, confesso, ver frustrados
Tantos desvelos, tantas diligencias;
Porque entendi, que foraõ desprefados
Pela ambiçaõ de algumas precedencias;
Mas como os meus projectos regulados
Eraõ do zêlo, naõ de competencias,
Occultando no peito o meu desgosto,
Para voltar estava já disposto.

LVII.

Quando tive noticia, que obrigada
De precizaõ de varios provimentos,
De Buarcos nas prayas ancorada
Se achava entaõ a Armada; e pensamentos
Renovando da empreza desejada,
Dei parte ao Capitaõ dos meus intentos,
Prevenindo com prompto mensageiro
Qualquer successo menos lisonjeiro.

LVIII.

Mas igualmente foi aqui perdido
Todo o desvelo do meu zêlo ardente
Servindo aquelle aviso recebido
De apressar a partida taõ sómente;
Soltou vélas á Armada, e foi sabido,
Que de mim se apartava: eu justamente
Satisfaçaõ pedira; mas naõ peço,
Quero sô ponderar este successo.

O

LIX.

O General em Chéfe desta Armada
Era o Conde de Neiva, e de Faria,
Em quem fora por mim renunciada
Grande parte dos bens, que possuîa:
Vós sabeis, que esta acçaõ foi só fundada
Na estimaçaõ da sua companhia;
Elle, por evitar a minha, agora
Duas vezes se ausenta, sem demora.

LX.

Voltei para Alemtejo, e no caminho
Soube junto a Punhete com cautela,
Que devia passar allî visinho
Hum comboy importante de Castella;
Que constava de gado, paõ, e vinho,
De dinheiro, de roupas, e baxella,
E que a gente de guerra, que trazia,
Pouca mais do que a minha ser podia.

LXI.

Imaginei, que o Ceo compadecido
Destinava com esta providencia
Supprir a grande falta, que soffrido
Tinha da minha gente a paciencia;
Porque havendo de todo consumido
Os provimentos, posta na indigencia
Mais manifesta, a penas se animava
Da constancia fiel, que professava.

De

LXII.

De forte, que a noticia deste aperto
Deu motivo em Thomar, a que quizesse
Algaduxe, hum Hebreo, tractante esperto;
Tentar a nossa fé com interesse;
E supposto que teve pouco acerto
Naquella sugestaõ, bem se conhece,
Que lhe deu occasiaõ para a ousadia
A miseria fatal, em que nos via.

LXIII.

Querendo pois supprir de alguma sorte
Aquella triste falta, e cubiçoso
Da gloria de vingar com braço forte
Tanto roubo cruel, e lastimoso,
Dando á minha jornada hum breve córte;
O retiro busquei de hum valle umbroso,
Onde o corpo do monte mais visinho
Me escusava ser visto do caminho.

LXIV.

E pondo sobre o cume deste outeiro
Algumas sentinellas prevenidas
Para darem aviso verdadeiro
Da chegada das gentes pertendidas;
Nas agradaveis margens de hum ribeiro
Descançámos hum pouco das crescidas
Fadigas da viagem, com vontade
De alimentar a fraca humanidade.

Mas

LXV.

Mas a penas as mesas preparadas
Com pobres iguarias, nos incitaõ
A refazer as forças quebrantadas,
Que os trabalhos continuos debilitaõ,
Quando algumas das guardas avançadas
Com instante fervor nos solicitaõ,
Que passemos o monte; porque a gente
Inimiga se vê já claramente.

LXVI.

Naõ houve quem tivesse mais vontade
De comer, ou beber; cada qual corre
A's armas com a furia, e brevidade,
Que precisa no caso se discorre;
Montamos sem demora a extremidade
Da visinha Colina, donde morre
A vista do Horizonte, e já bem perto
Todo o Comboy se mostra descoberto.

LXVII.

Entaõ rompendo repentinamente
O silencio por todos observado,
Mandei dar as trombetas vivamente
O signal de investir taõ desejado;
E dando prompta, mas compostamente
Sobre a Trópa, que a passo descuidado
Pela estrada marchava, a penas ver-se
Póde em fórma capaz de defender-se.

Mostrou

LXVIII.

Moſtrou com tudo alguma reſiſtencia,
Bem que póde durar pequeno eſpaço,
Naõ lhe baſtando toda a diligencia
A deter o furor do Luſo braço;
Ficou-nos o Comboy por conſequencia;
E Caſtella tirou deſte embaraço
A perda delle, e os damnos effectivos
De maís de oitenta mortos, e captivos.

LXIX.

Chegado em fim ás terras Tranſtaganas,
Allí tive noticia, que o Caſtello
De Monſarás ás armas Caſtelhanas
Tributára infiel o ſeu deſvelo;
E vendo, que as fronteiras Luſitanas,
Além do riſco de hum taõ máo modelo,
Podiaõ receber daquella parte
Inſultos graves nas queſtoens de Marte.

LXX.

Recuperar tentei daquelle Forte
O dominio perdido; mas tractavel
Naõ era aquella empreza ao duro córte
Do valor, ou da força mais notavel;
O ſitio do Caſtello he de tal ſorte
Inacceſſivel, duro, e inexpugnavel,
Que ſeria perder o tempo, e gente,
Fazer-lhe a guerra deſcobertamente.

Pro-

LXXI.

Projectei pois haver por manha, ou traça,
O que á força das armas naõ podia;
Que a destreza o valôr naõ embaraça,
Nem a subtil astucia he cobardia;
E sabendo, que entaõ a sorte escaça
O Castello de carnes mal provia,
Huma noite lhe fiz lançar defronte
Algumas vacas no visinho monte.

LXXII.

E mandando marchar alguns Soldados
Com cautela, segredo, e diligencia
A ganhar os rochedos, que chegados
O Forte tem do monte na eminencia,
Lhe dei ordem, que nelles alojados
Esperassem da sórte a providencia,
E que vendo patente alguma entrada
A ganhassem com furia acceleradа:

LXXIII.

Que eu em tanto de sitio competente
Acudiria prompto, e vigilante,
Com soccorro mayor de armas, e gente,
A segurar-lhe o passo vacilante;
E sendo tudo obrado promptamente
Com zêlo puro, com valor constante,
Foi tambem succedida esta interpreza,
Que foi recuperada a Fortaleza.

Tive

LXXIV.

Tive logo noticia, que chegára
A Badajóz com grande companhia
Castanheda Varaõ de fama clara,
Que encontrar-se comigo pertendia;
E quando o meu cuidado se prepara
A cumprir-lhe o desejo, que trazia,
Por hum trombeta manda insinuar-me;
Que no dia seguinte vem buscar-me.

LXXV.

Respondi-lhe, que eu tinha prevenido
Escusar-lhe o trabalho da jornada,
Que junto a Badajóz fosse servido
Receber a visita insinuada;
E com esta resposta despedido
O trombeta; naquella madrugada
Sahi de Elvas com toda a minha gente
A cumprir a palavra promptamente.

LXXVI.

Naõ madrugáraõ tanto os Castelhanos;
Porque o recado naõ acreditavam;
Fundados na vangloria, e nos enganos,
Que as vantagens das forças lhe inspiravaõ;
Mas recebendo agora os desenganos
Pela voz das trombetas, que escutavaõ,
Pelas portas sahindo da Cidade,
Se vêm mostrando em grande quantidade.

Fo-

LXXVII.

Foraõ logo cumpridos cabalmente
De huns, e outros os votos fervorosos;
Castelhanos, e Lusos igualmente
De provar-se parecem cubiçosos:
Eu busquei Castanheda attentamente
Entre os seus Capitaens mais valorosos;
Mas naõ pôde lograr o meu cuidado
Aquelle encontro de ambos desejado.

LXXVIII.

Accendeo-se nos peitos arrogantes
De hum, e outro partido a chama activa
Da raiva Marcial, que os fulminantes
Pesados golpes mutuamente aviva;
Qual se ajuda das forças importantes,
Qual da destreza, que o valor cultiva,
Qual fere venturoso, qual ferido
Vingar procura o golpe recebido.

LXXIX.

Mas durou este ardor pequeno espaço
Nos Castelhanos peitos, que cedendo
Pouco, e pouco ao valor do Luso braço,
Para os muros se foraõ recolhendo;
Nós os fomos seguindo, em quanto o passo
Achou livre o valor, athé que sendo
Encerrados de todo na muralha,
Para o campo voltámos da batalha.

Nes-

LXXX.

Neste campo postados novamente,
Estivemos de fronte da Cidade
Largo tempo, por ver se aquella gente
Tentaria da sórte a variedade;
Mas conhecendo em fim bem claramente,
Que naõ tinhaõ da offerta já vontade,
Nos recolhemos, conduzindo ufanos
Por troféo vinte presos Castelhanos.

LXXXI.

Igual soberba, e menos valentia
Encontrei em Sarmento, outro famoso
Capitaõ de Castella, que regia
Hum corpo de Hespanhoes mais numeroso;
Este, e outros, que em sua companhia
Se ajuntáraõ no Crato, onde raivoso
Castanheda chegou do máo successo,
Da vingança se empenhaõ no progresso.

LXXXII.

E confiados orgulhosamente
Na vantagem das forças, que mandavaõ;
Julgando intimidar-me indignamente
Com ameaços vaons, que publicavaõ;
Me dirige Sarmento huma insolente
Indecorosa carta, em que se achavaõ
Mais injurias, que letras, e a confia
De hum Soldado, por quem me desafia.

Hu-

LXXXIII.

Huma espada por gage da batalha ;
Pelo mesmo me envia , e me convida,
A que pouco distante da muralha ,
A visita; lhe acceite offerecida ;
Accrescentando mais , que elle trabalha
Por faze lo taõ breve , que duvída
Receber já resposta do recado ,
Se naõ dentro no campo insinuado.

LXXXIV.

Naõ fiz caso da carta , que naõ tinha
Por escripto, resposta congruente ,
Esperando de dar-lhe , na visinha
Occasiaõ do combate , a competente ;
Respondi-lhe sómente , que eu convinha
Na proposta visita , e que patente
Lhe faria no campo , cára a cára ,
Quanto daquella carta me obrigára.

LXXXV.

E com esta resposta despedido
O portador da carta, satisfeito
Igualmente do termo comedido ,
Que do firme valor do Luso peito ,
Passei ordem , que tudo prevenido
A qualquer invasaõ , qualquer effeito ,
Ou da força , ou da astucia , a toda a hora
Nos podesse encontrar dos muros fóra.

LXXXVI.

Com effeito partido o mensageiro,
Chegou logo noticia, que marchando
Desde Arrayólos, com furor guerreiro
Vinha Sarmento o campo devastando;
E fazendo-se á vista verdadeiro
Brevemente este aviso, fui postando
A minha gente fóra da muralha,
Disposta toda em fórma de batalha.

LXXXVII.

Mas foi este prospecto só bastante
A suspender taõ fortes ameaços;
Sarmento taõ feróz, taõ arrogante
Naõ se atreve a provar os Lusos braços:
Confuso pára, e logo vacilante
Esperando da noite os embaraços,
Della se vale para a retirada,
Sem chegar a tirar no campo a espada.

LXXXVIII.

Descarregou com tudo os seus furores
Sobre os pobres paizanos desarmados,
Commettendo mil roubos, mil horrores
Pelos povos, que achou desamparados;
Sobre os gados, e bens dos lavradores.
Foraõ todos seus golpes fulminados,
E com estas façanhas satisfeito,
Para a Praça de Almada foi direito.

Era

LXXXIX.

Era Governador daquella Praça,
E nella tinha a sua residencia,
Depois que póde em fim a sórte escaça
Aparta-la da Lusa obediencia,
E nella agora á custa da desgraça
Dos paizanos, com torpe providencia
Se encerrou carregado de despojo,
Que podera causar vergonha, e nojo.

XC.

Foi-me logo presente o grave damno,
Que a Provincia soffrera deste insulto;
Mas já quando se achava o Castelhano
Nos fortes muros torpemente occulto,
Com tudo fez o estrago deshumano
Na minha indignaçaõ taõ grande vulto,
Que a pesar do trabalho, e do perigo,
Assentei de lhe dar algum castigo.

XCI.

E sabendo, que a Praça de Palméla
Sinco legoas distante só de Almada,
Que o partido seguia de Castella,
Mais por força, que affecto regulada;
Com menos attençaõ, menos cautela,
Da guarniçaõ se achava mal tractada,
Com ajuda de alguns dos habitantes
A quiz livrar dos ferros dominantes.

XCII.

E ſendo taõ feliz éſta interpreza,
Que chegar, e vencer naõ teve meyo;
Sendo viſta a bandeira Portugueza
No caſtello, primeiro que o receyo;
Outro golpe tentei, outra ſurpreza
Fulminar ſobre Almada, em cujo ſeyo
Deſejava vingar os féros damnos,
Que Sarmento cauſou nos Tranſtaganos.

XCIII.

Com effeito marchando occultamente
Entre as ſombras da noite, acompanhado
De huma boa porçaõ da minha gente
Com diverſos pretextos disfarçado,
Abandonada a eſtrada competente,
Por naõ ſer dos contrarios obſervado;
Com varias contramarchas encoberto
Appareci em fim de Almada perto.

XCIV.

Porém já neſte tempo o Sol brilhante
Pelas portas do Oriente apparecia;
E nos muros, e campo circunſtante,
Qualquer objecto a viſta diſtinguia;
E ſendo condiçaõ taõ importante
Para lograr o fim, que pertendia
O ſegredo da marcha cautelloſa,
Logo julguei a ſórte duvidoſa.

Mas

XCV.

Mas por naõ ver fruſtrado inteiramente
Todo o trabalho deſta diligencia,
E naõ voltar o roſto indignamente
A' face do perigo, e reſiſtencia;
Em quanto a guarniçaõ confuſamente
Do Caſtello diſpoem a providencia,
A's entradas da Villa me adianto,
Onde mais fluctuava o horror, o eſpanto.

XCVI.

Alli era o clamor dos habitantes,
O ruido das armas, e Soldados
Taõ confuſos, que os ecos penetrantes
Os ouvidos deixavaõ atroados;
Mas a peſar dos gritos diſſonantes,
A peſar de mil golpes alternados,
O valor Portuguez abrio entrada
Pelas ruas da Villa perturbada.

XCVII.

Acudiaõ com tudo os Caſtelhanos
A cada paſſo com mayor deſvelo;
Mas a furia dos golpes Luſitanos
Mais reparo naõ tinha, que o Caſtello;
Nelle em fim ſe recolhem, nelle os damnos
Preſenceiaõ da Villa, que o mais bello,
Mais luſtroſo deſpojo nos guardava
Nos cavallos, e armas, que encerrava.

Alli

XCVIII.

Alli vi Caſtanheda; mas agora
De encontrar-me naõ tanto cubiçoſo,
Pois apenas me aviſta, ſem demora
Se retira com paſſo indecoroſo;
Igual temor a muitos mais devóra,
Cujo nome no Mundo era famoſo;
Só Sarmento naõ vi, dizem que eſtava
Entaõ no campo, aonde ElRey ſe achava.

CXIX.

Outra vez a Palméla recolhido,
Alli me deu hum voſſo menſageiro
Huma carta, na qual ſendo ſervido
De fazer-me ſaber o verdadeiro
Eſtado da Cidade, era incumbido
De paſſar deſta parte, em ſom guerreiro,
Para achar-me na voſſa companhia
Na glorioſa acçaõ, que ſe emprendia.

C.

Poucas vezes, Senhor, na minha vida
Tive goſto mayor: O meu affecto,
O zêlo Portuguez, a fé devida
A' Naçaõ, a grandeza do projecto,
Tudo me inflamma, tudo me convida
Com taõ viſtoſo, taõ brilhante aſpecto,
Que naõ creyo, que as glorias mais formoſas
Poſſaõ ter attracçoens mais poderoſas.

Deſe-

CI.

Desejei partir logo; mas devia,
Segundo a mesma carta me ordenava,
Novo aviso esperar do sitio, e dia,
Que para a grande acçaõ se destinava,
E quando a dilaçaõ já mal soffria
Da noticia, que tanto me tardava,
Outro aviso me chega acelerado
De ser o cerco em fim abandonado.

CII.

Naõ pude resistir á força unida
Do alvoroço, do gosto, e da saudade,
Que me obriga, me incita, e me convida
A passar desta parte da Cidade;
E supposto, que certa, e bem sabida
Restava a principal difficuldade,
Da passagem do rio, que guardada
Se achava do poder de toda a Armada.

CIII.

O fogo da payxaõ, que em mim se accende;
Naõ se apaga com sopros de receyo;
Que he bem froxo o desejo, que se rende
A's torpes sugestoens do medo feyo;
E como o meu projecto só depende
Do meu risco, sem grave damno alheyo,
O primeiro batel, que achei vasio
Me deu os meyos de passar o rio.

CIV.

Cabia nelle muito pouca gente,
Nem eu quizera grande companhia;
Mas fazendo jornada taõ contente,
Quiz trazer inſtrumentos de alegria;
E paſſando no meyo da corrente,
Quando apenas a aurora deſcobria
Os primeiros fulgores, que mal davaõ
Huns indicios da luz, que annunciavaõ.

CV.

Vendo o grande ſocego, que na Armada
Dos contrarios reinava, ſem cautela
Dormindo a gente alli taõ ſocegada
Como ſe o rio foſſe de Caſtella,
Lhe fiz dar de repente huma alvorada,
Pelas minhas trombetas, com taõ bella,
Taõ venturoſa ſórte, que ſem damno
Deixei tudo no ſuſto mais tirano.

CVI.

E buſcando com prompta diligencia
O dezejado pórto, o Céo piedoſo
Concede á minha viva impaciencia
Na voſſa viſta o fim mais venturoſo;
Permitta agora a ſua providencia,
Que o meu zêlo vos ſeja proveitoſo,
E que em voſſo ſerviço, e deſte Eſtado
Poſſa ver-ſe o meu nome acreditado.

CVII.

Aſſim fallava Nuno, e novamente
Do Defenſor nos braços apertado
A reſpoſta recebe competente
Com juſtas expreſſoens de nobre agrado;
E recolhidos ambos juntamente
A mais proprio lugar, mais retirado,
Allî por varias vezes examinaõ
Varios pontos de guerra, que combinaõ.

FIM DO CANTO VI.

A LIBERDADE.

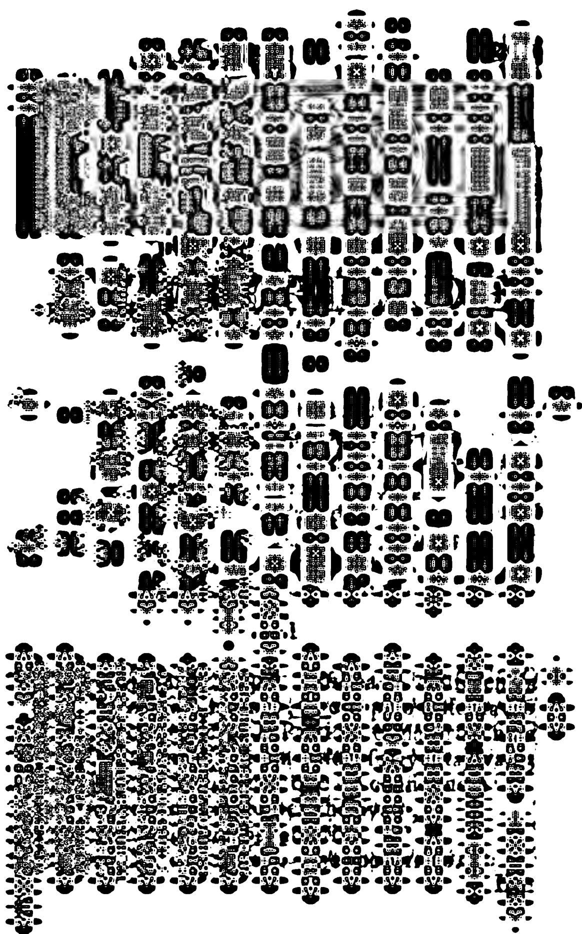
CANTO VII.

ARGUMENTO.



M quanto Nuno entretinha o Defenſor, alguns Capitaens obſervàraõ da parte dalém do rio hum combate, de que naõ podéraõ bem notar as circunſtancias, e ſómente parecia naõ ſer entre muita gente; mas dando conta diſto ao Defenſor, eſte ſe inquieta extraordinariamente e quer, que paſſe algum dos Capitaens mais atrevido, á parte oppoſta a ſaber a qualidade do caſo: Nuno ſe offerece, e havendo paſſado, lhe envia hum menſageiro, que declara, que o caſo obſervado fora huma eſcaramuça entre alguns Soldados de Nuno, e alguns Caſtelhanos, que excoltavaõ ſinco preſos, e huma Dama. Alvoraça-

roça-se muito mais o Defensor, manda apromptar gente, embarca, e marcha sobre Almada, para onde lhe disserão, que os Castelhanos levárão os presos. No Rio declara o Defensor a Vasconcellos a suspeita, que tem de que a prisioneira seja a bella Ignez. Conta-lhe os amores, que teve com esta Dama, e os embaraços, que teve com seu Pay. Chega a Almada, toma a Villa, e acha dentro a bella Ignez; conta esta os seus successos, e se inflamma novamente o Defensor, tanto no seu affecto, que se descuida dos negocios mais importantes; mas o Genio Tutelar de Portugal, que receya as consequencias desta paixão do Principe, lhe prepára hum avîso por meyo de hum sonho. Descreve-se a habitação dos sonhos, e se declara a differença delles. Expõem-se a representação do sonho do Defensor, e a sua explicação, em que se apontão as glorias de Portugal em todas as quatro partes do Mundo Cede a paixão do amor á paixão pela gloria no coração do Defensor, que em fim recolhe a bella Ignez em hum Convento, e prosegue a gloriosa empreza da defensa do Reyno.



II.

Havendo attentamente examinado
Alguns fortes, e postos importantes;
Donde bem se observava o rio armado,
E naõ menos as terras circunstantes,
Em hum sitio naõ muito desviado
Do caminho de Almada, fulminantes
Armas vêm rutilar, confusamente,
Correr Cavallos, combater-se gente.

III.

Mal podem distinguir-se as circunstancias
Do combate; mas bem se reconhece,
A pesar dos enganos das distancias,
Que hum partido sobre outro prevalece,
Naõ se enculca de grandes importancias
Qualquer dos dois, no vulto, que apparece;
Mas o furor, que nelles reluzia
Algum caso bem grave promettia.

IV.

Qual seja aquelle caso, ou qual partido
O favor da fortuna desfructava,
O mais vivo desvelo, o mais crescido
Naquelles Capitaens estimulava;
Mas o passo do rio defendido
Pela Armada inimiga, embaraçava
Examinar com mais fiel certeza
Do presente successo a natureza.

V.

Em tanta confusaõ embaraçados,
O Defensór procuraõ cuidadosos,
A quem fazem saber os observados
Movimentos, e passos duvidosos;
E sendo os sentimentos elevados
Daquelle coraçaõ, taõ generosos,
Que o perigo maior, mais manifesto
Já mais pôde alterar-lhe o firme gesto.

VI.

Este pequeno caso, este incidente
Taõ natural naquella conjunctura,
Que podéra julgar-se indifferente
A' sórte principal da guerra dura,
Commove agora taõ tiranamente
Aquella alma sublime, que procura
De balde disfarçar o grande aballo
Com que esta relaçaõ pôde agitalo.

VII.

Que passe logo quer, á parte opposta
Algum dos Capitaens mais destemidos,
Com ordem de enviar prompta resposta
Sobre aquelles encontros mal sabidos;
Porém Nuno, que tinha já disposta
A vontade a partir, e prevenidos
Os meyos da viagem, se offerece
A mandar-lhe a noticia, que apetece.

E

VIII.

E partindo com promptа diligencia,
Brevemente chegou hum mensageiro,
Que se abona de ter certa sciencia
Do principio do caso verdadeiro;
Mas como o Defensor tanta impaciencia
Mostra neste negocio, quer, primeiro
Do que explique o successo, ser levado
A' presença do Principe adorado.

IX.

Alli chegado, e delle recebido
Com mostras de alvoroço, e de bondade,
Por Soldado de Nuno conhecido,
E por homem de esforço e de verdade
Pelo Principe mesmo requerido,
Que fallasse com toda a liberdade,
Diante do concurso illustre, e forte
Principia a dizer-lhe desta forte.

X.

Vós, Senhor, já sabeis, que a Lusa gente,
Que o grande Nuno trouxe sobre Almada,
Depois do grande caso, e da valente
Expediçaõ de todo consumada,
Em quanto o General esteve ausente,
Em Palméla ficou aquartellada,
E que pelos contornos discorria
Em pequenas patrulhas cada dia.

Hum

XI.

Hum destes pois, que havia huma partida
Pela estrada de Almada adiantado
Os seus passos, e tinha já vencida
Mais de meya distancia, hum misturado
Rumor de gente, e brutos, que convída
A maior attenção foi escutado
De hum caminho visinho, que embocava
No mesmo, que a partida então levava.

XII.

O Commandante desta por cautela,
Bem que adornado de valôr augusto,
Receando, que fosse de Castella
Algum corpo de Tropas mais robusto,
Da estrada se apartou; mas junto della
Dois Soldados deixou de menos susto,
Que podessem occultos sem perigo
Reconhecer as forças do inimigo.

XIII.

E ganhando com sabia providencia
Hum bosque mais espesso, e não distante,
Que encoberto ficava da imminencia
De hum outeiro, que havia dominante,
Deixou ordem, que a toda a diligencia
Qualquer dos dois Soldados, que o semblante
Observasse da gente, que passava,
Lhe levasse a noticia, que esperava.

XIV.

Eu fui, Senhor, hum destes dois Soldados;
A quem coube por sórte aquelle empenho,
E por isso dos riscos observados
Certeza mais cabal, mais clara tenho:
Estava-mos os dois já socegados
Cadaqual por detráz de hum grósso lenho
De azinheira, cobertos da verdura
Das estêvas, carrasco, e sylva dura.

XV.

Quando pelo caminho prevenido
Apparecem quarenta Cavalleiros,
Que armados todos vém de aço luzido
Em cavallos soberbos, e guerreiros;
No meyo trazem quasi sem sentido,
Huma Dama com sinco prisioneiros,
Que alguns peoens armados vem cercando
A desmayada Dama sustentando.

XVI.

Fazia compaixaõ a maltratada
Respeitavel belleza, em quem apura
Neste mesmo desar de desmayada,
Os seus mais ricos dons a formosura:
A téz mimosa, a péle delicada
Hé mais clara, que a neve na brancura,
O naríz, bôca, frente, e sobrancelhas
Só na copia de Venus tem parelhas.

XVII.

As desmayadas faces conservando
Hum resto só da pura côr de rosa,
Na candura o deliquio equivocando,
A faziaõ mais bella, mais formosa;
Os dourados cabellos fluctuando
Pelas costas, e cinta melindrosa,
Luzida emulaçaõ ao Sol fazendo,
Eraõ risco naõ menos estupendo.

XVIII.

Mas naõ era de todo descoberto
O thesouro das graças mais brilhantes;
Onde o poder de Amor seguro, e certo
O preço tinha das paixoens amantes;
Os olhos finalmente havendo aberto,
Da sua luz os rayos penetrantes
Entre agrado, viveza, e compostura
Mostraõ todo o valôr da formosura.

XIX.

Os olhos abre em fim; que ao Ceo levanta;
Os olhos; porque as maons ligadas tinha,
Que a fereza dos guardas era tanta,
Que em tyrannas prisoens atada vinha;
E como quem do estado vil se espanta,
Que taõ pouco por certo lhe convinha,
Exalando hum suspiro magoado,
Desta sórte accusava o duro fado.

XX.

,, Que crime foi o meu, ou qual delicto
,, Huma fraca mulher desamparada,
,, Póde fazer das armas no conflicto,
,, Que deva desta sórte ser tractada?
,, Eu por ventura a fama solicito
,, De Amazona feróz? Eu fui achada,
,, Ou no Campo vestida de armas fortes,
,, Ou nos congressos concitando mortes?

XXI.

,, Eu tive algum presidio, alguma praça
,, Entregue a meu cuidado? Alguma gente
,, Sujeita ás minhas ordens, com que faça
,, Hum partido na guerra competente?
,, Deu-me algum senhorio a sórte escaça?
,, Algum poder? Ou fez-me algum valente
,, Capitaõ, de quem possa o peito fórte
,, Fazer da guerra vacillar a sórte?

XXII.

,, Se o ser fiel á Patria, em que nascida,
,, Em que educada fui, se o ser constante
,, Nos primeiros affectos, na devida
,, Observancia da fé me dá bastante
,, Causa para a ruîna, e perseguida
,, Sou sómente por ser perseverante
,, Em taõ nobres cuidados, que tormentos
,, Guarda o Ceo para peitos fraudulentos?

Ah,

XXIII.

,, Ah, meu Principe, e quando pensaria
,, A tua firme Ignez, que o teu amparo
,, Algum dia faltar-lhe poderia
,, Nas suas afflicçoens! Se o fado avaro
,, Alguma vez.....,, Mas como proseguía
Na sua marcha o som já menos claro
Da doce vóz perdido na distancia,
Frustrou em fim a minha vigilancia.

XXIV.

Partimos promptamente a dar aviso
Eu, e meu camarada ao Commandante,
Que julgou naõ só justo; mas preciso
O despique de acçaõ taõ petulante;
E querendo evitar o prejuizo
De qualquer dilaçaõ, no mesmo instante
Manda marchar do monte pela volta
A pequena partida á redea solta.

XXV.

Com effeito chegamos justamente
A ganhar o caminho desejado,
Quando vinha por elle a estranha gente
Apparecendo a passo socegado:
Naõ sófre mais a furia impaciente
Do nosso Commandante arrebatado;
A elles, grita, e sem fazer demora
Hum dos contrarios pôz da sella fóra.

Ou-

XXVI.

Outro, e outro depois, em breve espaço,
Igual sórte tiveraõ, nem deixára
Cavalleiro na sella o fórte braço,
Se no terceiro a lança naõ quebrára;
Mas naõ mostra menor desembaraço,
Depois que na maõ toma a espada clara;
Pois cada golpe féro, que fulmina,
Ou despedaça, ou mata, ou arruîna.

XXVII.

Seguimos todos com vontade accesa
Do Commandante os passos valorosos;
Cada qual quer mostrar naquella empreza
Quanto valem seus brios generosos;
A compaixaõ incîta a fortaleza,
Anîma a dôr os peitos bellicosos;
E da Dama infelîz a sórte dura
Emmendar, ou vingar qualquer procura.

XXVIII.

Dos primeiros encontros vaõ rodando
Pelo campo naõ poucos inimigos,
E da espada nos fios vaõ provando
Nada menos funestos os castigos;
Mas em quanto se via fluctuando
A victoria no meyo dos perigos,
Do numero maior embaraçada,
E do Luso valôr solicitada.

Al-

XXIX.

Alguns dos Cavalleiros incumbidos
Do cuidado dos presos, ou zelosos
Da sua segurança, enfraquecidos
Vendo dos seus os peitos duvidosos,
Para os muros de Almada conhecidos
Se dirigem com passos cuidadosos,
E na praça recolhem por cautela
Os sinco presos, com a Dama bella.

XXX.

Naõ sofre o Defensor, que mais prosiga
Na triste relaçaõ o mensageiro;
Porque a viva paixaõ, que n'alma abriga,
Lhe accende a chama do furor guerreiro;
Naõ tem socego em quanto naõ castiga
Desacato taõ féro, e taõ grosseiro;
E julga por desár qualquer demóra
Na vingança, que o peito lhe devóra.

XXXI.

Qual a brava leóa, a quem roubára
Atrevido pastor algum filhinho,
Em qnanto delle ausente procurára
O sustento, que tráz ao vago ninho,
Furiosa do damno, que observára,
Bramindo parte, e segue no caminho
Do roubador os passos, que no muro
Da cabana se julga já seguro.

Tal

XXXII.

Tal o fórte Varaõ enfurecido
Na noticia do caso lastimoso,
Havendo nos signaes reconhecido
A Dama, que o rigor sofre aleivoso,
Das suas afflicçoens enternecido,
E na vingança dellas furioso,
Seguir quer, a pesar dos embaraços,
Dos inimigos para Almada os passos.

XXXIII.

Aprompta manda a toda a diligencia
Armas, embarcaçoens, e provimentos;
Porque a gente se alista á competencia;
Taes eraõ da Naçaõ os sentimentos.
Felizmente, por alta providencia
Da fortuna, que ajuda atrevimentos,
Em quanto dos preparos se tractava,
O maior embaraço se acabava.

XXXIV.

Porque as Náus Cástelhanas, que ancoradas
Eraõ do Tejo no formoso seyo,
E da guarda do rio encarregadas,
A passagem cobriaõ de receyo;
De repente das prayas apartadas,
Sem que possa accusar-se impulso alheyo;
Humas atráz das outras, sem demóra,
Se vaõ nadando pela barra fóra.

Pas-

XXXV.

Paſſa o rio já livre de perigos
O grande Defenſor, acompanhado
Do zêlo nobre dos fieis amigos,
E de hum corpo de Tropas bem armado;
Mil eſtragos medita, mil caſtigos
Em vingança do caſo relatado,
E com vozes, e premios liſonjeiros,
A diligencia anîma dos remeiros.

XXXVI.

Mas em quanto do rio na corrente,
Em ſocego forçoſo, ſe occupava
Nos motivos da raiva impaciente,
Que o bravo coraçaõ lhe devorava,
Vaſconcellos, que mais attentamente
Os diverſos affectos lhe obſervava,
E lograva conſtante no ſeu peito
Da mais pura amizade o doce effeito.

XXXVII.

Pretextando com zelo generoſo
De cuidado fiel, de affecto puro,
O natural deſejo ambicioſo
De penetrar myſterio taõ eſcuro;
Com inſtancia lhe pede obſequioſo,
Que lhe queria dizer, ſe o fado duro
Algum riſco maior lhe repreſenta,
Com que o ſeu fórte peito ſe atormenta.

Ah!

XXXVIII.

Ah! reſponde o Varaõ, e quanto engana
Huma apparencia van da fortaleza!
Tu me crês fórte, e toda a dôr tyrana,
Que me atormenta, naſce da fraqueza:
Bem ſei, que eſta expreſſaõ talvez profana
A minha gloria; mas a natureza
Naõ iſenta os Heróes da triſte ſórte
De huma cega paixaõ, mais que elles fórte.

XXXIX.

Deva-me o teu affecto a confidencia,
Que a ninguem mais fizera. Eu amo amigo;
E amo cegamente: huma imprudencia
Foi origem talvez do meu perigo;
Mas hoje he honra pura, he já decencia
O cuidado, que ſinto; e no caſtigo,
Com que vingar de Amor offenſas tracto,
Cumpro o dever do brio mais exacto.

XL.

Tu ſabes, que eu vivi baſtantes annos
Nas terras, que de nós divide o Téjo,
Em quanto as diſſençoens dos Caſtelhanos
Naõ deraõ mais aſſumpto ao meu deſejo:
Allî bem livre de odios inhumanos,
A que o briga das armas o manejo
Em paſſeyos, em jogos, e caçadas,
Tinha todas as horas occupadas.

Hum

XLI.

Hum dia de prazer, que os moradores
De Veiros, com fervor solemnisavaõ,
Nas Igrejas com Hymnos de louvores,
E nas praças com festas, que ordenavaõ;
Attrahido das vozes, e clamores,
Que esta grande funçaõ annunciavaõ,
Passei áquella Villa, bem alheyo
Do mal, que me guardava no seu seyo.

XLII.

Mas apenas na praça disfarçado
Entre mascaras mil, procuro attento,
Dar á vista o recreyo costumado,
Das bellezas no vasto luzimento,
Quando logo me sinto arrebatado
Dos poderes do mais felîz portento,
Que em debuxos de graça, e gentileza
Póde idêar a sabia natureza.

XLIII.

Bem defronte do sitio, em que eu me achava;
Este raro prodigio apparecia,
E na graça, e decôro, que ostentava,
No respeito os agrados confundia;
Huma nuvem de nácar moderava
Os excessos da luz, que difundia;
Porque em cortina de brocado envolta
Nem de todo se prende, nem se solta.

Eu

XLIV.

Eu naõ pertendo agora retratar-te
Aquelle augusto mágestoso vulto,
De cujas perfeiçoens a menor parte
Excede a força do pincel mais culto;
A luz da idea, os primores da arte
Naõ saõ capazes de taõ nobre indulto,
E mais que empenho, fora sacrilegio
Pertender taõ ditoso privilegio.

XLV.

Quero só, que tu possas no conceito
De huma egregia completa formosura,
Desculpar as fraquezas do meu peito,
Perdoar-me os excessos da ternura;
Se tu já foste ás leys de Amor sujeito,
Facilmente o farás, e se taõ dura
He tua condiçaõ, que amor naõ sente,
Que sentirá nos males de outra gente.

XLVI.

Mas seja como for, eu sei que exposto
A' vista deste assombro de belleza
Me senti transportar de pasmo, e gosto,
De alvoroço, de susto, e de fraqueza;
Desejava de hum taõ brilhante rosto
De mais perto notar a gentileza;
Mas hum timido pêjo me prendia,
E nem dar hum só passo me atrevia.

Im-

XLVII.

Immovel, qual estatua hum largo espaço
Neste estado passei; porém vencendo
Os primeiros receyos do embaraço,
Foi o desejo os sustos excedendo;
Ousado me adianto, e nada escaço
Me foi o fado entaõ; porque antevendo
Quantos males Amor me prevenia,
Quiz fazer-me mimoso neste dia.

XLVIII.

Pois chegando debaixo da janella,
Que taõ rico thesouro em si guardava;
Da liberdade usando, e da cautela,
Que o disfarce da mascara abonava,
Pude notar naõ só da Nympha bella
O brilhante explendor, que me encantava;
Mas gozar a maior felicidade
Da sua vóz na doce suavidade.

XLIX.

Acabou de encantar-me inteiramente
A sua gravidade, o seu juizo,
A mimosa pronuncia, a vôz cadente,
O gracioso olhar, o doce riso,
E sobre tudo o estylo competente
A's materias, que tracta, ora conciso,
Ora grave, ora alegre, e sempre nobre,
Onde a graça, e decencia se descobre.

Apar-

L.

Apartei-me dalli sem liberdade,
E sem saber quem della me privava;
Porque o nome, a vivenda, a qualidade
Deste assombro fatal, tudo ignorava;
Mas querendo informar-me da verdade,
Como os passos Amor me encaminhava,
Antes de se acabar de todo a festa,
De tudo tinha idéa manifesta.

LI.

De Pedro Esteves, hum dos mais honrados
Moradores de Veiros, era filha
Esta illustre belleza, e celebrados
Seus dotes naturaes por maravilha,
Ignez era o seu nome, a quem prostrados
Os dourados farpoens Amor se humilha,
Porque na vóz da fama era constante,
Ser nada menos féra, que brilhante.

LII.

Mil corações inutilmente accesos
Dos seus olhos nas luzes se abrasáraõ;
Mil alvedrios, sem arbitrio presos,
A seus pés cegamente se prostráraõ;
Mas sómente rigores, e despresos
Por fructo dos seus votos alcançáraõ,
Sem que entre tantos hum sómente houvesse,
Que a mais leve attençaõ lhe merecesse.

LIII.

Esta mesma altivez, esta fereza,
Que podera servir de desengano
A meus nobres desvelos, na certeza
De hum peito duro, hum coraçaõ tyrano;
Foi maior incentivo da firmeza
Dos meus votos ardentes; porque o damno
Padecido dos mais, me promettia
Maior gloria no risco, que emprendia.

LIV.

Naõ te posso contar as diligencias;
Os trabalhos, desvelos, e cuidados,
Penas, sustos, desgostos, contingencias,
A que foraõ meus cultos obrigados;
Bastará só saber, que as consequencias
De excessos taõ fieis, taõ porfiados,
Foraõ por fim taõ doces, taõ ditosas,
Quanto as primissias foraõ trabalhosas.

LV.

Algum tempo vivemos desfructando
Mutuamente do Amor os gostos puros,
Em suave descuido aproveitando
Da sorte varia os mimos mal seguros;
Mas o tempo feliz passa voando,
Por decreto fatal dos fados duros,
Este tempo passou, e desta gloria
Só ficáraõ as sombras na memoria.

Ja

LVI.

Já duplicado fructo occultamente
O nosso amor havia produzido,
Sem que fosse de Ignez o Pay sciente
Deste commercio ás luzes escondido;
Mas teve em fim suspeita, e claramente
Soube parte do caso succedido;
Com que o seu nobre alento, sem tardança,
Os caminhos buscou para a vingança.

LVII.

Era Esteves honrado, e naõ queria
Huma injuria vingar com outra injuria
Lavar, sim com meu sangue pertendia
O decóro da filha, a propria incuria;
Mas hum fraco assassinio parecia
Indecente exercicio á sua furia,
E com mais nobre idêa o seu desgosto
Desafogo buscou mais bem disposto.

LVIII.

Sabendo, que eu passava incautamente,
Por hum sitio naõ muito frequentado,
Sem companhia alguma, e taõ sómente
Das ordinarias armas adornado,
Assaltando-me nelle de repente,
Com o ferro na maõ já preparado
Me expôem a sua queixa, e com a vida
Que pague quer a offensa commettida.

Dispus-

LIX.

Dispuz-me a defender-me, e foi forçoso
Servir-me bem das maons aquelle dia,
Contra as iras de hum homem valoroso,
Que em despique da honra combatia;
Mas se naõ mais valente, mais ditoso
O meu braço sahio nesta porfia,
Porque hum golpe tirado com ventura
Lhe fez beijar por força a terra dura.

LX.

Julgou-se morto Esteves, mas eu vendo
A victoria segura, e taõ barata,
E naõ menos tambem reconhecendo,
Que he valente quem vence, naõ quem mata;
A maõ lhe dando, assim lhe fui dizendo,
Levantai-vos, naõ queira a sorte ingrata
Que eu cometta a villeza de matar-vos
Quando chego indefeso a contemplar-vos.

LXI.

Ficou immovel, mudo, e pensativo
O bravo Esteves por hum largo espaço
Depois de levantar-se, hum incentivo
Sendo de outro incentivo estorvo, ou laço;
Offendido se achava; e vingativo
O brio de furor lhe armava o braço;
Mas devia-me a vida, e naõ queria
Ser tyrano com quem lha concedia.

LXII.

Venceo em fim no ſeu honrado peito
A virtude a paixaõ, e dominado,
Da vingança feroz o duro effeito,
Aſſim fallou valente, e ſocegado.
O Ceo naõ quer, que eu ſeja ſatisfeito,
Seja aſſim, viverei injuriado,
Mas naõ hei de intentar ſer homicida,
De quem cortez poupou a minha vida.

LXIII.

Aſſim dizendo, com feroz ſemblante
As coſtas me voltou precipitado,
Deixando-me ſuſpenſo, e vacilante
Entre mil confuſoens embaraçado:
Depois na voz da fama foi conſtante
Haver-ſe occultamente retirado
Neſte dia da Villa, e conduzido
A bella Ignez a ſitio naõ ſabido.

LXIV.

Neſte tempo por ordem de Fernando
A' Corte fui chamado, e brevemente
A guerra ſe rompeo, arrebatando
Toda a minha attençaõ eſte incidente;
E ſupoſto que Amor no peito brando
Acceſa conſervaſſe a chama ardente,
O deſejo da gloria, a que aſpirava,
A melhor parte d'alma me occupava.

Seguio-

LXV.

Seguío-se logo á guerra o casamento
Da Raynha de Hespanha, e logo a morte
De Fernando, da qual o sentimento
Inda agora me causa a dôr mais forte;
Depois della, tu tens conhecimento
Dos apertos crueis da minha sorte,
E bem vês, que mal posso ter sabido
O destino de Ignez qual tenha sido.

LXVI.

Mas pela relaçaõ deste soldado,
Que a noticia nos deu da gentileza
Daquella prisioneira, o meu cuidado
Presume ser Ignez a Dama presa;
Agora julga tu se interessado
Devo ser no successo desta empreza,
E se justo motivo tenho agora,
Para a céga afflicçaõ, que me devora.

LXVII.

Aqui na sua historia internecido
O namorado Principe chegava,
Quando foi por hum grito interrompido,
Que Marcial festejo annunciava;
Era clamor da gente, procedido
De conhecer, que á terra já chegava,
Com que todos se encheraõ de alvoroço,
Superado do rio o largo fosso.

LXVIII.

Diſpoz-ſe o deſembarque promptamente ;
Aproveitando aquelle ardor brioſo ,
Que he das victorias ordinariamente
Quaſi certo preſagio venturoſo ;
E taõ activo foi , taõ diligente
O valor dos ſoldados furioſo ,
Que por chegar á praya , que buſcavaõ ,
Muitos delles nas aguas ſe arrojavaõ.

LXIX.

Foraõ todos marchando , em diligencia
Sobre a Villa , que logo foi entrada ,
E rendida ſem grande reſiſtencia ,
Sendo pelo preſidio abandonada ;
Porque a gente da terra a preſiſtencia
Deſejando moſtrar da fé guardada ,
A peſar das deſgraças neſte dia
A ditoſa interpreza ſoccorria.

LXX.

Ganhada a Praça , ſocegada a gente ,
Senaõ ſocega o peito cuidadoſo
Do namorado Principe , impaciente
De deſatar o laço rigoroſo ,
Que opprime a bella Ignez , e naõ conſente
O ſeu nobre deſvelo attencioſo
Celebrar hum triunfo , em quanto chora
Perdida a liberdade o bem , que adora.

Manda

LXXI.

Manda vir da prisaõ, em que gemiaõ
Na fortaleza em ferros opprimidos
Todos, quantos os damnos padeciaõ
Dos Castelhanos odios procedidos;
E como os mais do caso naõ sabiaõ
Os amantes mysterios escondidos,
Vasconcellos amigo, e confidente
Nesta acçaõ se mostrou mais diligente.

LXXII.

Partio correndo, como quem buscava
O mais bello troféo desta victoria,
Para o Príncipe amante, em quem notava
Nada menos paixaõ de amor, que gloria;
E como o beneficio conservava
Da confidencia impresso na memoria,
Desejava pagar-lhe em diligencia,
A fineza daquella complacencia.

LXXIII.

Voltou em fim alegre, e acompanhado
Dos presos todos, entre os quaes se via
Rodeada do povo alvoroçado,
Marchar a bella Ignez, que difundia,
A pesar do rigor daquelle estado,
Taõ brilhante fulgor, que a luz do dia
Naõ he mais agradavel, quando apura
Os seus rayos rompendo a noite escura.

Sahio

LXXIV.

Sahio a recebe-la enternecido
O magnanimo Principe, occultando
Nos disfarces de hum genio agradecido;
As finas attençoens de hum peito brando;
Porém logo depois do haver cumprido
Este publico objecto, desejando
Dar mais livre exercicio a seus affectos,
A Vasconcellos disse os seus projectos.

LXXV.

E procurando aquelle confidente
Satisfazer-lhe o gosto, com cautela,
Despedido o concurso brevemente
Pôz na sua presença a Dama bella:
Alli qualquer dos dois taõ vivamente,
Em ternuras amantes se desvela,
Que só quem já provasse hum tal effeito;
Póde delles formar justo conceito.

LXXVI.

Mil cousas mutuamente os dois amantes
Se perguntavaõ, mil se respondiaõ,
E mil vezes nas mais interessantes,
Com diversas questoens, se interrompiaõ;
Mas passados em fim alguns instantes
Naquelle doce enleyo, em que se viaõ
Confusos os sentidos; os progressos
Assim contou Ignez dos seus successos.

Depois

LXXVII.

Depois daquelle triste, infausto dia,
Em que meu Pay, sabido o nosso tracto,
Lavar com vosso sangue pertendia
O manchado esplendor do meu recato,
Buscando-vos no Campo, e na porfia
Sendo mais infeliz, foi taõ ingrato
Para mim sempre o fado, que o semblante
Já mais vi da alegria hum só instante.

LXXVIII.

Por meu Pay conduzida occultamente
Fui com cautela tal a huma herdade,
Que nem da propria casa a mesma gente
Teve mais de fallar-me a liberdade;
Assim passei tres annos, lentamente
Consumindo em chorar a minha idade,
Athé que as irrupçoens dos Castelhanos
Fizeraõ recear maiores damnos.

LXXIX.

Entaõ meu Pay, que mais me naõ fallára
Desde o ponto fatal do seu enfado,
E que a barba tambem já mais cortára,
Depois de se julgar injuriado;
Podendo nelle mais da Patria chara
O verdadeiro amor, que o genio irado,
Entrando no meu quarto, sem que ouvisse
Outra pessoa alguma, assim me disse.

LXXX.

,, Ignez os teus delictos saõ taõ feyos ,
,, Que me accusaõ da falta do castigo ;
,, Mas se a fortuna me embaraça os meyos ;
,, Nem por isso me abate o brio antigo ;
,, Algum dia a pesar destes enleyos
,, O Ceo mais liberal será comigo ,
,, Mas agora convém , que a minha furia
,, A' Patria sacrifique a minha injuria.

LXXXI.

,, Os Castelhanos , contra a fé jurada
,, Nos solemnes Tractados , tem rompido
,, A promettida paz , e declarada
,, A guerra contra o Reyno enfraquecido
,, Pela falta de Rey , e pela errada
,, Fórma do seu governo dividido
,, Em partidos contrarios , que impugnando
,, Huns a outros se vaõ debilitando.

LXXXII.

,, A gente mais amante , e mais zelosa
,, Da liberdade , e gloria Portugueza ,
,, Segue o Mestre de Aviz , que agora gosa
,, De Defensor dos povos a grandeza ,
,, E supposto , que a honra escrupulosa
,, Deva delle apartar-me , a natureza
,, Do negocio me obriga , a que prefira
,, O publico interesse á propria ira.

Nesta

LXXXIII.

,, Nesta Provincia Nuno a liberdade
,, Defende da Naçaõ, e favorece
,, Os intentos do Mestre, que a Cidade
,, De Lisboa por Chéfe reconhece:
,, Eu pertendo partir com brevidade
,, A servir no seu Campo, e me parece,
,, Que tu só ficas bem, de tua Tia
,, Da Villa de Portel na companhia.

LXXXIV.

Assim se fez; mas logo a Fortaleza,
Por culpa da mulher do Commandante,
Tomou voz por Castella, e da villeza
A Villa toda fez participante;
Naõ por gosto do povo, que a tristeza
Bem se via de todos no semblante;
Mas pela sujeiçaõ, que lhe causava
A guarniçaõ, que os muros occupava.

LXXXV.

Eu conhecendo em muitos moradores
A repugnancia desta obediencia,
Fundada simplesmente nos temores
De alguma mais funesta contingencia,
Lamentando com elles os rigores
Desta dura oppressaõ, e com prudencia
Tentando de alguns delles os affectos,
Os dispuz a favor dos meus projectos.

Eraõ

LXXXVI.

Eraõ estes privar os Castelhanos
Da posse de Portel, e metter nella
Outra vez os expulsos Lusitanos,
A pesar dos presidios de Castella;
Mas sendo taõ temiveis os enganos,
Em materia taõ grave, esta cautela
Suspendeo largo tempo o meu cuidado;
Sem tomar confidente declarado.

LXXXVII.

Achava-se em Portel, de tempo antigo,
Hum Sacerdote Portuguez zeloso
Da honra da Naçaõ, que o seu perigo
Desprezava com peito generoso
Em obsequio da Patria, e por castigo
Contava aquelle jugo injurioso
Dos Hespanhoes; por cujos sentimentos
Só delle confiei meus pensamentos.

LXXXVIII.

Este ganhou com varias diligencias,
Grande parte da gente, e disfarçando
Com pretexto de algumas dependencias
Huma breve jornada, desprezando
De hum taõ grave perigo as consequencias;
A Evora passou, onde informando
Nuno deste negocio; concertada
Deixou com elle a empreza projectad.

Foi

LXXXIX.

Foi ella com tal arte conduzida,
Com tal segredo, com taõ boa sorte;
Que a pesar da muralha defendida
De hum poder grande, de hum presidio forte;
Foi a gente de Nuno introduzida
Dentro da Villa, sem custar-lhe a morte
De hum só Soldado, sendo mais gostosa
A victoria por menos trabalhosa.

XC.

Porém antes que fosse inteiramente
Ganhada a Fortaleza, foi sabido
Dos Castelhanos, como a Lusa gente
Convidada do povo tinha sido;
E que eu fora motora, ou confidente
Daquelle occulto tracto, introduzido
Por meyo da jornada, que affectára
O Sacerdote, a quem o confiára.

XCI.

Com esta indignaçaõ naõ se atrevendo
A vingar-se de todos; procuráraõ
Em mim descarregar o golpe horrendo
Da sua raiva, e presa me leváraõ,
Com mais sinco pessoas; mas temendo
Os furores de Nuno, se apartáraõ
Das estradas de Hespanha, e quiz a sorte,
Que esta Praça elegessem por mais forte.

Assim

XCII.

Assim fallava Ignez, e transportado
O Principe de gosto, e de ternura;
Novamente no peito namorado
Sente crescer de amor a força dura;
Qual incendio, que em cinzas sepultado
Algum tempo se occulta, e desfigura;
Mas com mais furia as chamas multiplica,
Se inflamavel materia se lhe applica.

XCIII.

Tal no peito do Principe escondido
O fogo da paixaõ impetuoso,
De cuidados, e sustos opprimido,
Ausente ardia menos luminoso;
Mas de novo nos olhos accendido
Da bella Ignez, se inflamma furioso,
E nas chamas, que atêa a luz tyrana,
Da prudente cautela o véo profana.

XCIV.

A Lisbóa passou; mas igualmente
Ignez passou tambem, que a paixaõ viva
De qualquer dos amantes naõ consente
Provar mais da distancia a pena esquiva:
Allî suave, mas inutilmente
Nos vaons desvelos, que este ardor motiva
Entretido do Principe o cuidado,
De tudo o mais vivia descuidado.

Mas

XCV.

Mas o Genio, que tem da Lusa terra
A direcçaõ por sorte, e que zeloso
Assiste a seu governo em paz, e guerra;
Sempre constante, sempre officioso,
Vendo quanta paixaõ no peito encerra
O claro Defensor, e que forçoso
Seria corromper-lhe o grande alento
A duraçaõ daquelle encantamento.

XCVI.

Querendo precaver os tristes damnos,
Que hum taõ grave descuido ameaçava
A's nobres pertençoens dos Lusitanos,
Que o Ceo taõ favoravel abonava;
Na mesma escura fragoa dos enganos
Hum aviso fiel lhe preparava,
Pelo meyo de hum sonho, que em figura
Lhe mostrasse da gloria a face pura.

XCVII.

Ha na casa do Sôno hum aposento
Vasto, espaçoso, porém mal formado;
Sem luz, sem ordem, sem repartimento,
De indigestas materias fabricado;
Altas torres lhe servem de ornamento
Feitas de fragil vidro, mas lavrado
Com taõ irregular, taõ varia norma,
Que a luz nellas em sombras se transfórma.

As

XCVIII.

As paredes se adornaõ do edificio
Dos mais altos troféos da gloria humana;
Confundidas, com raro desperdicio,
As insignias da sorte mais usana,
As Tógas, e Bastoens no frontespicio
Pendentes livremente a maõ profana,
E Tiaras, e Ceptros; mas sómente
Hum momento toca-los se consente.

XCIX.

Igualmente os metaes mais preciósos,
As mais luzidas pedras, mais brilhantes,
Ouro, prata, topazios luminosos,
Esmeraldas, safiras, e diamantes
Por varias partes mostraõ sumptuosos
Desperdicios, thesouros arrogantes;
Mas promptamente os muda, e desfigura
Hum toque de razaõ livre, e segura.

C.

De outro lado se mostraõ rodeadas
As paredes de objectos formidaveis,
Desgraças feyas, afflicçoens pesadas,
Riscos funestos, odios implacaveis,
Lobos crueis, Serpentes enroscadas,
Tigres féros, Leoens insaciaveis,
Tudo allí se devisa, mas a tudo
Hum só rayo de luz serve de escudo.

Cep-

CI.

Spectros disformes, espantosos vultos,
Gigantescas figuras, monstros feyos,
Errantes almas, corpos insepultos
Se vêm girar em rapidos passeyos;
Mas igualmente vaons os seus insultos,
Igualmente saõ vaons os seus enleyos,
Porque todo o terror, toda alegria
He sómente illusaõ da fantasia.

CII.

Neste aposento o Sôno tem guardado
Os filhos, que lhe pare a Noite escura;
Que Sônhos dos mortaes foraõ chamados,
Entes de varia côr, varia figura;
De enganos taõ sómente alimentados,
O fingimento he sua compostura;
Mas entre estes tambem a Divindade
Sônhos guarda, que nutre de verdade.

CIII.

Hum destes pois, que o Genio bem conhece
Entre a turba dos Sônhos ignorantes,
Por verdadeiro Sônho, e que merece
Ser correyo de avisos importantes,
Da prisaõ solta, e manda, que viesse
Visitar o Varaõ, que dos amantes
Desvelos todo o peito tinha cheyo,
Athé do Sôno no quieto seyo.

Vem

CIV.

Vem o Sonho voando, e toma assento
Sobre a mesma almofada, em que reclinã
A cabeça o Varaõ, e no aposento
Mil engenhosas fabricas maquîna,
Figuras finge, finge sentimento
Nos fantasticos vultos, que illumina;
Porque os sonhos ou bons, ou falsos sejaõ;
Fingem qualquer figura, que desejaõ.

CV.

Quatro Damas de corpo agigantado,
De côr, figura, e trajes differentes,
No prospecto de hum campo dilatado,
Julgava o Varaõ claro ver presentes;
Huma dellas, que quasi rodeado
O tinha de seus braços reverentes,
E mais bella de todas parecia
Na côr, semblante, e traje, que vestia,

CVI.

De Tiaras, e Ceptros guarnecida
A clara frente tinha, e sustentava
Hum vaso de Amalthea, que em florida
Confusaõ a maõ bella equivocava;
Roupas de rica seda entretecida
De ouro fino, que a prata matizava,
Lhe serviaõ de adorno; mas no gesto
Dava de dôr indicio manifesto.

Ou-

CVII.

Outra se via hum pouco mais distante,
De côr escura; de feiçoens grosseiras,
De grandes membros, de feróz semblante;
De acçoens soltas; e pouco lisonjeiras:
A cabeça adornava de hum Turbante;
O corpo meyo nú, e nas ligeiras
Maons hum arco trazia, e copia clara
Do metal, que idolatra a gente avára.

CVIII.

A terceira mais longe apparecia,
Dama gentil, mimosa, e delicada;
Que ao terno melindre bem se via;
Ser a brandas delicias costumada;
Rica, vistosa touca lhe cingia
Os formosos cabellos, matizada
De peregrinas plumas, onde o vento
Se recreava em doce movimento.

CIX.

A garganta de perolas formosas
Rodeada mostrava; os pês, e braços
De brilhantes, e pedras preciosas
Ligados todos com custosos laços,
Roupas vestîa ricas, e pompósas
Bordadas de ouro; e feitas em pedaços
Aromaticas plantas sustentava
A bella maõ, que o preço lhe augmentava.

CX.

Da figura da quarta mal divisa
A luz dos olhos, turva nas distancias,
Mais que a grande estatura, que indecisa
Deixa a vista nas suas circunstancias:
De côr baça parece, e na precisa
Compostura taõ livre de jactancias,
Que de folhas, e penas taõ sómente
Cobre parte do corpo, e cinge a frente.

CXI.

Mas a pesar daquelle traje inculto,
A pesar destas mostras de pobreza,
Nas maons se observaõ do distante vulto
As mais raras insignias da riqueza:
Enlaçados, e juntos em tumulto
Os mais mimosos dons da natureza
Alli se viaõ, pedras preciosas,
Ricos metaes, e fructas saborosas.

CXII.

Taes eraõ das matronas apparentes
Os simulados vultos, taes as bellas
Insignias, que ostentavaõ; mas patentes
As mostras do pesar, em todas ellas
Se deixavaõ notar, athé que ardentes
Suspiros exalando, e sem cautelas
Soltando tristes vozes, entoáraõ
Altos gritos, que o Principe acordáraõ.

Rom-

CXIII.

Rompia neste tempo a luz do dia
As funebres prisoens da sombra escura,
E nos primeiros rayos difundia
Sobre os mortaes os dons da chama pura;
Larga o Principe o leito, a fantasia
Occupada do sonho, e mal segura
Dos mysterios, que encerra, e que pertende
Ancioso entender, mas naõ entende.

CXIV.

A Barrocas expôr o seu cuidado
Determina, com pio pensamento,
Da virtude nas luzes confiado,
Que he da sciencia o firme fundamento;
Mas o Genio, que o tempo accommodado
A' conclusaõ notou do seu intento;
De Barrocas mudado na figura,
Lhe apparece naquella conjunctura.

CXV.

E depois que o Varaõ lhe communica
Toda a serie do sonho portentoso,
As matronas lhe pinta, o traje explica,
As distancias, e grito pavoroso;
Com repetidas ancias lhe supplica,
Que lhe interprete o caso duvidoso,
E lhe diga se deve despresa-lo,
Ou por alto prodigio respeita-lo.

CXVI.

Eu venho, diz o Genio, conduzido
Por impulsos do Ceo a procurar-te,
Que das tuas franquezas condoîdo
Quer de mais feyos erros libertar-te;
Por mim serás, se queres, instruido
Nos emblemas do sonho; mas guardar-te
Deves de provocar o Ceo clemente,
Que nem sempre será taõ paciente.

CXVII.

As mulheres, que viste, saõ figura
Das quatro divisoens da terra inteira,
Que bem, que hoje só tres a conta apura,
Outra tem nada menos verdadeira;
Aquella, que nos braços te segura,
Europa representa, que a guerreira
Lusa Naçaõ por meta reconhece
Na parte Occidental, onde fenece.

CXVIII.

Por isso nos seus braços te sustenta,
Como Mãy, que no seyo te creára,
E das tuas franquezas se lamenta,
Porque a mais altos fins te destinára;
Ella tinha no brio, que te alenta,
E na prole, que o fado te prepára,
A mais alta esperança; e se lastima
De ver, que Amor teus brios desanima.

A que

CXIX.

A que pouco distante se mostrava
De semblante feroz, e mal vestida,
Africa ardente alli significava,
Terra de gente inculta, e desabrida;
Contra ti justamente se indignava,
Porque sendo-te a gloria concedida
Da conquista de terra taõ famosa,
Amor te prende em rede vergonhosa.

CXX.

Tu mesmo, contra ti seguramente
Te indignarias, se as futuras glorias
Podesses bem notar á luz fulgente,
Que há de accender a chama das victorias;
A mim, já por favor do Ceo clemente,
Algumas destas cousas saõ notorias,
E só por contemplar acçoens taõ bellas,
Mil graças dou a Deos, origem dellas.

CXXI.

A soberba de Ceuta já rendida
A's tuas armas vejo; vejo os braços
De teus netos, com furia repetida,
De outras Praças vencer os embaraços;
Alcacer forte, Arzîla defendida,
Azamor, Mazagaõ, dos torpes laços
Do Mauritano jugo libertadas,
A's Lusas Quinas vejo já prostradas.

Cabo

CXXII.

Cabo Verde, Guiné, Angóla, e Mina;
Moçambique, Quiloa, com Mombaça,
E toda a negra Costa, que illumina
O Sol visinho, com luz nada escassa,
A' Lusa gloria vejo, que destina
Os mais claros trofeos; se huma desgraça
Os naõ escurecer; mas profigamos
Nas figuras do sonho, que explicamos.

CXXIII.

A terceira, que adorno mais pomposo
Em mayores distancias ostentava,
Da fertil Asia o nome glorioso
Nas sombras da visaõ representava;
Nesta parte do Mundo, o mais formoso
Esmalte á Lusa gloria preparava
A sabia maõ do fado, e justamente
Teus indignos descuidos Asia sente.

CXXIV.

Ah! se podesses as acçoens preclaras
Dos vindouros saber; o nobre alento
De hum Gama, e de hũ Almeyda, as obras raras
De hũ Albuquerque, e hũ Cunha, o sofrimento
De hum Mascarenhas, e hũ Sylveira, as claras
Emprezas de hum Pacheco, o luzimento
Dos Ataídes, Castros, e Menezes,
E de outros grandes nomes Portuguezes!

Ah!

CXXV.

Ah! ſe pudeſſes; .... mas a natureza
Dos miſeros mortaes já mais alcança
Entre as ſombras eſcuras da incerteza,
Dos incertos futuros a bonança;
Baſte, para animar-te na firmeza
De tanta gloria, a juſta confiança
Nos aviſos do Ceo, e com tal guia
Proſigamos do ſonho na porfia.

CXXVI.

A quarta das matronas, que encoberta
Em lugar mais eſcuro, que diſtante,
De folhas, e penachos mal coberta,
Oſtentava a riqueza mais brilhante;
Era neſta viſaõ imagem certa
De outra parte do Mundo, que ignorante
A deſconhece agora; mas que deve
Fazer nelle figura nada breve.

CXXVII.

Agora naõ tem nome, mas chamada
America ſerá do nome claro
De hum ſabio Florentino, que a roubada
Gloria de hum Portuguez, por modo raro
Deixará, ſe naõ pura, bem vingada,
Fruſtrando felizmente o voto avaro
Da atrevida ambiçaõ de outro Eſtrangeiro,
Que há de aſpirar ás honras de primeiro.

Neſta

CXXVIII.

Nesta parte do Mundo tem guardado
A providente maõ da natureza
O seu maior thesouro destinado
Pelos fados á gloria Portugueza,
As pedras finas, o metal presado
Por insignia do fausto, e da riqueza,
A cana doce, e as plantas mais formosas
Alli teraõ as gentes cubiçosas.

CXXIX.

Mas toda aquella luz, aquella gloria,
Que há de illustrar o nome Lusitano,
Depende do trabalho, e da victoria,
Da virtude, e valor mais soberano;
O teu se perde em distracçaõ notoria
Entre vans illusoens de Amor tyrano,
E desta sorte podem ser frustradas
Todas estas venturas esperadas.

CXXX.

Se te naõ move o nobre sentimento
Da tua propria gloria; se esquecer-te
Podes tanto de ti, no abatimento,
A que Amor te reduz, possa mover-te,
Pelo menos o claro luzimento,
Que a teu sangue se espera, e merecer-te
Possa em fim Portugal, que á sua fama
Sacrifiques o fogo, que te inflamma.

Assim,

CXXXI.

Aſſim fallou, e logo arrependido
O Varaõ do deſcuido, em que vivia,
A Barrocas abraça agradecido
A's ſantas inſtrucçoens, que lhe devia;
O Genio ſe retira; Amor vencido
Cede á gloria o lugar, que lhe impedia;
Em clauſura decente Ignez ſe encerra;
Proſegue com fervor a dura guerra.

FIM DO CANTO VII.

A LIBERDADE

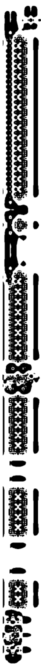
CANTO VIII.

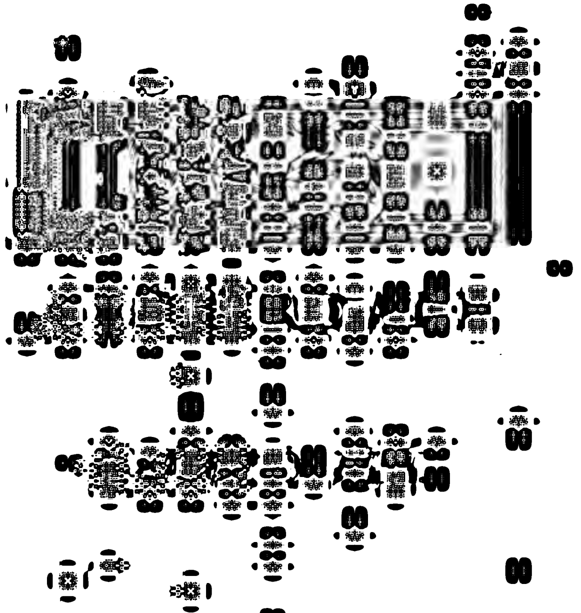
ARGUMENTO.

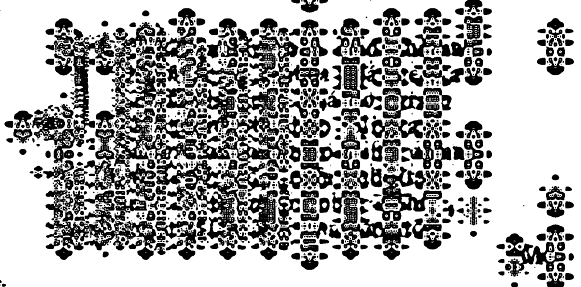


AÕ satisfeito o Heróe de haver defendido Lisboa, pertende libertar todo o Reyno, e marcha sobre Alenquer, que se lhe rende a partido; mas depois se torna a rebellar. O Defensor a torna a ganhar, com Torres Vedras, Torres Novas, Sintra, Peniche, Leiria, e a maior parte da Provincia da Extremadura. A do Alemtejo segue já quasi toda o seu partido. Na Beira muitos Lugares, e Villas lhe obedecem, com alguns de Tras os Montes. O Porto o serve, e algumas Praças do Minho se lhe rendem; mas vendo o Rey de Castella quanto se augmenta o partido do Defensor, e temendo, que os Portuguezes o acclamem seu Rey, pertende tirarlhe a vida, por meyo de huma traição, para que se vale do Conde de Trastamara, que servia em Portugal. Descobre-se a traição ao Defen-

Defensor, que busca ao Conde só no campo; onde lhe declara a noticia, que tem do seu projecto, lhe offerece a commodidade para executar a sua commissaõ, e juntamente lhe afeya a sua perfidia, e o despede para Castella, sem querer vingar-se. Descobrem se complices na traiçaõ alguns Fidalgos Portuguezes, de que huns fogem, outros se prendem; mas assustado o Reyno com estes perigos, pertende tomar mais prompta, e segura providencia sobre o Governo, e se ajuntaõ em Coimbra os Prelados, a Nobreza, e os Procuradores das Villas, e Cidades, para celebrarem Cortes, a que vem assistir o Defensor, com os principaes Officiaes do seu Exercito, e junto á Cidade saõ recebidos por hum grande rancho de meninos, que clamaõ todos viva ElRey D. Joaõ. *Em quanto naõ chegaõ alguns Deputados dos lugares mais remotos, vai o Defensor gastar alguns dias na caça, e vai parar huma noite a casa de hum Cavalheiro, que vive retirado em huma Aldeia, chamado Camillo. Descreve-se Camillo, e a pratica que teve com o Defensor; as instancias do Principe, e resposta do mesmo Camillo. Despede-se o Heróe hum pouco commovido das idêas Filosoficas; mas em sonhos lhe apparece a figura do Senhor D. Affonso, q̃ lhe expoem as glorias da Casa de Bragança, e animado de novo parte para Coimbra.*









II.

Marcha ſobre Alenquer praça viſinha,
Que o partido ſuſtenta de Caſtella,
Como terra, que fora da Raynha,
Que o Genro introduzio na poſſe della;
E como a ſeus projectos naõ convinha
Fazer grande demora, por cautela,
Com partidos tentou primeiramente,
A Villa ſujeitar ſuavemente.

III.

Governava Camoens a Fortaleza,
Cavalheiro Heſpanhol bem conhecido,
Mas notádo de alguma ligeireſa
Em mudar facilmente de partido;
E moſtrando por ſuſto, ou por deſtreza
Na preſença de riſco taõ creſcido,
Eſtimar a propoſta, em fim ſe rende;
Mas faltar brevemente á fé pertende.

IV.

Porque apenas as armas Portuguezas
Os muros de Alenquer deſaſſombráraõ,
E ſobre Torres Vedras mais acceſas
Da guerra as feras chamas ſe ateáraõ,
Quando Camoens com torpes ſubtilezas,
Que muitos dos ſeus meſmos reprováraõ,
Outra vez o partido Caſtelhano
Pertendeo preferir ao Luſitano.

Mas

V.

Mas este, e outros mais apaixonados
Pela causa de Hespanha, que intentavaõ
Abater os troféos continuados,
Com que as Lusas emprezas se illustravaõ,
Serviaõ só de dar mais avultados
Esmaltes ás victorias, que alcançavaõ,
Cada vez com ventagens mais famosas,
Do Defensor as armas gloriosas.

VI.

Porque a pesar dos grandes embaraços
Do poder Hespanhol, e da porfia
De muitos Portuguezes, que entre os laços
Da servidaõ hum vil temor prendia,
Do grande Defensor os fortes braços,
E dos seus parciaes a valentia
Triunfaõ sem cessar por toda a parte,
Onde o vulto descobre o fero Marte.

VII.

Alenquer outra vez o jugo acceita,
Torres Vedras se rende, Sintra cede
A' força dos combates; já sujeita
Se mostra Torres Novas; já despede
Peniche os Castelhanos; já respeita
Leirîa o Defensor, e já se mede
Quasi toda a Provincia com socego,
Desde as margens do Tejo ás do Mondego.

Igual-

VIII.

Igualmente á Provincia, que ſe eſtende
Entre as agoas do Tejo, e Guadiana
Do Defenſor a voz ſegue, e defende,
Contra o poder da gente Caſtelhana;
Da Beira a maior parte a fé lhe rende,
O Porto o ſerve, Chaves, com Vianna
Se ſujeitaõ por força, com Linhares,
E varias outras Villas, e Lugares.

IX.

Mas vendo o Rey contrario quanto creſce
Cada dia o poder do Varaõ forte,
E como a Luſa gente lhe obedece
Deſpreſando o caſtigo, o riſco, a morte;
Temendo, que huma vez ſe reſolveſſe
A conferir-lhe em fim mais alta ſórte,
Tirar-lhe a vida intenta ambicioſo
Pelo meyo mais vil, mais horroroſo.

X.

Andava em Portugal refugiado,
Por diſſabores, que em Caſtella houvera;
Do meſmo Rey hum Primo, nomeado
De Traſtamara Conde, a quem fizera
O Defenſor mil honras, e abonado
Por prendas peſſoaes de todos era
No Campo Luſitano, onde ſervia,
Com moſtras de affeiçaõ, e valentia.

Def-

XI.

Deſte ſe vale o Rey para inſtrumento
Da traiçaõ vergonhoſa, que medîta,
E perſuadir-lhe o torpe penſamento,
Com promeſſas, e rogos ſolicita;
Que mate o Defenſor hé ſeu intento,
Com disfarce de amigo: a tanto incita
Huma cega paixaõ precipitada,
Quando naõ hé por gloria motivada.

XII.

E ſendo facilmente convencido
O Conde das promeſſas, foi buſcando
Companheiros, de quem foſſe aſſiſtido
Nos perigos de empenho taõ nefando;
Nelle foi brevemente ſocorrido
Por Beça, e por Baldez, que militando
Em Portugal andavaõ, por cautela,
Como o Conde fugidos de Caſtella.

XIII.

Porém ſendo por todos ajuſtado
Matar o Defenſor em qualquer hora,
Que podeſſe encontrar-ſe deſcuidado,
Ou na propria barraca, ou della fóra;
Quiz o Conde, que o Rey foſſe aviſado
Deſte ajuſte por carta, e nella implora
Aſſiſtencia de gente, e Praça certa
Para depois da morte deſcoberta.

XIV.

Mas esta carta, ou fosse por desgraça,
Ou por culpa talvez do mensageiro,
Que com pouca cautela á vista passa
Da guarda de hum valente Cavalleiro,
Foi tomada bem perto já da Praça,
Á que marchava, sendo prisioneiro
O portador, e logo confessado
O negocio de que era encarregado.

XV.

Por ella o Defensor foi instruido
Das feyas intençoens do Rey tyrano;
E do projecto infame, que emprendido
Havia o falso Conde Castelhano:
Mas tendo justamente concebido
Todo o devido horror daquelle engano,
Pôde mais no seu peito a bizarria,
Que a vingança, ou temor da aleivosia.

XVI.

Pois sabendo, que o Conde passeava
Do arrayal hum pouco separado,
Ou porque assim melhor aliviava
O desvelo cruel do vil cuidado,
Ou porque allî noticias esperava
Do portador, que havia despachado;
A'quelle mesmo sitio ousadamente
Se dirîge com animo valente.

E

XVII.

E disfarçando o justo sentimento
Com mostras de brandura, e de alegria,
Os obsequios do Conde acceita attento,
Que se apressa a fazer-lhe companhia;
Mas depois que ambos sós, com vario intento,
Apartados se vêm, e já podia
Cada qual livremente, e sem disfarce
Da ventagem do sitio aproveitar-se.

XVIII.

O Defensor os passos suspendendo,
E voltando com gesto socegado
Para o perfido Conde, que entretendo
O hia do seu zêlo, e seu cuidado,
Assim lhe diz: Eu Conde conhecendo
As vossas intençoens, e confiado
Na discriçaõ, que o Ceo com vós reparte,
Quero de hum grave caso dar-vos parte.

XIX.

Eu sei quem infiel á minha vida
Traiçoens maquina com infame engano,
Abusando da honra, e fé devida
Com descredito seu, para meu damno;
Eu posso castigar este homicida;
Mas naõ quizera parecer tyrano;
Dizei-me vós o que em taõ grande aperto,
Imaginais acçaõ de mais acerto.

XX.

Dar-lhe morte cruel, lhe diz o Conde,
Naõ he ponto, que seja duvidoso;
E a mesma morte apenas corresponde
A delicto taõ vil, taõ aleivoso:
A tyrania só se accusa adonde
He injusto o castigo, ou suspeitoso;
Mas hum traidor, que offende a fê sagrada;
Toda a pena, que soffre he moderada.

XXI.

Vede bem, continúa o Varaõ fórte,
O que dizeis, o que me aconselhais,
Que na sentença, que dictais de morte,
A vós proprio talvez vos condemnais;
A mim, responde o Conde, e de que sórte?
Pois acaso, Senhor, imaginais,
Que eu possa ser traidor? Se infamemente
Alguem o diz, eu mostrarei que mente.

XXII.

Vós o dizeis, prosegue socegado
O Defensor, a carta descobrindo,
Vede quem vos accusa, e se informado
Estou bem das traiçoens, que andais ordindo;
Nós estamos em sitio accommodado
Para o fim, que intentais, pois prevenindo
Este vosso desejo, eu mesmo venho
A dar prompta occasiaõ ao vosso empenho.

Aqui

XXIII.

Aqui me tendes só; dai cumprimento
A' vingança, que tendes promettido;
Que hum homem, como vós, para instrumento
De hum golpe occulto foi mal escolhido:
Isto dizendo com brioso alento,
Da cinta arranca o ferro esclarecido,
E com elle na maõ espera ousado
A resposta do Conde rebellado.

XXIV.

Mas vendo, que emmudece, e que abatendo
Os olhos, qual de pedra estatua fica,
E perturbado do delicto horrendo,
Nem se defende, nem se justifica;
Com gesto irado o ferro suspendendo,
Que pensais, lhe pergunta? assim se explica
Hum homem, como vós, quando arguído
He no Campo de haver mal procedido.

XXV.

Onde está o furor, onde a arrogancia,
Que inculca este papel? Se a companhia
De Béça, e de Baldéz, he circunstancia
Precisa para o golpe; a cobardia
Faz mais feya a traiçaõ, e sem jactancia,
Se souberem, que em vós falta ousadia,
Qualquer delles dirá, que o seu alento
Era só quem vos dava atrevimento.

Con-

XXVI.

Conde se o vosso zêlo, e o vosso affecto
Por El-Rey de Castella, vos provoca,
A ser executor do seu projecto,
O risco deste empenho a vós só toca;
E se o temor vos fáz taõ circunspecto,
Que as vossas iras em pesares troca,
O Campo he livre agora, a estrada aquella;
Que vos póde guiar para Castella.

XXVII.

Pois se entre os Portuguezes for sabida
A vil traiçaõ, a feya indignidade,
Com que intentaveis usurpar-me a vida;
Naõ será facil dar-vos liberdade:
Eu naõ quero vingança mais luzida;
Salvai-vos, se quereis, com brevidade:
Isto dizendo as costas foi voltando,
E pela estrada o Conde foi marchando.

XXVIII.

Porém logo no Campo divulgada
Foi do Conde a fugida, e logo Béça
Suppondo a vil traiçaõ examinada,
De salvar-se tractou a toda a pressa;
O mesmo quiz Baldéz; mas mal lograda
Foi deste a diligencia; e sendo expressa
A sua culpa, logo foi punida
Com a pena de morte merecida.

XXIX.

Mas quando o Defensor imaginava
Haver cortado o fio dos enganos;
Porque delles capazes só julgava
Os falsos coraçoens dos Castelhanos,
Se fez patente, que a traiçaõ grassava
Entre alguns dos mais nobres Lusitanos,
E que della tractavaõ com segredo,
Dom Gonçalo, Dom Pedro, e Figueiredo.

XXX.

Dom Pedro segue logo os mesmos passos
Do Conde desleal para Castella,
Os outros dois temendo os embaraços
Da fugida, disfarçaõ por cautela;
Mas rôtos do segredo os cegos laços,
Facilmente o mysterio se revéla,
E conhecida a pertençaõ perjura
Foraõ metidos em prisaõ segura.

XXXI.

Causou geral horror este successo,
Geral indignaçaõ na Lusa gente,
E fez accrescentar com grande excesso
Da gloria Nacional o zêlo ardente;
Pois fazendo mais rapido progresso
No coraçaõ de todos, o prudente
Receyo de hum Governo estranho, e injusto,
A providencia se éxaltou no susto.

E

XXXII.

E congregados todos os Prelados;
Toda a Nobreza, e grande quantidade
De gente Popular, determinados
A tratar da suprema authoridade,
A' risonha Coimbra saõ chamados,
Para mais regular solemnidade,
O Defensor, e quantos Cavalleiros
O seguiaõ com fama de guerreiros.

XXXIII.

Mas chegando já perto da Cidade;
De meninos hum rancho copioso,
Que em jogos proprios da innocente idade;
Se entretinhaõ no campo deleitoso,
Correndo com gentil velocidade,
Encontrar vêm o Defensor famoso;
Todos juntos clamando em vóz festiva
Viva ElRey Dom Joaõ, Dom Joaõ viva.

XXXIV.

Nuno se anîma, o Defensor adora
Da Providencia os passos, observando,
Como o successo corresponde agora
A's palavras do Velho venerando;
Hum santo susto o peito lhe devóra,
De Barrocas nas vozes contemplando,
Com quanta luz profetizou seguro
Os contingentes casos do futuro.

XXXV.

E sendo na Cidade recebido
Com mostras de affeiçaõ, e de respeito,
E com publicos cultos aplaudido,
Do gosto universal notorio effeito,
A' morada Real foi conduzido,
Entre obsequios do povo satisfeito,
Que movido de impulso mais que humano
O contemplava já por Soberano.

XXXVI.

Mas em quanto dos povos mais distantes
Alguns dos Delegados naõ chegavaõ
Para votar nos pontos importantes,
Que as attençoens de todos occupavaõ;
Por divertir desvelos penetrantes,
Que o bravo coraçaõ lhe atormentavaõ;
Quiz o Varaõ da caça no exercicio
Fazer de algumas horas desperdicio.

XXXVII.

E procurando os montes mais fragosos
Da Provincia da Beira, onde esperava
Lograr golpes mais bellos, mais vistosos
Nas bravas féras, que o paîz criava,
Proseguindo os empenhos deleitosos
Por distancia maior, do que pensava,
O surprendeo a noite em hum deserto
De matos cheio, de arvores coberto.

XXXVIII.

A penas com trabalho, e diligencia
Póde ganhar hum monte, donde alcança
A vista já confusa na apparencia,
De huma casa, ou cabana a similhança;
Naõ póde distinguir com evidencia,
Ser aprisco, ou casal; mas na esperança
De haver casa de gente allî visinha,
A'quelle sitio os passos encaminha.

XXXIX.

Hum pastor o seu gado recolhia
Na rustica choupana, e perguntado
Se por estes contornos haveria
Alguma Villa, Aldeia, ou Povoado;
Lhe responde, que pouco distaria
Hum pequeno Lugar; mas se o cuidado,
Accrescenta o pastor, de achar abrigo
He quem vos move, a muito mais me obrigo.

XL.

Eu vos irei guiar a huma Quinta,
Onde achareis albergue mais seguro,
Bem que o corpo cançado mal consinta
Andar descalço por caminho escuro;
Mas eu conheço a gente pela pinta,
Vós mereceis o bem, que vos procuro:
Assim fallando com grosseiro estîlo,
O foi guiando á Quinta de Camillo.

Era

XLI.

Era Camillo cavalleiro honrado
Por nascimento, e proprias qualidades,
Que de esperanças vans desenganado,
Se ausentára da Côrte, e das Cidades;
Neste sitio vivia retirado
Do tumulto do Mundo, e nas verdades
Da solida moral Filosofia,
Os aggravos da sorte divertia.

XLII.

Huma casa sem fasto, mas decente,
Hum adorno nem vil, nem precioso,
Huma familia parca, mas contente,
Hum vestido nem pobre, nem pomposo;
Huma mesa modesta, mas patente,
Hum proceder sincero, e officioso.
O faziaõ a todos agradavel,
E nos visinhos póvos respeitavel.

XLIII.

Chegado o Defensor, foi recebido
Com civil attençaõ, com grande agrado;
E sendo brevemente conhecido,
Com distinctos obsequios cortejado;
Camillo, que algum dia tinha sido
Nos estilos da Côrte doutrinado,
Soube mostrar no gosto, e no respeito
Do mais vivo alvoroço o claro effeito.

Alli

XLIV.

Alli passou a noite, e conhecendo
A candidez do genio de Camillo,
Alli passou dois dias entretendo
As horas todas por sincero estylo;
Ora fructas, e flores escolhendo
Das mesmas plantas, ora o som tranquillo
Das fontes observando, ora a verdura
Do jardim, da campina, e da espessura.

XLV.

Mas nestes mesmos rusticos recreyos,
Nas hortas, nos jardins, e nos pomares,
Nos viveiros, nos bosques, nos passeyos,
E nos mesmos trabalhos mais vulgares
Notou o Defensor alguns aceyos,
Algumas proporçoens particulares,
Que davaõ no seu tanto idéa clara
Do bom gosto, de quem as fabricára.

XLVI.

E combinado aquelle pensamento
Com varias reflexoens, que ponderava
Nas acçoens de Camillo, a quem attento
Desde a noite primeira contemplava,
Sabendo que o seu claro nascimento
A mais altos empregos convidava,
Naõ podia adaptar aquelle estado
A's idêas de hum homem cultivado.

Assim

XLVII.

Assim o disse por diversas vezes,
Censurando de inutil, e ociosa
Aquella vida, que entre os montanhezes
Desfructava Camillo em paz gostosa;
Dava razoens valentes, mas cortezes
Contra aquella inacçaõ indecorosa,
A que sempre Camillo respondia,
Que o seu destino mais naõ permittia.

XLVIII.

Mas huma noite, que mais vivamente
Foi notado do Principe guerreiro
Aquelle tom de vida de indecente,
Dos deveres de hum nobre cavalleiro;
Rompendo da cautela o véo prudente,
Que occultava o motivo verdadeiro
Da supposta inacçaõ, em fim Camillo
Se resolve a fallar por este estylo.

XLIX.

Naõ queiras, naõ, meu Principe, as idéas
Formar dos homens pelos seus estados,
Que repetidas vezes saõ alheas
As suas profissoens dos seus cuidados;
Estaõ os Tribunaes, e Tropas cheas
De Ministros venaes, fracos Soldados;
Lavra a rustica terra alguma gente
De peito puro, de animo valente.

Algum

L.

Algum tracta do publico interesse,
Que despreza no fundo do seu peito;
Outro, que pensar nelle naõ parece,
Sente talvez do zêlo o nobre effeito;
Hum negocios conduz, que naõ conhece;
Outro mais habil vive sem conceito,
Hum alcança grandezas, que naõ busca,
As diligencias de outro a sorte offusca.

LI.

Eu fui por largos annos combatido
De hum desejo de gloria extraordinario;
E para ser no Mundo conhecido,
Obrei quanto entendi ser necessario:
Estudei, porém fui mal attendido,
No conceito da Côrte sempre vario;
Quiz dedicar a Marte o meu socego;
Mas naõ pude nas armas ter emprego.

LII.

Desénganado em fim, que naõ podia
Distinguir-me do Mundo no tumulto,
Que os meus nobres projectos abatia,
Com desprezo fatal, com triste insulto,
Vendo como a fortuna aborrecia
Os sacrificios deste indignó culto,
Levado de hum ardor impaciente,
As costas lhe voltei grosseiramente.

Deste

LIII.

Defte modo julguei, que me vingava
Dos feus cegos caprichos ignorantes,
Crendo, que as attençoens, que lhe negava;
Eraõ nos feus altares importantes;
Tanto naquelle tempo me cegava
O juvenil ardor, taõ arrogantes
Saõ os difcurfos da primeira idêa,
Com que amor proprio a todos lifongea!

LIV.

Porém hoje, que o genio já maduro
Pelo decurfo de mais largos annos,
E pela luz de algum eftudo puro
Sobre as paixoens mais proprias dos humanos;
Pode fazer juizo mais feguro,
Pode alcançar mais claros defenganos,
Outras faõ as razoens, porque prefiro
A's grandezas do Mundo o meu retiro.

LV.

Sei, que os homens na fumma Providencia
Tem o proprio deftino affignalado,
E que a pefar de toda a diligencia
Devem cumprir os termos de feu fado;
Sei, que da forte a varia contingencia
Ninguem póde emendar acautelado;
Mas que tudo o que ordena o Ceo propicio,
He certamente em noffo beneficio.

He

LVI.

He preciso, que o Mundo se divida
Em varias condiçoens, que mutuamente
Se soccorraõ, e ajudem com devida
Proporçaõ no trabalho competente;
Naõ póde ser a todos concedida
A distincçaõ de hum gráo mais eminente;
Mas pode cadaqual no seu estado
Alcançar dignamente hum nome honrado.

LVII.

O Monarca no Trono repartindo
A justiça aos póvos, que domina,
O General no Campo difundindo
O terror nas Provincias, que arruina;
O Ministro na Côrte discutindo
Os negocios, que a Patria lhe destina;
Todos saõ grandes; todos saõ famosos
Se cumprem seus encargos gloriosos.

LVIII.

O Poeta, que em vivas apparencias
Retrata dos Heróes as acçoens claras,
O bom Historiador, que as evidencias
Das memorias conserva mais avaras,
O Filosofo douto, que as sciencias
Explica, e adorna de noticias raras,
Tambem saõ grandes, tambem saõ louvados
Pela nobre attençaõ dos seus cuidados.

O

LIX.

O Cidadaõ, que educa dignamente
A familia, que á Patria sacrifica,
O Lavrador, que a terra diligente
Em proveito geral rompe, e fabrica,
O Artista, que á obra competente
A fim util, e justo se dedica,
Saõ tambem dignos, saõ tambem louvaveis
Nos seus mesmos trabalhos incansaveis.

LX.

Naõ saõ sómente as armas quem produzem
As honras, que os Varoens eternizáraõ;
Nem sómente a batalhas se reduzem
As acçoens, que seus nomes conserváraõ;
Varios meyos á gloria nos conduzem,
Que Alexandre, nem Cesar naõ gozáraõ;
Mais constante respeito, mais sincero,
Doque goza Virgilio, e goza Homero.

LXI.

Em qualquer condiçaõ, qualquer estado,
Ou humilde, ou sublime, a gloria pura
Descobre a sua luz; hum peito honrado
A segue sempre na mayor altura,
Ou na mais baixa sorte, e o mesmo agrado,
A pesar da desgraça, ou da ventura,
Tem sempre nos seus olhos revestida
De nobre adorno, ou por si só despida.

LXII.

A virtude, que faz o fundamento
Necessario da gloria verdadeira,
Nem póde nas fortunas ter augmento;
Nem se abate na sorte mais grosseira,
Invariavel sempre o sentimento
Da honra pura, da verdade inteira
Regûla o coraçaõ do Varaõ forte,
Em qualquer condiçaõ da mesma sorte.

LXIII.

Ama o Rey, ama a Patria, ama a Justiça;
Ama os seus similhantes, e aborrece
Os insultos, as fraudes, a cobiça,
A vil vingança, o sordido interesse;
Detesta o ocio torpe, a vã perguiça,
As intrigas infames naõ conhece,
Nem ostenta ambiçaõ, nem desalento,
A' sua obrigaçaõ sómente attento.

LXIV.

Satisfeito da sorte concedida,
Nella vive gostoso, e socegado;
Nem inveja fortuna mais luzida,
Nem procura lugar mais sublimado;
Nos seus proprios deveres entretida
Toda a sua attençaõ, o seu cuidado
He sómente obrar bem, e naõ repara
Nas cegas illusoens da gente avara.

Em

LXV.

Em quanto a mim naõ tenho por castigo
Este modo de vida, que aqui passo,
Antes como favor do Ceo amigo,
Deste estado me alegro, e satisfaço;
Aqui vivo mais longe do perigo,
Da desordem, do engano, e do embaraço;
Com que as Côrtes enredaõ tristemente
Hum peito puro, hum animo innocente.

LXVI.

Aqui naõ vejo o torpe fingimento
Do vil adulador, o feyo engano
Do traficante astuto, o soffrimento
Do triste pertendente, o ar tyrano
Do soberbo Ministro, o desalento
Do pobre despresado, o gesto insano
Naõ vejo do disfarce, com que iliude
A falsidade os passos da virtude.

LXVII.

Aqui da propria côr da natureza
As paixoens se revestem, vêm-se os peitos
Nos semblantes pintados; a fraqueza
Apparece tremendo, os seus effeitos
Naõ encobre a vingança; e com pureza
Se annunciaõ despresos, e respeitos,
Se manifesta a boa, ou má vontade,
Os impulsos do odio, ou da amisade.

LXVIII.

Aqui ſe paſſa o dia ſem cuidado,
Aqui a noute ſem temor ſe paſſa,
No puro, natural, ſincero eſtado,
Que o candido prazer naõ embaraça:
Aqui contemplo o campo matizado
De flores naturaes, com tanta graça,
Que o mais habil pincel já mais figura
Tantas côres diverſas na pintura.

LXIX.

Vejo naſcer a fonte graciosa;
O regato formar, que fertiliza
A viſinha campina deleitoſa;
Vejo como ſe augmenta, e formaliza
Já ribeira mais groſſa, e caudeloſa,
E rio em fim, que as márgens tyraniza;
Vejo veſtir de folha o tronco bruto
Brotar a flor, e produzir o fructo.

LXX.

Vejo das plantas no fecundo ſeyo
Por deſtra maõ aberto ſubtilmente,
Creſcer, ſem repugnancia, o ramo alheyo;
Adornar-ſe de pomo incompetente;
Vejo romper a terra ſem receyo,
Pelo curvo inſtrumento, e brevemente
Cobrir de verde a face da lavoura,
Creſcer, e ſazonar-ſe a eſpiga loura.

LXXI.

Vejo das aves, vejo dos insectos
Os polidos trabalhos regulados
Por maõ da natureza, e taõ complectos,
Que podem ser dos homens invejados;
Os curiosos ninhos, os secretos
Artificios dos fios delicados,
E os exemplos fieis, com que aconselha
A próvida formiga, a sabia abelha.

LXXII.

Vejo dos lavradores as fadigas,
Com agradaveis lucros alternadas;
Ouço dos pegureiros as cantigas,
Com sylvestre cadencia moduladas;
Observo de huns, e de outros as intrigas,
Sómente a fins honestos ordenadas;
E me entretenho em ver suas disputas,
Suas trovas, seus jogos, suas lutas.

LXXIII.

Eu mesmo, nestes jogos innocentes,
Nestas disputas vans, rusticas trovas,
Incito emulaçaõ nos combatentes,
Ministro a seu desvelo ideas novas;
Elles me ouvem sinceros, e contentes,
E me rendem de amor gostosas provas,
Com verdadeiras mostras de respeito;
Mas deste em seu favor só me aproveito.

Se

LXXIV.

Se ſuccede talvez que a venenoſa
Semente da diſcordia o fructo puro
Opprime da innocencia, ſe a raivoſa
Vingança, ou vil cobiça o vulto eſcuro
Aqui deſcobrem, logo a cuidadoſa
Providencia lhe applico, e lhe aſſeguro
A perturbada paz, ſem mais violencia,
Que moſtrar-lhe a razaõ com evidencia.

LXXV.

Eu reprimo com pura liberdade
Os orgulhos de alguns mais atrevidos,
Sem valer-me de mais auctoridade,
Que dos meus bons deſejos conhecidos:
Todos ſabem, que eu tracto com verdade
A todos igualmente; e convencidos
Deſte conceito, quaſi ſempre alcança
O meu arbitrio a ſua confiança.

LXXVI.

Já mais tomo partido, ou intereſſe
Nos negocios do povo, ou da juſtiça;
Eſta reſpeito, aquelle naõ merece
Os ſoccorros da luz, que deſperdiça;
Do poder da razaõ, que naõ padece
Os ultrajes da força, ou da cobiça,
Sómente me auctorizo, e neſte eſtado
Vivo contente, vivo ſocegado.

Mas

LXXVII.

Mas hum homem, que penſa nobremente,
Reſponde o Defenſor, naõ imagina
Ser naſcido no Mundo ſimpleſmente,
Para viver inutil; nem deſtina
Os ſeus talentos ocioſamente
A paſſar ſem cuidado: a honra enſina,
Que a Patria, que nos deu o naſcimento,
Pede de nós hum zêlo mais attento.

LXXVIII.

A honra, diz Camillo, he ſem diſputa
'nimiga do ocio; mas deteſta
ıõ menos as intrigas; quem eſcuta
ſeus dictames, nunca manifeſta
ugnancia a ſervir; mas naõ tributa
:encias ao zêlo, e com modeſta
ucia, e trabalho ſe habilita
cargos, mas naõ os ſolicita.

LXXIX.

de o caracter generoſo
alma grande, de hum illuſtre peito,
re do eſtylo indecoroſo,
:nio da Côrte eſtá ſujeito;
= hum culto infame, e vergonhoſo
a; naõ vota o ſeu reſpeito
ens indignas da vaidade,
.ur, do poder, da dignidade.

Naõ

LXXX.

Naõ se sujeita á cega irreverencia
De incensar a perfidia, a tyrania,
A vil ingratidaõ, a insolencia,
A torpeza, o engano, a hypocresia;
Naõ se abate aos excessos da indecencia
De adular a familia, a companhia,
E servos dos Ministros; e sem isto
Nimguem pode dos Grandes ser bemquisto;

LXXXI.

Eu assistî na Côrte de Fernando
Alguns annos com firme pensamento
De render-lhe serviço, acreditando
A virtude por base, e fundamento;
Mas o tempo me foi desenganando;
E depois de maior conhecimento,
Vî, que a virtude, a honra, e probidade
Naõ serviaõ allî de utilidade.

LXXXII.

O favor cegamente dispensava
Os despachos, e graças, sem respeito
A costumes, ou prendas: quem lograva
Alguma protecçaõ, tinha direito
A' quantas pertençoens solicitava,
Quem a naõ tinha, estava no conceito
De inutil, e incapáz dos beneficios,
Dos empregos, das honras, dos officios.

As

LXXXIII.

As intrigas, funesta consequencia
De hum Governo remisso, e descuidado;
Grassavaõ sem limite, e da indecencia
Das illusoens o Solio era cercado:
A vil mentira, a cega complacencia,
A servil sujeiçaõ, o descarado
Fingimento, e ambiçaõ mais importuna
Eraõ só os degráos para a fortuna.

LXXXIV.

O meu genio fiel, sincero, e puro;
Apaixonado amante da verdade,
Naõ podia firmar passo seguro
Neste abismo de horror, e falsidade;
Perdi-me sempre neste engano escuro,
Por seguir da razaõ a claridade,
Fui desprezado, e hoje naõ me pêsa
Desse desprezo, e desta singeleza.

LXXXV.

Venturoso mortal, que sem inveja,
A tua sórte julgas por ditosa!
Exclama o Defensor, o Céo te seja
Sempre propicio; o teu socego goza;
Pois que tanto te agrada: em ti se veja
Na constante alegria, e pas formoza
Hum exemplo felîz, de que a ventura
No desprezo das honras se assegura.

LXXXVI.

Isto dizendo; nos robustos braços
Aperta de Camillo o puro peito,
E lhe assegura nestes doces laços
Hum eterno penhor do bom conceito:
Communica-lhe os grandes embaraços,
A que o seu nobre emprego está sujeito;
E no resto da noite largamente
Discorrem no passado, e no presente.

LXXXVII.

Mas apenas os nitidos fulgores
Da matutina luz se divisáraõ,
E das aves os musicos clamores,
A chegada da Aurora annunciáraõ,
O grande Defensor, a quem maiores
Pensamentos o sôno embaraçáraõ,
Despedir-se pertende, o beneficio
Agradecendo do sincero hospicio.

LXXXVIII.

Quiz Camillo fazer-lhe companhia;
Mas o Varaõ illustre o naõ consente,
E partindo com mostras de alegria,
A Coimbra caminha diligente;
Mas occupada a clara fantasia
Das rasoens de Camillo, e da prudente
Conducta, com que a sua independencia
Dominava do fado a influencia.

Con-

LXXXIX.

Contemplando nos custos, e cuidados,
Nos perigos, e riscos furiosos,
Nos trabalhos frequentes, e pesados,
Nos precipicios varios, e espantosos,
A que estavaõ sujeitos, e obrigados
Os seus grandes projectos gloriosos,
E na triste inconstancia dos successos
A pesar dos mais prosperos progressos;

XC.

Hum pouco commovido, e vacilante
Nas illustres ideas, que tractava
No grande pensamento; e que a brilhante
Influencia da gloria lhe inspirava,
Comsigo mesmo incerto, e a cada instante
Mais duvidoso o ponto disputava,
Se devia seguir a fama incerta,
Ou buscar do socego a porta aberta.

XCI.

E fatigado destes pensamentos
Se entregou de Morfeo nos doces braços
Entre quatro carvalhos corpulentos,
Do Sol ardente frescos embaraços;
Mas o Genio, que tracta dos augmentos
Da gloria Portugueza, e sempre os passos
Observa do Varaõ, a quem presente
Acompanha, e soccorre diligente.

Em

XCII.

Em sonhos lhe apresenta o vulto amado
Do terno Affonso, fructo deleitoso
Dos amores de Ignez, acompanhado
De outro vulto, mas feyo, e pavoroso;
Estava o claro Infante ameaçado
Dos ultrajes do monstro indecoroso;
E quando no seu risco se affligia,
Huma vóz escutou, que assim dizia.

XCIII.

Se te naõ move a gloria promettida
A' nobre descendencia, que o Ceo claro
Te destina; mas hoje conhecida
Naõ póde ser de ti; se em seu amparo
Naõ queres arriscar a fragil vida,
Os vaons prazeres, o socego avaro,
Mova-te o Filho, que aqui vêz presente,
Que a sórte tem da tua dependente.

XCIV.

Com elle o fado liberal se ostenta,
Se tu mesmo naõ frustras as bonanças;
Pois que nelle, e seus filhos accrescenta
A firmeza das Lusas seguranças;
Na sua descendencia o Ceo sustenta
A Portugal segundas esperanças
De liberdade contra o vaõ projecto
Do poder Hespanhol já mais complecto.

Ou-

XCV.

Outro Joaõ naõ menos venturoſo
Delle procederá, que o Trono Luſo
Há de livrar do jugo injurioſo,
Do tyrano poder já nelle intruſo;
Mas em quanto no Solio poderoſo
Naõ for do teu Affonſo o ſangue incluſo;
Naõ menos gloria a ſórte lhe prepara
De Bragança na Caſa ſempre clara.

XCVI.

Eſta ſerá naõ ſó na Luſa terra;
Mas nos Reynos eſtranhos reſpeitada
Com quantas preeminencias goza, e encerra
A grandeza mayor, mais elevada;
Eſta ſempre ſerá na paz, na guerra
Com egregios Varoens condecorada;
Mas para acreditar o ſeu deſtino
Baſta ſómente o grande Conſtantino:

XCVII.

Conſtantino, por quem o Indo eſpera;
Damaõ ſe aſſuſta, treme o Reyno injuſto
De Jafanapataõ, por quem ſe altera
O Gentio feróz, o Mouro aduſto;
A cega geraçaõ, a gente féra,
Que os Altares conſagra a torpe buſto;
A quem ha de enſinar no deſperdicio
A pia execraçaõ do ſacrificio.

XCVIII.

Vê tu, ſe queres, no ſocego indigno
De huma vil inacçaõ, indecoroſa,
Fruſtrar tanto favor do Céo benigno,
Mal lograr tanta fama glorioſa:
Eſſe que vês alli Monſtro maligno,
Que ameaça de Affonſo a luz mimoſa,
He o triſte Deſcuido, que a ventura
Mais brilhante converte em ſombra eſcura.

XCIX.

Segue agora, ſe queres, ſeus dictames
Em deſpreſo da gloria concedida,
E do vil ocio nas priſoens infames
Conſume triſtemente a chara vida;
Mais Defenſor da Patria te naõ chames;
Nem da prole te lembres promettida,
Se tanto teus deſejos liſonjea
Huma triſte inacçaõ eſcura, e fea.

C.

Calou-ſe a voz: os vultos apparentes
Se deſvanecem, qual a ſombra eſcura
Se desfáz entre os rayos refulgentes,
Na preſença do Sol, ou da luz pura,
O Varaõ deſpertou; mas taõ preſentes
As fingidas imagens lhe figura
A fatigada idêa, que acordado
Inda buſca de Affonſo o vulto amado.

CI.

E ſuppoſto que em fim ſe deſengana
Ser tudo ſonho, tudo fingimento,
Nem por iſſo do ſuſto a dôr tyrana
Em páz lhe deixa o claro penſamento;
Já lhe parece, que o valor profana
Com brandas illuſoens de abatimento,
Já ſe accuſa de froxo; porque déra
Attençaõ de Camillo á voz ſincera.

CII.

E de novo nas chamas abrazado
Do deſejo da gloria, e fama eterna,
Que he quem ſempre no riſco mais peſado
Os penſamentos dos Heróes governa,
Naõ ſoffrendo demoras no cuidado,
Que lhe accreſcenta inſpiraçaõ ſuperna,
Monta a cavallo, e cheio de ouſadia
A' riſonha Coimbra os paſſos guia.

FIM DO CANTO VIII.

A LIBERDADE.

CANTO IX.

ARGUMENTO.



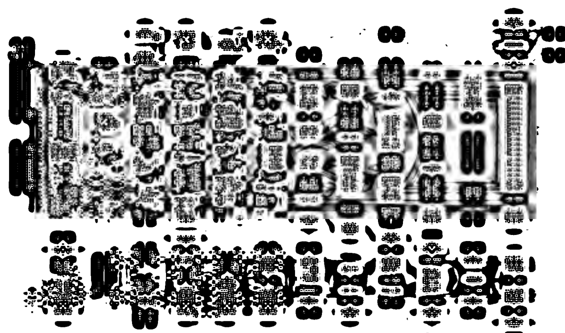
CONGREGADOS os Prelados, a Nobresa, e os Procuradores dos Povos, e junta a Naçaõ em Côrtes, Joaõ das Regras famoso Jurisconsulto faz huma larga falla ao Congresso, em que explica os principios da Sociedade Civil, a origem do Poder Soberano, as diversas qualidades delle as varias Constituiçoens dos Estados, e a particular de Portugal. Mostra que este Reyno he de legitima successaõ; mas pertende provar, que naõ ha legitimos Successores dos ultimos Reys, que devam justamente pertender a Corôa Portugueza. Para isto impugna o Direito do Rey de Castella, e da Raynha sua Mulher: intenta mostrar, que esta

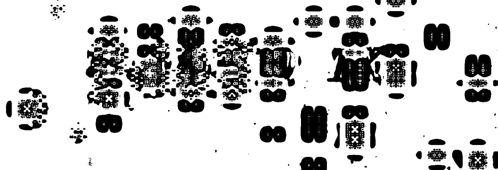
esta naõ he Filha legitima do Senhor Rey D. Fernando, pela nullidade do casamento de sua Mãy, e por outras razoens: que esta Princeza naõ he legitimamente casada com El-Rey de Castella; e que no caso de faltarem todas estas nullidades, tinhaõ perdido aquelles Reys toda a justiça, que podessem ter á successaõ de Portugal, pelos mesmos Tractados, em que fundavaõ a sua pertençaõ; pois haviaõ faltado ás condiçoens ajustadas, e incorrido nas penas, que elles mesmos se imposeraõ. Depois pertende o Doutor provar, que os Principes Filhos da Senhora D. Ignez de Castro, naõ foraõ legitimos Filhos do Senhor Rey D. Pedro, e para isto intenta impugnar a realidade do casamento dos Pays, e mostrar, que ainda no caso de ter sido effectuado, seria nullo o tal casamento; tirando por conclusaõ de todo o seu discurso, que o Trono Portuguez se acha verdadeiramente vago, que o direito de eleger Rey pertence aos Povos, e que o Estado alli congregado póde eleger a seu arbitrio. Depois aponta as bellas qualidades, e prendas do Defensor, as obrigaçoens, que lhe deve o Reyno, e as esperanças, que nelle póde fundar. A mayor parte do Congresso parece aplaudir esta opiniaõ; porem Martim Vasques falla a favor

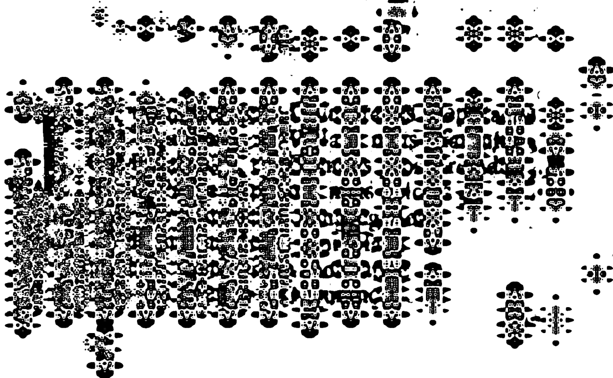
dos

dos Filhos da Senhora D. Ignez com valente resoluçaõ, e se alteraõ taõ variamente os animos, que nada se póde rezolver por aquella vez. Em tanto o Genio infernal, vendo a occasiaõ opportuna, se vale da Discordia para que vá perturbar as idéas do Congresso. Falla a Discordia a Martim Vasques, e havendo inflãmado o coraçaõ de Vasques, e seus partidarios, passa a commover o peito do grande Nuno, a quem irrîta de sorte, que projecta matar a Vasques, e para isto falla ao Defensor, que detesta similhante proposta; e o reprehende de taõ baixo pensamento. Ajunta-se de novo o Congresso, e se embaraça cada vez mais a duvida; mas chegando a fallar Affonso Domingues de Aveiro, Procurador de Coimbra, pondéra as razoens de hum, e outro partido; abona humas, e impugna outras; considera o estado presente do Reyno; e mostra finalmente a precisaõ indispensavel de eleger hum Rey, e que este deve ser o Defensor.











II.

Dizia-se com plena liberdade,
Que o Trono estava vago; que o direito
De conferir a Regia Dignidade
Era proprio do Estado, e que em defeito
Da legitima antiga auctoridade,
Aquem o Reyno todo era sujeito,
O poder, que dos Povos procedera,
Aos mesmos outra vez se revertera.

III.

Destas grandes idéas possuidos,
E do zêlo da gloria Portugueza,
Ou de occultos influxos commovidos,
Com que animava o Céo a dura empreza,
Em severos Juizes erigidos,
Da pertençaõ mais alta da grandeza,
Os Povos inquietos fluctuavaõ
Sobre a nova eleiçaõ, que meditavaõ.

IV.

Huns nos Filhos de Ignez justiça bella
Descobriaõ, com fortes fundamentos;
Outros tem na Raynha de Castella
Occupados os altos pensamentos;
Huma parte da gente se desvela
Em frustrar da contraria os argumentos;
Mas os mesmos partidos mais oppostos
No Defensor os olhos tinhaõ postos.

Che-

V.

Chegado em fim o tempo, em que devia
Disputar-se a questaõ publicamente
Na Assemblea geral, que pertendia
Ser Tribunal no caso competente;
Joaõ das Regras, Varaõ em quem se unia
Huma vasta sciencia ao mais patente
Zêlo pela Naçaõ, com firme aspecto,
Assim rompe o mysterio do projecto.

VI.

Fortissimos Varoens, em quem o nobre
Amor da Patria, e publico interesse
Taõ constante, taõ puro se descobre,
Que as antigas façanhas escurece;
Se hum peito fraco, se hum discurso pobre
De hum Cidadaõ fiel, que reconhece
Os seus devêres, e prezar protesta
O nome Portuguez, vos naõ molesta.

VII.

Permitti, que eu exponha sem disfarce,
A's vossas attençoens, o desamparo,
Em que o Reyno se observa, se explicar-se
He necessario hum mal, que está taõ claro,
Ponderemos se póde acautelar-se
O tyrano rigor do fado avaro,
Que parece destina a Lusa gloria
A perder-se das gentes na memoria.

Vos

VIII.

Vós sabeis todos, nem alguem duvida,
Que todo o corpo para ser perfeito,
Cabeça deve ter, em que rezida
De reger os mais membros o direito;
Este corpo, que Estado se appellida,
Segue a regra geral, e no conceito
De Politico Corpo, huma cabeça
Precisamente he força, que conheça.

IX.

Em quanto os homens poucos, e grosseiros
Viveraõ livres, e sem ley, formava
Cada Familia hum Corpo, e dos primeiros
Respeitos, como Chefe, o Pay gozava;
Porém logo depois que os verdadeiros
Principios da Policia, a gente brava
Conheceo com mais luz, foi necessario
Novos Corpos formar por modo vario.

X.

Nelles todos os membros congregados
Em commum beneficio mutuamente,
Para serem servidos, e abonados
Huns dos outros, em fórma competente,
Nos illustres objectos occupados
De huma vida civil, conveniente
A' doce condiçaõ de gente amiga,
Foi preciso alterar a regra antiga.

O

XI.

O receyo dos riscos imminentes,
A' triste solidaõ, falta de amparo,
Na soberba cruel dos insolentes,
Na vil cobiça de hum visinho avaro,
Nas impunes acçoens dos delinquentes,
Nos insultos, e fraudes, sem reparo,
Foi a causa primeira, ou fundamento
Deste Corpo, ou civil ajuntamento.

XII.

E sendo indispensavel, que tivesse
Hum tal Corpo Cabeça respeitavel,
Que dirigir, que regular podesse
Os progressos da vida Sociavel,
Foi preciso, que nella depozesse,
Com pura demissaõ inalteravel,
Cada qual o poder, que possuía
Sobre si, sobre os filhos, que regia.

XIII.

Foi preciso ceder da liberdade
Do estado natural, e do direito
Da primittiva origem da igualdade,
Que competia a todos, no conceito
Procedido da propria dignidade
De homens livres, fazendo mais perfeito
Aquelle sacrificio a nobre idéa
De abonar mutuamente a sorte alhea.

Da

XIV.

Daqui vem o poder illimitado
Das Republicas, Reys, Imperadores,
E de outros Chéfes de qualquer estado
Reconhecidos nelle por Senhores;
Com qualquer destes nomes respeitado
O supremo poder dos Regedores
Constitue a Cabeça veneravel
De todo, e qualquer Corpo Sociavel.

XV.

Esta Cabeça, ou seja simplesmente
Hum só homem, ou sejaõ mais unidos
No supremo Poder independente,
Hé quem governa os membros repartidos:
Sem ella naõ se anima a competente
Aura vital dos Reynos mais luzidos,
Sem ella os membros de qualquer Estado
Tem todo o seu vigor desalentado.

XVI.

Nella consiste a força Soberana,
Que premea, castiga, e determina
As acçoens principaes da especie humana,
Que a viver civilmente se destina;
Nella tém protecçaõ a vîl cabana,
O Palacio dourado, a seda fina,
O rustico burél, o pastor pobre,
O Ministro, o Soldado, o Grande, o Nobre.

Del-

XVII.

Della depende toda a economîa
Do Politico Corpo, que descança
Na sua providencia, e lhe confia
Os cuidados da propria segurança;
Ella goza o Poder, que competia
A todos geralmente, e que a esperança
De ser mais justamente praticado,
Lhe fez ceder por bem de todo o Estado.

XVIII.

Esse grande Poder foi conferido
Variamente, confórme a natureza
Do Governo; por muitos repartido,
Ou entregue já prudencia, e fortaleza
De hum só homem; só deste possuido,
Ou vinculado com maior firmeza,
Na sua descendencia, mas constante
Irrevogavel, firme, e dominante.

XIX.

Os que tem só por annos, ou por vida
Este Poder, e fica dependente
A successaõ da honra concedida,
Dos suffragios do Povo novamente,
Saõ Cabeça do Estado conhecida;
Mas no termo prescripto simplesmente;
Passado o qual, o Povo tem direito
A pôr no seu lugar qualquer sugeito.

XX.

Os que alcançaõ aquella dignidade
Por fucçeffaõ, e gozaõ do direito
De tranfmittir a fumma auctoridade
A' fua defcendencia, fem refpeito
A fuffragios do Povo, a faculdade
Tem de imperar feguros no conceito,
De que devem achar nos feus Eftados
A mefma fujeiçaõ, que os feus paffados.

XXI.

Defte numero faõ os gloriofos
Monarchas Portuguefes fem difputa,
A cujo fangue os cultos refpeitofos
Da fé mais pura o noffo amor tributa;
A legitima prole dos famofos
Reys primitivos, fem queftaõ, desfructa
O Governo do Eftado; mas agora
Em confuzaõ mais trifte fe labora.

XXII.

Qual feja aquella prole, ou fe em verdade
Hoje alguma fe dá, que juftamente
Se atribúa taõ alta qualidade,
He o ponto da duvida prefente:
Eu direi o que fei, com liberdade;
Com efta cada qual diga o que fente,
Que em materia taõ grave naõ he jufto,
Que fe attenda amizade, ou odio, ou fufto.

Por

XXIII.

Por morte de Fernando, extincta a linha
Dos augustos Varoens, a quem fiado
O leme do Governo o Reyno tinha,
Do grande Affonso o sangue venerado;
Resta só de Castella na Raynha,
Ou nos filhos de Ignez; porém manchado
Com sombras taes, defeitos taõ patentes,
Que pouco, ou nada abona os pertendentes.

XXIV.

No que tóca á justiça da primeira;
Por Filha de Fernando, he cousa clara;
Que ella fora a mais certa, e verdadeira,
Se dignamente della se abonára;
Ser a Filha dos bens do Pay herdeira
Naõ he cousa taõ nova, nem taõ rara;
Que pudesse metter-se em argumento
A justiça daquelle fundamento.

XXV.

Mas a sórte fatal desta Princeza,
Digna de melhor Máy, melhor Marido;
Lhe embaraça o direito, que á grandeza
Da sua qualidade era devido;
Ella o perde primeiro na incerteza
De legitima Filha haver nascido;
E depois no Consorcio incestuoso,
Que contrahio com inconcesso Esposo.

Que

XXVI.

Que a Raynha de Hespanha se naõ deva
Legitima dizer, hè taõ patente,
Que duvido, que alguem já mais se atreva
Hum ponto a contestar taõ evidente;
Naõ será necessario, que se escreva
Dilatado papel, ou que eloquente
Orador, com discursos elegantes,
Manifeste verdádes taõ constantes.

XXVII.

Vós Senhores sabeis, que o casamento
De Fernando só teve na apparencia
O Sagrado valor de Sacramento,
Sendo hum simples rebuço da violencia;
O cego amor, que fez o fundamento
Deste absurdo fatal, desta indecencia
Romper podia as Leys; mas naõ podia
Legitimar á força, que fazia.

XXVIII.

A Raynha no tempo, que Fernando
Por Mulher a tomou, era casada,
E bem claro se mostra, que durando
O primeiro Consorcio, embaraçada
Para segundo estava, e que abusando
O Rey do seu poder, contra a jurada
Fé do laço Sagrado, escurece-lo
Podia sim, mas nunca dissolve-lo.

Ser

XXIX.

Ser casada a Raynha he taõ constante;
Taõ notorio, taõ certo, e taõ sabido,
Que naõ creyo, que alguem haja ignorante
De hum taõ publico facto; e se arguido
Foi de alguns, como nullo, e repugnante
A's Canonicas Leys, por contrahido
Entre parentes; estes dispensados
Foraõ da Santa Sé nos gráos vedados.

XXX.

Naõ fallo do pretexto impertinente
De naõ ser consumado este Contracto;
Que a Raynha affectou astutamente
Por fazer seu amor ao Rey mais grato;
Pois Alvaro da Cunha aqui presente,
Fructo deste Consorcio, o mais exacto
Testemunho he daquella circunstancia,
Abonada do Pay sem repugnancia.

XXXI.

Mas quando ser podesse dissolvido
O primeiro Contracto, ou Sacramento,
O que ser naõ podia, he bem sabido,
Que restava com tudo impedimento:
O primeiro Marido conhecido
Primo de ElRey, fazia o casamento
Segundo incestuoso, e mal podia
Hum taõ torpe Contracto ter valia.

Podé-

XXXII.

Podéra accrêscentar á nullidade
Daquelle Matrimonio algum defeito
Na Princeza, que a pouca lealdade
Da Māy descobre; mas no meu conceito
Naõ tem valor a vil malignidade
Das calumnias do Povo, e sem respeito
A torpes detracçoens, direi sómente
Os defeitos do laço incompetente.

XXXIII.

O Rey de Hespanha Tio em grão terceiro
Era desta Princeza, nem podiaõ
Contrahir Matrimonio verdadeiro
Taes parentes, que bem se conheciaõ;
E supposto, que o voto lisongeiro
Dos que aquelle Consorcio defendiaõ,
Allegue a seu favor certa dispensa,
Nada póde servir-lhe de defensa.

XXXIV.

Esta graça naõ he de algum proveito
Para a firmeza do Sagrado laço,
Porque falta o poder, falta o direito
Em quem soltar queria este embaraço:
O legitimo Papa, que o defeito
Só podia emendar com forte braço,
Armado do poder do Omnipotente;
Nem dispensou, nem se lhe fez patente.

Do

XXXV.

Do intruſo Antipapa aquella graça,
Ou fantaſtico indulto foi firmado,
Porque aquelle Monarcha por deſgraça
Se fez ſeu partidario declarado,
E bem longe de que ella ſatisfaça
Aquelle impedimento ponderado,
Outros novos lhe argúe, e manifeſta
Contra o direito, que orgulhoſo atteſta.

XXXVI.

O meſmo Papa em pena deſte crime,
E do Scisma nefando, que protege,
Eſte Principe cego, nos exime
Da ſua ſujeição; e como herege
Nos ſeus proprios Eſtados lhe ſupprime
O dominio ſupremo, com que rege
Erradamente os Povos; mas tractemos
Das queixas peſſoaes, que delle temos.

XXXVII.

Das inſollencias fallo, que ſoffrido
Temos deſte perjuro Rey de Heſpanha
Inimigo do Eſtado, e conhecido
Como tal no theatro da Campanha;
Elle fôra por nós ſempre excluido
Só por Principe ſer de gente eſtranha;
Mas as ſuas acçoens abominaveis
Nos miniſtraõ razoens mais reſpeitaveis.

Aa Eſte

XXXVIII.

Este Principe injusto, ambicioso
Desprezador das Leys, e da verdade,
Inquieto, feróz, duro, e orgulhoso,
Sem fé, religiaõ, nem probidade,
Instrumento tem sido rigoroso
Das desgraças de toda a qualidade;
Que chora a nossa Patria, e com que assusta
A nossa liberdade a sórte injusta.

XXXIX.

Todos vós testemunhas oculares
Sois das promessas, sois dos juramentos
Tributados na face dos Altares,
A's condiçoens, que foraõ fundamentos
Do contracto dotal: vós pelos ares
Levar os vistes dos ligeiros ventos,
Vós vistes converter em tyrania
As esperanças doces da harmonia.

XL.

Nos Contractos solemnes celebrados
Nas nupcias deste Rey, e da Princeza,
De que elle quer, que sejaõ derivados
Os direitos, que ostenta com fereza,
Expressamente foraõ declarados
O tempo, as condiçoens, a natureza
Da successaõ do Reyno, a qualidade
Do Dominio, governo, e auctoridade.

O

XLI.

O meſmo Rey com grandes aparatos
Na preſença do Auguſto Sacramento
Duas vezes firmou eſtes contractos,
Com Sagrado ſolemne juramento,
Elle ſe impoz, nos termos mais exactos,
A pena deperjuro, e perdimento
De todos ſeus direitos, ſe algum dia
Faltaſſe ás condiçoens, que promettia;

XLII.

Que tem faltado a todas, alterando
O tempo, a fórma, é ordem promettida;
Deſde a morte funeſta de Fernando,
He verdade patente, e bem ſabida:
Todo o Reyno opprimido eſtá clamando
Contra tanta inſolencia commettida,
Porém baſtava a guerra, que tem feito
Para perder de todo o ſeu direito.

XLIII.

Por ella tem perdido naõ ſómente
Eſſe direito, ſe algum teve antigo;
Mas incorrido rigoroſamente
Nas penas, que ſe impoz para caſtigo;
Ellas ſaõ muitas; mas preſentemente
Baſta ſó dever ſer por inimigo
Conhecido do Eſtado, e reputado
Perjuro inhabil, falſo, e reprovado.

XLIV.

Resta ver se a justiça favorece
Mais os filhos de Ignez, e Pedro augusto;
Em quem parte do Povo reconhece
A' successaõ direito claro, e justo:
He bem certo, que nelles resplandece
Dos Lusos Reys o sangue, e que o robusto
Sexo lhe dá mais firmes fundamentos,
Para abonar aquelles pensamentos.

XLV.

Mas o triste problema, em que labora
O matrimonio da infelice Dama,
Menos solida, e firme faz agora
Aquella opiniaõ, que o Povo acclama;
Eu reconheco, nem alguem ignora,
Que o Rey o atteſtou; porém a fama
Em contrario, tem provas taõ valentes;
Que abona bem as duvidas presentes.

XLVI.

ElRey posto que Rey, era sujeito
A naturaes paixoens da humanidade;
De que naõ vive izento o grande peito
Dos mais claros Varoens na herocidade;
Amor, como sabeis o tinha feito
Commetter erros de alta qualidade,
E naõ lhe offende o culto reverente
Examinar o caso attentamente.

Em

XLVII.

Em dois pontos consiste o fundamento
Da disputa, que deve examinar-se,
Hum se foi certo aquelle casamento;
Outro se sendo, deve bom julgar-se;
Na balança do nosso entendimento
Com prudente exacçaõ, devem pesar-se
As razoens com que impugna, ou favorece,
Qualquer destas questoens, quem as conhece.

XLVIII.

No tempo, que do Reyno o duro freyo
Affonso Pay de Pedro moderava,
Quando o Principe amante o terno seyo
A' mais viva paixaõ sacrificava,
Tendo o prudente Pay algum receyo
De que este amor do Filho (que já dava
Escandalo no Reyno) ter podesse
Raiz, que ser cortada naõ devesse.

XLIX.

Em seu nome mandou dois Conselheiros,
Hum dos quaes he Pacheco, aqui presente,
A saber os progressos verdadeiros
De huma paixaõ taõ céga, e taõ vehemente;
E ponderando aquelles mensageiros
A materia da duvida presente,
Como ponto, do qual dependeria
A conducta, que o Pay tomar devia.

L.

Na presença do Principe amoroso
Com instancias, e rogos porfiados,
A certeza do caso duvidoso
Pediraõ pelo Rey auctorisados;
Mas prevendo, que o Filho receoso
De occasionar desgostos mais pesados,
Poderia por susto, ou por cautela
Occultar a verdade, ou parte della.

LI.

Lhe attestáraõ debaixo da firmeza
Da palavra Real, que o Pay faria
Tractar a bella Ignez como Princeza,
Se por sua mulher a conhecia;
Que a sincera verdade com certeza
Saber delle sómente pertendia,
Para bem regular os seus projectos,
E socegar rumores indiscretos.

LII.

Mas a pesar daquella segurança,
A pesar dos impulsos da ternura,
Que podéra vencer-se da esperança
De lograr o seu gosto em paz mais pura,
O Principe inflexivel na bonança,
Como nos riscos da fortuna escura,
Naõ só negou aquelle casamento,
Mas que já mais tivesse hum tal intento.

Vedo

LIII.

Vède pois, como póde accreditar-se
O que depois de Rey quiz dar por certo,
Pertendendo com sustos desculpar-se,
De ter hum caso tal sempre encoberto;
Se este susto podesse concorda-se
Com as feyas acçoens, que em campo aberto
Obrou contra seu Pay, ao menos fora
Mais verosimil esta escusa agora.

LIV.

Mas hum filho que póde sem receyo,
Tomar as armas, declarar a guerra
Contra o Pay, contra o Rey, romper o freyo
Das regras todas, que o dever encerra;
Ostentar de inimigo o nome feyo,
Devastar cruelmente a Patria terra,
Naõ se atreve a dizer, que está casado,
Porque teme do Pay o triste enfado?

LV.

E que razoens de susto, ou de embaraço,
Depois de morto Affonso, haver podia,
Para naõ publicar o Santo laço
Se legitimo, e firme o conhecia?
Em tres annos naõ teve hum Rey espaço
Para tratar materia, que pedia
Taõ prompta providencia? Naõ lhe dava
Cuidado a prole, que taõ terno amava?

Só

LVI.

Só quasi já no fim de quatro annos
Depois que o Regio Ceptro manejava
Se lembrou este Principe dos damnos,
Que esta triste incerteza occasionava;
E corrida a cortina dos arcanos,
Que do publico os olhos assombrava,
Foi facil de provar o casamento
Com alheios, e proprio juramento.

LXVII.

Porém, que vale aquella diligencia
No juizo dos homens mais prudentes?
Que se póde julgar da inconsequencia
Das mesmas asserçoens dos assistentes?
O Rey diz, que naõ tem certa sciencia
Do dia, nem do mez: hum dos presentes
Affirma com certeza, que sabia
Ser de Janeiro no primeiro dia.

LVIII.

Ora vede, que dia, e que successo
Para ser esquecido, ou mal notado!
O dia o mais solemne, o mais expresso;
O successo o mais digno de cuidado;
Quem credulo será com tanto excesso,
Que em taes contradiçoens embaraçado,
Naõ duvide da fé daquella prova,
Que a suspeita naõ tira, sim renova.

Mas

LIX.

Mas nem podia ser solidamente
Celebrado o Consorcio pertendido;
Porque o Principe augusto era parente
Da contrahente esposa em gráo prohidido:
Era seu Tio, e era juntamente
Seu Compadre, e no caso de haver sido,
Seria sempre nullo o desposorio,
Por mais que fosse certo, e bem notorio.

LX.

Nestes termos extincta a descendencia
Do grande Affonso, he certo, que o direito
De dar ao Trono nova providencia,
He só proprio do Estado; e que Sujeito
Pode mais merecer a preferencia
Dos affectos, do gosto, e do respeito
Dos Póvos, doque o mesmo, que tem sido
Por Defensor do Reyno conhecido.

LXI.

Vós todos conheceis o grande alento,
O nobre coraçaõ, o zelo puro,
O genio doce, o claro entendimento,
O constante valor, o braço duro,
A justiça, a piedade, o sofrimento,
O generoso amor, e bem seguro
Deste illustre Varaõ, que em nosso amparo
De si tem dado testemunho claro.

Vós

LXII.

Vôs fabeis, que por nós tem padecido
Trabalhos grandes, rifcos horrorofos,
Que nos tem governado, e dirigido
Sabiamente nos cafos duvidofos;
Sabeis, que em fuas veias tranfmittido
Dura o fangue dos Lufos Reys famofos,
E com taes qualidades me parece,
Que os fuffragios de todos bem merece.

LXIII.

Diffe, e todo o Congreffo alvoroçado
Parecia aplaudir goftofamente
Aquella opiniaõ; mas focegado
O primeiro rumor da baixa gente,
Martim Vafques, varaõ acreditado
Por cortezaõ difcreto, e por valente,
Que dos filhos de Ignez, de tempo antigo
Fôra fempre fiel, e certo amigo.

LXIV.

Levantando-fe em pé, com fero gefto,
Com impulfo arrogante, e moftras de ira;
Inculcando desgofto manifefto
Do difcurfo, que Regras proferira,
Defta forte fallou: Eu naõ contefto
Do Defenfor as prendas; mas naõ tira
O feu merecimento á minha idéa
A luz brilhante da juftiça alhea.

Na

LXV.

Na minha opiniaõ he ſem diſputa,
Legitima de Ignez a prole clara,
E neſta opiniaõ, quanto executa
Em prejuizo ſeu a ſorte avara,
Me parece injuſtiça; quem lhe imputa
Defeitos neſta parte, ou naõ repara
No reſpeito, que deve á Mageſtade,
Ou naõ quer convencer-ſe da verdade.

LXVI.

Alterou-ſe o Congreſſo variamente;
Segundo cada qual favorecia
Os diverſos partidos, que igualmente
Com razoens bem fundadas defendia;
E porque o tempo breve naõ conſente
Decidir-ſe a queſtaõ naquelle dia,
Diſſolveo-ſe a Aſſemblea, transferido
Para ſegundo, o ponto debatido.

LXVII.

Mas o Genio cruel, que naõ ceſſava
De maquinar deſordens, e perigos
A' gloria Portugueza, e que buſcava
Os meyos de exercer odios antigos;
Achando agora, como dezejava,
Deſunidos os animos amigos,
Se propôz conſeguir deſta porfia
A ruina total da Monarquia.

Com

LXVIII.

Com efte horrivel penfamento digno
Das idéas do Pay da falfidade;
A Difcordia bufcou, Monftro maligno;
Filha cruel da barbara maldade;
Efta Furia, que o peito mais benigno
He capaz de inflammar em crueldade,
Promptamente o foccorre, e fem focego
Vóa ligeira ás margens do Mondego.

LXIX.

Alli Vafques, com grande companhia
De parentes, e amigos pafleava,
E com elles o ponto conferia,
Que o cuidado de todos occupava;
Cada qual variamente difcorria
Sobre a queftaõ, que Vafques propugnava;
E já muitos com zelo defcoberto
Alguns meyos propunhaõ de concerto.

LXX.

Quando a feya Difcordia fe aprefenta
Na figura de hum velho reverente,
Que no femblante, e no veftido oftenta
Apparencias de hum homem penitente,
A companhia nelle achar intenta
Confelhos fantos, inftrucçaõ prudente;
E com animo pio lhe declara
O motivo, que alli os ajuntára.

Mas

LXXI.

Mas a Furia fingindo o zêlo puro,
Que detesta no fundo de seu peito;
E disfarçando a raiva, e odio duro;
Que saõ do seu furor preciso effeito,
Desta sorte lhe falla: Eu naõ procuro
Lizonjear alguem; o meu conceito
Tem só por fundamento invariavel
A justiça, a verdade inalteravel.

LXXII.

O Trono naõ he vago; o claro Infante
Filho de Ignez he Rey por nascimento;
Vós naõ podeis faltar á fé constante,
Que lhe deveis por justo rendimento:
Qualquer nova eleiçaõ naõ he bastante
A soltar-vos do firme juramento
Prestado pelos vossos ascendentes
Na pessoa de Affonso, aos descendentes.

LXXIII.

Disse, e cada palavra articulada
Pela lingua do Monstro furioso,
Deixava a companhia invenenada
Do mais cruel ardor, mais fervoroso;
Cada qual a favor da confirmada
Opiniaõ protesta escrupuloso
De naõ mudar já mais deste conceito,
E defender do Principe o direito.

Em

LXXIV.

Em tanto o monſtro fero procurando
Completar o projecto abominavel,
Nos coraçoens mais nobres derramando
O contagio da raiva inſaciavel,
O grande Nuño buſca, que ordenando
Andava com deſvelo incomparavel
Os meyos de attrahir a ſeu partido
O ſuffragio de Vaſques atrevido.

LXXV.

Na figura de hum bravo Cavalleiro
Seu camarada antigo, e confidente
Lhe apparece a Diſcordia, e no guerreiro
Coraçaõ lhe miniſtra a furia ardente;
Como pode, lhe diz com tom groſſeiro,
Soffrer voſſo valor, que abertamente
Embaraſſe ſó Vaſques atrevido
Do voſſo empenho o fructo apetecido.

LXXVI.

Hum homem ſó he juſto que pertenda
Contra nós, contra toda a qualidade
De votos, ſuſtentar eſta contenda
Excitado por propria authoridade?
Soffrereis vós, que exponha, e que defenda
Outra vez no Congreſſo a dignidade
Dos Infantes, que a ſua confiança
Legitíma com tanta ſegurança?

Onde

LXXVII.

Onde eſtá voſſo zêlo, e voſſo affecto
Pelo Meſtre de Aviz? Eu naõ ſoffrera
Deixar engroſſar mais eſte projecto,
Se como vós, taõ claro procedera:
Todos ſabem, que o voſſo grande objecto
He fazer acclamar com paz ſincera
O Defenſor; vós meſmo claramente
Fazeis gloria de ſer ſeu confidente.

LXXVIII.

O Reyno todo alegre, e ſatisfeito
Se diſpoem a cumprir noſſa vontade,
E com moſtras de affecto, e de reſpeito,
Todos tem por geral felicidade
Eſta digna eleiçaõ, que por direito
O corpo da Naçaõ tem liberdade
De fazer em tal caſo, nem duvida
Alguem deſta verdade taõ ſabida.

LXXIX.

Só Vaſques arrogante he quem diſputa
A felîz concluſaõ do noſſo intento,
E na face de todos executa
Taõ feroz, taõ ſoberbo penſamento;
Porém ſe elle taõ bravo ſe reputa,
Que ſe julga capaz de dar alento
A contrarias facçoens, eu imagino,
Que he facil de curar tal deſatino.

Naõ

LXXX.

Naõ disse mais; porém inficionando
Com venenoso influxo o peito forte
Do constante Varaõ, foi derramando
Por outros coraçoens da mesma sorte
O contágio cruel, insinuando
Nos bellicosos filhos de Mavorte
Desconfianças, odios, e vinganças,
E nos Letrados sustos, e mudanças.

LXXXI.

Confundio-se o projecto, que devêra
Os animos unir: já variamente
Cada qual discorria; já naõ era
A gloria Nacional o fim decente
Dos cuidados de todos; já fizera
Da Discordia cruel a peste ardente
Desmayar com fraqueza, em mais de hum peito
Do zelo Portuguez o claro effeito.

LXXXII.

Nuno vivo por genio, e mal soffrido;
E pela Furia horrenda alucinado,
Vendo nesta inacçaõ quasi perdido
O fructo de hum trabalho porfiado;
E julgando, que tudo procedido
Era das suggestoens, com que alterado
Havia Vasques orgulhoso, e cego
Dos ignorantes Povos o socego.

Com

LXXXIII.

Com animo feroz, e mal disposto
Contra quem pertendia; que incentivo
Era das dissençoens, e do desgosto,
Que tanto lhe opprimia o peito altivo;
O Defensor procura, e tendo exposto
Dos seus nobres pesares o motivo,
Desta sorte com vivo sentimento
Lhe declara o seu bravo pensamento.

LXXXIV.

Vós, Senhor, conheceis o zélo puro
Com que vos sirvo, com que me interesso
Na vossa exaltaçaõ; o bem seguro
Affecto, a diligencia, o grande excesso
Do desvelo, e attençaõ, com que procuro
Franquear-vos o Trono, que confesso
Ser premio diminuto; mas devido
A's penas, que por nós haveis soffrido.

LXXXV.

Toda a Naçaõ em corpo congregada
A taõ gostoso empenho concorria,
E no rosto de todos retratada
Brilhava a doce imagem de alegria;
Tudo nesta funçaõ bem concertada
O mais feliz successo promettia;
Hum homem só de espirito imprudente
Se oppoem á voz de todos insolente.

LXXXVI.

Só Vasques arrogante he quem sustenta
O partido contrario, ou por excesso
De antigas affeiçoens, ou porque ostenta
Altiva independencia: eu vos confesso,
Que o vehemente pesar, que me atormenta
Na duvida cruel deste succésso,
Me perturba de sorte a cega mente,
Que já meyos suaves naõ consente.

LXXXVII.

Se vós me permittis a liberdade
De cortar a raiz deste embaraço,
Eu prometto soltar com brevidade
Os duros nexos deste cego laço;
Hum só golpe a fatal ambiguidade
Fará desvanecer em breve espaço;
Extincto Vasques, fica sem patrono
A facçaõ nova, que vos nega o Trono.

LXXXVIII.

Prosegia a dizer; mas suspendido
Foi pelo claro Heróe, que horrorizado
Do projecto por Nuno concebido,
Assim lhe falla firme, e socegado:
Eu tenho em todo tempo conhecido
O vosso grande affecto, bem provado
Com acçoens gloriosas, e de alento
Digno do vosso illustre nascimento.

LXXXIX.

Porém nunca esperei, que vos podesse
O zêlo alucinar de tal maneira,
Que em materia taõ grave vos fizesse
Incauto discorrer com tal cegueira;
Hum homem, como vós tanto se esquece
Da virtude, e da gloria verdadeira,
Que pertende abonar o seu partido
Por meyo de hum delicto aborrecido.

XC.

Se eu quizesse abusar do vosso alento
Para taõ torpes fins, ou consentira
Fazer-se o vosso ardor, vil instrumento
Da indecente ambiçaõ, da feroz ira,
Eu mesmo horrorizado deste intento,
Taõ indigno do Solio me sentira,
Que me fora mais pêjo, do que gloria
O caracter do Rey, com tal memoria.

XCI.

O fervoroso impulso, com que inflamma
A fiel amizade o vosso peito,
He bem digno de vós, e de quem ama
Os deveres do zêlo mais perfeito;
Mas se podesse ser, na vóz da fama,
Injusta causa de hum taõ vil effeito,
Seria mancha indigna da grandeza
Do vosso coraçaõ, e fortaleza.

XCII.

Hum taõ nobre, taõ puro ſentimento
Naõ deve produzir huma indecencia,
Nem das luzes de hum claro penſamento
Podem naſcer as ſombras da violencia;
Se a Naçaõ com geral contentamento
Me eſcolher para Rey, a preferencia
Me ſerá ſempre grata; mas ſómente
Sendo preſtada voluntariamente.

XCIII.

Eu naõ pertendo com acçoens atrozes
Tyranizar da Patria a liberdade;
Empreza ſó de eſpiritos ferozes
Inimigos crueis da humanidade;
Da barbara ambiçaõ as torpes vozes
Naõ me illudem já mais; ſe a dignidade
De ſer Rey, hum delicto infame cuſta,
Seja Rey, quem do crime naõ ſe aſſuſta.

XCIV.

Diſſe, e logo de novo congregado
O Corpo da Naçaõ, foi novamente
O ponto da queſtaõ examinado
Pelos membros do Eſtado attentamente;
O partido maior, mais avultado
O Defenſor acclama abertamente;
Porém Vaſques, e todos ſeus ſequazes
Se lhe oppoem com razoens muito efficazes.

Outra

XCV.

Outra vez o Congresso irresoluto
Naõ sabe decidir, e se embaraça;
E na triste incerteza o Povo bruto
Já maiores desordens ameaça,
Da Discordia feroz o genio astuto
Inspira sediçoens, odios enlaça,
E já quasi se applaude do successo,
Com que alterado tem todo o Congresso.

XCVI.

Quando chega a fallar hum Cavalleiro,
Da famosa Coimbra Deputado,
Em quem da vil Discordia o som grosseiro
Já mais póde illudir o zêlo honrado,
Este Affonso Domingues he de Aveiro;
Na Cidade bemquisto, e reputado
No Congresso por sabio, justo, e forte,
E propoem o seu voto desta sórte.

XCVII.

Da presente materia a gravidade,
A grandeza das suas consequencias,
A triste confusaõ, a variedade
Dos affectos, razoens, e diligencias,
Com que os mesmos amantes da verdade
Tem perturbado as suas evidencias,
Nos enleaõ de sórte, que he preciso
Sobre tudo formar novo juizo.

O

XCVIII.

O discurso de Regras, que pertende,
Que o Trono está vacante, em tal supposto
Mostra bem, que dos Povos só depende
Acclamar Rey, que seja do seu gosto;
Mas as outras razoens, com que defende
A certeza daquelle presupposto,
Por mais que sejaõ todas elegantes,
Naõ saõ todas seguras, e bastantes.

XCIX.

Vasques, que tem diversos pensamentos,
E cabeça se faz de outro partido,
Naõ explica as razoens, ou fundamentos
Porque deve o seu voto ser seguido
Guiado só dos proprios sentimentos,
E de antigos affectos commovido,
Quer, que os nobres impulsos da amizade
Sejaõ provas bastantes da verdade.

C.

O Doutor justamente dá por certo,
Que o direito do sangue só podera
Ver-se nos Reys de Hespanha descoberto;
Ou na prole de Pedro, que nascera
Da mal lograda Ignez, se longe, ou perto
Em qualquer dos projectos naõ houvera
Impedimentos graves, que elle explica,
Patentêa, e suppoem, que justifica.

Mas

CI.

Mas nem sempre consegue o seu desejo
Por excesso talvez de diligencia,
Que até das mesmas luzes o sobejo
Póde ser embaraço da evidencia,
Em alguns dos defeitos, eu naõ vejo
A pesar dos adornos da eloquencia,
Aquellas nullidades, que elle aponta,
E por offensas do direito conta.

CII.

Por exemplo, quem póde seriamente
Convencer-se, que hum erro de doutrina
Deva privar os Reys expressamente
Dos direitos, que o sangue lhe destina?
Que seja inaptidaõ de hum pertendente
A's honras seculares a ruina,
Que nos membros da Igreja tem causado
A cegueira de hum Scisma desgraçado?

CIII.

Por ventura naõ saõ reconhecidos
Por legitimos Reys hereditarios
Os Monarchas de França esclarecidos,
De Navarra, Aragaõ, e outros varios?
Saõ dos seus Povos menos attendidos,
Porque saõ de Clemente partidarios?
Que tem de ver do Scisma as diffençoens
Com o pleito das Regias Successoens.

A

CIV.

A' que fim a noticia indecorosa
Dos crimes de Leonor, mal disfarçada,
Com déstra reticencia industriosa,
Só para ser de todos mais notada?
A' Raynha naõ he perniciosa
A desordem da Mãy mal reputada,
Essa infamia, ou injusta, ou merecida
Foi depois da Princeza ser nascida.

CV.

Similhantes razoens daõ mais idêa
De huma céga payxaõ incorrigivel,
Desordenada, céga, iniqua, e fea,
Que da recta justiça irreprehensivel;
E para que he buscar materia alhea
Da proposta questaõ, sendo infalivel
A justiça dos outros fundamentos,
Em que firma o Doutor seus pensamentos?

CVI.

Quem póde duvidar, que saõ bastantes
Para negar no Rey qualquer direito,
As nullidades claras, e constantes
Dos matrimonios, o geral conceito
De inimigo do Estado, as importantes
Insolencias, e faltas, que tem feito
Nas promessas juradas, nos Tractados,
E na fé dos deveres mais Sagrados?

Ago-

CVII.

Agora no que toca á prole augusta
Da mal lograda Ignez, mais duvidoso
Me parece o negocio, e menos justa
A sentença, que julga fabuloso
O consorcio dos Pays; porque me assusta
O respeito de hum Rey taõ glorioso,
Taõ justiceiro, e amante da verdade,
Como Dom Pedro foi na realidade.

CVIII.

O Doutor mesmo accusa o juramento
Deste Principe augusto, em que declara
A certeza daquelle casamento,
Que por justos motivos occultára;
Elle confessa, que este sentimento
Geralmente no Povo se espalhara,
E que fora abonado legalmente
Com a familia, e Bispo entaõ presente.

CIX.

Eu naõ sei como provas mais patentes
Possaõ dar-se de factos similhantes,
Quando para faze-los evidentes
As testemunhas sós foraõ bastantes:
Aqui duas depoem, que ambas presentes
Foraõ no casamento, ambas constantes,
Ambas dignas de fé, hum por honrado,
Outro pelo caracter de Prelado.

Que

CX.

Que importa, q̃ hum se lembre, outro se esqueça
Do mez, e dia, se ambas na substancia
Do negocio concordaõ? Que interessa
A noticia daquella circunstancia?
He possivel, que nella estabeleça
Algum homem prudente a repugnancia
A' sua fé, notando a identidade,
Com que se abona o fundo da verdade?

CXI.

Mas que necessidade, ou dependencia
Há de taes testemunhas, para effeito
De reduzir ás luzes da evidencia
Este ponto dos doutos no conceito;
Depois de ElRey tomar a providencia
De attestar pelo modo mais perfeito
A certeza do caso, he bem sabido,
Que sem mais prova, fica decidido.

CXII.

Nestes termos, se algum dos dois Infantes
Filhos de Ignez, e Pedro aqui se visse,
Ou por outras razoens mais importantes
Impedido talvez senaõ sentisse,
A pesar dos defeitos mal soantes,
Que a malicia insolente presumisse,
Este só fora Rey no meu conceito
Por todas as razoens do bom direito.

Mas

CXIII.

Mas o triste destino, que parece
Da desditosa Mãy herança escura,
Com funestos influxos desvanece
Dos claros Filhos a justiça pura;
Elle primeiramente lha escurece
Nas infaustas razoens, com que procura
Em vida de Fernando desgosta-los,
E dos paternos Reynos separa-los.

CXIV.

Hum delles por altivo, outro obrigado
Do temor do castigo merecido,
Por hum crime de todos reputado
Com o effeito de hum genio enfurecido;
Qualquer delles das furias agitado,
De hum bellicoso ardor mal entendido,
Se expatriou, tomando cegamente
As armas contra o Estado, e propria gente.

CXV.

Nós ouvimos com o ferro vingativo
Ferozes assolar nossas Fronteiras,
Talar os campos do paiz nativo,
Lançar o fogo ás patrias sementeiras;
Nós os vimos servindo de incentivo
A' Vingança das armas estrangeiras,
Ostentar-se no campo varias vezes
Inimigos crueis dos Portuguezes.

De-

CXVI.

Depois de hum erro tal, continuando
O trifte influxo da maligna eftrella,
Logo depois da morte de Fernando,
Foraõ prefos na Côrte de Caftella;
Alli fem liberdade eftaõ chorando
A pouca difcripçaõ, pouca cautela
Da paffada conduta; mas fem meyos
De evitar, ou romper os grilhoens feyos.

CXVII.

Odiofos á Patria, e defpojados
Da propria liberdade, o feu direito
A pefar dos principios mais provados,
Naõ póde produzir algum effeito;
A lembrança dos Povos magoados
Inimigos os pinta; e no conceito
De captivos, ou prefos, a defgraça
O caminho do Trono lhe embaraça.

CXVIII.

O Reyno pede prompta providencia;
Que naõ póde efperar de hum prifioneiro,
Que em fi mefmo, dos ferros na violencia,
Naõ póde exercitar dominio inteiro,
Conferir-lhe de Rey a preeminencia
Fora fó confirmar-lhe o captiveiro,
E perder fem alguma utilidade
Elle, e nós para fempre a liberdade.

Nef-

CXIX.

Neſtes termos, parece indiſpenſavel
Eleger outro Rey; mas ſe o patente
Riſco geral do Eſtado he quem louvavel
Faz eſta acçaõ, ſem elle incompetente,
Naõ he de ſórte alguma deſculpavel
Demorar com diſputa impertinente
O remedio de hum damno, que ameaça
Em qualquer dilaçaõ fatal deſgraça.

CXXI.

No Defenſor nos dá o Ceo piedoſo
Hum Rey, qual nos convém, do ſangue Auguſto
Dos antigos Monarchas, glorioſo
Pelas proprias acçoens, valente, juſto,
Sabio, pio, prudente, generoſo,
Amante da Naçaõ, forte, e robuſto;
Se a luz do patrio zêlo he quem nos guia,
Acclama-lo devemos á porfia.

FIM DO CANTO IX.

A LIBERDADE.

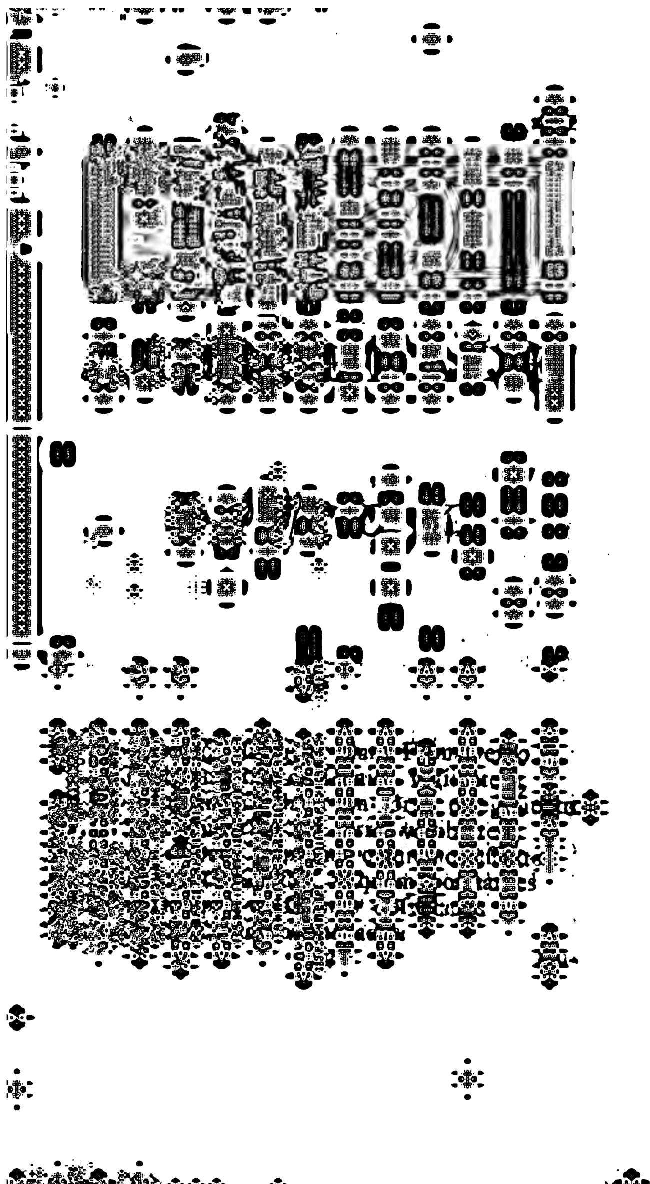
CANTO X.

ARGUMENTO.



M quanto nas Côrtes de Coimbra se tractava a disputa sobre a eleiçaõ de Rey, o Genio Tutellar de Portugal representa ao Supremo Deos o miseravel estado da Naçaõ, e se queixa de que se empenhem na sua ruina, naõ só os ordinarios instrumentos do castigo dos Estados, a guerra, e a desuniaõ; mas que as mesmas Furias do Inferno se conjurem descobertamente, no seu estrago, intentando frustrar as promessas feitas pelo mesmo Deos ao Reyno Portuguez, e supplica efficazmente á Divindade, que confunda taõ soberbos projectos, e ampare os Portuguezes. Assim o concede o Deos Supremo; e acabando de fallar neste

neste tempo o Procurador de Coimbra, todo o Congresso applaude o seu parecer, e com gosto geral se acclama o Defensor, Rey de Portugal. Passa o novo Rey ao Porto, toma Guimaraens, Braga, e Ponte de Lima; mas em tanto, que o Rey restaura a Provincia do Minho; entraõ os Castelhanos na Beira, onde fazem damno consideravel, pela desuniaõ dos Cappitaens Portuguezes; mas Pacheco os concorda, e junto com elles desbarata os inimigos. Entra em fim em Portugal ElRey de Castella com poderoso Exercito, e atravessando a Beira, passa a Estremadura. Relaçaõ do Exercito Castelhano. Marcha o novo Rey Portuguez do Minho, e chega à Abrantes, onde faz revista da sua gente. Arrogancias de alguns Portuguezes, e Voto temerario de Vasco Martins de Mello. Encontram-se os Exercitos no Campo de Aljubarrota, e se dá batalha. Acçoens valorosas do novo Rey Portuguez, do grande Nuno, de Vasconcellos, de Almada, e de outros Portuguezes. Foge ElRey de Castella; morre Vasco Martins no seu alcance, triunfa o novo Rey Portuguez, e com esta victoria estabelece firmemente a independencia da Coroa, e a Liberdade de Portugal.



II.

Onde os casos mais graves desta vida
Se decidem com firme segurança;
Se distribue a sórte concedida,
Ou da triste desgraça, ou da bonança:
Na presença tremenda, e apetecida
Do Grande Deos da paz, e da vingança;
O Genio Tutellar do Luso Estado
Assim fallou de zêlo penetrado.

III.

Omnipotente Pay, principio eterno
De toda a natureza, Deos Amavel,
Deos Temivel, Benigno, Brando, Terno;
Justo, Recto, Severo, e Respeitavel;
Deos Unico, e Deos Trino, Rey Supremo
Dos Monarchas, Senhor Incontestavel
Dos Imperios, por quem os Reys da terra
Reynaõ, porquem lhe he dada a páz, e guerra.

IV.

O Lusitano Estado, que incumbido
Me foi por vós, em triste desamparo
Sem Cabeça se vê, mal repartido
Em diversas facçoens: o Varaõ claro,
Que lhe estava dos fados promettido,
Para digno Monarcha, sem reparo
Nos seus grandes talentos, e fadigas,
Contrastado se vê com mil intrigas.

Naõ

V.

Naõ bastáraõ as armas Castelhanas;
O furor, e ambiçaõ dos inimigos,
Maquinadas traiçoens, forças tyranas,
Successivos trabalhos, e perigos;
Naõ bastáraõ crueis paixoens humanas,
Oppostas pertençoens, odios antigos;
Tambem do mesmo Averno o Genio irado
Vem perturbar o Reyno desgraçado.

VI.

Elle foi suscitar do torpe seyo
Das Furias infernaes a venenosa,
Implacavel Discordia, que tem cheyo
O coraçaõ da gente bellicosa
De invencivel ardor, de orgulho feyo;
Contra a gloria da empreza generosa,
Que o zêlo da Naçaõ tinha disposto
Para acclamar Monarcha de seu gosto.

VII.

Se esta empreza, Senhor, he fabricada
Contra as ordens da vossa Providencia,
Se he injusta, insolente, ou mal fundada
Na ambiçaõ, na soberba, e na violencia,
Pague a culpa a Naçaõ mal regulada,
Confunda o máo successo a diligencia,
E sirva o seu castigo de escarmento
A qualquer temerario, altivo intento.

VIII.

Mas se foraõ por mim bem entendidos
Vossos altos Decretos adoraveis,
Se os Lusos povos devem ser regidos
Por proprios Reys, se nelles immutaveis
Haõ de ver-se os prodigios promettidos
A' progenie de Affonso, e se culpaveis
Naõ saõ nos vossos olhos os projectos,
Que tem vossos disignios por objectos.

IX.

Como soffre o respeito magestoso
Da vossa Omnipotencia independente,
Que das trevas o Espirito orgulhoso
Frustrar pertenda os fados desta gente?
Vós só podeis o curso duvidoso
Do destino reger com maõ potente;
Vós só sabeis o tempo, e circunstancias,
Em que podem mudar-se as observancias.

X.

Se a soberba de Lucifer lhe inspira
Taõ altivos projectos, se a vingança,
Os furores, e os odios, que respira
Lhe ministraõ taõ louca confiança,
Conheça o torpe Pay da vil mentira,
Que o seu perfido engano naõ alcança
Algum fructo das suas diligencias,
Contra a ordem das vossas Providencias.

Assim

XI.

Assim será, responde o Pay Sublime,
E desta vóz á força o Ceo rendido,
Com susto santo, que o respeito exprime,
Tremeo de Polo a Polo estremecido:
O torpe Genio, que a Naçaõ opprime
Se sepulta nas trevas atordido,
Foge a Discordia do Congresso Luso,
Cessa das gentes o rumor confuso.

XII.

Acabava de orar naquelle instante,
Da risonha Coimbra o Deputado;
E logo na Assembléa em vóz constante
Foi seu voto por todos abonado;
Nuno sempre affectivo, e vigilante,
Vendo o caso no ponto desejado,
Elle primeiro clama em vóz festiva,
Viva El-Rei Dom Joaõ nosso Rey, viva.

XIII.

Viva, responde em grito lisonjeiro
A turba popular, viva mil vezes
O nosso grande Rey Dom Joaõ primeiro
Para gloria immortal dos Portuguezes;
Viva, *viva* repete o Corpo inteiro
Do Congresso, com termos mais cortezes,
Emendando dos cultos na observancia
O desar da passada repugnancia.

Con-

XIV.

Confuso o Defensor na repentina
Afluencia de obsequios taõ attentos,
Adora reverente a maõ Divina
Na prompta execuçaõ dos seus intentos;
Mas os mesmos prodigios, que imagina
Na concordia dos varios pensamentos,
O fazem ponderar com mais prudencia
Os encargos da Regia preeminencia.

XV.

Assustado do peso glorioso
Da grandeza de hum Ceptro, em cujo amparo
O cuidado do Todo Poderoso
Se interessava com favor taõ raro;
E dos proprios talentos duvidoso
Para reger Imperio taõ preclaro,
Se escusava modesto com excesso
A's brilhantes offertas do Congresso.

XVI.

Mas o Povo affectivo, e alvoroçado
Com instancias, e rogos porfiava,
Que sem mais dilaçaõ fosse acclamado,
A pesar do receyo, que ostentava;
E sendo o claro Heróe certificado,
Que hum repudio modesto naõ bastava
Para abrandar do Povo a viva idea,
Assim fallou no meyo da Assemblea:

Valo-

XVII.

Valorosos, illustres companheiros
Dos trabalhos, e riscos padecidos
Pela gloria da Patria, verdadeiros
Defensores do Estado esclarecidos,
Vós me prestais os nomes lisongeiros
De Senhor, e de Rey, nomes luzidos;
Mas temiveis por certo, a quem reflecte
Na grande obrigaçaõ, que lhe compete.

XVIII.

Eu me obrigo de mostras taõ brilhantes
De amor, de confiança, e de respeito,
Que existiráõ seguras, e constantes
Eternamente impressas no meu peito;
Mas taõ pesados saõ, taõ importantes
Os encargos de hum Rey no meu conceito,
Que naõ julgo meus hombros competentes
A' grandeza de pesos taõ valentes.

XIX.

Proseguia a dizer; mas naõ permitte
A ternura do Povo alvoroçado,
Que complete o discurso, sem que grite
A favor do projecto desejado:
Todos clamaõ, que he força, que exercite
O poder conferido, e que obrigado
Pelo zelo da Patria liberdade,
Deve aceitar a Regia dignidade.

Mil

XX.

Mil vozes variamente articuladas,
Mas acordes no mesmo sentimento,
Com razoens pelo zelo ministradas,
Combatem do Varaõ o pensamento:
Elle cede por fim ás porfiadas
Expressoens de taõ puro rendimento;
E penetrado de paixaõ mais nobre,
O ditoso consenso assim descobre:

XXI.

Generoso Congresso, respeitavel
Simulacro da Patria, a quem dedica
O meu peito, com zelo inalteravel,
Toda a sua attençaõ; e sacrifica
Todas suas acçoens; indisputavel
Obrigaçaõ de hum filho, que se applica
A cumprir dignamente os seus deveres
A' Mãy geral, nas penas, e prazeres.

XXII.

Se he preciso, que eu seja revestido
Do Supremo poder, se dispensar-me
Naõ devo deste empenho, e se o luzido
Regio caracter devo apropriar-me;
Se he preciso ceder agradecido,
A' vontade, que tendes de exaltar-me,
Eu me rendo com grata complacencia
A's intençoens da vossa providencia.

Serei

XXIII.

Serei Rey, se convem á dignidade
Da Naçaõ ter hum Rey de sangue Luso;
Serei Rey, mas do Trono a Magestade
Gozarei livre do vulgar abuso;
Todos vós apesar da authoridade
Do supremo Poder, que naõ recuso,
Me achareis sempre o mesmo sem mudança
Na amizade, no zelo, e confiança.

XXIV.

Vós naõ me servireis; vós juntamente
Comigo servireis á gloria pura,
A' doce liberdade, á permanente
Justiça da Naçaõ, contra a perjura
Sacrilega ambiçaõ; vós propriamente
Sereis filhos regidos com ternura:
Assim disse o Varaõ, e no seu gesto
Se via o grande zelo manifesto.

XXV.

Qual no fim de huma larga, e duvidosa
Navegaçaõ por climas ignorados,
Depois da raiva, e furia procelosa,
Do mar cruel, e ventos indignados,
A maritima gente cobiçosa
De recobrar os pórtos descançados
Com a vista da terra apetecida
Grita gostosa, e chora internecida.

Tal

XXVI.

Tal na grande Assembléa a gente Lusa,
Que nos riscos da Patria fluctuava,
E nos varios successos taõ confusa
A gostosa esperança imaginava,
Vendo, que o Defensor já naõ recusa
O lugar, que a Naçaõ lhe destinava,
Entre lagrimas doces de alegria
Mil festivos clamores repetia.

XXVII.

Cada qual neste instante a liberdade
Crê de novo cobrar, crê ver segura
Do Trôno Portuguez a dignidade,
Do nome Lusitano a gloria pura:
As mais altas lisonjas da vaidade,
Já cada qual sem susto se figura,
E com tal Rey, qualquer dos Lusitanos
Já naõ teme o poder dos Castelhanos.

XXVIII.

Daõ-se as ordens precisas no Congresso
Para formalizar decentemente
A conclusaõ feliz de hum tal successo,
Com acto proprio, e pompa competente;
Concorre o Povo alegre com excesso
A ver o novo Rey; faz-se patente
A todo o Reyno o caso com presteza,
Executa-se em fim a grande empreza.

Accla-

XXIX.

Acclama-se o Varaõ, a frente Augusta
Cinge o sacro Diadema, o Regio manto
Os fortes membros cobre, a maõ robusta
Impunha o Ceptro antigo, e sobre o Santo
Respeitavel compendio da Ley justa
Do Salvador do Mundo o Reyno em tanto
Jura guardar-lhe fé, tendo primeiro
Jurado o Rey ser justo, e verdadeiro.

XXX.

Com festivos obsequios de alegria
Se desvela Coimbra; mas no peito
Do novo grande Rey nada podia
Interromper do zêlo o nobre effeito:
O bravo coraçaõ lhe naõ soffria
Viver em ocio alegre, e sem respeito
A's cortezes lisonjas dos amigos,
Deixa Coimbra, e busca os inimigos.

XXXI.

Persistiaõ no Reyno alguns Lugares,
Que o partido de Hespanha sustentavaõ,
E no meyo das furias militares
A confusaõ da Patria accrescentavaõ;
Na Provincia do Minho mais vulgares
Estes féros empenhos se observavaõ,
E nas mesmas Cidades mais famosas
Se notavaõ conductas taõ damnosas.

Hu-

XXXII.

Huma destas he Braga, Braga Augusta,
Taõ famosa nos fastos Lusitanos,
Em quem iguaes troféos a fama ajusta
De successos Sagrados, e profanos;
Braga, cuja memoria o Porto assusta,
Que fez hum tempo a gloria dos Romanos,
Que regulou da Igreja os ritos puros
No dominio dos barbaros mais duros.

XXXIII.

E vendo o novo Rey, que tal Cidade
Se escuzava do zelo, que devia
A' Luza gloria, á patria liberdade,
A' fama antiga, e propria valentia,
Querendo reprimir com brevidade
Os exemplos da triste rebeldia,
Passa do Douro a rapida corrente,
E fáz juntar no Porto a Marcia gente.

XXXIV.

Sobre Braga destina o golpe irado
O bellicoso Rey; mas suspendido
Foi por novo successo, que empenhado
Deixou o seu valôr sempre advertido:
Por secretos avîsos incitado
A tomar Guimaraens vai sem ruîdo,
Guimaraens Povo antigo, e glorioso,
Do Trono Portuguez berço ditoso.

Com-

XXXV.

Commandava na Villa por Castella
Ayres Gomes da Silva, hum Cavalleiro
De Sangue Portuguez, e da mais bella
Nobreza deste Reyno, a quem primeiro
Servio em guerra, e páz; mas que atropella
Agora o Patrio zelo, ou lisonjeiro
A Castelhana esposa, ou porque entende
Ser mais segura a causa, que defende.

XXXVI.

Este vendo, que alguns dos moradores
Conservavaõ no peito sem mudança,
Os affectos dos seus antecessores,
Pela gloria do Estado; que a lembrança
Dos antigos Monarchas, e Senhores
Inspirava no Povo a confiança
De aplaudir as virtudes, e justiça
Do novo Rey, que graças desperdiça.

XXXVII.

Sabendo, que Carvalho hum dos honrados
Habitantes da Villa, e que contava
Grande copia de amigos, e criados,
Que hum franco proceder lhe grangeava,
De huns, e de outros, sem causa congregados
Em passeyos talvez se acompanhava,
Lhe ordenou, qne da Villa se ausentasse,
Ou sem sequito nella se ostentasse.

Des-

XXXVIII.

Desgostou-se Carvalho, e cobiçoso
De vingar-se, e servir á Patria chara
Com cautela, e disfarce artificioso,
A mudar de Governo se prepara;
E disposto o projecto industrioso
Com o novo Monarcha se declara,
Promettendo da Villa a porta aberta
Para dia ajustado, e hora certa.

XXXIX.

Com este aviso parte sem demora
Do Porto o novo Rey, e justamente,
Quando as trevas rompia a lúz da Aurora,
Sobre a Villa se mostra diligente;
Esperava Carvalho o dia, e hora
Com desvelos de zêlo impaciente,
Tendo aberta huma porta, e por cautela
Alguns amigos seus naõ longe della.

XL.

Estes, tanto que delles foi sabida
A chegada do Rey, com maõ armada
Se lançaõ sobre a guarda, que rendida
Se vio no mesmo tempo, que atacada;
Porque sendo por elles surprendida,
Estando de tal caso descuidada,
Primeiro se vio presa, que podesse
Reconhecer o damno, que padece.

Ga-

XLI.

Ganhada a porta, a gente bellicosa
Se mostra sem disfarce, e discorrendo
Pelas ruas visinhas furiosa,
Mil estragos, e damnos vai fazendo;
A guarniçaõ confusa, e temerosa
Se atropella fugindo, naõ sabendo
Inda bem de que foge, e finalmente
Entra sem resistencia o Rey potente.

XLII.

Mas quando já completa, e bem lograda
A ditosa interpreza se entendia;
E na fé da victoria descançada
A vencedora Tropa se aplaudia;
Pelas casas desertas espalhada;
Onde a preza cedida recolhia,
Tordesumos Valente Castelhano
Intenta resarcir o grave damno.

XLIII.

Armado de armas fortes se apresenta
Na bôca de huma rua, onde procura
Fazer formar a gente, que afujenta
Do ferro Portuguez a força dura,
E tanto brio, tanto zêlo ostenta,
Que infundindo valôr na gente escura,
Naõ só suspende o curso da victoria;
Mas ameaça ousado a Lusa gloria.

XLIV.

E lográra talvez os seus intentos,
Supposta a distracçaõ dos vencedores,
Que esquecidos dos nobres sentimentos,
Se empregavaõ do roubo nos horrores;
Se Rodrigues Varaõ de pensamentos
Alheios de cobiça, e dos melhores
Cavalleiros d'El-Rey, naõ acudira
A'quella parte, e os passos lhe impedira.

XLV.

Mas vendo o bom Rodrigues a arrogante
Soberba do Hespanhol, e commovido
De hum impulso de gloria mais brilhante;
Ou de cega paixaõ enfurecido,
Com gesto bravo, com feróz semblante
Elle só de armas ricas guarnecido,
Domando de hum ginete o féro alento,
Lhe vai frustrar o nobre pensamento.

XLVI.

Porque a bótes de lança furiosos,
Abatendo, ferindo, e destroçando
Quantos contrarios vê mais orgulhosos;
Foi o passo das ruas franqueando,
E dos ecos dos golpes ruidosos
Chamado o grande Rey vaõ fulminando
Ambos juntos taes mortes, e feridas,
Que saõ poucos despójos tantas vidas.

Acode

XLVII.

Acode o Commandante acompanhado
De toda a guarniçaõ ; mas aproveita
Pouco todo o valôr, todo o cuidado
Contra a furia do Rey, que naõ respeita
Nem armas, nem perigos, indignado
Da forte resistencia, e que sujeita
A Villa finalmente, que lhe cede
Sylva, e para Castella se despede.

XLVIII.

A noticia da grande novidade
Amotina de Braga os moradores;
Toma as armas a gente da Cidade;
E com vozes confusas, e clamores,
Gritando *Portugal*, e *Liberdade*
Ataca a guarniçaõ, que entre os horrores
De hum susto repentino com desvelo
Póde apenas salvar-se no Castello.

XLIX.

E sendo sem demora o Rey sciente
Por aviso do caso succedido,
E chamado do Povo impaciente,
A tomar o Castello defendido,
Manda Nuno com marcha diligente,
A sustentar dos Lusos o partido,
Em quanto se dispôem com mais prudencia
A render do Castello a resistencia.

L.

Porém o grande Nuno, a quem parece
Facil qualquer empreza trabalhosa,
E que sempre nas armas reconhece
Favoravel a sorte duvidosa,
Entendendo que o caso naõ merece
Taõ grande prevençaõ, com venturosa
Ousadia combate a fortaleza
Do Castello, que rende com presteza.

LI.

E sabido do Rey o bom successo
Dos empenhos de Nuno, e que a fortuna
Se mostrava, das armas no progresso,
A' conquista das Praças oportuna,
Vendo que da presteza o vivo excesso
He das grandes emprezas a columna,
Sem mais perda de tempo a gente anîma
Para reivendicar Ponte de Lima.

LII.

Era Lira da Praça Commandante
Cavalleiro valente, e respeitado
Por seu sangue, e valôr, mas arrogante
Por genio, e por costume; apaixonado
Partidario de Hespanha, e taõ constante
Na sua opiniaõ, que arrebatado
De hum excesso de zêlo reputava
Por infiel, quem de outra se prezava.

E

LIII.

E foi nelle taõ forte este conceito;
Que a pesar de branduras, e rigores,
Nem fez nelle o perigo algum effeito,
Nem promessas de graças, e favores;
Firme, duro, obstinado, e sem respeito
A' fortuna, e poder dos vencedores,
Só depois de abrasada a Fortaleza,
Cedeo em fim das chamas á braveza.

LIV.

Mas em tanto, que o Rey com maõ armada,
A Provincia do Minho submettia
A' sua dependencia, e restaurada
A gloria Nacional nella se via;
A Provincia da Beira, devastada
Pelas armas de Hespanha, padecia
Graves damnos, e perdas importantes
Nas pessoas, e bens dos habitantes.

LV.

A Discordia cruel se indroduzira
Nos coraçoens de Cunha, e de Coutinho
Capitaens da Provincia, em quem respira
Igual emulaçaõ; sem que o visinho
Perigo os concilie, ou que persira
Algum delles, da gloria no caminho,
O serviço da Patria ameaçada
A' propria estimaçaõ mal regulada.

LVI.

Defta fórte fem fufto, nem perigo
De alguma oppofiçaõ, ou refiftencia,
A fereza, e cobiça do inimigo
Augmentava os exceffos da infolencia;
Mas Pacheco Varaõ de fangue antigo,
De honra fublime, e folida prudencia,
Em quem da Patria o zelo mais fe accende
Impedir tanto damno em fim pertende.

LVII.

Governáva Ferreira, mas naõ tinha
Na fraca guarniçaõ daquella Praça,
O bom Pacheco a gente, que convinha
Para defvanecer tanta defgraça;
E fabendo que o damno fe avifinha,
E que o jufto remedio fe embaraça
Na cega competencia, que alimenta
Dos dois queixofos a paixaõ violenta.

LVIII.

Com ambos igualmente fe intereffa
A fim de concorda-los; mas duvída
Qualquer dos dois ceder, fem que haja expreffa
Satisfaçaõ da queixa pertendida;
E vendo, que a paixaõ feróz naõ ceffa
De offufcar da razaõ a lúz perdida,
A Cunha menos duro, ou mais prudente,
Affim fallou deliberadamente.

Se

LIX.

Se o publico interesse, se o cuidado
Da patria Liberdade, e se o receyo
Da ruina total do Luso Estado
He dos vossos desvelos taõ alheyo,
Se hum cego pundonor, se hum triste enfado,
Huma torpe ambiçaõ, e hum zêlo feyo
Da propria utilidade he só bastante
A reger vosso espirito arrogante.

LX.

Pelo menos a vossa propria gloria,
A vossa opiniaõ, e o luzimento
Desse brio, que tanto na memoria
Se horroriza de hum leve soffrimento,
Vos sirva de incentivo em taõ notoria
Lastimosa occasiaõ de abatimento;
E já que o patrio amor vos naõ inflamma,
Sirva o vosso valor á vossa fama.

LXI.

Os insultos crueis, e feros damnos,
Que a Provincia padece á vossa vista,
Na soberba invasaõ dos Castelhanos,
Sem que alguem se lhe opponha, ou lhe resista,
A pesar da cegueira, e dos enganos
Dessa altiveza vã, que vos malquista,
Saõ mancha essencial da dignidade
Do vosso nome, e vossa qualidade.

Ini-

LXII.

Inimigos, e amigos igualmente
Accusaraõ a vossa paciencia
De cobarde temor, ou de indecente,
Suspeitosa, culpavel, negligencia;
E qualquer das suspeitas tristemente,
Basta para deixar em contingencia,
Para sempre das gentes na memoria,
Vossa fé, vosso alento, e vossa gloria.

LXIII.

Ambos vós igualmente interessados
Sois no caso presente, igual injuria
Vos resulta dos damnos tolerados,
Por falta de valor, ou por incuria;
E se hum sómente os meyos adequados
Naõ tem para abater do risco a furia,
Aquelle, que se escusa em tal conflicto,
Inculca claramente o seu delicto.

LXIV.

Se entre vós, e Coutinho algum motivo
Há de queixa, desgosto, ou rompimento,
Tempo resta a vingar; que hum peito altivo
Naõ perde taõ depressa o sentimento:
Mas naõ sirva a vingança de incentivo
A' vileza de hum torpe abatimento,
Que igualmente nos dois deixa manchada
A fama do valôr, e fé sagrada.

Assim

LXV.

Assim fallou Pacheco, e convencido
O nobre Cunha das razoens forçosas,
Ou da propria virtude commovido,
Para abraçar idéas generosas,
Altamente protesta, que esquecido
Das passadas questoens escrupulosas,
Se ajuntará com toda a sua gente
A Coutinho, se disso for contente.

LXVI.

E suppondo Pacheco mais tractavel
A Coutinho, depois desta certeza,
Novamente com zelo incomparavel,
Intenta convencer sua dureza;
Mas a cega vaidade inexoravel
A's vozes da razaõ, e da nobreza,
Se obstina nos escrupulos altivos,
Que protesta com frivolos motivos.

LXVII.

Entre elles vê Pacheco claramente
A causa principal da repugnancia,
Procedida de hum susto impertinente
Sobre huma melindrosa circunstancia;
Receava Coutinho justamente
Ser mandado por Cunha, e na arrogancia
Do seu genio feróz, estes receyos
Frustravaõ da uniaõ todos os meyos.

Mas

LXVIII.

Mas informado Cunha do embaraço,
Que impede a conclusaõ deste concerto,
E que suspende totalmente o passo
A's providencias de taõ grave aperto,
Depois de reflectir hum breve espaço
Nos effeitos daquelle desacerto,
Assim falla a Pacheco desgostoso
De ver frustrado o zelo generoso.

LXIX.

Vós sabeis a ventagem conhecida,
Que em Soldados, amigos, e parentes
Tenho sobre Coutinho, e nem duvida
Elle mesmo de abonos taõ patentes;
Mas se a sua ambiçaõ mal dirigida
Só se agrada das honras apparentes
De Chefe principal; eu me sujeito
Pela Patria a ceder-lhe o meu direito.

LXX.

Com tanto que se logre o grande intento
De salvar a Provincia, eu naõ procuro
Outra gloria, nem tenho sentimento
De perder essas honras; bem seguro
De naõ ser menos nobre o pensamento,
Que me leva a servir Soldado escuro
No perigo commum, do que a grandeza,
A que aspira Coutinho nessa empreza.

Assim

LXXI.

Assim disse o bom Cunha, e dissipada
A disputa fatal, sem mais demora
Se dispõem cada qual com maõ armada
Para a vingança, que a Provincia implora;
Porque a Tropa inimiga confiada
Nas tristes dissençoens, que naõ ignora,
Assolada Vizeu, se recolhia
Acompanhando a preza, que trazia.

LXXII.

E sem susto de alguma resistencia,
Pela estrada marchava de Trancoso,
Augmentando os estragos da violencia
Com sacrilegios de hum horror pasmoso;
Mas dos Lusos Varoens a diligencia,
Animada do zelo glorioso,
Meya legoa da Villa lhe prepara
O justo premio da impiedade avara.

LXXIII.

Porque unîdos os fortes Cavalleiros
Com todos seus amigos, e parentes,
Alguns poucos Soldados, mas guerreiros;
Alguns pobres paizanos, mas valentes,
Os contrarios atacaõ taõ ligeiros,
Taõ ferozes, taõ vivos, taõ ardentes,
Que de hum prompto combate nos horrores
Saõ mais os mortos, do que os vencedores.

Quasi

LXXIV.

Quasi naõ resta quem dos féros damnos
Vá dar parte a Castella; taõ notoria
Foi a perda fatal dos Castelhanos,
Taõ completa dos Lusos a victoria;
Apenas de ameaços taõ tyranos
Os despójos ficáraõ por memoria
Dos terriveis horrores do perigo,
E dos bravos effeitos do castigo.

LXXV.

Mas já do Rey tyrano a permanente
Obstinada ambiçaõ, mal reprimida
Nas passadas desgraças, novamente
De numerosas Tropas prevenida
Nas fronteiras se mostra; cegamente
Contra a Lusa constancia enfurecida,
Ameaçando estragos mais funestos
Com signaes de rigor mais manifestos.

LXXVI.

Havia convocado á guerra injusta
O fero Rey, naõ só dos seus Estados
A melhor Tropa, a gente mais robusta,
Mas hum grande soccorro de Alliados;
Assim debaixo da bandeira augusta
Da soberba Castella congregados
Varoens se viaõ de alta confiança,
Naõ só de Hespanha toda, mas de França.

LXXVII.

Allî entre os primeiros ſe moſtrava
O Marquêz de Vilhena commandando
A gente de Caſtella, em quem durava
O vivo affecto á prole de Fernando:
Oito mil combatentes animava
De notorio valôr, acreditando
No zêlo, e promptidaõ a fama nobre,
Que a vaidoſa arrogancia naõ lhe encobre.

LXXVIII.

Junto deſte Toledo apparecia,
Eſperança ſegunda de Caſtella,
Que o ſeu nome da Patria deduzia,
E da Patria a liſonja era mais bella;
Sinco mil Caſtelhanos conduzia
Do Toletano Reyno, e ſe deſvela
Em moſtrar, que naõ he Caſtella-Nova
Menos forte, que a Velha a toda a prova.

LXXIX.

Depois deſtes ſe vêm os Leonezes
Precurſores primeiros do caſtigo
Da Mauritana gente, a quem mil vezes
Rendêraõ com valor em tempo antigo:
Mil Soldados contavaõ ſinco vezes,
Homens bravos, ſem ſuſto do perigo,
A quem o fórte Sandoval mandava,
Que em forças corporaes ſe avantajava.

Logo

LXXX.

Logo depois se vêm os habitantes
De Vandália, Paîz sempre fecundo
Em cavallos ligeiros, e arrogantes
Conhecidos por bons em todo o Mundo;
Eraõ seis vezes mil Varoens constantes
De valôr grande, de saber profundo
No militar officio, a quem regîa
Arelhano, que a terra já sabia.

LXXXI.

Com estes vem os claros moradores
Da Patria do bom Canio, taõ famosa
Pelas duas columnas, que louvores
Saõ da fama de Alcides gloriosa;
Oito centos se contaõ, soffredores
Do trabalho, e fadiga rigorosa,
Taõ expertos no mar, como na terra,
Déstros para o commercio, e para a guerra.

LXXXII.

Depois destes marchava a fêra gente
De Cantábria, que rege Maldonado,
Gente feróz, de genio impaciente
Com braço a duro ferro costumado,
Seis mil Soldados saõ Tropa valente,
Que de obras mais, que vozes tem cuidado,
Com quem de Guipuscoa, e das Asturias,
Vem os Povos provar de Marte as furias.

Pou-

LXXXIII.

Pouco depois Sarmento se diviza
Conduzindo tres mil, e setecentos
Habitantes do Reyno de Galiza,
Terra de homens grosseiros, e avarentos;
Terra que só na fama se eterniza
Dos illustres antigos monumentos,
Que a tradiçaõ conserva, sem estrago
Das reliquias do Grande Santiago.

LXXXIV.

Alem destes, naõ poucos Cavalleiros
De Catalunha, de Aragaõ, e França,
Em qualidade só d'aventureiros
Augmentavaõ do Campo a segurança;
De Ric hum bom Francêz, e dos guerreiros
De mais fama, mais alta confiança,
Era seu Capitaõ, e delles conta
Mil Estrangeiros, gente ousada, e prompta.

LXXXV.

Nem faltaõ Portuguezes, que esquecidos
Do zêlo Nacional, da gloria clara
Do nome Portuguez, e dos luzidos
Trofêos, que a fama antiga consagrara,
Por errados principios conduzidos,
De affectos varios, de cobiça avara,
Contra a Patria se ostentaõ furiosos,
Obstinados, ingratos, e orgulhosos.

Taes

LXXXVI.

Taes saõ os dois Pereyras, indecentes
Irmãons do grande Nuno; os mal seguros
Azevedos, e Castros; os ardentes
Bottelhos, e Ataídes; os perjuros
Porcalho com Doutel, os descontentes
Oliveiras, e outros mais escuros,
Que por seu Capitaõ reconheciaõ
O Conde de Barcellos, que seguiaõ.

LXXXVII.

Desta gente, e de alguma menos forte,
Mas em numero grande acompanhado
O Rey feróz, tentar de novo a sorte
Das armas determina; aconselhado
Da raiva, e da ambiçaõ, que estrago, e morte
Annunciaõ em todo o Luso Estado,
A quantos a favor da Liberdade
Ostentavaõ do zêlo a dignidade.

LXXXVIII.

Assim vai pela Beira devastando
Campos, Cidades, Villas, e Lugares,
Da natureza as leys sacrificando
A' licença das furias militares;
E da Beira os limites franqueando,
A pesar dos clamores populares,
Já do estrago tyrano a frente dura
Na Provincia se vê da Estremadura.

Mas

LXXXIX.

Mas o Rey Portuguez, que naõ conhece
Nem susto, nem fadiga, e que procura
Mostrar que desempenha, e que merece
A distincçaõ da Regia Investidura,
Mais ligeiro, que o rayo quando desce
Precipitado da officina escura;
Desde as margens do Lima vem voando
A's do Tejo, o remedio anticipando.

XC.

E chegado de Abrantes á campina;
Onde os seus Capitaens juntar mandára;
Alli passar revista determina
A' gente, que a servi-lo se prepara;
O bom Nuno, que já se denomina
Condestavel, e sempre se mostrara
O mais fiel, conduz tres mil soldados
A vencer Castelhanos costumados.

XCI.

De outros tantos o Rey se acompanhava;
Gente forte, fiel, e bellicosa;
Que animada, e disposta se mostrava
Para qualquer empreza duvidosa;
Gente escolhida, gente que zelava
Do proprio nome a fama já lustrosa,
Gente que alista o zêlo, o amor, o brio;
Em quem naõ tem poder o medo frio.

Outros

XCII.

Outros dois mil conduz o forte Almada,
Soldados novos, feros, e arrogantes,
Que em defensa da Patria ameaçada
Das Provincias concorrem mais distantes;
Quaes da serra da Lua celebrada,
Quaes dos montes Herminios habitantes,
Quaes das margens do Tejo, qual visinho
Do Douro, do Sabor, Mondego, e Minho.

XCIII.

Mil conduz Vasconcellos, escolhidos
Dos mais altos, mais bravos Cavalleiros,
Que de vistosas armas guarnecidos,
Em qualidade vem de aventureiros:
Todos saõ por façanhas conhecidos
Entre a turba famosa dos guerreiros,
E das Damas no culto taõ versados,
Que a tropa se chamou dos namorados.

XCIV.

Destes muitos com raro atrevimento
Arrogantes promessas consagráraõ
A' fama do seu nome, e o cumprimento
Com temerarios votos abonáraõ:
Algumas dissipou o leve vento,
Mas outras com rigor se executáraõ,
Sendo do nobre Mello a mais famosa,
Posto que fosse menos venturosa.

Era

XCV.

Era Mello mancebo bem disposto,
De idade juvenil, de genio vivo,
De elegante estatura, alegre rosto,
De força naõ vulgar, de peito altivo;
Seguia por amor, por zelo, e gosto
O novo Rey, servindo de incentivo
A' força natural dos seus ardores
A memoria dos seus antecessores.

XCVI.

E cego da paixaõ; ou mal guiado
Dos impulsos da propria confiança,
Prender o Rei contrario vota ousado;
Ou fazer-lhe provar a dura lança:
O successo pendia só do fado,
Que tanto a força humana naõ alcança;
Porém Mello julgava, que podia
No Campo executar quanto emprendia.

XCVII.

O Luso Rey sabendo que chegava
A Leiria o soberbo Castelhano,
E que sobre Lisboa destinava
O mais funesto, mais horrivel damno,
Como provar no Campo desejava
Da voluvel fortuna o desengano,
De Abrantes sobre Ourém volta ligeiro,
E pela estrada marcha em tom guerreiro.

XCVIII.

Duas leguas distante de Leiria
O campo Portuguez em fim se assenta,
E nas mostras de gosto, e de alegria,
Da victoria o presagio a gente ostenta:
Capitaens, e Soldados á porfia
Estimúla o valor, o zelo alenta,
E cada qual nas mostras da arrogancia,
Abona de alvoroço a circunstancia.

XCIX.

Mas quando com mais zêlo, e diligencia
Se dispunha do campo a formatura;
E das tendas com sabia providencia
Se ordenava a singella architectura;
Hum pequeno successo, que apparencia
De notavel sô tem na conjunctura
Dos acasos, de novo a confiança
Accrescenta do povo na esperança.

C.

Hum Gamo de grandeza extraordinaria
Se levanta no meyo dos guerreiros,
E com leve carreira incerta, e varia,
A' palestra convida os Cavalleiros;
Seguem muitos com furia temeraria
Do veloz animal os pés ligeiros;
Mas elle á Regia tenda em fim se atreve,
Onde a vida rendeo a golpe breve.

CI.

A turba popular sempre disposta
A contemplar successos portentosos;
Os casos naturaes; e que só gosta
De ideas vans, conceitos espantosos,
Crê que a sorte figura a gente opposta
No rendido animal, e que os ditosos
Progressos do Rey Luso annunciados,
Com este caso, estaõ dos altos fados.

CII.

Com este vaõ conceito se accrescenta
O natural ardor da tropa forte,
A quem o fanatismo representa
Já certa da victoria a clara sorte:
Qual de vencer sómente se contenta
O Castelhano Rey, qual dar-lhe a morte;
Ou prende-lo imagina; mas notoria
He na mente de todos a victoria.

CIII.

Neste tempo se deixaõ ver distantes;
Mas claramente as armas Castelhanas;
Com que de novo os peitos arrogantes
Se alvoroçaõ das tropas Lusitanas:
O grande Rey, que effeitos importantes
Sabe tirar das cousas mais insanas,
Em quanto o fanatismo o povo agita,
Assim lhe falla, assim os solicita.

CIV.

Valentes Portuguezes, companheiros
Da minha ſorte, dignos camaradas
Dos meus trabalhos, filhos verdadeiros
Da Patria, que em diſputas deſgraçadas,
Entre a torpe ambiçaõ dos Eſtrangeiros,
E paixoens nacionaes intereſſadas,
Só em vós, ſó na voſſa heroicidade
Acha o zêlo da antiga liberdade.

CV.

Vós me elegêſtes Rey; por voſſo amparo
Sacrifico o meu ſangue, a vós compete
Ajudar-me a romper o laço avaro,
Que a ſoberba Caſtella nos promette:
O dia em fim chegou, que o Ceo preclaro
O deſtíno da Patria nós commette;
Do noſſo braço pende a fatal ſorte
Da doce liberdade; ou grilhaõ forte.

CVI.

A grande multidaõ dos inimigos
Nos naõ deve cauſar eſpanto, ou ſuſto,
Pois já mais deſde os tempos mais antigos
Triunfou Portugal a pouco cuſto:
A vantagem mais certa nos perigos,
Da força ſó provém de hum pleito juſto;
Nós vamos defender a propria terra,
Elles vem-lhe fazer injuſta guerra.

Eu

CVII.

Eu naõ quero de vós mais ſacrificio,
Que o meſmo, que eu preparo á gloria pura
Do nome Portuguez, em beneficio
Da patria liberdade mal ſegura;
Todos vós já das armas no exercicio
Tendes uſada ao ferro a dextra dura,
Todos bravos, e fortes vos contemplo,
Mas ſiga cadaqual o meu exemplo.

CVIII.

Diſſe; e logo por todos os ſoldados,
Hum pequeno ſuſurro precedendo,
Reſpondido lhe foi com altos brados,
Que ſe morreſſe, a Patria defendendo;
E ſem perder inſtante, os alentados
Alvoroços da tropa conhecendo,
Faz ſignal de inveſtir o Rey valente,
E conduz á batalha a brava gente.

CIX.

Ouvio naquelle dia, a vez primeira,
Portugal, entre aſſombros temeroſos,
Do ſalitrado enxofre a voz groſſeira,
Do metal duro os ecos pavoroſos;
Eſpanto fez á gente mais guerreira
Ver em novos inventos bellicoſos,
Os trovoens no ruido copiados,
Nos effeitos os rayos imitados.

Mas

CX.

Mas a pesar do espanto, e dos perigos;
A pesar das vantagens excessivas
Do numero mayor dos inimigos,
As Lusas Quinas voaõ vingativas;
Já mais se ouviraõ nos annaes antigos
Das Campanhas de Troya, ou nas esquivas
Guerras do Lacio, golpes mais valentes,
Que os das lanças dos Lusos combatentes.

CXI.

Mais de mil Cavalleiros derribados
Pelo campo rodando, vaõ feridos,
Outros tantos cavallos desbocados
Sem dôno vaõ fugindo confundidos;
Peitos abertos, rostos mutilados,
Pernas quebradas, braços divididos
Se vêm, com triste horror por toda a parte,
Sacrificio cruel do duro Marte.

CXII.

O grande Nuno, Achilles Lusitano,
Que na frente da Tropa se mostrava
Mais faminto do sangue Castelhano,
Ou mais cheyo do zêlo, que inculcava;
O destrôço, a ruina, o estrago, e o damno
De seu braço pendentes ostentava,
Onde quer que a fortuna o conduzia,
Ou que a dura vingança o compellia.

Da

CXIII.

Da ſella faz voar tres Cavalleiros,
Antes que a lança rompa, e fulminando
A coruſcante eſpada, oito guerreiros
A ſeus pés proſtra, as vidas exalando;
E com golpes peſados, e ligeiros
O terrivel caminho franqueando,
Por entre os eſquadroens dos inimigos
Vai ſemeando mortes, e caſtigos.

CXIV.

Na direita do Campo ſe deſcobre
Vaſconcellos, naõ menos valoroſo,
Que animado de ardor naõ menos nobre,
Igualmente ſe moſtra furioſo;
E deſpreſando altivo o peito pobre
Dos Soldados do vulgo temeroſo,
Os Capitaens mais claros ſó procura,
Em quem prova impaciente a força dura.

CXL.

A's ſuas maons as vidas entregáraõ
Oropeza, Marzuelo, e Mondonedo,
E mal feridos dellas eſcapáraõ
Salivieres, Servantes, e Toledo;
Nem contra o ſeu furor aproveitáraõ
As vaidades do bravo Reboledo,
Que ouſando provocar o Varaõ forte,
De hum golpe recebeo a triſte morte.

Pela

CXVI.

Pela esquerda se mostra o nobre Almada,
Iguaes brios, e forças ostentando,
Com a voz, com a lança, e com a espada
Os bisonhos mancebos animando;
A seus pés mal ferido cahe Lozada,
Salazar, Escovar, e Vilalpando;
E sem susto, ou temor, se arrója ardente
Por entre as armas da contraria gente.

CXVII.

Accende-se a pelêja, e confundidos
Se ouvem por toda a parte entre a poeira
Golpes, clamores, gritos, e gemidos,
Do triste Averno copia verdadeira:
Huns mortos sobre a terra, outros feridos;
Aqui hum elmo, alli huma bandeira,
Além rôtas se vêm insignias varias,
Divisas vans, emprezas temerarias.

CXVIII.

Aqui cedem as armas Castelhanas
A' furia das feridas, alli cedem
A' vantagem da gente as Lusitanas,
Que os empenhos do brio mal impedem;
Ora cresce o temor, ora as ufanas
Esperanças da gloria lhe succedem,
E se alternaõ com lances repetidos
A esperança, e temor nos dois partidos.

Nas

CXIX.

Nas partes onde anîma, e fortalece
A presença dos Reys os seus Soldados,
Cada qual a vantagem reconhece,
A pezar dos contrarios esforçados;
Mas o Chefe dos Lusos, que escurece
Em valór os presentes, e passados,
Com mais altas acçoens se solemnîza,
E nos écos da fama se eterniza.

CXX.

Elle mesmo combate os mais famosos,
Mais bravos Capitaens, e Cavalleiros,
E do seu ferro os golpes furiosos,
Saõ os sustos maiores dos guerreiros;
Elle ensina com passos valorosos
Os caminhos da gloria verdadeiros,
Elle abate, deströça, fere, e mata,
Desconcerta, arruina, e desbarata.

CXXI.

Qual na sêca estaçaõ do Estio ardente
O déstro segador com maõ robusta
Abate da seara a loura frente,
A que o curvo instrumento attento ajusta;
Tal no Campo Mavorcio o Rey valente,
A quem perigo algum já mais assusta,
Com dura maõ cabeças inimigas
Abate, e corta com crueis fadigas.

Guti-

CXXII.

Gutierres, com Mendoça o fero alento
Quasi juntos renderaõ; cahe ferido
De hum furioso golpe o bom Sarmento,
A quem segue Godoi moço atrevido;
Nem teve melhor sórte o bravo intento
De Manrique, que havendo pertendido
Ferir o fórte Rey, de hum golpe ousado
Foi por elle com morte castigado.

CXXIII.

Tovar, Hortiz, Gonzales, e Bertando,
Valasques, e outros mais, de quem o duro
Longo tempo as memorias devorando,
Deixou na lúz da fama, o nome escuro:
Por seu braço rendidos vaõ deixando
Nesta parte o caminho mais seguro
A' victoria, que já do Rey valente
Com verde rama adorna a clara frente.

CXXIV.

Mas onde o grande Nuno combatia,
Muito diversa a sorte se mostrara;
Porque a fama da sua valentia
Allî mais inimigos ajuntára;
O Rey contrario allî com mais porfia
Os mais fórtes guerreiros convocára,
E com sua presença havia posto
O grande Nuno em risco de desgosto.

Com

CXXV.

Com efte avifo o Rey dos Lufitanos
Corre prompto a falvar o charo amigo,
Sacrificando os louros mais ufanos
A' goftofa efperança do caftigo;
Alli de novo os odios mais tyranos,
Os mais certos horrores do perigo,
A raiva, a furia, os damnos, e feridas
Se repetem com furias mais crefcidas.

CXXVI.

Caftelhanos, e Lufos triftemente
Huns fobre outros em montes vaõ cahindo;
Os Reys ambos em fórma competente,
A braveza nos feus vaõ influindo;
Mas do Lufo Monarca a maõ potente,
Donde os golpes mortaes partem rugindo;
Tantas mortes fulmina, em breve efpaço,
Que rompe da porfia o cego laço.

CXXVII.

Alli perdem as vidas mal logradas
Os mais altos, mais bravos Cavalleiros,
Que de Caftella as armas defgraçadas
Nefte dia feguiraõ lifonjeiros;
E vendo o Rey de Hefpanha já proftradas
As forças principaes dos companheiros,
Por falvar fua vida as coftas volta,
E fe aufenta fugindo á redea folta.

Porém

CXXVIII.

Porém o bravo Mello, que intentava
Cumprir o grande voto, que fizera;
E para o trifte Rey fe avifinhava
Sobpefando na maõ a lança fera;
Vendo como do Campo fe apartava
Com marcha mais veloz, do que quizera;
Ardendo em chamas vivas de honra illuftre;
Quer que a nobre promeffa fe naõ fruftre.

CXXIX.

Sobre hum bruto ligeiro, que regîa,
Atraveffando o Campo dos contrarios,
Elle fó huns matava, outros feria,
Dando golpes crueis, e temerarios;
Mil feridas, paffando, recebia,
Mil eftorvos achava, e rifcos varios;
Mas elle firme fempre em feu projecto,
A morte fó do Rey tem por objecto.

CXXX.

Athé que em fim chegando, onde apreffado
Fugia o trifte Rey da certa morte,
De infinitos dos feus acompanhado,
Que efcapáraõ das iras de Mavorte;
Sendo Mello por todos rodeado,
A pefar do valor do braço forte,
Entre efpantos da turba efpavorida,
Cançado de matar, perdeo a vida.

Ditofo

CXXXI.

Ditoſo, ſe da fama nos altares,
Póde ſer ſacrificio de algum vulto,
Entre o fumo de encenſos naõ vulgares;
Do meu pletro ſincero o puro culto:
Por elle entre os arrojos militares,
Gozará Mello de immortal o indulto,
E lhe ſerá talvez de alguma gloria
Dever ao proprio ſangue eſta memoria.

CXXXII.

Em tanto Sandoval com bravo alento
Suſtentava a batalha duvidoſa,
Animando com digno atrevimento
Os empenhos da gente temeroſa;
Mas levado do louco penſamento
De querer com diſputa ambicioſa
Oppor-ſe ao Luſo Rey, de hum golpe duro,
A clara vida entrega ao ſono eſcuro.

CXXXIII.

Com ſua morte, e ſendo geralmente
A fugida do triſte Rey notoria,
Se deſanima a Tropa, e claramente
Favorece a fortuna a Luſa gloria;
O campo larga em fim a eſtranha gente,
Vence o Rey Luſitano; e eſta victoria
Lhe confirmou a Regia dignidade,
E deu a Portugal a Liberdade.

FIM.

O Autor deste Poema, dezejando que elle naõ padecesse muita alteraçaõ na imprensa, escolheo a da Universidade de Coimbra para poder assistir pessoalmente á impressaõ, e poz todo o cuidado para evitar-lhe os erros; mas elle se naõ lisongea de conseguir o seu dezejo: Os descuidos saõ quazi inevitaveis em huma composiçaõ dilatada, a pesar de todo o desvelo dos officiaes, e de quem revê o seu trabalho; e a incoherencia da Orthografia Portugueza he hum embaraço terrivel. A Officina da Universidade tem adoptado a do Madureyra, e foi perciso acomodar a ella, naõ obstante a sua inconsequencia, e a impertinente multiplicidade de letras insignificantes de que usa: Os leitores sabios desculpem este irremediavel defeito, e supraõ os outros com as luzes da sua inteligencia.